



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**

DOM FRAGOSO, O PROFETA DO INOBTIDO



José Maria Bonfim Morais MD F.A.C.C.
Zacharias Bezerra de Oliveira
(Autor)

DOM FRAGOSO, O PROFETA DO INOBTIDO



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**

Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o
Desenvolvimento do Estado do Ceará

Fortaleza - Ceará
2018

Copyright © 2018 by INESP
Coordenação Editorial
Thiago Campêlo Nogueira
Assistente Editorial
Andréa Melo
Diagramação
Mario Giffoni
Capa
Arte de Chico Aragão
Revisão
Lucia Jacó e Vânia Soares
Coordenação de impressão
Ernandes do Carmo
Impressão e Acabamento
inesp

Edição Institucional da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará
VENDA E PROMOÇÃO PESSOAL PROIBIDAS

Catalogado por Daniele Souza do Nascimento CRB-3/1023

M827d Morais, José Maria Bonfim.

Dom Fragoso, o profeta do inobtido / José Maria Bonfim Morais, Zacharias Bezerra de Oliveira. -
Fortaleza: INESP, 2018.

246p. : il. ; 21 cm.

1. Dom Fragoso, Biografia. I Oliveira, Zacharias Bezerra. II. Ceará. Assembleia Legislativa. Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado. III. Título.

CDD 920

Permitida a divulgação dos textos contidos neste livro, desde que citados autores e fontes.

INESP

Av. Desembargador Moreira, 2807
Ed. Senador César Cals de Oliveira, 1º andar
Dionísio Torres
CEP 60170-900 – Fortaleza - CE - Brasil
Tel: (85)3277.3701 – Fax (85)3277.3707
al.ce.gov.br/inesp
inesp@al.ce.gov.br

Ao bom Deus pelo seu infinito amor!
Ao Gabinete do Deputado Dr. Carlos Felipe

APRESENTAÇÃO

Iniciando com passagens sobre a República Velha, este livro, que nos ensina muito sobre história local, homenageia o primeiro bispo da Diocese de Crateús, Dom Antônio Batista Fragoso. A obra aponta passagens da vida de um religioso à frente do seu tempo, ocupado não somente com as questões estritamente espirituais, mas com os flagelos da humanidade.

Os autores, José Maria Bonfim Moraes e Zacharias Bezerra de Oliveira, apresentam Dom Fragoso como um homem cheio de senso de justiça e aflito com a situação dos pobres e as adversidades a que são submetidos. Nessas linhas, encontramos também explícita a preocupação do bispo com os jovens, entendidos em seu natural idealismo, com as condições de seu amadurecimento e com a formação da sua consciência cidadã. Tais preocupações configuram pontos de identificação com os ideais da Casa do Povo e enche-nos de orgulho.

Por esses motivos, a Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, por meio do Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará (INESP), tem a honra de apresentar e distribuir esta obra à sociedade cearense.

Deputado José Albuquerque
Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará

PREFÁCIO

O livro traz os evoluídos pensamentos de Dom Frago-
so, reconstituindo seus principais passos e mantendo-o eternamente vivo. Natural da Paraíba, Dom Antônio Batista Frago-
so foi elevado, com mérito, pelos autores José Maria Bonfim Moraes e Zacharias Bezerra Oliveira.

Nestas páginas que trazem extensa e minuciosa pesquisa textual e iconográfica, vemos Dom Frago-
so como o homem que verdadeiramente foi: um religioso que lutou pelos direitos sociais de forma forte e inteligente, tal qual deve ser a postura de todo formador de opinião. E enfrentou firmemente inúmeros questionamentos gerados por sua postura política e contestadora.

A Assembleia Legislativa do Estado do Ceará e o seu Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará (INESP) têm a honra de apresentar e distribuir esta obra à sociedade cearense, reforçando seu dever de divulgar pesquisas, visões de mundo e reflexões críticas.

Thiago Campêlo Nogueira

Presidente do Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o
Desenvolvimento do Estado do Ceará

DOM FRAGOSO, A FLAGRÂNCIA PROFÉTICA!

Pisando as babugens da infância e inebriado com as jiranas de luz do sertão, o primeiro contato que tive com um religioso foi na fazenda Mondubim, do meu avô Tetero Bonfim. Um padre solene e sério, vestido em uma bela batina, passava para as festas religiosas do distrito de Assis, em Crateús. Seu nome: José Maria Moreira do Bonfim, que veio ao mundo no dia 16 de novembro de 1911, um dia após a elevação de Crateús à categoria de cidade. Era mais que um simples pároco, era um pai plúrimo, um padraço severo, um professor dedicado, um pedreiro eclesial, um patrono civilizatório...

1980. Segundo ano de uma estiagem que se prolongaria pelos três anos seguintes. Inúmeras bocas falavam em abertura, palavra que eu pouco entendia. Na segunda quinzena do mês de junho, a eufórica expectativa nacional estava voltada para um homem que também eu pouco conhecia: João Paulo II. Os poros dos meios de comunicação social do Brasil exalavam e exaltavam a personalidade de Sua Santidade. Certa tarde de abrasado sol, ao passar numa banca de revista, comprei um livrinho. Em casa, li-o de um só fôlego. Após a leitura, senti-me impulsionado por uma força estranha, invadido por algo novo, indescritível – como se uma tempestade divina transpassasse o meu corpo. Dirigi-me à minha mãe e, sem medir consequências, exclamei imatura e naturalmente: - Mamãe, quero ser Padre!

Guardo com carinho aquele livrinho. Ele conta a história de Karol Józef Wojtyła, o Santo Papa João Paulo II, esse homem que eu pouco conhecia. E foi através da leitura de sua biografia que nasceram em mim as primeiras vontades de conhecer o trabalho do reino celeste. Devo parte de meu despertar a ele.

Através de Osvaldo Fernandes, amigo do meu pai, entrei em contato pela vez primeira com o bispo de Crateús, D. Antonio Batista Fragoso, a quem expus o meu desejo de abraçar o sacerdócio. Ele me falou entusiasmadamente de uma experiência que estava em gestação - "seminaristas no meio do povo" – um projeto idealizado por ele e por Dom Helder Câmara, arcebispo de Olinda e Recife.

Nesse ínterim, minha genitora compartilhou com sua madrinha, a professora Rosa Morais, o meu propósito de trilhar a íngreme vereda religiosa. A veneranda sacerdotisa da educação crateuense ponderou que poderia levar o assunto para o seu irmão e vigário de Ipu, Monsenhor Morais, e esse abrir-me-ia as portas do Seminário de Sobral, que ela considerava mais adequado para mim. Pouco tempo depois, recebemos a notícia de que o Monsenhor Morais havia conseguido a vaga.

Vi-me diante de duas propostas concretas e tinha que optar. Fui conversar com Dom Frágoso e escolhi viver a experiência iniciante. Acho que minha decisão fez germinar um certo desconforto no coração do Cura do Ipu. Quis Deus que nos seus últimos agostos de vida nos aproximássemos, nascendo daí uma recíproca admiração e uma fraterna amizade.

Em 1981, precisamente, na noite de 30 de março, iniciei com outros quatro colegas aquela inovadora experiência vocacional. Naquela inolvidável noite fomos abençoados por Dom Aloísio Lorscheider; Dom Frágoso, com sua firmeza de aço, dizia com convicção vinda da alma que aquela experiência abriria caminho em termos de formação vocacional; Padre Alfredinho, cheio de infância, originalidade missionária e alegria evangélica, batizava o grupo de "Fraternidade Nova" e convidava-nos a ser, como Francisco de Assis, "Loucos pelo Evangelho"; nossos pais, comovidos, contritamente felizes, entregavam-nos à Comunidade presente.

Após a detida leitura deste livro, essas doces e amabilíssimas memórias irrompem e se esparramam, qual cachoeira tranquila, na serra e na várzea da minha alma.

Este grande caderno de mensagens airoas transporta-me para uma época inesquecível, plena de bons faróis referenciais.

Como os fastos livros que, entre os romanos, registravam fatos memoráveis - estamos diante de um compêndio memorial, lavrado em um invisível tabernáculo portátil, sob o bálsamo da poesia. E aqui reside sua distinção. Como bem pontuou Pablo Neruda, "as memórias do memorialista não são as memórias do poeta. Aquele (o memorialista) viveu talvez menos, mas fotografou muito mais, recreando-nos com a perfeição dos pormenores. Este (o poeta) entrega-nos uma galeria de fantasmas sacudidos pelo fogo e pela sombra da sua época".

Esse álbum de memórias poéticas passeia pela história brasileira desde a República Velha, visita a Igreja católica, notadamente no Ceará, para desenhar o tronco do qual se originou a diocese de Crateús e, sobretudo, para remeter ao platô da dignidade o seu primevo pastor: Dom Antonio Batista Frago- so. (Jamais olvidarei sua silhueta severa e simples: a metálica voz, o andar inconfundível, o olhar cortante, a firmeza de aço na defesa dos ideais, a verdejante convicção brotando da alma árida de sertanejo. Era, flagrantemente, um profeta, que se fez fogueira de sabiá sob as nuvens frias das noites trevasas...)

A antífona de entrada dessa empreitada de louvor teve lugar às margens da artéria vital da formosa Paris, o rio Sena, e se estendeu por outros espaços do planeta com os quais o homenageado teve relação: desceu aos subterrâneos de Roma para visitar as mais antigas e impressionantes catacumbas romanas, as Catacumbas de Domitila, local em que Dom Frago- so foi signatário do famoso Pacto das Catacumbas, "um dos momentos mais belos da história da Igreja Católica"; recebeu a bênção silenciosa de Dom Thomaz Balduino, bispo emérito de Goiás; sentiu o abraço de ternura e grande amizade do eterno pastor de São Félix do Araguaia, Dom Pedro Casaldáliga; subiu às alturas peruanas de Macchu Picchu para, como o poeta, 'mergulhar a mão no mais genital do terrestre', e, em Lima, revisitar a memória do protetor dos índios, Bartolomeu de Las Casas, e conhecer o patriarca da Teologia da Libertação, Frei Gustavo Gutierrez; e, por fim, como um viajante imóvel, realizou uma romaria literária pelos principais expoentes desse modelo teológico de leitura do evangelho sob a ótica dos mais sofridos. Foi uma missionária peregrinação, de exigente respiração e prazerosa inspiração.

Não raro, a carruagem da história suscita um fenômeno paradoxal: quanto mais nos distanciamos da paisagem dos fatos que vivenciamos, mais nítidos se tornam os seus detalhes, as distinções sutis, as variações essenciais.

Durante muitos anos, os crateuenses se dividiram entre apoiadores de Dom Frago- so e defensores do Padre Bonfim. Estas páginas, com sabedoria salomônica e humildade evangélica, removem a cor baça dessa rivalidade e nos devolvem à harmonia fundada no respeito entre diferentes, realizando uma imprescindível sublimação.

Particularmente, impulsionaram-me para um reencontro íntimo com quatro seres especiais, quatro homens virtuosos, quatro colunas de sustentação, meu particular 'quadrivium', cruzamento e articulação de ramos ou caminhos fundamentais na minha formação pessoal: de um lado, Dom Frágoso e Padre Alfredinho; do outro, meus parentes Monsenhores, Bonfim e Moraes. Em vida, sob a combustão das convicções que os abastecia, percorreram trilhas distintas, em que pese realizarem a mesma busca terrena pelo Reino de Deus.

José Maria Bonfim Moraes e seu primo Zacharias Bezerra de Oliveira dedilham os fonemas deste livro como quem acaricia uma coroa de rosas, como quem se posta genuflexo, usando as vestes sagradas da serena alegria, diante de um altar: sob o incenso da poesia e com sabedoria oracular!

Essa escritura, cunhada em pergaminho sacro, há que ser apalpada com mãos cerimoniosas. Antes de ser lida, com silenciosa reverência, há que ser contemplada sob a solenidade essencial dos monastérios. É uma missa completa! Namastê!

(Júnior Bonfim, poeta e advogado)

PADRE BONFIM

Crateús foi elevada à categoria de cidade, em 15 de novembro de 1911 e o menino José Maria Moreira do Bonfim vinha a nascer no dia seguinte, 16. Foi dos primeiros crateuenses ilustres nascidos depois que esse município se tornou cidade. Era filho de Manoel Moreira do Bonfim e de Maria Teodora Bonfim, pais de 12 filhos, todos católicos, que conduziam, no íntimo, o espírito humanitário.

Dom José Tupinambá da Frota, bispo diocesano, em visita a Crateús, vendo os traços vocacionais do pequeno estudante, incentivou-o a estudar no Seminário, fato ocorrido em julho de 1929. O menino José Maria fez o curso preparatório no Seminário de Sobral e decidiu-se pela carreira eclesiástica, em 1934, ao ingressar no Seminário maior da Prainha, em Fortaleza. Foi ordenado padre, em 26.11.1939 e celebrou sua primeira missa, na Igreja do Senhor do Bonfim, em Crateús.

Sacerdote, foi vigário cooperador da paróquia de Sobral, de 1940 a 1941. Em 1942, foi vigário da paróquia de Massapé, cargo oferecido por Dom José, como reconhecimento pelo excelente trabalho desenvolvido na organização do Congresso Eucarístico Diocesano, realizado em junho de 1941. Em Massapé permaneceu até 1943 e, em primeiro de janeiro de 1944, assumiu as funções de pároco de Crateús, onde permaneceu até 19 de abril de 1969.

Padre Bonfim era um homem de mente voltada ao apostolado do seu povo e sempre demonstrou dotes virtuais para ser o abnegado padre Zezé, ou padre Bonfim, estimado pelos crateuenses, durante o tempo em que esteve à frente da paróquia do Senhor do Bonfim.

Educado no modelo de grande apóstolo, muito fez pelo seu povo, criando associações pias que se empenharam na magnitude da nossa religiosidade. Valoroso na cultura, mantinha larga visão de empreendedor. Foi o responsável pela grande reforma da igreja matriz, dando-lhe o formato de cruz e fazendo-a crescer no sentido da rua Carlos Rolim; construiu o Salão Paroquial Dom José; criou o Patronato Senhor do Bonfim, o Ginásio e Colégio Pio XII; ampliou o Cemitério São Miguel; adquiriu um imóvel rural pra situar uma fazenda, como forma de melhorar a renda da paróquia. Através de doações, conseguiu 60 reses como semente

da fazenda; iniciou a construção da igreja de São Francisco; adquiriu, em compra, a Escola Normal Rural; construiu uma maternidade, reformou capelas e empenhou-se na criação e instalação da Diocese de Crateús.

Instalada a Diocese, os paroquianos perceberam que as ideias do recém-chegado bispo Dom Antônio Fragoso divergiam das ideias do vigário. Foram muitas as divergências entre o bispo e o padre, que se tornou monsenhor.

Em consequência, sentiu-se a preocupação do povo por causa das divergências, gerando uma divisão entre seguidores do vigário e do bispo. Foram anos de ideias contraditórias. O vigário entusiasta e conservador, seguia os princípios de sua educação. O bispo tinha ideias populistas (rico e pobre recebiam o mesmo tratamento) e era um construtor de ideias democráticas. Corajoso, não temia, em nenhum instante, o regime militar em vigor na época.

Surgiu a ideia de uma reforma pastoral na Diocese, pela qual Crateús e Novo Oriente formariam uma única zona pastoral e as decisões seriam assumidas por uma equipe de padres. O poder não mais dependia do vigário e sim da equipe. Padre Bonfim não aceitou e, no dia 18 de abril de 1969, o vigário foi exonerado de suas funções.

O destino de todos a Deus pertence. O mundo católico de Crateús jamais imaginou que, um dia, aquele padre, tão autêntico e identificado com o celibato, pensasse em casamento. Depois de sua exoneração, passou a frequentar a igreja como um cristão comum, assistindo às celebrações nas proximidades da capela da pia batismal. Anos depois, naturalmente, com muita reflexão, conversas com familiares e amigos e até com o bispo, pedidos para pensar mais um pouco e desistir, resolveu casar com sua prima Joaquina Azevedo. Namoravam, enquanto o vaticano analisava as pretensões do ex-vigário. Em cerimônia simples celebrada pelo padre Maurício Melo, em 09 de dezembro de 1975, casou-se em Nova Russas. Tinha 64 anos de idade, 36 de sacerdote, era uma das reservas conservadoras do clero cearense.

O aniversário de nascimento de José Maria Moreira do Bonfim coincidiu com o dia de sua morte. Ao completar 83 anos de idade, em 16 de novembro de 1994, Deus o chamou para o descanso eterno. Foi um dos grandes benfeitores de Crateús.

Flávio Machado

UM LIVRO PARA DOM FRAGOSO

José Maria Bonfim e Zacharias Bezerra de Oliveira associaram-se na construção de uma obra do bem. Um livro sobre o tempo vital e a ação apostólica de Dom Antônio Batista Fragoso, um brasileiro que o Nordeste gerou para ilustrar o século XX com a sua fé, sua coragem cívica e destemida abnegação, num dos mais completos exemplos de visão lúcida do mundo e exercício altaneiro de sabedoria humana.

Mas não só da história de Dom Fragoso cuida este livro. Trata-se, na verdade, de um ensaio erudito sobre a Igreja Católica, mostrando com absoluto conhecimento e aberta profissão de fé, seus dilemas diante do confronto entre o ontem e o novo, entre os valores antigos e a visão contemporânea dos mesmos dogmas, da mesma crença e do mesmo Deus.

É extraordinária a maneira cuidadosa, amparada por alusões de abalizado conhecimento, com que os autores conduzem sua argumentação, a lógica de sua narrativa para a convergência dos objetivos a que se propõem.

Pretendem e conseguem construir um contexto comparativo, ilustrado pelas razões filosóficas, éticas e teológicas que orientam o comportamento de gerações eclesiais que se sucedem, com os atritos naturais dessa sucessão e as consequentes marcas de amargura e sofrimento certamente inevitáveis.

Assim, explicam o papel, indiscutivelmente espinhoso, daquele bispo que superestimava o compromisso social da Igreja, inspirado no espírito vanguardista do papa João XXIII e no Concílio Vaticano II, dirigindo um clero misto de padres maduros formados na linha romana do assistencialismo paternal, convivendo com pujantes levitas incendiados pelas ideias novas do engajamento social e político.

Depois de traçar um retrato da Igreja nos anos 60 do século passado, no âmbito ocidental, Bonfim e Bezerra voltam as lentes de seu interesse analítico para a Diocese de Crateús, espaço de atuação de Dom Fragoso, cavalgando seu idealismo e enfrentando as contradições do tempo, do lugar e da estrutura social e humana que tomara como palco de seu desempenho.

Este livro foi escrito com amor e admirável sinceridade. O texto arde no compasso épico, nas sendas da paixão e do

apelo atávico e tempera-se na remansosa ternura das pequenas histórias domésticas. Fala da simplicidade de uma família nordestina onde a fé alimenta as decisões e aponta os destinos, vencendo a dor e amainando as dificuldades. Uma família onde os pais do menino Antônio, José e dona Maria José, ensinavam a decência e se faziam decentes por atos e obras do dia a dia. Nesse lar, pela pedagogia dos exemplos, erigiu-se o caráter de Antonio Batista Fragoso.

Por isso, o paraibano de Teixeira, nascido no sítio Riacho Verde, conseguiu fazer, desde muito moço, uma leitura clara da vida, alistando-se ao lado dos que lutam pelo bem comum e sabem repartir a luz da consciência com outros passageiros de seu tempo, sobretudo, com aqueles a quem foram negadas as condições mínimas de competição e demais oportunidades de sobrevivência digna.

Poderia, o jovem Antônio Fragoso, com a inteligência de que foi dotado e a equilibrada formação familiar que o destino lhe deu, ter vencido em qualquer caminho profissional que escolhesse. Seria, com certeza, um bom médico, um grande advogado, ou um produtor rural vitorioso, porque lhe sobravam bom senso, tirocínio, racionalidade e disposição laboral, ferramentas fundamentais dos grandes vencedores.

Mas ele escolheu o sacerdócio, uma das mais árduas escadas das vocações da vida, um caminho de renúncias e entrega absoluta, um compromisso de dedicação missionária à sementeira cotidiana das sementes de Deus no coração dos homens.

As renúncias são provações difíceis e eu as enfrentei pessoalmente. Fui seminarista sete anos, mas quando, no fulgor adolescente, me vi cara a cara com a realidade das renúncias, desisti da carreira eclesiástica e saí correndo para abraçar as ofertas hedonistas do mundo, usufruindo das opções corriqueiras da felicidade, a festa, o sexo, os eflúvios da noite e o grito eufórico das francas peripécias da juventude.

Dom Fragoso foi um grande sacerdote, um dos mais honestos e corretos que conheci. E o conheci de perto.

Quando saí do seminário, fui trabalhar com ele, em Craetéus. Compunha com Françuita Rodrigues e Antônia Martins (Tony) a equipe do Movimento de Educação de Base - MEB, instituição que tinha por ofício desenvolver um trabalho de conscientização social, fundando as famosas Comunidades de

Base, organizações duramente vigiadas e perseguidas durante o regime militar.

Como nosso escritório ocupava uma sala da própria Casa do Bispo, via-o diariamente e com ele, às vezes, almoçava, conversava e, sobretudo, recebia importantes e definitivas lições de vida.

Do espanto inicial que me causava o seu olhar sobre as pessoas, os fatos e as atitudes, veio-me, em seguida, a admiração por seu caráter, por seu raciocínio lógico, pelo sentimento de humanidade, a valentia das ações, o desprendimento, a coerência entre o que pregava e o que fazia.

Se não consegui obter o seu sonho de promover social e humanamente o ladrilho do mundo em que militou. Se não foi compreendido por alguns de seus diocesanos que o consideravam afoito, demais, para o gosto deles. Se a tantos pareceu um Dom Quixote, um cavalgador de utopias, um profeta do impossível... pouco importa, porque ele estava inscrito na categoria dos que acreditam que podem melhorar o mundo e, com muita dedicação, tentou fazer a sua parte.

Para mim, admirador devoto, ele foi uma personalidade distinta e de grande utilidade ao seu tempo, no amálgama que conseguiu entre o compromisso cívico e a obrigação episcopal. O bispo era um cidadão impávido e um verdadeiro homem de Deus. Dom Fragoso era um santo.

“DOM FRAGOSO, O PROFETA DO INOBTIDO” que, em muitas passagens me emocionou, vem em boa hora.

Chega-nos no instante em que nosso país vive um dos mais soturnos e lastimáveis momentos de sua história. Numa hora de dor e vergonha, quando assistimos o exercício do grau maior da pusilanimidade de nossos homens públicos, bracejando na lama espessa da corrupção, na exalação da sarjeta, movidos unicamente pelas razões imundas da ambição, sem remorso nenhum de terem traído a esperança do povo e rasgado, nos conluios de interesse pessoal, a confiança de seus eleitores.

Por isso, considero que este é um livro que há tempo se fazia necessário. A história de um nordestino autêntico, um sacerdote paraibano, simples e lhano, que tentou fazer de seu destino humano um instrumento de serviço ao povo.

Juarez Leitão

Da Academia Cearense de Letras e do Instituto do Ceará

SUMÁRIO

INTROITO.....	23
1. A REPÚBLICA VELHA E A IGREJA CATÓLICA	29
2. A DIOCESE DE SOBRAL.....	35
3. A IGREJA PRÉ-CONCILIAR.....	45
4. HISTÓRIA	49
4.1. GEOGRAFIA.....	50
4.2. O CLIMA.....	51
4.3. Os FILHOS ILUSTRES	52
4.4. RELIGIÃO.....	53
5. O TABERNÁCULO SAGRADO DA FAMILIA FRAGOSO.....	57
6. O CATALICISMO COMO CONQUISTA REAL NA AMÉRICA .	71
7. GÊNESE E GEOGRAFIA DA DIOCESE DE CRATEÚS.....	75
7.1. CRATEÚS	85
7.2 IPUEIRAS.....	87
7.3 INDEPENDÊNCIA	89
7.4 TAMBORIL.....	90
7.5 SUCESSO	92
7.6 MONSENHOR TABOSA.....	92
7.7 NOVA RUSSAS	93
7.8 NOVO ORIENTE.....	94
7.9 PORANGA.....	95
7.10 QUITERIANÓPOLIS.....	96
7.11 ARARENDÁ.....	98
7.12 TAUÁ.....	99
7.13 PARAMBU.....	100
7.14 COCOCI.....	102
8. CRATEÚS EM 1964.....	107
9. DOM ANTÔNIO BATISTA FRAGOSO	111
9.1. O CAMINHO DE DOM FRAGOSO	121
10. OS PRIMEIROS DIAS DE EPISCOPADO	157
11. OS PRIMEIROS CONFLITOS	159
12. O PONTA PROFETA.....	173
13. PADRE BONFIM	177
13.1 FLÁVIO MACHADO: PADRE BONFIM	185
14. AS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE	186

15. O PACTO DAS CATACUMBAS.....	193
16. TERREMOTO NO MUNDO CATÓLICO: TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO.....	199
16.1. O LUGAR TEOLÓGICO (TL)	200
16.2 A CONVERSÃO PROGRESSIVA	204
16.3 A AMÉRICA DE "LÁZAROS"	205
16.4 BARTOLOMEU DE LAS CASAS E GUTIERREZ	206
16.5 VISÃO CRÍTICA SOBRE A TDL	207
17. A PROSTITUIÇÃO E O NINHO	211
18. O PADRE ALFREDINHO.....	217
19. OS ÚLTIMOS DIAS DE DOM FRAGOSO.....	227
20. A DESPEDIDA E A POSSE DE DOM JACINTO	231
21. DOM AILTON E A VOLTA DE DOM FRAGOSO.....	235
22. ITE MISSA EST!.....	239
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	247

INTROITO

Iniciamos este livro, em dezembro de 2012, quando passamos o final de ano em Paris. Encontrava-me em um hotel simples, às margens do rio Sena. Na antiga rua do teatro. Com facilidade eu me deparava com a estonteante torre Eiffel, local onde passaríamos o esperado *réveillon*. Na mesma rua onde viveu o industrial francês Charles Citroën, pioneiro do ramo de automóveis na Europa, tal qual Henry Ford nos Estados Unidos da América.

Bem junto à casa de Émile Zola, que eu fazia questão de veneravelmente contemplar. Paris é uma cidade eternamente fascinante. Tanto por seu *glamour*, como por sua arquitetura encantadora, seu verde lírico, seus momentos que parecem vivos. Cada pedra fala. Cada mosaico conta uma história. Cidade Luz, onde o homem aprendeu que ele nasceu para ser livre. Sempre livre, pois foi assim que Deus o criou. A bandeira da Revolução Francesa tem dizeres emblemáticos e eternos, quando o próprio povo, subjugado e oprimido contra a classe dominadora e exclusivista, desfraldou a bandeira libertadora de: "liberdade, igualdade, fraternidade" (*liberté, égalité, fraternité*). Daí em diante, o mundo viveu um incêndio de transformação estrutural. O mundo não foi mais o mesmo. Teria outra face. Parecia que o homem havia encontrado um tesouro que nunca supusera existir. O homem era outro. Houve uma radicalização, muitas vezes, desprovida de lógica e de bom senso. Mais que uma transformação, o mundo ocidental assistiu uma ruptura, que beirava a irracionalidade. Era tão grande e tão profunda esta radicalização, que os próprios líderes da Revolução Francesa foram engolidos por ela. As rupturas geram radicalismos, geram vinganças, geram irracionalismos. Como sempre, também geram injustiças, atropelando muitos inocentes. Somente uma ruptura me comove: a ruptura cristã. Cristo foi a nossa ruptura bendita.

Em 1999, S. João Paulo II beatificou três carmelitas descalços, que foram martirizados pelos líderes da Revolução Francesa. Os famosos mártires de Rochefort, que se negaram assinar a ata da Assembleia Nacional Constituinte, que no seu bojo continha normas contrárias à religião católica. Os mártires são: Frei João Batista Duvermenil (Limoges, 1737); Frei Miguel Luís Burler (Chartres, 1758) e Frei Tiago Gagnot (née Frolois, 1758).

Esses heróis-mártires foram deportados da França, mas por um descaso com a pessoa humana, ficaram prisioneiros num navio durante mais de setenta dias. Nos porões imundos de condições subumanas, juntos como muitos prisioneiros foram infectados pelo bacilo da Peste e morreram à míngua. Colocaram cárceres nos seus corpos, mas não puderam interferir na liberdade de suas almas. Todos os três continuaram fiéis aos princípios da fé cristã de que se vangloriavam ostentar. Toda essa violência, desmedida e irracional surge com essas rupturas. Mesmo com o pretexto de humanidade, uma turba irada começa a nominar as pessoas, a julgar as pessoas e a condená-las sem qualquer sentido de justiça. Os próprios líderes da Revolução Francesa tornaram-se vítimas. A violência tornou-se o selo oficial. Um médico, em vez de construir a vida, construiu a morte com a famosa guilhotina. Milhares de pessoas foram decapitadas como bichos ou animais de baixo porte. Robespierre, ao dizer que este caminho tomado pela Revolução sufocava e destruía os ideais republicanos, negou-se a assinar o decreto de Ventoso que confiscava os bens dos inimigos da Revolução para entregá-los aos agricultores. Foi condenado por Danton de Wajda. Mas o legado do grande feito imiscuiu-se mundo afora. Mudaram as relações entre os grupos sociais e entre várias facções sociais. Mesmo assim, assistiríamos os movimentos que jogavam em terra todos estes momentos de libertação. No Ocidente a escravidão polvilharia esses postulados de dignidade que a Revolução Francesa nos doou. Os reinados sanguinários e intolerantes. A guerra religiosa entre os fundamentalistas. Os regimes totalitários e intolerantes. As ditaduras sanguinárias. As injustiças sociais que levariam um mundo de muitos ricos e de muitos pobres. As guerras eclodiriam, mesmo em cima de paradigmas de liberdade. As guerras matariam e dizimariam, mesmo em cima dos ideais de fraternidade. E os famintos, os maltrapilhos, os pisados, os sofridos emanariam mesmo diante dos ideais de igualdade. Mas o mundo não mais seria o mesmo. A queda da Bastilha tornou-se um símbolo de libertação. Um grande grito. E ganharia um sonoro eco no universo daqueles que colheram da Revolução Francesa os mais preciosos frutos.

Os ideais, até hoje aceitos pela nação francesa de um estado ateu, mudaram muito, em 1813, com Napoleão Bonaparte. A luz da fé é indelével. Ninguém consegue varrer Cristo do mundo. Avignon já havia sido um verdadeiro cisma dentro da própria

Igreja católica. Bonaparte invadiu e destruiu monumentos católicos. Quem conhece a cidade histórica portuguesa de Batalha? Ali, até hoje se vê a fúria de Napoleão, atrás de ouro e atrás de pessoas que não concordassem com suas loucuras, pois, naquele ano grassavam muitas doenças em Paris. Peste, fome e moradores de rua a perambularem pelos bulevares. Ninguém queria cuidar desses fedidos. Mas as senhoras da caridade estavam debruçadas sobre essas chagas abertas que a sociedade não queria fechar e, muito menos, olhar. Napoleão perguntou: quem poderia cuidar desses desgraçados? Somente as filhas de caridade se apresentaram. Foi quando Napoleão chamou essas senhoras e transformou o Hotel de Chatillon na casa mãe das famosas e conhecidas irmãs de caridade de S. Vicente de Paulo. Hoje, na *rue du Bac*, 140, Paris, encontra-se a *Chapelle Notre-Dame de la Medaille Miraculeuse*. Estivemos nesse mesmo ano nessa capela, onde se encontra o corpo de Labouré e de Luiza de Marillac, bem como o coração de S. Vicente de Paulo.

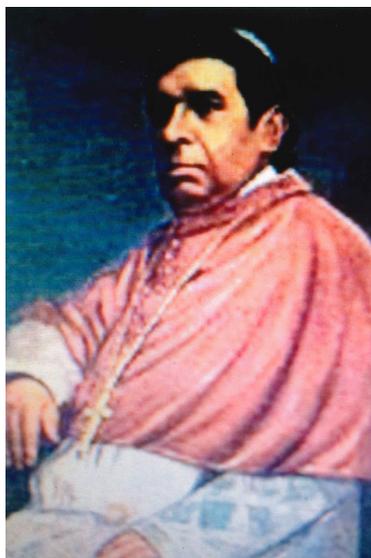
Todos esses conceitos tomaram conta de mim quando chegava a Paris para, sob a sombra da Democracia, reverenciar o ano que apontava, mas eu me lembrava que a grande e histórica revolução teria eco no verão de 1848, com o manifesto comunista de Karl Marx e Engels. "Proletários do mundo inteiro, unidos." Quando o mundo começava a se mudar do campo para a cidade; quando o agricultor do passado seria o operário do mundo atual, e a frieza das máquinas seria muito mais dolorosa e cruel. A escravidão não mais com o pó lírico da terra, mas com as mãos sujas de graxa das máquinas que esmagavam e que matavam. Ao ver na Inglaterra, o berço da revolução industrial, operários maltratados e escravizados, a inspiração de Marx foi de ódio. Era como se o próprio homem quisesse aniquilar o seu irmão. Foi aí que o comunismo surgiu com o travo do ódio. Travo amargo. Todas essas ideias tomaram conta de mim, quando eu me acomodava no hotel para esperar a chegada do novo ano. Ao lado do Sena, onde a água se escorria com as lágrimas e o sangue de tantos que gritaram e pugnaram pela liberdade. À margem do Sena, está a Rua Émile Zola, grande nome do iluminismo, junto com Diderot, Rousseau e tantos outros, quase todos praticamente de um materialismo assustador. Crentes no positivismo. Não poderia findar e iniciar o ano com figuras mais emblemáticas, na caminhada e na esperança da humanidade. Eu vindo de terras distantes. De mundo tão perdido, onde ou-

via tudo aquilo como sonhos e quimeras. Émile Zola e sua rua onde está localizada a casa onde ele viveu e lançou o seu libelo a favor de Alfred Dreyfuss. Zola era naturalista e um ferrenho anticlerical. Chegou a afirmar que a civilização só poderia abeirar a sua perfeição, quando a última igreja fosse destruída e a última laje desabasse sobre o último padre na face da terra. Nascido em 1840, em Paris, faleceu na mesma cidade em 1902, intoxicado por monóxido de carbono. Publicou um manifesto "*J'Accuse*", contra a justiça de sua terra e contra o monarca reinante. Diante de uma França tão profana, veio-me à mente a figura do meu querido bispo Dom Antônio Batista Fragoso, que pisou nesta terra inúmeras vezes. Onde era festejado e cultuado. Havia o aspecto da comunicação. A nossa formação nos labirintos e corredores dos seminários católicos, sempre se valeu das línguas neolatinas. O grande poeta Luciano Maia, sabe com proficiência todas as línguas que tiveram no latim a sua fonte. Fala com fluência todas, mas Maia não tem interesse por língua anglo-saxônica. Dom Fragoso gostava e cultivava o francês, como amava a França. Não entendia o inglês e, conseqüentemente, aproveitava para não se interessar plenamente por países como Inglaterra, Estados Unidos e Alemanha. Da mesma forma como nós vivemos sempre de costas para o Oriente. Sem sabermos o valor da cultura chinesa, da cultura japonesa e mesmo da cultura do Oriente Médio. Paulo Raulus Freire manteve relacionamento precioso com a cultura dos Estados Unidos. Em Crateús, os poucos americanos estavam ligados como ferrenhos inimigos da religião católica dominante na época.

Nesse ano de 2012, a União Europeia chegava ao seu vigésimo ano. Chega num momento tormentoso. O grande desafio dos refugiados, problemas tão graves como as duas grandes guerras que dizimaram tantas vidas. A globalização, tão combatida pelas esquerdas, fez uma Europa mais forte, embora as grandes potências tenham sentido os seus poderes serem diluídos, com a chegada dos mais pobres e mais enfraquecidos. A saída da Inglaterra da união europeia pode implodir essa comunidade tão forte e desenvolvida. Agora, a esquerda grita que a direita elitista não quer dividir suas riquezas com os mais pobres e menos desenvolvidos.



Dom Moisés – Bispo que ordenou Dom Fragoso



Dom Luís – Primeiro Bispo do Ceará



Dom Hélder Câmara



A REPÚBLICA VELHA E A IGREJA CATÓLICA

Se a Monarquia, que era banida na última década do século XIX, tinha a religião católica como religião oficial do governo, o ideal republicano seguia as ideias da Revolução Francesa: um estado laico. A Igreja católica perderia o padroado. E, como tudo no Brasil é exagerado e sem raízes convincentes, criou-se uma confusão, com estado ateu, anticlerical e outras visões distorcidas da relação entre o profano e o religioso. Consegue-se trazer para o mesmo leito religião e cultura. Estado laico e ateísmo. Ateísmo oficial. Fundamentalismo. Clericalismo. Sincretismo. Um total desconhecimento antropológico e teológico que permanece até os dias de hoje.

Com a chamada República Velha, elitista e excludente, com fundamentos na riqueza agropastoril, a Igreja católica viu que sua presença hierárquica estava cada vez mais inexpressiva. Verdade que essa hierarquia já não era tão importante nem no período colonial e muito menos no período imperial. A Igreja católica acordou. Sentiu que a força de sua autoridade estava jogada de lado. Ninguém via que a população brasileira, sendo na sua grande maioria católica, pouca influência exercia no destino desta nação. O modernismo e o positivismo deveriam ser vencidos com uma instituição poderosa e forte. O grande problema da Igreja católica era a escassez de pastores. Um país continental contava com um número irrisório de prelados e padres. Com uma população iletrada, para não dizer analfabeta, florescia um lugar fértil para o misticismo e para a credence popular. Uma religião mais favorável ao messianismo. Dessa maneira, veríamos surgir Antônio Conselheiro, Padre Ibiapina, Padre Cícero Romão Batista e outros. A Igreja via-se num grande dilema: uma deificação de visão distorcida. Um rebanho que crescia sem as bênçãos da liturgia. Um clero diminuto e solto. Clero que facilmente desconhecia os sagrados votos do celibato. E uma religião de benditos e de novenários e de incensos aos

padroeiros. Para complicar ainda mais este conturbado panorama, víamos um sincretismo religioso, principalmente na Bahia, que tomava contornos de teologia. No Nordeste, foi criada, em 1915, a Arquidiocese do Ceará. Para que isto se tornasse realidade foram criadas a Diocese do Crato, em 1914, e a Diocese de Sobral, em 1915. Ao chegar a Fortaleza, em 1854, Dom Luiz Antônio, o primeiro bispo do Ceará, vinha com um objetivo: construir um Seminário Diocesano, para a formação de padres. Do vapor onde se encontrava, avistou o outeiro da Prainha e foi logo dizendo: "é ali onde vou construir o seminário." Segundo Lira Neto, no seu livro sobre Padre Cícero, o clero era totalmente desgarrado. Ligados a dioceses distantes não tinham a quem prestar contas de seu trabalho pastoral. Também praticavam um comportamento frouxo diante dos votos de compromissos com a Igreja. Não havia um limite territorial rígido entre as dioceses. Segundo o mesmo autor, Lira Neto, os bispos indagados sobre os limites geográficos da diocese chegavam a dizer que minha diocese termina onde começa a diocese de meu colega. O pároco de Beberibe era cunhado do pároco de Quixadá. Os padres, além de descuidarem-se de sua própria santificação, muitos eram analfabetos ou quase analfabetos. O Seminário da Prainha foi inaugurado, em 1864, e foi entregue aos padres lazaristas. Foi a primeira escola superior do Ceará. Competentes e disciplinadores rigorosos. Seriam formadores não somente de grandes sacerdotes, mas também de bispos, arcebispos e cardeais. Dom Eugênio de Araújo Sales foi aluno do Seminário da Prainha; hoje, um centro de ensino muito vivo e muito dinâmico, com faculdades reconhecidas de Teologia e Filosofia. Suas portas estão abertas, não somente à formação dos seminaristas como também a dos leigos interessados.

A Velha República já esboçava seus primeiros sinais de morte, quando essa revolução acendeu o fogo forte de uma Igreja com presença marcante na vida de cada cidadão. Era o fulgor da Igreja triunfalista. de grandes multidões. de grandes acontecimentos. de Pontificais longos e solenes. Em 1931, esse novo andar da Igreja foi materializado com a realização do Primeiro Congresso Eucarístico Nacional, realizado na cidade de Salvador, na Bahia. O congresso foi inaugurado, no dia 06 de agosto de 1931, com as palavras do Cardeal Arcebispo Primaz da Bahia, Dom Augusto Álvaro da Silva:

Depois das grandes comoções sociais que sacudiram com violência a Pátria muito amada e, ainda por entre as incertezas e esperanças do momento difícil que atravessamos, será para nós alvissareira nova, como é para nós gratíssimo dever, a comunicação de que em breve se realizará o nosso primeiro congresso eucarístico nacional. É o país todo, é a nação em peso que irá se prostrar aos pés de Jesus para aclamá-lo como Rei, não só de um dos corações de seus filhos, mas ainda do coração da Pátria, do seu povo, de seus homens públicos, de suas instituições civis, de seus governos, de sua Constituição, de suas leis, do presente e futuro da nação.

Nesse mesmo caminhar, o Segundo Congresso Eucarístico Nacional, realizado em Belo Horizonte, Minas Gerais, teve como legado pontifício Dom Sebastião Leme, Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, saudado pelo prefeito da cidade de maneira gloriosa: "A Pátria Brasileira - nascida sob o signo da fé - conformou seus destinos sociais e históricos ao espírito das tradições religiosas, que são esmalte de sua formação política e moral." (Mensagem do Coração de Jesus, 1932).

O legado papal, Cardeal Leme respondeu: "Neste momento de agitação para o mundo e para o Brasil, são ainda as lições sábias da Santa Igreja Católica, cimentadas junto à rocha de São Pedro, que poderão encaminhar sem receio, os destinos da civilização e destino de nossa nacionalidade".



Congresso Eucarístico Nacional em Recife - 1939.

O III Congresso Eucarístico Nacional teria lugar em Recife, Pernambuco. Seria o ano de 1939. Recife, apesar de ser alvo fácil dos canhões alemães, já com a guerra em curso, tornou-se a capital brasileira da fé.

Dom Miguel de Lima Val Verde, entusiasmado com o encontro assim se pronunciava, no dia 11 de abril de 1938: "Uma aspiração seja de todos: que os filhos da Terra de Santa Cruz reconheçam e proclamem como seu Rei - o Rei dos séculos - imortal e invisível, a quem é devida toda honra e glória".

Muita gente do Ceará esteve presente a esse evento, inclusive, bispos, padres e seminaristas. Monsenhor José Maria Moreira do Bonfim seria ordenado nesse mesmo ano pelas mãos de Dom José Tupinambá da Frota. Com a mãe enferma Pe. Bonfim ficou indeciso, se deveria ir ou não a Recife. Terminou indo. Tanto no congresso baiano como no de Recife, a Igreja reafirma um patriotismo cristão. O amor a Deus é importante, mas o amor à Pátria também o é. Vejam o hino do congresso da Bahia: "Sobre os mares azuis da Bahia/ Foi que outrora raiou, toda em luz/ a Hóstia Santa qual sol que alumia/ o alvo berço da Terra da Cruz." (Dom Francisco Aquino Correia, Cartas Pastorais, 1922-1934).

Com esse acendrado ufanismo, a Igreja parecia que se ia ombreando ao poder civil, pois na morte do cardeal Joaquim Arcoverde Cavalcanti, acontecida no dia 18 de abril de 1930, o Presidente da República Washington Luís, decretava que, no funeral do cardeal, lhe fossem prestadas homenagens semelhantes ao de vice-presidente da República. O hino do congresso pernambucano é muito mais enfático, quando diz que somente é brasileiro quem for católico. Esses hinos eram depois difundidos em todas as igrejas e colégios católicos. O hino é muito majestoso e assemelha-se a um chamado patriótico: "Aos clarins do Congresso Sagrado/ Pernambuco se ergue varonil/ e o Recife se fez lado a lado/ catedral onde reza o Brasil. Eia sus! Oh leão do norte/ ruge ao mar o teu grito de fé/ creio em ti Hóstia Santa até a morte/ quem não crê brasileiro não é."

Esse belo hino estaria totalmente desfocado da realidade que vive o Brasil atual, quando nos últimos anos houve uma proliferação de religiões cristãs de toda a natureza. Esse comportamento da Igreja nessa época triunfalista tinha a finalidade de marcar presença na comunidade política. Outro inimigo começava a surgir por essa época: o avanço progressivo do comunismo ateu. A Revolução Russa vitoriosa instalava um estado totalitário e materialista, dominando todo o leste europeu. Todos os papas condenaram o comunismo ateu. As várias encíclicas

com fulcro social afirmam que a Igreja tem uma forma distinta de ver o drama social. Nunca a Igreja foi indiferente à dor do pobre.

Esses congressos nacionais traziam um forte chamado à prática do catolicismo. Havia um fortalecimento da crença em Jesus Eucarístico. Foi nesse contexto que os padres da diocese de Crateús foram formados. Quando, nos escritos dos colaboradores, criticam Monsenhor Bonfim por sua apologia ao Santíssimo Sacramento, talvez não tenham feito uma apurada leitura histórica sobre a vida da Igreja no mundo e, principalmente, na diocese de Sobral.

Dom Fragoso, na sua tumultuada relação com o poder público, dele não prescindiu quando recebeu seu Passaporte Diplomático, ou quando foi participar do Concílio Vaticano II num avião da Força Aérea Brasileira, que levou todo o episcopado brasileiro para Roma. O chamativo apelo popular era tão forte que Getúlio Vargas, que nunca foi religioso, concedeu uma polpuda verba para a realização do Congresso Eucarístico Internacional, realizado no ano de 1955, quando Vargas já havia se suicidado e o Presidente era João Café Filho. Há uma visão deturpada quando se vê ou se lê os concílios. Se quiser ver um clero magoado é só chamá-lo de padre tridentino. O Concílio de Trento foi um dos maiores concílios na história da Igreja católica. Foi um concílio que nada inventou. Pelo contrário, ele formatizou. Ele organizou e uniformizou a Igreja católica no seu todo. Muitos que não prestaram a atenção no caminhar da Igreja pensam que foi em Trento que a Igreja tornou-se muito mais mística do que o necessário. Mesmo após o Vaticano II nas paróquias da diocese de Veneza, todas as quintas-feiras, pôde-se assistir à adoração ao Santíssimo Sacramento.

Paulo VI, após a debandada de milhares de padres, reconheceu que muitos estavam totalmente perdidos. O próprio Papa chegou ao desespero de exclamar: "a Igreja está incendiando." Quando se critica que os padres pré-conciliares eram brigadores, passavam carão, a acolhida aos jovens de hoje mudou muito pouco. Aliás, no Brasil, a acolhida que o padre vai dar é muito diferente da acolhida que vemos nos Estados Unidos da América, ou mesmo na Europa. Muitos que possuíam curso superior tinham uma maneira rude de atender alguém. Aliás, o

brasileiro ainda está muito aquém de praticar as boas maneiras. Vejam as palavras chulas que se empregam a cada momento.

Podemos, com facilidade, entender que a Igreja do Concílio Vaticano II tenha tido a audácia de retornar à fonte. Quando se diz que o padre celebrava de costas para o povo, não se analisa o comportamento temporal, que era o "Teocentrismo." Quando Deus era o centro de tudo. O celebrante estava reverenciando Deus, que era o centro da celebração. E ele não deixou de adorar a Deus, somente após o concílio ele quer dividir este ato com o povo. Foi assim junto com Jesus, na última ceia. Foi assim no início do cristianismo. Muitos hábitos que tínhamos na celebração chegaram até nós através do judaísmo. Mulher dividida dos homens. As mulheres tiram os véus e os homens tiram o chapéu. Quem visita o muro das lamentações, em Jerusalém, tem de usar o "quipá ou nosso solidéu". Quem visita, no Monte Sião, o túmulo do Rei Davi, tem que se cobrir.

Ao deparar-se com esses costumes de uma Igreja muito mística, Dom Antônio Batista Fragoso não teve a paciência evangélica. Era jovem. Inteligente. Sem nenhuma experiência pastoral. Com uma ideia fixa na cabeça. A ideia era maravilhosa, mas não era o tempo e muito menos o chão para que ela germinasse. Ele não criou as Comunidades Eclesiais de Base. Elas foram criadas por um prelado tido como conservador: Dom Eugênio de Araújo Sales, que morreu como cardeal emérito do Rio de Janeiro. Comunidades de comunidades é o sonho da Igreja católica dos tempos de hoje. Alguns chegam ao exagero de abolir a Igreja matriz, o que não é a ideia das cartas apostólicas. A fração do pão, como era chamada nos primeiros tempos, era feita em casa dos seguidores de Jesus. O banquete era nas pequenas comunidades. A Igreja, com o Concílio Vaticano II, quis ir beber na própria fonte, sem se esquecer de seus acertos e erros ao longo de tantos anos e séculos. A religião católica é uma das religiões mais antigas do mundo. É maior do que o próprio Islã. Guarda unidade na sua adversidade.



A DIOCESE DE SOBRAL

A diocese de Sobral surgia num momento em que a Igreja católica enfrentava a arrogância do Modernismo, com suas ideias que tiravam a voz forte e solitária da instituição secular. Enfrentava ainda a perda da força oficial, a que ela se acostumou e vinha desde o tempo de Constantino. O grande entrave à criação de uma diocese era a situação econômica de um estado pobre e fragilizado por seguidas e violentas estiagens. Dom José Tupynambá da Frota era uma das pessoas mais importantes do Ceará. Não era o poder. Era a autoridade. No ano de 1956 Dom José foi a Crateús em visita Pastoral. Não foi só. Levou consigo Dom José Bezerra Coutinho, recém sagrado, bispo auxiliar sem direito à sucessão. A visita pastoral naquela data distante foi uma grande festa. Houve um movimento incomum, mesmo tratando-se de uma visita pastoral habitual, que se realizava de quatro em quatro anos. Havia já a presença do IV Batalhão de Engenharia e Construção, que se instalara na cidade há um ano. Chegara com o nome inicial de Batalhão Ferroviário. E começara a marcar sua preciosa presença em nossa cidade. Seria lançada a pedra fundamental do Hospital São Lucas, que seria construído com recursos da Sociedade São Lucas, mantenedora do próprio hospital com recursos oficiais. Outro fato importante: Dom José Tupynambá da Frota acolheu o pedido do Pe. Bonfim para dar início à construção da diocese de Crateús. Esse trabalho somente poderia ser iniciado com o beneplácito do bispo diocesano. Pe. Bonfim vivia momentos muito cordiais com a autoridade diocesana. A paróquia do Senhor do Bonfim havia sofrido com o episódio relacionado com a vinda de Nossa Senhora de Fátima em novembro de 1953. A matriz de Crateús fora fechada. O vigário fora levar o Santíssimo para a cidade vizinha de Nova Russas, cujo pároco era um grande amigo do vigário, Pe. Bonfim. Padre Francisco Soares Leitão chorou copiosamente, condoído pela situação humilhante em que se achava o seu colega de Crateús. Houve outro episódio muito desagradável: a

violação do sacrário com profanação das hóstias, que foram jogadas no chão. Padre Bonfim recebeu como castigo, não ter direito a um padre cooperador e ter sido transferido para Licânia, a atual cidade de Santana do Acaraú. Depois, o prelado voltou atrás. E, com seu coração misericordioso, esquece todos os incidentes e voltou a tratar o Pe. Bonfim com afeição e a gentileza de antes. Dom José tinha muita amizade ao vigário de Crateús. Já em 1956, mandara o Pe. Osvaldo Carneiro Chaves para ser cooperador do Pe. Bonfim. E agora dava sinal verde para que o vigário iniciasse o desafio de uma grande empreitada: fundar uma diocese. É preciso ter em mente uma leitura honesta e profunda sobre o que representava a diocese numa região pobre e sofrida dos sertões de Crateús. Uma região empobrecida, mergulhada no polígono da seca. A presença de um bispo seria um sinal de esperança para tantos. Para muitos que levavam uma vida de incertezas e de desesperanças. O modelo de bispo que se tinha: Dom José. O modelo de diocese que se tinha: a Diocese de Sobral. Há 60 anos era plantada essa semente profícua que, após tantos anos, brotaria essa árvore frondosa que hoje nos abriga com tanta generosidade. Seria um grande desafio para uma paróquia pobre, distante de Fortaleza, distante do lugar de decisões, numa religião e num poder público centralizados. As visitas pastorais eram acontecimentos que movimentavam e motivavam toda a comunidade católica da cidade. Como o bispo ficava em Crateús, toda a população do campo se deslocava em peso para a cidade. Naquele momento, então, o Pe. Bonfim tornou-se o embaixador da esperança. O cibório de todos os projetos daquela região muda de riqueza material, mas de um potencial imenso de inquietação para sair para um mundo melhor. Um povo cheio de esperança e ardente de fé.

“Quem faz alguém feliz, um dia será recompensado por esta mesma felicidade e será feliz também.” (Dom Paulo Evaristo Arns, Cardeal, Arcebispo emérito de São Paulo). Pe. Bonfim tornou-se um homem mais flácido. Coração mais maleável, mas era um soldado fiel aos ditames da Santa Madre Igreja. Ele era um pastor exageradamente zeloso. O grande problema que um bispo enfrenta em relação aos seus padres é a obediência. Bonfim, pelo contrário, era um verdadeiro e fiel soldado. Era um vigário realizador, como o Padre Leitão, em Nova Russas, Pe. Francisco Correia Lima, em Ipueiras, e Pe. Francisco Ferreira de Moraes, no Ipu. Desses, o grande realizador foi o Moraes.

Fez um trabalho memorável e marcante, na cidade, que dorme liricamente sob os respingos suaves da bica, quando a chuva abençoa a Serra Grande. A cruzada do Pe. Bonfim foi uma luta desigual com os meios de que ele dispunha e com os objetivos da empreitada. Numa época pobre de todos os meios possíveis, ele se mostrava incansável. A nunciatura exigia um patrimônio que era muito distante das condições econômicas e financeiras da região. Se a cidade sede tinha recursos limitados, a região territorial da futura sede do bispado era mais pobre ainda.

Crateús, no ano de 1962, tinha um orçamento estimado em 300 mil cruzeiros, segundo os dados fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Uma renda, *per capita*, de país subdesenvolvido. Quadro desolador de penúria e pobreza. Crateús era, de fato, uma cidade pobre. Fonte de riqueza agropastoril. Fonte ameaçada quando batia a seca, fenômeno climático tão frequente e quase sempre dizimador. Com a seca, alguns mais ricos levavam o seu gado para o Piauí ou para o Maranhão. Os pequenos viam pouco a pouco minguar seu já pequeno rebanho. Meu tio Manoel Bonfim Filho, exímio alfaiate, perdeu todas as suas economias num plantel de gado, quando veio uma seca e dizimou tudo. A cera de carnaúba foi, por algum tempo, fonte de riqueza, mas, com o petróleo e os seus derivados, foi-se desvalorizando até perder definitivamente seu valor de mercado. Por algum tempo, a região dos sertões de Crateús foi grande produtora de feijão, mas a irregularidade climática dificultou manter essa cultura. Na chamada civilização do couro, os Inhamuns e o Cariri eram as duas regiões mais ricas do Ceará. Hoje, nos Inhamuns, sertão candidato à desertificação, a criação de gado *vacum* extinguiu-se e o que se vê é a chamada mudança para o animal de pequeno porte. A cidade mais desenvolvida, após a cidade de Crateús, era Nova Russas. Todas viviam mendigando verbas e obras, através dos seus representantes políticos. Crateús viu melhorar sua situação financeira com a chegada do IV Batalhão de Engenharia e Construção, que colocou a cidade em patamares nunca alcançados. Todas as obras de infraestrutura foram construídas por aquela unidade do Exército Brasileiro. O IV BEC não tinha qualquer poder de polícia, como muitos pensavam, mas impunha respeito. A Unidade Militar empregava quase 2 mil pessoas, além de oferecer empregos indiretos a muitos crateuenses. As pontes sobre o Rio Poty, aposentando as canoas em tempo

de cheias, facilitaram, sobremaneira, a ligação da cidade com outros lugares. A construção de ferrovias entre o Piauí e entre a linha sul, projetos que vinham ainda do tempo da República Velha mudou a realidade econômica da região. O IV BEC estava tão integrado à cidade que chegou a construir clubes, como o Caça e Pesca e o Clube Sargento Hermínio. Estava presente em distritos como Oiticica, Curral Velho e outros. No livro da escritora Yolanda Tomé, um dos depoentes fala que havia sempre dois soldados do exército vigiando os passos de Dom Fragoso. Pura e doce imaginação. Se havia algum militar que se insurgia ou debochava do bispo era por conta e risco do estado de ânimo de algum exaltado. Crateús tinha uma patrulha do exército e uma patrulha da polícia militar. Era uma cidade segura e até hoje é uma das poucas cidades do interior do estado do Ceará que nunca teve uma agência de banco nem explodida e nem assaltada. Devem-se a esse batalhão as inúmeras unidades de ensino construídas em toda a extensão do município com a finalidade de tentar afugentar o analfabetismo, até hoje presente em tantas plagas do Nordeste. A construção da barragem no Rio Poty possibilitou que se pudesse pensar em iniciar o abastecimento de água na cidade. Após tantos anos, a mesma barragem, já totalmente assoreada, tornou-se indispensável para mitigar a sede de tantos, no período de escassez de água. De vez em quando, nesses anos de terrível seca, a velha barragem chega oferecendo seu auxílio a todos aqueles que suplicam por um pouco de água. A barragem do Batalhão, como é carinhosamente chamada, serviu para diminuir o efeito das grandes cheias. Hoje já tão infrequentes. Outra barragem importante foi a Várzea do Boi, em Tauá. Na área da saúde, o IV BEC construiu um pequeno hospital, que até hoje serve a uma população tão carente e tão sofrida. Quando o Sr. Carlos Leite fala que o Batalhão escalava dois soldados para vigiar a Casa do Bispo, parece que delira, pois o IV BEC nunca teve qualquer poder de polícia. Ele era uma instituição militar que cumpria missões estruturais bem pontuais. Quando contemplamos o horizonte, não nos devemos deter a vista somente onde o sol desponta, mas deitar o nosso olhar sobre os seus raios que se perdem no infinito, sem esquecer os benefícios que harmonizou.

A luta do Pe. Bonfim era hercúlea. Acompanhava-o, ainda, criança, sendo acólito, em todas as localidades da região. A futura diocese seria formada, subtraindo territórios de outras

dioceses, como Sobral, Iguatu e Crato. Havia uma vontade forte de tornar realidade esse difícil sonho. Em 1959, aos 77 anos morreria Dom José Tupinambá da Frota, deixando uma grande lacuna na vida eclesiástica do Ceará. Dom José Bezerra Coutinho, bispo sagrado por Dom José, era apenas bispo capitular, mas mesmo assim interessou-se intensamente pelo projeto da igreja de Crateús. Era um dos candidatos a ser o primeiro bispo da cidade do Senhor do Bonfim, cidade que dizia que era sua, pois foi onde passou uma parte de sua infância. Onde fez seus primeiros estudos. Emprestou todo o seu esforço para facilitar o trabalho do Pe. Bonfim. Documentação complicada e minuciosa. Mas o grande empecilho era o problema financeiro, numa região tão empobrecida.

Numa das cartilhas que conta a caminhada da diocese de Crateús: "Fazendo a Nossa História, número 5" (pág. 5), os autores Siebra, Paco e Mauricio, numa teologia atrapalhada e numa visão histórica desconhecida, dizem: "a nossa Diocese, como todas as outras, não foi criada pelo povo. Ela é fruto de uma aspiração burguesa, que deseja o Bispo como Príncipe da Igreja, animador de obras sociais". Quem cria a diocese não é o povo. Quem estabelece uma área diocesana é o Papa, através de uma Bula Pontifícia, por meio da Nunciatura Apostólica. A diocese é lugar onde vive uma Igreja particular. A sede de um bispado é um lugar onde aflora uma Igreja com rosto próprio. Ela é autônoma. O bispo é o sucessor direto dos apóstolos, preside e comanda a sua diocese. Ninguém pode imiscuir-se no seu comando. Na sua administração. Deve contas a Deus e somente. Ele é príncipe por ser Jesus o nosso rei. A decisão episcopal é monocrática. Pode consultar alguém, pode ouvir alguém, mas a decisão é somente dele. O voto de obediência do bispo é ao Evangelho. É a missão do Cristo Ressuscitado. Enquanto o padre deve obediência ao bispo. Precisa-se entender com certa proficiência a Igreja mistérica. O despojamento do pastor é uma virtude intrínseca a ele, como a autoridade que ele tem sobre o clero e o povo de Deus. Ele atende ao Papa, que também é Bispo de Roma, na caridade. Quem ajudou na construção da diocese pobre de Crateús, foi a população pobre e humilde desses sertões de Crateús e dos Inhamuns, com seus parcos e minguados dinheiros. Caminhei, ainda menino, com o saudoso tio Zezé, de casa em casa, suplicando alguma ajuda para essa causa sonhada por todos amantes da Igreja católica. Uma nova diocese

sempre é aproximar a Igreja católica para perto de cada um de nós. A extensão territorial da diocese de Sobral dificultava, cada vez mais, uma presença maior do pastor diocesano nas localidades mais distantes. A presença do bispo em cada paróquia só seria possível de quatro em quatro anos. Sem dúvida, tornou-se um grande desafio conseguir um patrimônio mínimo que desse as condições mínimas para o prelado viver dignamente. O Núncio Apostólico naquela oportunidade, Dom Lombardi, não abria mão de se constituir um razoável patrimônio, inclusive uma pequena fazenda que pudesse oferecer renda para a diocese. Aqueles que tinham mais condições financeiras doaram terrenos que serviriam para várias finalidades. Foi aberto um livro de ouro, após uma festa no Crateús Clube, quando os Deputados Federais e filhos da Terra, Expedito Machado da Ponte e Antônio Mascarenhas, iniciaram as milhares de subscrições. Pe. Bonfim transformou a Casa Paroquial em Palácio do Bispo, que depois foi chamado por Dom Fragoso de Casa do Bispo.

No seu livro póstumo: "História da Paróquia de Crateús", Pe. Bonfim menciona o seu exaustivo trabalho catando cada tostão para formar o patrimônio exigido pela Nunciatura Apostólica. Dom José Bezerra Coutinho foi nomeado bispo de Estância (SE). Seria seu primeiro bispo. Em 1961, estava eu no Seminário Salesiano de Carpina, quando tivemos a alegria de receber para um retiro, Dom João Mota e Albuquerque, que iria tomar posse na diocese de Sobral. Simples, manso, humilde; ele tinha um perfil mais leve em relação aos outros prelados. Usava batina branca de padre. E o Concílio nem havia começado. Com uma prédica amorosa de fortes cores de misericórdia. Encantava a todos. No mesmo ano teríamos a honra e a graça de ter conosco um novo morador. Um santo. Viria morar conosco o arcebispo emérito de Fortaleza, Dom Antônio de Almeida Lustosa. Humilde, santo, elegante, sábio e encantador. Foi a maior bênção que toda a comunidade recebia. Era o seu lema: *sub umbra alarum tuarum* (sob a sombra de tuas asas.) Foi muito importante a presença de Dom Lustosa naquela casa salesiana. Ao contrário de Dom Fragoso, que sistematicamente opunha-se à criação de seminários, Dom Lustosa dizia que "se de cem seminaristas, somente 10 se formarem, teremos 90 cidadãos de boa formação cristã".

Ao chegar a Sobral, Dom Mota empenhou-se na implantação da diocese de Crateús. Foi um incansável batalhador pela causa. Logo se afinou com o trabalho do Pe. Bonfim, como podemos ver nas seguidas correspondências endereçadas ao vigário. Em 1961, seria a comemoração do cinquentenário da cidade de Crateús, que teria como ponto alto da festa uma missa celebrada pelo próprio Dom Mota. Era prefeito municipal Raimundo Bezerra, que celebrou o cinquentenário da cidade com uma primorosa edição de uma revista, coordenada pelo jornalista Manoel Bezerra. Um documento de muita riqueza histórica. Nessa edição de ouro temos dados preciosos de fatos e pessoas que se incrustaram na história da terra do Senhor do Bonfim. É uma história condensada, mas de muitas preciosas informações. É preciso lançar luzes ao passado para mensurar com exatidão e justiça o trabalho árduo, pedregoso e incansável de José Maria Moreira do Bonfim, o pai imortalizado na história da criação da diocese de Crateús.

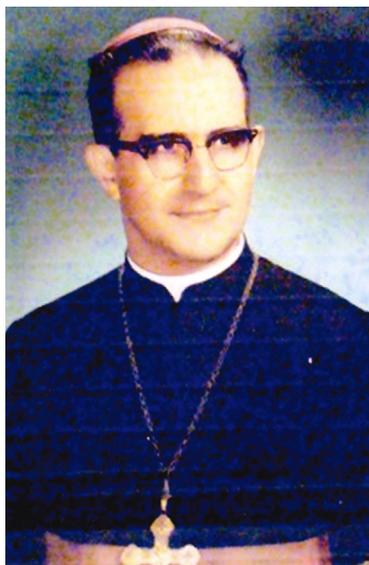
Pe. Bonfim havia saído da antiga casa paroquial, onde seria o palácio do bispo, ou casa do bispo, como Dom Fragozo preferia. A casa vizinha pertencia ao seu tio Clementino, casado com Emília Moreira do Bonfim. A casa nos dias de hoje é o centro paroquial.

Certa feita, estava com o Pe. Bonfim, na capela do Santo Antônio, quando ele pediu para fazer as suas anotações. De pouca paciência, sua letra nem parece de padre, parece mais de médico.

O Papa João XXIII, que sucedeu o teólogo Pio XII, seria tão somente um papa de transição. Mas surgiu como um profeta, anunciando novos caminhos e novas veredas. Como um João Batista, falava de tempos novos, cheios de fé e de esperanças. De uma Igreja de portas e janelas abertas para o mundo. Estava no seminário salesiano de Carpina, quando o Concílio Vaticano II se iniciou.

No início de 1962, estava de férias, quando fui, juntamente com Alaíde Bonfim, Pe. Bonfim e outros, para Poranga, para a ordenação de Pe. Gonçalo Pinho. Foi o primeiro e único filho da terra a se ordenar. A ordenação foi feita por Dom Mota. Ficamos três dias naquela aprazível cidade. Poranga significa fonte de água. Esta fonte até hoje, com todas as secas, alimenta a cidade e os arredores. Dom Mota falava com entusiasmo sobre a Dio-

cese de Crateús. Ainda em pleno governo de João Goulart, com os últimos dias do parlamentarismo, todo o episcopado iria para Roma com passaporte diplomático e com um avião custeado pelo governo. Foi a primeira vez que havia assistido uma ordenação sacerdotal, impressionou-me bastante. O panegírico foi proferido pelo Mons. Cleano Moreira, que tirou sua oração de uma frase célebre de Dom Bosco: "que sua missa de cada dia seja como se fosse a sua primeira ou sua última." E continuava, didaticamente, explicando que é grande o zelo que temos por aquilo que vamos fazer pela primeira vez. Podemos até errar pela inexperiência, mas chegamos todos com a emoção na pele. O coração aos saltos, mas com uma dedicação plena e sem igual. Nunca me esqueci daquela bela homilia, que serviria não somente para o neo-sacerdote, mas para todo profissional. A sua primeira consulta. O seu primeiro jogo de futebol. A primeira cirurgia. E tantas outras profissões.



Dom João Mota – Terceiro Bispo de Sobral



Sobral



Vista parcial de Sobral



Antiga Betânia – Hoje Universidade Vale do Acaraú



Dom José e o seu clero de Sobral



Dom José e o Nuncio Apostólico no Brasil



Catedral de Sobral



Catedral de Sobral - Ceará



A IGREJA PRÉ-CONCILIAR

A Igreja não é fim. A Igreja é meio. A Igreja é o caminho que nos leva ao reino de Deus. A Igreja tem finitude, mas o reino não tem fim. Como na pungente carta de S. Paulo aos Coríntios, quando ele tece um canto festejando o amor, ele diz que somente o amor perdurará. A fé e a esperança desaparecerão. E o reino de Deus é somente um reino pleno de amor. A história da Igreja inicia-se com a vinda de Cristo ao mundo, como promessa de Deus a Moisés. Pois a Igreja nasce com o mistério da Encarnação. Pois ela é também misteriosa. A Igreja é uma ponte que liga Deus aos homens. São Paulo fala que Cristo é a cabeça deste corpo místico que somos todos nós. Todas essas considerações feitas mostram que não podemos falar em "Igreja Nova" ou "Igreja Velha." Quem fala em "Igreja Velha" não sabe o que é Igreja. Quem fala em "Igreja Nova" não sabe o que é tempo. Pois Jesus é a Igreja e Jesus é atemporal. Pois a Eucaristia é onde Jesus se renova. Renasce. Revive.

O Concílio Vaticano II não foi um concílio dogmático. Não veio para condenar alguma heresia. Não veio para proclamar algum dogma. Segundo a vontade do Papa João XXIII, o concílio viria balançar essa grande e secular instituição. Abrir as suas janelas. Abrir as suas portas para se refrescar de novas e promissoras brisas. *Aggionarmiento*. Revolvimento. Revolver. Com uma Igreja mais junto ao povo. Chamar o leigo para participar mais ativamente da vida da Igreja.

O nosso Catecismo menciona a Igreja com inúmeras denominações: Corpo de Cristo (787); Esposa de Cristo (796); Templo do Espírito Santo (797); Povo de Deus (781). O Concílio Vaticano II foi enfático ao mencionar que não existe outra Igreja fundada por Cristo, senão a que tem as bases petrinhas. "Esta Igreja, constituída e organizada neste mundo como uma sociedade subsiste (*subsistit in*) na Igreja Católica governada pelo sucessor de Pedro e pelos Bispos em comunhão com ele" (His-

tória da Igreja, Prof. Felipe Aquino, pág. 27). Para Paulo VI: "a Igreja é o nosso amor constante, nossa solicitude primordial, nosso pensamento fixo. Não se ama a Cristo se não se ama a Igreja; e não amamos a Igreja se não a amamos como a amou o Senhor: Amou a Igreja e por ela se doou" (Ef. 5, 25).

A Igreja é inserida no mundo. Ela não vive fora do mundo. Nem ela se encontra esgarçada do mundo. Ela vive no mundo sem pertencer ao mundo. E ao longo de tantos séculos de vida ela não deixou de sentir a dor do mundo. Na II Guerra Mundial, o Papa Pio XII, tão injustiçado por católicos e judeus, enfrentou o nazismo e o fascismo sem temor. Abriu as portas do Vaticano para abrigar os perseguidos da guerra. Walter Kasper, cardeal jesuíta, grande teólogo, que escreveu um livro com um instigante título: "Deus precisa da Igreja?", relata a revolta do povo escolhido, contra Moisés: "melhor seria se tivéssemos permanecido escravos no Egito e ter comida, do que se arvorar no deserto e passar fome." Já era essa corte eclesial que se distanciava do Senhor. Que blasfemava e murmurava. A presença católica portuguesa foi mais uma conquista do que uma verdadeira missão. A ligação entre Portugal e colônias foi sempre mantida. Com todos os hábitos e ritos europeus. A romanização era muito intensa. Nos seminários e nas paróquias esse comportamento era notório, com uma hierarquia engessada e indiscutível. Em 1957 já havia as primeiras modificações litúrgicas. Inicialmente, em relação à celebração da missa que poderia ser também vespertina. No relaxamento do jejum para a preparação para a comunhão, poderia ser feito somente uma hora antes da comunhão. Quando se combate tanto a Bênção do Santíssimo, como se a alma da Igreja Católica não fosse a Eucaristia, faz-se um julgamento frouxo sobre o caminhar da Igreja. Como não havia

celebração vespertina, o momento de se chegar à Eucaristia era através da Bênção do Santíssimo. E o Deus Eucarístico, em muitas igrejas e capelas, tem um local especial para a adoração.



Havia, nessa Igreja pré-conciliar, um lugar especial para os pobres. Lembro-me bem das senhoras de caridade. Do dispensário dos pobres. Dona Antonina e Alaíde Bomfim seguidamente recorriam ao Dr. Guarani Mont'Alverne para cuidar de um doente que precisava de uma cirurgia e de uma simples consulta médica. Fala-se e condena-se esse cuidar assistencial, que não liberta. Assim se expressam os teólogos da libertação. Ao dizer-se que Madre Tereza de Calcutá estava atrasada na sua caridade, ela respondeu: "sim eu sei que estou atrasada. Estou atrasada mais de dois mil anos." A grande santa repetia que falam: "é melhor ensinar a pescar, do que dar o peixe. Mas muitos sofrem e agonizam que não há mais tempo para aprender. Quando eles forem aprender de há muito já morreram". Dom Fragoso não queria ter qualquer responsabilidade com a chamada caridade assistencial. Desejava que os próprios leigos tomassem essa iniciativa. O Papa Francisco continua insistindo que é importante ter nos dias pós-conciliares obras assistenciais, como a maneira eficaz de praticar a misericórdia, pois a misericórdia é a carícia de Deus, a face caritativa da Igreja. Aliás, na via sacra de Jerusalém, na estação VI, encontra-se o local onde Jesus salvou o aleijado que foi tomar banho de piscina. E vemos escrito *Hessed*, que quer dizer misericórdia. Foi a partir daí que se criaram as chamadas Santas Casas de Misericórdia.

Havia um distanciamento entre o padre e a comunidade, mas devido a inúmeros aspectos, como o nível cultural dos leigos. Havia um número imenso de analfabetos. O Padre era o vigário, o médico, o juiz, o professor e o conselheiro. Sua voz era acolhida sem muita discussão e sem questionamento. Vinha gente das capelas nas zonas rurais para escutar um conselho do vigário. Estive muito próximo aos padres, que eram frutos de uma visão rigorosa e disciplinar sobre a Igreja. *Roma locuta causa finita est*. E todos aceitavam. E foi esta hierarquia que manteve ao longo de tantos séculos esta instituição que se eterniza no tempo.

Antes do início do concílio já se vislumbravam sinais de novos tempos. De uma Igreja mais leve. Mais próxima ao povo. Dom José Tupinambá, grande figura do episcopado brasileiro, tinha uma maneira especial de exercer seu apostolado. Lutava por uma plena hegemonia da religião católica na sua diocese.

Representava de maneira radical a chamada cristandade. Construiu seminários, escolas e hospitais. Ordenou 99 padres, sendo o último o Pe. Luiz Dias Rodrigues, Pe. Luizito, filho de Crateús. Desse contingente imenso de presbíteros, sagrou cinco bispos que se vestiam diferente do grande *episcopus* sobralense.

Dom Coutinho nasceu em Capistrano, mas pertencente à família Coutinho, de Independência. Seus primeiros estudos foram feitos em Crateús, na escola de Dona Carlota Colares. Cedo foi para o seminário de Sobral, para depois ir para o Seminário da Prainha, de Fortaleza, quando se ordenou, com apenas 23 anos de idade, usava batina, mas de padre, como Dom Helder Câmara. E era extremamente simples. Dom Expedito Lopes era filho de um pedreiro e vivia na mais pura pobreza. Dom Austregésilo Mesquita foi um dos signatários do Pacto das Catacumbas. Dom Edmilson Cruz é um pastor totalmente despojado. Lúcido e presente em muitos eventos com a limitação de quem tem 90 anos e chega aos 60 anos de episcopado, neste ano. Dedicado plena aos pobres. E finalmente Dom Benedito Albuquerque que, como bispo emérito da Diocese de Itapipoca, leva uma vida de extrema simplicidade. Todos esses bispos citados foram ordenados e sagrados por Dom José e nenhum trazia essa visão de bispo de poder e serviço principesco.

Quando conheci Dom Mota, que fez seu retiro no Colégio de Carpina, ele vestia-se de padre. Batina sem as distinções episcopais. Gostava de usar batina branca ou creme. Usava as insígnias episcopais nos momentos solenes litúrgicos. Assinou a carta do Pacto das Catacumbas.

A Igreja já ia se despidendo de honrarias e de adereços. Já se achegava ao povo, como o prenúncio de um novo rosto, com o rosto do povo. Com a simplicidade do povo.

De tal maneira que a Igreja já se preparava para se apresentar ao mundo com nova face. Em 1961, Dom João Mota, ainda bispo da diocese de Sobral, celebrou a missa do cinquentenário da cidade de Crateús. E a missa foi celebrada com o celebrante de frente para o povo. *Versus Populi*.

Concluimos que Dom José Tupinambá da Frota, Dom Coutinho, Dom Mota, juntamente com o afinco e o denodo do Pe. Bonfim foram as pilastras sobre as quais se ergueram esse monumento que é a nossa diocese de Crateús.

4 HISTÓRIA

Teixeira é o município Paraibano, berço de Dom Fragoso. Está situado na Serra do Teixeira, que integra a região metropolitana de Patos. Tendo como fonte o IBGE, em 2010, Teixeira tinha sua população estimada em 14.153 habitantes com uma área territorial de 114 km². Comenta Celso Mariz que: "o povoamento de Teixeira, bem como do sertão paraibano, deu-se em consequência do projeto de ocupação do Governo Geral para o interior da Paraíba, após a expulsão dos holandeses". O governador-geral incentivara os baianos para aderirem ao referido projeto de ocupação. Acredita-se que um bom número de bandeirantes sobe da Bahia pelo Pajeú em demanda de terras não ocupadas. "A serra do Teixeira já vinha sendo atingida pelos grileiros da Casa da Torre, que subiam o mesmo Pajeú", destaca Coriolano de Medeiros, com a sua autoridade de historiador. A Casa da Torre estaria ligada à delimitação das terras do Senhor do Bonfim.

O principal fundador do povoado foi Manuel Lopes Romeu, ou Romeira, proprietário em Natuba, o qual se passou com a família a Sabugi em meados do século XVIII. Homem dado a caçadas, ele foi à serra em apreço, onde encontrou o manancial, hoje conhecido pelo nome de Cacimba de Baixo, ao pé da atual cidade. Sombrea a fonte, altaneiro e anoso angico, no qual zumbiam três colmeias de uma espécie de abelhas denominadas canudos, dando o caçador ao local a expressiva denominação Olho-d'Água dos Canudos, depois abreviado em Canudos (Fonte: Prefeitura de Teixeira).

Conservou a tradição que, tendo Romeu se demorado na excursão, sua mulher, Verônica Lins, tomada de receios, com uma filha e várias serviçais demandaram à serra, abrindo uma vereda que atingiu o platô. Dormiram à meia encosta. Alta noite apareceu uma onça que foi morta a golpes de facão pelas duas mulheres. A trilha transformou-se numa estrada, ainda hoje conhecida pela antiga denominação: Ladeira da Onça. Encontrando-se com

o marido, manifestou-lhe esse desejo para ali se transportar com a família e logo o fez, começando a situar-se.

Notando que precisava de um caminho, por onde mais rápido o local se comunicasse com o sertão, a N.E., foi ainda a mulher auxiliada pela filha, quem imaginou o traçado e o executou, conservando até os nossos dias a denominação de Estrada da Verônica. Essa via, vingando socalcos, vencendo asperezas, calcando a serra até alcançar os campos sertanejos perpetuou uma vocação raríssima entre as mulheres. Manuel Lopes e João Leitão, seu irmão, compraram a sesmaria e iniciaram a povoação de Canudos, nome que não pôde sobrepujar ao da Serra do Teixeira, finalmente Teixeira.

4.1. GEOGRAFIA

Quando, em 1949, a Lei nº 318 aprovou a divisão territorial na Paraíba com 41 municípios, Teixeira já integrava a divisão político-administrativa do estado. Na década de 1950 o município, além da sede, possuía quatro distritos, a saber: Desterro, Mãe D'Água, Imaculada e Cacimbas.

A partir de 1959, com a instalação de uma política municipalista adotada pelo governo brasileiro, com a repercussão na Paraíba, os citados distritos foram desmembrados, passando à condição de cidade, nessa ordem cronológica: Desterro e Cacimbas (1959), Mãe D'Água (1961), Imaculada (1965), Maturéia (1995). O município de Teixeira integra a microrregião geográfica da Serra do Teixeira que compõe a mesorregião do sertão Paraibano.

A posição geográfica do município de Teixeira é determinada pelo paralelo de 07°13'22 de latitude sul, em sua interseção com o meridiano de 37°15'15 de longitude oeste. Limita-se ao norte com o município de São José do Bonfim, ao leste com Desterro, a oeste com Maturéia e Mãe D'Água e ao sul com o estado de Pernambuco (Itapetim e Brejinho). A distância entre a cidade de Teixeira e João Pessoa (capital), via Patos, é de 325 km e, via Taperoá, de 308 km.

O município está incluído na área geográfica, que, segundo o Ministério da Integração Nacional, em 2005, caracteriza-se

pela sua aridez, com grande risco de longas estiagens. Teixeira tem um enorme potencial ecoturístico, sendo que, atualmente, são explorados vários lugares na Serra do Teixeira. Merecem referência: o Pico do Jabre, o pico mais alto da Paraíba, que fica a apenas 15 km de Teixeira; o do Talhado, onde se pode praticar um excelente *rappel*; o do Cruzeiro, com vista deslumbrante; além do "Poço da Besta", onde tem uma cachoeira maravilhosa dimanando entre pedras. Tudo isso em pleno sertão da Paraíba, mas com clima serrano.



Cidade de Teixeira - Paraíba

4.2. O CLIMA

O clima é do tipo semiárido, um pouco mais ameno em relação às localidades vizinhas devido à altitude. As temperaturas variam entre médias, mínimas de 15,8 °C em agosto e máximas acima dos 31 °C em novembro, dezembro e janeiro. O balanço hídrico é deficitário, em 9 meses do ano, sendo positivo apenas em fevereiro, março e abril.

O poeta Limeira, teixeirense, nascido no sítio do Tauá, hoje é referenciado como o maior poeta surrealista do mundo, sendo alvo de estudos em faculdades francesas, berço do surrealismo. "Escrotidão" poética, pornografia versada, distorções históricas poético-delirantes e prenhes de pseudo-nonsense, métrica ilibada, voz trovejante de bardo nordestino, anéis por todos os dedos, poesia para todos os lados. Seus trajes aberrantes, sua viola. Esse é Zé Limeira, o mais mitológico dentre todos os repentistas surgidos no Brasil. Tem gente que até hoje acha que ele nunca existiu.

4.3. OS FILHOS ILUSTRES

Odilon Nestor

Lins de Vasconcelos

Ugulino Nunes da Costa

Agostinho Nunes da Costa

Dr. Manoel Dantas Corrêa de Góes

Dario Ramalho

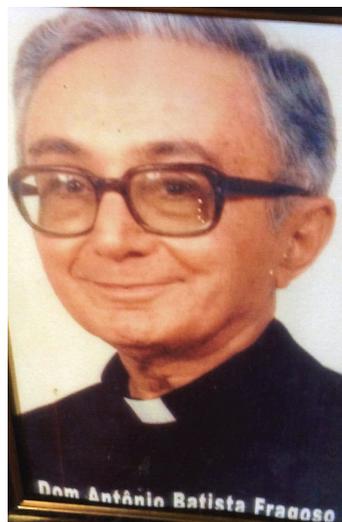
Cônego Bernardo de Carvalho

Dr. Antônio Farias

Dom Antônio Fragoso

Monsenhor Vicente Rodas

Dr. Estanislau Fragoso, advogado famoso, que defendeu muitos presos políticos; José Fragoso Batista, nome de rua em João Pessoa (PB), no Bairro José Américo; Frei Domingos Fragoso, carmelita que mora em Recife, Pernambuco; Frei Hugo Fragoso, que mora em Salvador. É frade franciscano.



Dom Antônio Batista Fragoso



João da Cruz e Frei Hugo Fragoso



Estanislau Fragoso

4.4. RELIGIÃO

Um dos marcos de Teixeira é a religião. Desde suas sesmarias já se fala em uma forte presença católica em Teixeira. A partir de 1699, temos os primeiros registros. Atualmente Teixeira tem como Padroeira Santa Maria Madalena. O pároco é o Padre Pedro Custódio da Silva. A paróquia de Santa Maria Madalena foi fundada canonicamente, em 6 de outubro de 1857. Contou até o presente momento com 25 padres, tendo sua história dividida em período tridentino e período modernista. Existe a presença de grandes vocacionados em Teixeira. A igreja de Teixeira oferece, ainda recentemente, 3 irmãos sacerdotes: os Fragosos. A cidade possui ainda várias denominações cristãs, entre elas, a Assembleia de Deus, a Ação Evangélica, a Igreja Adventista do Sétimo Dia, a Igreja Evangélica Batista.

A Paraíba, na história da Igreja Particular de Crateús, alerta-nos com um chamado e com um desconsolo. Souza, cidade de arraigado sentimento religioso, viu um dos seus filhos padres ser trucidado nas terras paraibanas. Padre José Inácio Melo, morto de maneira impensadamente cruel nas cercanias de Souza, uma cidade do sertão paraibano que possui duas estações de trem, uma da Rede Viação Cearense (RVC) e outra da Rede Ferroviária de Pernambuco (RFP), local onde os passageiros trocavam de comboio, seja, para ir de Recife a Fortaleza, ou vice-versa. Nesse ano, refiz o trajeto de Dom Frágoso, quando foi pegar o trem em Patos e desceu em Senador Pompeu. Naquele agosto distante havia uma viatura que o levou até a sede do IV Batalhão de Engenharia e Construção. No IV BEC foi recebido pelos oficiais e após uma calorosa recepção dirigiu-se para ser acolhido e abraçado pela cidade.

Em 2016, fui de carro até Patos. Já era noite. Chovia. E chovia forte. Teixeira é uma cidade serrana, apesar de pouca altitude, tem uma estrada sinuosa com perigosos abismos. Dormi em Patos. Bem próximo à velha estação de ferro. Na mesma praça simples onde tantas vezes passara. Bateu em mim uma inquietante saudade. Mas assomou no meu peito uma promissora esperança. E era cedo da manhã quando iniciamos a subida da serra. Tempo fechado. Um agradável clima serrano. Passamos por uma pequena localidade chamada São José do Bonfim e, finalmente, chegamos a Teixeira. Uma cidade calma. Um povo

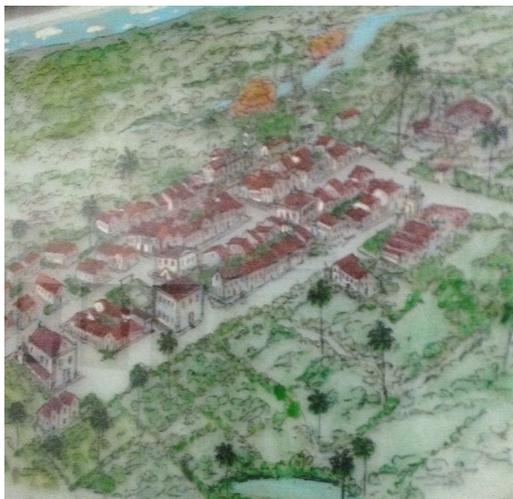
simples e plácido. Sem alarido. Cuidando dos seus negócios e de suas vidas. A cidade pequena, pequenina. Muito movimento de motos e de autos. Os animais estão em fase de extinção. Fomos à bela e acolhedora igreja de Santa Madalena. Vê-se que é uma construção pré-conciliar. Altar-mor móvel, ainda de madeira; o altar antigo ainda com a mesma construção original. Uma quantidade exagerada de imagens que Dom Fragoso tanto chamava a atenção. Mas um templo muito bonito e muito acolhedor. A mesma reza, as mesmas congregações religiosas, os mesmos benditos, as mesmas procissões. A mesma prática religiosa que presenciávamos nos tempos idos em Crateús. Uma igreja que parecia ser do tempo da Diocese de Sobral. Com congregações marianas seculares. No átrio do belo templo, uma pia batismal belíssima de madeira com as mesmas cores da igreja. Um Jesus ressuscitado vivo, parecendo que ia alçar ao Pai, e um Senhor Morto debruçado na própria dor e na própria agonia. Um coro de dimensões grandes e livre. E uma torre única a se jogar aos céus. Um piso antigo de mosaico e os bancos simples e toscos. E lá brilhando o altar principal a padroeira: Santa Maria Madalena. Parecia que retornávamos aos velhos tempos da igreja do Senhor do Bonfim no tempo do Padre Juvêncio. Isto é para mostrar como ser Igreja, não é ter um canto só. Modular uma única litania. Nisto ela cresce. Ela cresce e se prolonga ao longo dos séculos. Naquele templo simples e vazio, somente eu e o Senhor Jesus no sacrário, senti borbulhar dentro de mim uma cascata de fé. Um clamor de paz. E um olhar misericordioso sobre o passado. Daquela família calorosa, fiel a Deus, que fez deste templo uma morada sagrada de esperança e de amor. Imaginei o Sr. Fragoso e Dona Maria José fazendo juras de amor eterno. Vi o pequeno Antônio que ali recebeu o seu mergulho profundo em Cristo. E vi que naquela igreja germinou essa vocação serena, profunda, segura do Pastor amante dos pobres e dos desvalidos. E vi a procissão de toda a família a cada domingo. A cada festa litúrgica. A cada festa de Santa Madalena, caminhar cinco quilômetros para vir adorar esse Jesus, o mesmo que agora recorro tantos anos passados.

Teixeira era uma vila pertencente ao município de Patos. O nome deve-se à presença do Capitão Francisco da Costa Teixeira, que recebeu em sesmaria, por volta de 1761, este pedaço de terra que leva o seu nome. Hoje é uma das cidades mais importantes da região, de clima ameno, de solo fértil. Iniciou-se

nos seus primórdios o cultivo do trigo, que durante algum tempo deu resultados, mas não prosperou devido às seguidas e inclementes secas na região. A amenidade e a altitude da região não a privavam de tantas e inclementes secas. O pouco que via de sua terra, a cada seca era uma calamidade sem igual. Uma fome que doía em todos, principalmente, nos mais fragilizados. A casa, onde moraram e nasceram os filhos do sr. José e de Dona Maria José, foi derrubada para a construção de uma barragem que fornece água para a cidade. Aquele tabernáculo de amor e de fé deveria ter sido tombado, para que todos guardassem para sempre a história de amor e de felicidade de uma família divina. Uma família abençoada. Celeiro de três notáveis vocações religiosas e de outras quatro vocações de pessoas que caminharam no mundo para fazer o bem.

Caminhei na cidade, apesar da forte chuva. Fui ficar na praça acolhedora e verde onde fica a prefeitura. Uma praça alegre e festiva. Bem arborizada com um coreto no centro. Faltava somente a banda de música. Escassez quase completa de animais, dando lugar à imensidão de motos de todos os tipos. Era uma manhã de sexta-feira e havia um movimento grande no comércio local. Depois de algum tempo, seguimos em direção a Campina Grande. Guardei na minha memória o retrato de uma cidade pacata e acolhedora. Tinha uma rua com o nome de José Fragoso, mas nada observei com o nome de Dom Fragoso. Ele nunca foi afeito a homenagens.

Fontes: *Divisão Territorial do Brasil e Limites Territoriais* Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); IBGE (10 out. 2002). Resolução da Presidência do IBGE de n° 5 (R. PR-5/02). Visitado em 5 dez. 2010. *Censo Populacional 2010* Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (29 de novembro de 2010). Visitado em 11 de dezembro de 2010.



Início de João Pessoa



O TABERNÁCULO SAGRADO DA FAMILIA FRAGOSO

Fm dezembro de 1986, recebi como presente de Natal um livro. Ainda morava na Rua do Catavento e meu vizinho era o Dr. Francisco João da Silva. Meu colega, médico ginecologista, que foi meu chefe na Emergência do Hospital Geral de Fortaleza, ex-INAMPS, entidade onde trabalho como médico cardiologista. Diana, a esposa de João, era muito amiga e colega da minha irmã Maggy, no Patronato Souza Carvalho, na cidade do Ipu, onde foi pároco por cinquenta e dois anos o nosso tio, Monsenhor Francisco Ferreira de Moraes (1911-2009). O livro fora escrito pelo pai de Dom Antônio Fragoso. Conhecemos a família de Dom Fragoso, quando ele tomou posse como primeiro bispo de Crateús. E a nossa família manteve laços de amizade até o dia que Monsenhor José Maria Moreira do Bonfim (1911-1994), foi desalojado do cargo de vigário geral da Diocese de Crateús. José Fragoso censurou a atitude do filho, levando em conta o carinho e amizade e lealdade que Monsenhor Bonfim devotava ao nosso primeiro bispo. Este ano, que será relatado mais adiante, causou uma cizânia, não somente no seio da cidade de Crateús, mas no seio da imensa família Bonfim, mas, pelo fato de morarmos longe da cidade, a nossa amizade com Dom Fragoso continuou. Tanto é verdade que o próprio bispo veio celebrar a missa de 80 anos de Alaíde Bomfim. Madalena, única irmã, esteve várias vezes na nossa casa em Crateús e, inclusive, conosco almoçando. O que nos fazia apaixonar pelos Fragosos era sua terna simplicidade. Uma simplicidade brotada de dentro da alma. Todos eram intrinsecamente simples. O livro levava este nome: "Meu Riacho Verde Abençoado. Tempos de fé e paixão em terras da Paraíba", José Fragoso Da Costa (Editora Vozes. Petrópolis, RJ, 1986).

Dom Fragoso sempre dizia que seu pai era semianalfabeto, mas vê-se pelo livro que ele é dono de uma riqueza inesgo-

tável de sentimentos com os mais variados matizes. O livro é um poema só. De uma sinceridade que fere a alma. De uma honestidade inigualável. De uma pureza deslumbrante. E de uma alma translúcida e transparente. O livro é escrito com extrema simplicidade. Raciocínio lógico e contundente, dissecando palmo a palmo a vida de uma família cheia de Deus. Mas de uma singeleza sem igual. Pobres vivem da terra, do chão. Amam e cultivam o chão, da onde brota a seiva que alimenta cada um dos seus filhos. No tempo de fartura, quando a chuva que caía no telhado era uma canção de esperança, como diz o poeta José Fragoso, a casa estirava-se para caber tanta riqueza, que como borbotões espirravam daquela terra abençoada. Dividia a fartura com o dono da terra e dividia para quem era mais pobre ainda.

Quando a seca batia. Quando o sol da madrugada avermelhava-se e as chuvas diziam que não chegariam, a dor da fome batia naquele lar, sem pena e sem dó. Faltava tudo, mas no meio daquele campo cinzento, ainda havia pão e o amor se derramava em cada um daquela cidade santa. Pois neste livro santo não cansei de umedecer suas páginas luminosas com minhas lágrimas de emoção e de saudade. A brancura daquelas almas tocava-me fundo. Aquela simplicidade. Aquela maneira especial e bendita de ser pessoa fazia-me perdido neste mundo cheio de maldade e de desencantos. Pessoas sem saberes superiores, mas ricos de teologia, de filosofia, de religião e, sobretudo, de muito e profundo amor. Passados 30 anos, o livro fincou morada em mim. Nunca mais o esqueci. O livro é prefaciado pelo Frei Leonardo Boff, que diz que o melhor título para o livro seria: "José e os seus sete filhos".

O livro é uma obra escrita com alma, suor e fé. Um homem envolvido numa vestimenta de pureza. Um santo. Um guerreiro. Um trabalhador que nunca se cansa. Em 1918, casou-se com sua prima, Maria José da Purificação, na matriz da cidade de Teixeira. Quem presidiu a cerimônia matrimonial foi o Pe. Vicente Rodas. Deus deve ter-se alegrado quando uniu essas duas almas tão santas e tão puras. José, pobre, tinha uma riqueza imensurável de bens imateriais. Bom, essencialmente bom. Honesto. Trabalhador. E cheio de amor para com sua amada Maria. Não tinha casa e nem tinha chão para trabalhar. Infatigável era o sertanejo que Euclides da Cunha chama de fortaleza. Com

essas ferramentas iniciou com alegria esta longa e alongada caminhada. Teve sete filhos. Todos dignos e decentes. Talhados nos paradigmas da religião cristã. Era um aconchego de fé e de amor. Diz sr. Fragoso no seu precioso livro:

Naquele 1919, não vi formigueiro com terra nova, nem rãs coaxando atrás dos potes d'água de cacimba, nem embuás subindo nas paredes, nem flores de mandacaru. Nas pedras quentes, eu só via, saindo do meio das coroas de frade e dos pés de xique-xique, as lagartixas que saudavam com a cabeça os sertanejos tristes que passavam. Só escutava o lamento do Vento Sul. E, Maria José, lá dentro do meu coração, amaciando, regando a minha esperança com o seu amor, invadindo cada vez mais a minha vida com olhos cheios de ternura e seu coração cheio de tristeza.

Iniciava essa sua extensa caminhada com a lágrima pesada da seca. Choraria mais tantas vezes. Tantos anos carregados das nuvens pesadas do sofrimento, mas Fragoso tinha o arado da fé. Cortaria terras ressequidas e rachadas pela crueldade do estio alongado e plantaria a semente da esperança amornada de coragem e da certeza em Deus. Naquele ano, marcaria o início de nova fase em sua vida de sertanejo. Em 13 de junho de 1919, José e Maria José começaram a construir um novo e encantador mundo. Não tinham ainda casa e trabalhavam na terra que não era sua.

Iniciava este idílio alongado com Maria José no meio do sofrimento de muitos sertanejos. Pediu um pedaço de chão ao seu pai e construiu sua casa. O tabernáculo, tal qual uma fornalha, malharia ferro para construir homens fortes e puros. Começaram a construir o seu mundo de amor lentamente. Começou a vida de pobre entre tantos e talvez mais pobres do que eles. Partilhar com os mais empobrecidos é um presente de ouro para Deus. E assim foi tocando a vida de novas emoções e novas conquistas. Acreditava que o ano de 1920 seria de inverno bom e generoso. E ao não mais soprar o vento sul viu que seria um grande inverno. E no dia de São José, 19 de março, as cataratas dos céus inundaram o vale verde abençoado. Foi quando ele

poetizou: “nada mais belo do que os pingos da chuva tamborilando num telhado de um sertanejo”. Além do inverno generoso e bom, colheria um fruto mais precioso: a chegada de seu primogênito. Nasceria no Advento, o rocio que anunciava o nosso sol maior: Jesus.

Foi assim que, em 10 de dezembro de 1920, nasceria o primogênito, que na pia batismal levaria o nome de Antônio. Foi batizado na Igreja de Santa Madalena, de Teixeira, pelas mãos do Pe. Vicente Rodas. Mais tarde Dom Fragoso, diria que Pe. Rodas foi o grande fiador de sua vocação sacerdotal, mas foi naquele ambiente de fé fervorosa e de exemplo de família cristã que se fortaleceu seu desejo de ser padre. Viveu com os pais os dramas da fome. Do sofrimento. Conviveu cedo com a vida suada e pesada de homem do campo. Aquilo lhe marcaria definitivamente a vida inteira. O Sr. Fragoso debulha fé com tanta facilidade, como debulhava suas espigas de milho, geradas do seu chão abençoado. Sua profunda fé vinha do berço e ele relata com emoção o início de sua caminhada bendita:

Conseguimos, ou melhor, meu pai comprou alguns metros de brim, mandou fazer calças e blusas para nós, e começamos a ir à rua, a fim de assistir à Missa. A visão da igreja era uma coisa maravilhosa para nós. A imagem de Santa Maria Madalena, no altar-mor. O coração de Jesus. A imagem de Nossa Senhora, que já nos era tão familiar. Aquela povão bem vestido e em silêncio. O padre dizendo frases em latim. O sermão fazendo a gente pensar sobre os horrores do inferno, sobre as belezas do Céu. O medo que ele nos incutia do pecado. Tudo isso nos fora transmitido por meu pai e por minha madrasta Ubaldina. Aprendemos a ter devoção a Nossa Senhora e à Sagrada Eucaristia. E nós, eu Maria José e Antônio, fomos morar perto do meu pai, que poderia ensinar ao nosso filho, quando ele ia à sua casa, as mesmas coisas belas que nos ensinara, ajudando a mim e a Maria José, que desde cedo ensinamos aos nossos filhos a Religião Católica.

Uma aula profunda de Teologia que a Faculdade nunca me deu. Uma fonte de piedade que do meu coração nunca brota. E vejo a riqueza desse grande homem.

Ao ir para o seminário de João Pessoa, Antônio vinha com o coração cheio de fé e de amor a Deus. Herança preciosa dos seus, mas levava este legado de desespero que anuviava o sertão de tantos sofreres. Esta marca ele não se esqueceu. Levou pela vida afora. Muito triste viver o drama da pobreza. Mas o mais doloroso é viver cercado somente de pessoas que são mais pobres ainda. Triste ter tão pouco e ainda ter de dividir com quem nada tem. Para pagar suas despesas no Seminário, Dom Fragoso foi ser seu porteiro. Foi talvez com este trabalho que ele se tornou um homem tão cordato e lhano. O menino Fragoso não conhecia o mar. No meio do roçado e do chão triste do sertão, Antônio tinha um sonho: ver o mar. Sentir o marulho de suas ondas. E pousar seus olhares de profeta sobre a imensidão dos seus horizontes. Queria ver como era o seu azul. O seu verde fosco. As suas praias de areia brancas e macias. Quando se ia e vinha esse balanço interminável das ondas. Na sua mente fértil, guardava este sonho lírico e poético. Como chegar ao mar? O mar era distante, tinha um compromisso que permitia sua permanência no seminário, o que poderia fazer? Quem é porteiro de seminário não tem hora e nem tinha dia. Mesmo quando o seminário está fechado o porteiro está vigilante. No meio da aula poderia ser chamado à portaria para saber quem entrava naquela casa de Deus. Como se fosse um S. Pedro na terra. Disse do seu desejo a um seu amigo. Aqueles amigos que vieram ao mundo para ajudar. De repente, o amigo Luiz Francisco ofereceu-se para ocupar o seu lugar no momento que ele desejasse. Nos seminários sempre há dia, ou metade do dia, de folga. Um *"day off"*, como atualmente se chama. Um dia que se escolhe para si. No seminário de Carpina, onde eu estudei, quinta-feira era o dia em que não havia aula. Pois num desses dias Luiz tomou o lugar de Antônio na portaria. Como sempre, essa troca não coincidia com atividade importante no seminário. Mas o Reitor do seminário não havia sido comunicado. Antônio foi e se encantou com o mar. Como Ismália que enlouqueceu. Mas ela queria ver o céu e ele queria ver o mar. E viu. E tocou o mar. Mas o mar tocou muito mais nele. Foi sua prece bendita. Como a criação se iniciava. E sobre aquelas águas do Oceano Atlântico o Espírito de Deus pairava, não sob a forma de pom-

ba, mas sob a forma de sopro que amaciava o coração do futuro pastor. Mas o Espírito de Deus pairava sobre o coração do seu pai, que chamado às pressas ao Seminário ouviu uma dolorosa sentença: "seu filho está expulso do seminário. Ele abandonou a portaria e saiu sem a minha licença. Pode levá-lo". E o jovem seminarista ficou atônito. Ficou mudo. Encabulado, foi arrumar suas coisas. Esperou o pai com os seus pobres e poucos pertences. Mas dentro de sua alma ele estava manso e cheio de esperança. Vira o mar. Vira Deus. O Deus que fez o céu e a terra também fez o mar. O canto mais lírico de Deus. Nada mais belo do que o mar. Nem o próprio mar é mais belo do que o mar. Sr. Fragoso sem arrogância, mas com firmeza:

Padre este é um menino. Um adolescente. Uma flor se arrumando. Não tenho olhos de clérigo, mas tenho olhos de pai, este menino é o tesouro mais precioso que eu tenho. Preciso dele no roçado, como preciso dele no meu coração. Mas eu tenho certeza e tenho fé que ele vai ser um grande padre. Um grande ministro de Deus. O Sr. está sufocando esta flor preciosa que Deus pôs nas suas mãos.

Aquelas palavras proféticas de um camponês puro e rude faziam parecer que o Espírito de Deus pairava sobre as águas daquele cristão de tamanho fervor. O Reitor abraçou-o e o menino continuou na sua caminhada em direção ao Altar de Deus.

Perseverante, piedoso, inteligente foi-se achegando ao altar do Senhor. Pe. Vicente Rodas, vigário de Teixeira, um dos fiadores da vocação do parente tão próximo, ficou muito feliz com a permissão do bispo para realizar a cerimônia de ordenação na própria matriz de Santa Madalena. E o povo daquela cidade expressivamente católica arrumou-se em folguedo para festejar aquele grande acontecimento. Sempre nas suas palavras sobre a vocação, Dom Fragoso citava a fé e a vida de cristãos de seus pais e o estímulo do seu vigário e parente, Padre Vicente Rodas Batista. Homem com ideias conservadoras, mas extremamente bom. Cheio de fé e cheio de Deus. A ordenação de um padre, filho daquelas paragens tão simples, era um estímulo de entusiasmo à fé. A festa foi preparada com um tríduo vocacional. Uma pedagogia de estimular e suscitar vocações.

Talvez alguém dissesse como no Evangelho: "mas não é ele o filho daquele pobre sertanejo, trabalhador rústico e quase analfabeto?". Logo depois da festa, há um crime de morte. Um sertanejo, muitas vezes por motivos fúteis, tira a vida de alguém. A mesma mão que abençoa é a mesma que brande o punhal da morte. Não é incomum nos nossos indômitos sertões.

Padre Fragoso, por ser um presbítero inteligente; luminoso no seu *modus vivendi* de sacerdote, não começou como muitos clérigos começam. Ser cura nas dobradiças do mundo. Onde as portas nunca se abrem e nunca se apercebem do andar do mundo. Lá onde a pobreza é uma canção de lamento e de dor. Lá onde o padre é a única esperança de vida.

Foi ser professor do seminário. Foi vice-reitor do seminário. Foi capelão de colégio de freiras, cheias de cuidado e de desvelo. E foi quando entrou na Juventude Operária Católica - JOC. Um braço social e profícuo da Igreja católica. Cometemos erros históricos e passamos atestados de desconhecimento quando afirmamos que a Igreja católica nunca se preocupou com os pobres. Tinha uma maneira diferente de promover os empobrecidos. Talvez viciador. Talvez assistencialista, mas tinha. Madre Tereza de Calcutá dizia que o melhor é ensinar a pescar, do que dar o peixe. Mas muitas vezes não há mais tempo, quando a morte se avizinha. A morte daqueles que habitam no planeta da fome. No hemisfério da dor. A JOC tinha como paradigmas: Ver, Julgar e Agir. Em 1957, ainda no Pontificado de Pio XII, Eugênio Pacelli, o último papa romano do século XX, Dom Antônio Batista Fragoso foi alçado ao episcopado. E foi nomeado bispo auxiliar de São Luiz do Maranhão. Irmã Ayla Pinheiro, a única mulher doutora em bíblica, herança preciosa de Pe. Caetano Tylesse, biblista respeitada no Brasil, afirma que não existe a figura do Bispo Auxiliar, pois o bispo sempre é dono de uma Igreja particular. Daí, a figura do bispo auxiliar é ponto fora da curva.

O sr. José Fragoso foi educando os seis filhos dentro de uma forma única. Dava valor acentuado à educação. Estanislau Fragoso estudou com os salesianos em Jaboatão dos Guararapes, mas teve a honestidade de reconhecer que ali não era a sua praia e logo deixou o seminário. Foi servir na Aeronáutica. Como se rebelasse contra ordens superiores que ele achava ilegais e não lhes obedeceu, ficou aprisionado durante setenta

dias num navio e depois foi expulso. Seguindo a carreira jurídica, tornou-se um intransigente defensor das causas libertárias. Defensor sem medos dos perseguidos do regime militar. Inteligente, poeta como o pai, escreveu: "Cantata de um Perseguido Político."

Mas o filho que mereceu um testemunho de fé, uma demonstração de imenso amor foi Domingos. Já maduro, pois foi o segundo filho, nascido logo após o Antônio, Domingos, ainda pequeno. apresentou uma grave insuficiência respiratória. Tinha "Asma Brônquica", que no interior se chama de puxado. As noites se tornavam longas e dolorosas com o filho tão pequeno e tão doente. Cortava o coração de um pai. E José e Maria José, que tinham os mesmos olhos da noite, no início da manhã viam o filho dormir exausto de tanto puxar o ar que nunca chegava. Fazia uso de toda "meizinha" popular, mas o menino não melhorava. Foi quando apelou para os céus. "Se Domingos ficar curado, eu iriei a pé com ele até a cidade de Canindé, no Ceará". Logo a criança sarou, mas ele disse que somente iria no ano seguinte. O inverno prenunciava-se como um dos melhores e ele precisava preparar a roça para a chegada das chuvas. De repente, o menino piorou de novo, então ele se decidiu que partiria logo no próximo domingo. Sr. Fragoso relata com emoção o seu sofrimento:

Quando a noite se aproximava e eu ia chegando do roçado, preocupado com nosso segundo filho, nós nos desdobrávamos em cuidados e em carinho. Mas nada de ele ficar bom. Então fiz uma promessa a São Francisco de Canindé. Se meu filho ficasse bom daquele puxado maldito, eu ia a pé até a cidade de Canindé. Iria e voltaria a pé. Eram 240 léguas de ida e volta e daria 1440 quilômetros. Era uma terça-feira. Da quarta para a quinta, o puxado aliviou. Combinei então com Maria José para ir a Canindé no ano seguinte, pois estávamos no mês de outubro, o inverno do ano seguinte dava mostras de que seria bom. O Vento Norte espantava o Vento Sul e eu precisava preparar o roçado. Na mesma noite Domingos piorou. Então tomei a decisão. Era já uma quinta-feira. Resolvi que no Domingo seguinte faria a viagem. Domingos voltou a melhorar durante a noite.

Não me canso de me emocionar quando releio este testamento de profunda e enraizada fé. Assombrada fé. Fé verdadeira é aquela que assombra, não pelo grito, mas pelo testemunho silencioso e intangível. Indescritível amor e compromisso de pai. Somente amor, muito amor. Somente fé, muita fé, faria um senhor atravessar o estado, chegar a Canindé no Ceará, percorrer caminhos e veredas tristes do sertão, somente para dizer a Deus que amava o filho. E era convicto de suas crenças e de sua inabalável fé. Que sua fé em Deus ia curar seu filho. Fez a caminhada como o povo de Deus no deserto. Inclemência do sol. A aridez do solo rachado. A caatinga misteriosa e imensa era um desafio. De dia a sede e solidão das estradas. O vazio do infinito. E lá se foram o Sr. Fragoso, o pequeno Domingos e um cavalo emprestado. Com o alforje cheio de farinha, rapadura, carne seca, frutas e pão. Tinham que partir após a missa de domingo, em Teixeira. Após a missa, os três partiram. O cavalo emprestado do seu irmão Antônio, Domingos e o pai. Cheios de alegrias, mas temerosos com os reveses das estradas. Procuraram um traçado que aproximasse ainda mais aquela dolorosa viagem. Desceram a serra do Teixeira e foram andando em direção ao Ceará. Seriam 16 dias de ida e 14 dias de volta. Dormiam nos alpendres ou nos terreiros das casas perdidas, de pessoas tão pobres e sofridas quanto eles. E assim começou essa caminhada alongada de fé. O próprio Fragoso relata:

Descemos a serra do Teixeira, atravessamos Espinharas e fomos dormir entre Patos e Serra Negra. Pedi pousada numa casa e nos mandaram dormir num alpendre. Como estávamos muito cansados, o sono foi profundo e restaurador. A gente levava carne de sol dentro de um caixão, que ia na cangalha do cavalo. As provisões eram somente carne e farinha. Pedi para assarem a carne, antes de dormir. No dia seguinte, seguimos viagem. Em Serra Negra, assistimos à Missa e recebemos forças espirituais para seguir pela estrada empoeirada. Passamos por São Bento, Brejo da Cruz, Belém (da Paraíba) e entramos em Rio Grande do Norte. A primeira localidade foi Gavião, depois Patu, Angico etc. Atravessamos o Rio Grande do Norte.

A comitiva entrava no Ceará de chão sofrido da seca e das intempéries do tempo. Teve de evitar a Chapada do Apodi, a presença de onça o fez aumentar a caminhada. José começou a desanimar. Cansaço, as sandálias de pneus já começando a se furar, o cavalo estropiado, Domingos cansado, mas sem reclamar. Sentia-se forte nos braços do pai. Numa noite, após dormir ao relento, num capim seco, com medo de cobra e de incêndio, ouviu o galo cantar. Raciocinou que estava próximo a uma residência. Parecia a parada de Deus, pois quando já parecia fraco, para desistir da empreitada, tornou-se mais forte ainda. Comeu carne seca, um pouco de farinha, um pouco de feijão e, forte, continuou a jornada. Para piorar a situação, havia bem próximo a Canindé um surto de bexiga (varíola), mas José disse que a doença feroz não iria atingi-lo, pois Deus estava com esta comissão de fé. Chegaram alegres e felizes em Canindé, assistiram a missa, passaram 24 horas na cidade e retornaram satisfeitos. Chegaram de volta a Teixeira após 14 dias e Domingos, que seria mais tarde Frei Domingos, sarou completamente do seu puxado maldito. Sr. Fragoso gastou dois pares de alpargatas de couro com sola de pneu de caminhão, o cavalo morreu, mas nunca mais Domingos teve puxado, e José Fragoso voltou para os braços de sua Maria José, cheio de paz e engolfado de fé. Valeu o sofrimento, mas valeu mais a fé.

Sr. Fragoso lutou pelos filhos, mesmo quando eles tinham o seu destino consagrado. Foi ferrenho defensor de Dom Fragoso, quando um delegado carioca desorientado decretou a sua prisão, devido as suas ligações com Carlos Marighela. Talvez alguém que gostasse de aparecer. Mostrou-se revoltado quando, numa declaração infeliz do bispo de Crateús, exaltando o exemplo de Cuba, foi chamado de comunista. Nunca Dom Fragoso aceitava essa pecha de comunista. E o próprio pai dizia que comunismo e catolicismo não podem ficar na mesma sala. Foi valente o bastante para escrever uma carta para o General Reinaldo de Almeida. A carta foi forte, inclusive, lembrava o pai do general José de Almeida que teria procedimento diferente. O General assinara a expulsão de dois padres franceses, acusados de subversão. A entrevista de Dom Fragoso nada tinha de subversiva. Citava apenas o exemplo de uma nação que conseguia viver após romper com os Estados Unidos da América. A citação tornou-se um ponto de controvérsia, apenas por ser dita por um bispo que trazia para si todo ódio dos conservadores e inimigos

de ideias diferentes das deles. Sr. Fragoso escreveu para o senador Jarbas Passarinho por chamar Dom Helder Câmara de bispo vermelho. Foi duro sem ser grosseiro. Sem rispidez, foi forte com o Senador e Coronel Passarinho. Sr. José foi mais longe, ao escrever para o Papa João Paulo II, por não ter celebrado em Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro, no altar que foi profanado com uma bomba que o levou para os ares. Disse que a Cúria Romana se vergou às ordens do Palácio do Planalto. Foi firme contra a Nunciatura Apostólica que boicotou o encontro do seu filho bispo com o Papa.

Um dos momentos mais emocionantes dessa família maravilhosa foi a comemoração dos 25 anos de sacerdócio de Antônio Batista Fragoso, o primogênito que já era bispo. A comemoração foi em João Pessoa. Era o ano de 1969. Não aconteceu na data coincidente, pois nem todos somente puderam se reunir no mesmo dia do mês de julho. Todos os filhos, inclusive os dois frades. Na hora da comunhão Dom Fragoso convidou a sua mãe Maria José para distribuir a comunhão, inclusive do celebrante principal. E pediu que ela comungasse somente após os demais. E ela comovida por estar distribuindo o Corpo de Cristo ficou estarrecida quando terminou a comunhão ela exclamou: faltou para mim. Foi quando Dom Fragoso falou: "era sempre assim na nossa casa. Tu sempre ficavas por último e muitas vezes a comida era quase nada para ti. E muitas vezes tu passavas fome, para que teus filhos se alimentassem. Tu, mãe, escondias a dor da fome, em lágrimas amoras. Mãe, tu escondias lágrimas de saudade quando os teus filhos partiam. Sempre foi assim, Mãe. Teu coração pingando dor e teus abraços nos aquecendo de vida e de esperança, mas jamais terás fome, pois eu, teu filho, te trago hoje o Pão do Céu".

Trouxemos aqui esta história sagrada de uma família corajosa pela graça do Senhor Deus. Foi assim que ele escreveu as últimas páginas deste hino de amor:

Aqui terminou um pequeno pedaço de nossa caminhada neste Riacho Verde imenso que Deus colocou no nosso caminho. Quantas lágrimas de saudades derramamos juntos, quando cada filho partia para longe. Quantas vezes a vi chorando à noite, falando o nome de um filho! Quanto suor derramamos jun-

tos! Quanta alegria colhemos, também, em cada filho que voltava a vi sorrir em suas lutas. Quantas vezes a vi sorrir diante da vitória do filho! Mas nunca vi alegria tão grande em seus olhos quanto à alegria de ver um filho caminhando pelo caminho de Deus. Foi essa a razão de nossas vidas. Fizemos tudo o que pudemos para que nossos filhos seguissem as pegadas de Deus. Nosso maior sonho foi, é e será sempre esse.

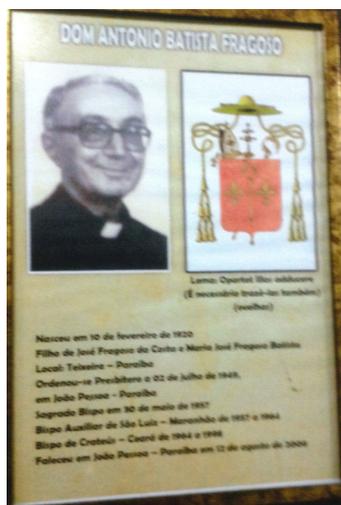
É esta a história deste tabernáculo sagrado familiar onde Deus fez morada. O Sr. José Frago Batista, casou-se com sua



Família de Dom Frago



Família de Dom Frago - 1957



Dom Antônio Batista Frago

prima, Maria José da Purificação Batista Fragoso, em 1919. A família esteve diversas vezes em Crateús. Jam visitar o filho famoso. Maria José uma santa e dedicada mulher. Piedosa e pura, ela foi a mãe amável, admirável e santa.

Família do Sr. José Fragoso e de Dona Maria José Batista: Antônio Batista Fragoso, nascimento 10 de dezembro de 1920. Batizado 12 de dezembro de 1920. Morte: 14 de agosto de 2006. Domingos Fragoso Neto, nascimento 14 de fevereiro de 1923. Batizado 18 de fevereiro de 1923. Estanislau Batista Fragoso, nascimento 10 de janeiro de 1925. Batizado 12 de janeiro de 1925. Luiz Batista Fragoso, nascimento 16 de julho de 1927. Frei Hugo, franciscano que reside em Salvador, Bahia. José Fragoso Filho, nascimento 06 de abril de 1930. Batizado 22 de abril de 1930. Frei Domingos, frade Carmelita, que mora em Recife, PE. Maria Madalena Batista Fragoso, nascimento em 22 de agosto de 1931. Batizada em 02 de setembro de 1931. João da Cruz Batista Fragoso, nascimento 12 de maio de 1933. Batizado em 14 de maio de 1933.

Da família já faleceram: os pais, Antônio, Domingos Fragoso e Maria Madalena Fragoso Ribeiro e, por último, deixamos Frei Hugo Fragoso.



Mãe de Dom Fragoso



Bispo Emérito



Casa de Dom Fragoso em João Pessoa



Sua Igreja em João Pessoa

B O CATOLICISMO COMO CONQUISTA REAL NA AMÉRICA

Dos primeiros momentos da formação histórica do Brasil, a religião católica tomava ares de obrigatoriedade. A Inquisição Portuguesa teve grande influência na formação religiosa católica da nação brasileira. Instalou-se um clima de medo, que querendo ou não, todos se apressavam em aderir ao catolicismo. E contribuiu para se instalar entre os cristãos das Américas uma cultura religiosa do medo. Na viagem do descobrimento, relatado por Eduardo Bueno, Pedro Álvares Cabral, o comandante da grande expedição, era, além de católico, extremamente religioso. O medo que o caminho das Índias trazia, fazia-o lançar mão de todos os santos e santas dos céus. O grande desafio era o chamado cabo das Tormentas, onde muitas embarcações foram engolidas pela selvageria do mar. Temeroso desse encontro, Cabral exagerou no desvio e assim foi encontrar-se com a Ilha de Vera Cruz, a Terra de Santa Cruz e, finalmente, o Brasil. No livro, a Riqueza das Nações, do pai da economia, Adam Smith, ele assim se expressa sobre as descobertas portuguesas:

A descoberta da América e de uma passagem para as Índias Orientais pelo cabo da Boa Esperança são os dois maiores e mais importantes eventos da história da humanidade. Suas consequências já têm sido muito grandes; entretanto, no curto período de dois a três séculos, decorridos desde que feitas essas descobertas, é impossível que já tenhamos podido enxergar todo alcance dessas consequências. Não há sabedoria humana capaz de prever benefícios ou que podem ainda advir futuramente à humanidade através desses grandes acontecimentos. (Adam Smith, A riqueza das nações, São Paulo, Nova Cultura, 1983, v. II, p. 100).

No documentário sobre Dom Fragoso, feito sob a direção do cineasta crateuense, Francis Gomes Vale, o trabalho do cineasta gira sobre o lado político do pastor. O trabalho do primeiro bispo de Crateús sobre a criação dos sindicatos rurais. Reforma agrária. A criação de comunidades e a sua visão política. Bom trabalho para um grande líder, mas capenga para um pastor da Igreja católica. Não precisaria fundar uma diocese para se ocupar tão somente com os direitos do homem do campo. Um trabalho dos mais importantes para a dignidade de vida de um homem agricultor. De um filho da terra, que era espoliado e pisado por insensíveis latifundiários. Mas a diocese é uma Igreja particular, que tem no seu bispo um sucessor direto dos apóstolos. A Igreja tem suas pastorais. Seus caminhos dentro do próprio caminho. Temos de enfatizar que a Igreja é essencialmente mistérica. Como instituição leiga ou essencialmente política ela não chegaria tão longe como chegou.

A Igreja católica tem grande e marcante influência na história do mundo. Tem uma herança espiritual, cultural e histórica ao longo de tantos séculos. É uma das instituições mais antigas do planeta. O catolicismo é a mais antiga das religiões cristãs. O mundo tem cerca de 1,16 bilhão de católicos, um sexto da população mundial. Uma instituição bem organizada e bem estruturada, constituída de 136 mil padres, 750 mil freiras e um número grandioso de leigos. Não teria tanta força, se fosse tão somente uma instituição leiga. Jesus falou: "o meu Reino não é deste mundo" (Jo. 18, 36). Ao longo de sua história, a Igreja viveu momentos inquietantes e alarmantes, com inúmeras crises e cismas. Cisma no Oriente. Cisma no Ocidente. Cisma dentro da própria instituição, quando se menciona até uma Papisa.

Um dos pontos turísticos mais visitados em Lisboa é o famoso Mosteiro dos Jerônimos, onde se encontram os túmulos de Vasco da Gama e de Luiz Vaz de Camões. A presença destes gigantes num ambiente religioso deve-se à participação da Igreja católica no grande projeto do caminho da navegação. As grandes expedições marítimas somente foram possíveis com a ajuda financeira da Igreja católica. Por conta disso, as terras descobertas eram divididas entre a instituição católica e o poder público. O que Dom Fragoso chamou de conluio entre a espada e a cruz foi nada mais nada menos do que uma participação pública e primada. Vasco da Gama descobriu o caminho

das Índias, terra cheia de riquezas e tesouro. A partilha para o sucesso do projeto de navegabilidade portuguesa. Uma grande vocação para ganhar o mar. Fala-se na famosa Escola de Sagres, onde seriam formados os grandes navegadores. Os historiadores ponderam que essa famosa escola era uma espécie de confraria, onde os apaixonados pelo mar reuniam-se para trocar ideias e conhecimentos. Portugal inauguraria grandes e longas travessias oceânicas. Quando Vasco da Gama descobriu o caminho das Índias, Portugal parecia que tinha descoberto uma fonte inesgotável de riqueza. Com as riquezas das Índias, Portugal estabeleceu a chamada vintena da pimenta, que era uma medida para aquilatar e angariar tributos.

A chegada da Igreja católica ao Continente americano não pareceu mesmo uma colonização, pareceu mais uma conquista. Verdade que a colonização portuguesa foi muito diferente da espanhola. De tal maneira que os índios eram respeitados como gente. E há muitas acusações, algumas muito injustas, como a de que os missionários não respeitaram a cultura indígena. Para sermos fiéis à história, algumas tribos foram dizimadas, como a tribo Tupinambá, por eles serem antropófagos. Chegaram a comer quase mil pessoas em poucos dias. Temos um caso conhecido de todos que foi a morte de Dom Pero Sardinha. Por outro lado, José de Anchieta era amado pelos Tamoios. Foi fantástico o trabalho de José de Anchieta junto aos silvícolas. Falava e escrevia a língua deles, numa demonstração de amor e respeito ao povo indígena. Na minissérie a Muralha, podemos constatar facilmente essa relação amorosa dos jesuítas com os índios. Poesias, poemas e catecismo foram escritos pelo Padre Anchieta em tupi e tupi-guarani. O amor dos índios por Anchieta era tão grande que na sua morte em Peruíbe, hoje Anchieta, os índios levaram-no numa rede, durante três dias, até a cidade de Vitória, onde foi sepultado.

Havia uma forma jurídica que dificultava a posse da terra. Os portugueses, diferentemente dos espanhóis, não se apossaram de imediato da terra. Talvez ficassem em dúvida se as terras eram do rei ou dos índios. Passados tantos séculos essa querela de terra indígena não se resolve. Insistentemente ainda se reclama da demarcação de terras. Quando, ano passado, estive em São Félix do Araguaia, vi que se vive ali o drama do povo indígena, mas os índios vão-se descaracterizando. A Ilha do Ba-

nanal, a maior ilha fluvial do mundo, foi ocupada por fazendeiros ricos de Goiás. A Polícia Federal identificou os invasores e retomou a terra e entregou de volta aos índios. Hoje, novamente as terras servem para a pecuária. Os próprios silvícolas alugam para a pastagem ser usada por fazendeiros. É difícil entender esse drama. As estradas, quando se localizam no território indígena, são as piores. Lamentável que num lugar tão belo e tão rico prospere tanta pobreza e miséria.

A imposição da religião católica como uma forma de civilização fez dela uma religião oficial imposta sem ser escolhida, mas essa imposição criou ou forjou uma teologia do medo. A única maneira de alcançar o Reino Celeste é através da Igreja Católica Apostólica Romana. Essa opressão religiosa observava-se, não somente no aspecto religioso, como na vida comum. A participação nas irmandades e confrarias. A presença nas celebrações oficiais e nas festas do padroeiro. De maneira que os brasileiros não eram tão católicos assim. Os holandeses, tidos como heréticos, conseguiram desembarcar em Pau Amarelo, vizinho à Olinda, com ajuda dos nativos católicos. O comandante holandês, van Waerdenburch, conseguiu desembarcar em Pernambuco, guiado por um judeu. Não podemos negar que a presença da Igreja católica, feita através das confrarias denominadas de "Santa Casa de Misericórdia", prestou um grande serviço na área da saúde, por este Brasil afora. Em muitas cidades, a Santa Casa foi o berço das escolas de medicina, como é o caso da cidade de Porto Alegre. Até 1975, Porto Alegre possuía três faculdades de medicina: a Federal, a Católica e a PUC. As duas primeiras nasceram nas enfermarias da Santa Casa de Misericórdia, sendo a mais famosa a Enfermaria 29, chefiada por Dr. Rubens Maciel, onde passaram Rubem Rodrigues, Mario Rigatto, Moacir Scliar, Antônio Mascia Gottshal e outros. Pertencer a essas confrarias era um destaque e um privilégio.

Ser católico nos seus primórdios era a única opção que o nativo tinha. Era uma obrigação. Nunca foi uma opção. Era uma obrigação.

De tal maneira que o catolicismo brasileiro se plantou quase a ferro e fogo.



GÊNESE E GEOGRAFIA DA DIOCESE DE CRATEÚS

O sonho que, durante anos foi sendo inspirado dentro de mim, encontrou, nos 34 anos de pastoreio em Crateús, o chão para germinar. Fui descobrindo que esse povo, marcado pela dureza do Polígono das Secas, nos sertões de Crateús e dos Inhamuns, tem uma resistência e uma sabedoria humana que desafia os séculos. (Dom Fragoso)

Notícia da sonhada criação da diocese foi comunicada inicialmente ao bispo de Sobral, Dom João Mota e Albuquerque. Era setembro de 1963, Dom Mota encontrava-se em Roma, participando do Concílio Vaticano II. Ele não poderia divulgar para ninguém. Segredo de confissão, cuja desobediência poderia render excomunhão. Mesmo assim ele achou que seria justo comunicar ao Pe. Bonfim, pelo seu trabalho incansável. Pela sua luta titânica em prol de uma grande causa. E assim o fez. O anúncio oficial dar-se-ia através da Rádio Vaticano, nas quartas-feiras, como é o costume até hoje. Logo depois, Dom Mota voltava a comunicar-se com o nosso vigário, anunciando que fora transferido para São Luiz do Maranhão para tornar-se Arcebispo daquele estado. Dom José Medeiros Delgado fora transferido para ser Arcebispo de Fortaleza, ficando a sede vacante, agora ocupada pelo antigo bispo de Sobral. Dom Mota estivera junto com Dom Fragoso no famoso pacto das catacumbas, que relataremos mais adiante. Transcrevemos a Bula Papal que criava a Diocese de Crateús. Precisamos ler com cuidado que na bula reza o compromisso do novo bispo construir um seminário. E, por inúmeras vezes, Dom Fragoso foi cobrado, mas sempre despistava. Quando era cobrado pela Nunciatura Apostólica a fundar um seminário, ele garantiu-me que sempre dava uma desculpa.

Dom Fragoso, de bispo auxiliar, passou a bispo capitular da Arquidiocese de São Luiz. Essa figura de bispo capitular, não mais é usada. Como bispo capitular ele não seria nunca Arcebispo, como Dom Xiles pensava ou por inocência ou por desconhecer o protocolo da Nunciatura Apostólica. Esse desconhecimento gerou a infundada notícia de que Dom Fragoso não foi ser arcebispo do Maranhão por influência dos militares. É muito sonho desprezado. É muita história de ficção. Embora que a hierarquia eclesiástica seja tão somente diácono, presbítero e bispo, os outros cargos honoríficos trazem alguma importância social. O cargo de Arcebispo, dificilmente, vem para um bispo que não tenha uma diocese. A diocese de Dom Fragoso, quando ele estava no Maranhão, era fictícia. Segundo alguns teólogos, não existe a figura do bispo auxiliar, tanto é verdade que, ao ser ordenado, o bispo tem uma sede, um território, uma diocese. Quando isso não acontece de fato, sucede ficticiamente. A Nunciatura outorga-lhe uma antiga sede episcopal. A diocese já era realidade, agora estávamos esperando a nomeação do novo pastor.



Vista aérea da Igreja da Imaculada Conceição

A alegria que tomou conta dos crateuenses era indescritível. Apossou-se de todos um sentimento de júbilo imenso por esta grande graça dada ao povo do centro-oeste do estado. O Palácio Episcopal ainda estava sendo construído, mas faltava muito pouco para sua conclusão.

A nomeação de um bispo é caminho que ninguém acha. Não existe norma para se nomear um bispo. É algo insondável.

vel. Recentemente lemos um livro de um jornalista mineiro, ex-seminarista, que tem este título: "Como se faz um Bispo." Tem muita coisa interessante, mas tem muito folclore. Imaginação. Mais de 80% das escolhas são escolhas corretas. Outras são discutíveis. Dom José Bezerra Coutinho, bispo auxiliar de Sobral, tinha um grande sonho: ser o primeiro bispo de Crateús. Foi ser o primeiro bispo de Estância, Sergipe, onde permaneceu lá por 35 anos. E foi muito feliz e querido naquela diocese, mas Dom Coutinho seria feliz em qualquer lugar. Dom Aloisio Lorscheider foi Arcebispo de Fortaleza, Ceará, filho do Rio Grande do Sul, tão distante, durante muitos anos, e como amou Fortaleza. Nunca dela se esqueceu. Dom Antônio de Almeida Lustosa, filho de São João Del Rei, de formação salesiana, foi extremamente amado e querido pelos fortalezenses. Hoje trafega a



Capela do Distrito de Tucuns

caminho dos altares. Estava no seminário de Carpina, quando, numa manhã festiva de agosto, chega para morar conosco Dom Lustosa. Magro. Esguio. Elegante. Estatura grandiosa, ele veio trazido de Fortaleza pelo Monsenhor André Camurça e pelo Monsenhor Landim. Duas pilastras históricas do clero de Fortaleza. Juntos com Monsenhor Mourão formavam o trio de ouro eclesiástico da Igreja do Ceará. Enquanto morei no Seminário de Carpina pude conviver com a santidade, o carisma e a humildade de Dom Lustosa. Foi um convívio dos mais benéficos que eu poderia sorver. Foi uma fonte enriquecida de humildade e de saber. Quando já se encontrava no Seminário, Dom Lustosa recebe um enviado da Alemanha, através da Arquidiocese de Fortaleza, trazendo-lhe um carro zero quilômetro. Ele não

olhou para a chave do carro. Simplesmente passou para o diretor, nesta época, Pe. Antônio José de Carvalho, de saudosa memória.

Já Dom José de Medeiros Delgado foi de passagem controversa no estado do Ceará. Era da Paraíba, inclusive foi bispo sagrante de Dom Antônio Batista Fragoso. Sempre estava envolvido em conflito. Jamais gostou dos padres lazaristas e a primeira coisa que fez foi tirá-los da direção do Seminário da Prainha. Dom Delgado dilapidou o patrimônio da Arquidiocese, fechou o centenário Seminário da Prainha. Dispensando os padres lazaristas, que dirigiam aquela sagrada Instituição há quase cem anos. Ele criou um caos na formação do clero. Inventou um Instituto de Ensino Religioso, que nem era instituto e nem faculdade. Pe. Edilberto Reis, grande professor de história da Igreja, disse que terminou ordenando-se ao decidir ir para o seminário do Rio de Janeiro. Fechou o jornal, o banco e a rádio Assunção, num neoliberalismo sem igual. Alguns acham que ele já estava pensando numa Igreja pobre, para os pobres.

Em Crateús, nós esperávamos um pastor que, viesse de onde viesse, fosse esteira e fosse luz. Fosse caminho que conosco caminhasse. Que amasse esta terra castigada e pobre, esquecida e sedenta de melhores dias. Viesse de qualquer lugar, mas tivesse paciência conosco. Que caminhasse, mas não nos deixasse perder-nos nas veredas da vida. Não precisaria ser douto e nem sábio. Nem culto e nem extraordinário. Precisava ter algo que se identificasse com o nosso jeito simples de ser. Este era o *episcopus* de nosso sonho. Que viesse com o cheiro do povo. Que viesse com o cheiro de Deus. Que olhasse para todos. Para todos mesmos. Para os devotos. Para os batizados. Para os crentes. Para os ateus. Para os sem fé. Para os desviados da vida e dos sonhos, mas que, no seu abraço, cingisse a todos, sem distinção. Foi com o coração aberto que esperamos o novo bispo.

A origem da cidade de Crateús está na fazenda Piranhas, que se instala à margem esquerda do Rio Poti. Em 1792, é erigida a primeira capela em honra ao Senhor do Bonfim. Em 1832, o povoado passa a ser Vila e recebe o nome de Príncipe Imperial. Em 1880, recebe o nome de Crateús e passa a fazer parte do estado do Ceará, trocado pelas terras onde se situam o antigo Porto de Amarração, hoje, Parnaíba.

Em 1911, Crateús passa à categoria de cidade. Os índios da tribo Karatis, os primeiros moradores da região, habitam o local desde o século dezessete, quando aí chegou o bandeirante paulista Domingos Jorge Velho e iniciou o povoamento. Depois, a baiana Luiza da Rocha Passos conseguiu a posse do vale.

As grandes secas de 1915, 1952, 1958 e 1981, entre outras, obrigaram muitos crateuenses a se retirarem à procura de água e trabalho. Enchentes também assolaram os moradores em 1917, 1974 e 2004. Outro fato importante é a passagem da Coluna Prestes, em Crateús, em 1926.

O padre José Maria Moreira do Bonfim, pároco de Crateús entre 1944 e 1969, foi o responsável pelas primeiras demandas para criar-se a diocese de Crateús. O padre José Helênio Oliveira Pereira descreve em seu livro "Rastros de uma caminhada" (2008, pág. 77-79), que a primeira exposição sobre o tema da criação da Diocese de Crateús aconteceu na visita pastoral de Dom José Tupinambá da Frota, bispo de Sobral, a Crateús, em 25 de novembro de 1956, conforme consta no livro de tomo de Crateús, fl. 3, liv. 3. Conta também o padre Helênio ter o padre José Maria enviado ofício a Dom José, em 17 de fevereiro de 1957, no qual apresentava "as pretensões do povo crateuense".

Dom José Frota faleceu em 25 de setembro de 1959. Foi Dom José Bezerra Coutinho, vigário capitular, portanto, quem, no dia 20 de maio de 1960, "escreveu ao pároco de Crateús manifestando sua disposição de começar os trabalhos para a criação da futura diocese de Crateús sugerindo a convocação de uma reunião da qual ele, Dom Coutinho, participaria para troca de ideias" (2008, pág. 78). Nesse encontro, registra o livro de tomo de Crateús, 3, fls. 63 e seguintes, discutiu-se sobre a criação de conta de "campanha financeira em prol da diocese"; foi acertada a "reforma da casa para residência episcopal" e deu-se andamento à campanha com a participação das paróquias.

Dia 21 de maio de 1961, é empossado o novo bispo de Sobral, Dom João José da Mota e Albuquerque. Dom João José fez visita pastoral a Crateús, em 1962, especialmente para anunciar seu total apoio à criação da nova diocese. Inspeccionou as obras da construção da residência do futuro bispo e mostrou-se satisfeito, segundo consta em registros no livro de tomo de Crateús, 3, fls. 71 e 76 (2008, pág. 78), com o andamento do processo.

Padre Helênio narra em seu livro (2008, pág. 79) que Dom João José declarou depositar grandes esperanças na nova diocese e até cogita a sua criação no ano de 1963. Em 23 de maio de 1962, Dom João José da Mota e Albuquerque dá o seguinte parecer:

Como Bispo da Diocese de Sobral a que pertence a maior parte do território, 65%, da futura Diocese de Crateús, posso assegurar o grande bem da ordem espiritual que trará a criação da Nova Diocese, tanto à Diocese de Sobral que melhor poderá ser servida com a redução de seu território, como também à Nova Diocese que terá o seu bispo próprio. Alegro-me em poder afirmar, tanto pessoalmente, como por todo o clero diocesano de Sobral, que a criação da Diocese de Crateús constitui um anseio e uma necessidade em vista ao bem espiritual das duas Dioceses (2008, pág. 79).

Em carta dirigida ao pároco de Crateús, padre Bonfim, Dom João José deixa claro o interesse da Nunciatura Apostólica na criação da diocese, na qual deposita grandes esperanças, conforme consta em registro no livro de tomo de Crateús, 3, fls. 76v e 77, porém, padre Helênio (2008, pág. 80) explica que o Núncio Apostólico, embaixador do Vaticano no Brasil, Dom Armando Lombardi, externa, em sua missiva de 15 de maio de 1963, certa preocupação "no que tange à sustentação da diocese e de seu bispo" (Livro de Tombo, 3, fls 77v a 82v).

Em 28 de setembro de 1963, o Papa Paulo VI, no primeiro ano de seu pontificado, assina a Bula Pró Apostólica, acatando assim, o pedido do Núncio Apostólico no Brasil e cria a diocese de Crateús, cujos territórios serão retirados das dioceses de Sobral e de Iguatu. Tanto o Bispo de Sobral, Dom João José, quanto o Bispo de Iguatu, Dom José Mauro Ramalho de Alarcon Santiago deram parecer favorável ao édito. A Igreja do Senhor do Bonfim, em Crateús, sede da Nova Diocese é, então, elevada à dignidade de Catedral.

A Nova diocese de Crateús, subordinada ao Arcebispo de Fortaleza, passa a ter 12 territórios: Crateús, Independência, Ipueiras, Monsenhor Tabosa, Nova Russas, Novo Oriente, Po-80 - Dom Fragoso, o profeta do inobitido

ranga e Tamboril, separados da diocese de Sobral. E mais Cococi, Parambu e Tauá, apartados da diocese de Iguatu.

No dia 2 de abril de 1964, Armando Lombardi, Nuncio Apostólico, escreve a Dom Fragoso, bispo titular de Ucres e auxiliar de São Luís, Maranhão, desde 1957, mas na época exercendo a função de Vigário Capitular, comunicando-lhe a sua nomeação como bispo residencial da nova diocese de Crateús. Dia 27 de maio de 1964, o Nuncio Apostólico assina o Decreto de execução da Bula Papal.

O primeiro bispo da Nova Diocese foi Dom Antônio Batista Fragoso. Sagrado bispo em 30 de maio de 1957, nasceu na cidade de Teixeira, Paraíba, em 10 de dezembro de 1920. Ordenou-se padre, em 2 de julho de 1944, no Seminário de João Pessoa, onde fez os seus estudos. Dom Fragoso aportou em Crateús dia 8 de agosto de 1964 e dirigiu a Diocese até 25 de maio de 1998, quando renunciou devido à idade e ordenou o seu sucessor: Dom Jacinto Furtado de Brito Sobrinho.

Em sua primeira carta dirigida ao povo em geral, aos padres e autoridades, dia 9 de agosto de 1964, Dom Fragoso evoca a Encíclica do Papa João XXIII, Mãe e Mestra, para propor o seu programa de ação:

Equilíbrio entre os setores agrícolas, industrial de serviços, entre o nível de vida dos campos e da cidade...

Criação dos serviços essenciais ao setor agrícola...

Introdução, na cultura dos campos, dos métodos mais modernos referentes à técnica de produção...

Política econômica específica: fiscal, financeira, de preços, de industrialização do campo, de ação dos próprios interessados, de necessidade de associação, de proveito do progresso científico e técnico para o setor, de sensibilidade e responsabilidade dos agricultores.

Dom Fragoso conclui:

Deus me envia a Crateús para anunciar a todos, ricos e pobres, grandes e pequenos, a Boa Nova do amor de Deus e acolher todos, que o quiserem por livre decisão, na família da Igreja. E conduzir a quantos quiserem, como humilde servo, para o destino final: o Reino de Deus perfeito e feliz, no céu.

Em seu discurso de posse, dia 9 de agosto de 1964, Dom Fragoso identifica-se com a primeira frase da segunda estrofe do Hino composto em sua homenagem pelo professor Antônio Ferreira Porto e o padre Francisco Sadoc de Araújo: "Este é o homem que Deus nos envia". Ele evoca a sua condição de nordestino e apresenta os seus pais presentes na cerimônia. Diz que deixou de ser paraibano para ser maranhense quando Deus o chamou para trabalhar no Maranhão, mas a partir de agora, com esse novo chamado, era cearense de Crateús.

...quero amar esta terra boa para onde Deus me mandou. Amar os operários desta terra. Eu quero ajudá--los, com o calor do meu entusiasmo, na sua promoção. Eu quero ajudar os camponeses desta terra. Todos eles, sem nenhuma exceção. Quero vê-los unidos, organizados, lutando pela sua promoção, para ocuparem um lugar ao sol, ao lado dos outros seus irmãos, para construir um nordeste mais justo e mais humano. Eu quero amar os estudantes desta terra. Eles são a esperança de Crateús. Mas eu quero amá-los sobretudo sabendo que eles se comprometem desde já a lutar pela promoção desta terra.

A Diocese de Crateús foi instalada canonicamente no dia 9 de agosto de 1964. Além de Dom Fragoso, assinaram a Ata de instalação: o Arcebispo Metropolitano de Fortaleza, Dom José de Medeiros Delgado; o Bispo de Iguatu, Dom José Mauro; o Governador do Ceará, Virgílio Távora; o Comandante do 4º BEC, Coronel José Sotero de Menezes; e os padres José Maria Moreira do Bonfim, de Crateús; Francisco Soares Leitão, de Nova Russas; José Helênio Oliveira Pereira, de Novo Oriente;

Belarmino Augusto Lopes, de Ipueiras; José Moreira Catunda, de Monsenhor Tabosa; Nicodemos Benício Pinheiro, de Cococi-Parambu; Luís de Amarante Lima, de Poranga; Antônio Irismar Frota, Cooperador.

A primeira Assembleia Pastoral, chamada por Dom Frago-
so "um Dom de Deus", acontece no começo de 1965. A diocese
foi dividida em Zonal I: Crateús, Novo Oriente, Independência,
Tauá-Flores e Parambu-Cococi, dirigida pelo padre Helênio; e
Zonal II: Nova Russas, Ipueiras, Poranga, Monsenhor Tabosa e
Tamboril, coordenada pelo padre Antônio Maurício.

Dom Fragooso assume a diocese de Crateús em uma época
de profundas mudanças na Liturgia da Igreja Católica enceta-
das pelo Concílio Vaticano. Período em que certas tarefas estão
sendo deixadas para leigos cristãos, cuja preparação deman-
dava tempo e atenção. Momento em que o Latim deixa de ser
a língua na qual as missas eram celebradas. Essas transforma-
ções eram, sobretudo, ob-
jeto de cuidado e exigia a
formação de equipes li-
túrgicas especializadas.
Esse é um dos eixos pri-
oritários de ação.

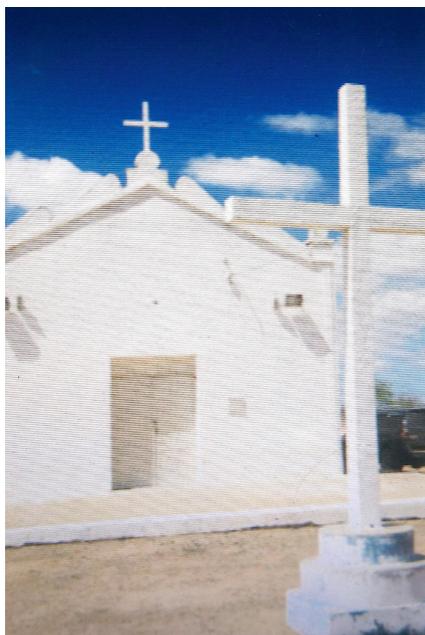
Por outro lado, Dom
Fragoso também priori-
zou a educação de base, a
organização das comuni-
dades rurais, a educação
cooperativa e a educação
sindical, como prometera
em seu discurso de posse.
Discurso em que as
palavras "amor" e "luta",
intercaladas, são citadas
8 e 4 vezes, respectiva-
mente. Poucos meses an-
tes de sua posse, 1º de
abril de 1964, foi instau-
rado o regime militar no
Brasil.



Mapa da Diocese de Crateús



Igreja Matriz de Crateús em 1937 – Ordenação do Monsenhor Moraes



Capela de Irapuá – Primeiro Templo Católico da Diocese de Crateús



Capela da Lagoa do Peixe

7.1 CRATEÚS

O livro do padre Helênio, "Rastros de uma caminhada" (2008), que serviu de apoio para a construção deste capítulo, traz, no tópico 6, vasta informação sobre a formação das paróquias da nova diocese e sobre a evolução religiosa e criação da devoção ao Senhor do Bonfim em Crateús e região. Uma devoção arrastada de Setúbal, em Portugal, para Salvador, Bahia, pelo capitão de Mar e Guerra Theodósio Rodrigues Faria, e transportada por escravos, dizem alguns, da Bahia para Crateús por ordem de Dona Luisa Coelho da Rocha Passos.

Com base nos livros de tomo, aos quais teve fácil acesso, o autor mostra que a igreja do Senhor do Bonfim passou por várias reformas até transformar-se na Sé-Catedral e registra, inclusive, uma anexação à Paróquia de Independência, em 24 de fevereiro de 1902.

Crateús tem outros templos católicos: igreja São Francisco, aberta em 4 de outubro de 1946. igreja de São Vicente de Paulo, cuja bênção se deu em 19 de julho de 1952; igreja de Santa Rita, benta em 16 de novembro de 1975; igreja de Santo Expedito no Bairro do Ipase; igreja da Imaculada Conceição, na ilha, consagrada em 24 de maio de 2008; igreja de Nossa Senhora de Fátima, inaugurada em 31 de maio de 2008 e igreja Santa Terezinha, no bairro Planalto.

Padre Helênio (2008, pág. 126-127) relaciona também as capelas de Irapuá, Assis, Tucuns, Ibiapaba; Queimadas, Monte Nebo, Santo Antônio dos Azevedos, Açudinho, Poty, Ipojuca e Graça e traz um quadro demonstrativo com mais 17 capelas em Jericó, Curral do Meio, Barra do Rio, Oiticica, Santa Terezinha, Barra dos Dutras, Carrapateiras, Santana, Jatobá dos Umbelinos, Curral Velho, Jardim, Realejo, Barra d'Água, Corredores, Lagoa das Pedras e Riacho do Mato.



Palácio do Bispo - Crateús

Algumas dessas capelas, salienta o padre Helênio (2008), foram construídas por obra e ação das comunidades de base. Todas elas nos sertões de Crateús, no território geográfico que antes pertencia à Diocese de Sobral.



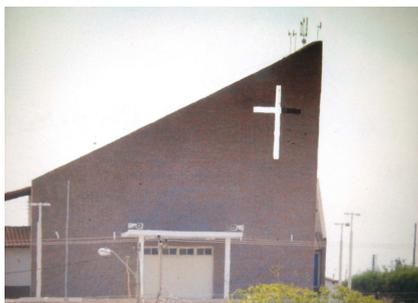
Igreja da Imaculada Conceição – Crateús



Antiga Matriz de Crateús



Capela de Monte Nebo – Distrito de Crateús



Capela de Nossa Senhora de Fátima -
Crateús



Igreja de São Francisco - Crateús



Interior da Capela de Monte Nebo

7.2 IPUEIRAS

Ipueiras foi fundada em 25/10/1883, significa "lagoa rasa onde se acumula água". Foi desmembrada do município do Ipu. O município compreende 10 distritos, além da sede: Alazans, América, Balseiros, Engenheiro João Tomé (Charito), Gázea, Livramento, Matriz de São Gonçalo, Nova Fátima, São José, São José de Lontras.

A paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Ipueiras, instalada em 6 de julho de 1884, foi criada, em 27 de outubro de 1883, pelo padre Francisco da Mota Sousa Angelim, que

era Deputado Provincial. Foi extinta, assim, a freguesia de São Gonçalo da Serra dos Cocos, existente desde 1757, dividida em duas paróquias: Nossa Senhora da Conceição de Ipueiras e São Sebastião do Ipu.

A paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Ipueiras é a mais antiga da diocese de Crateús. Instalada em 6 de julho de 1884, data em que tomou posse o primeiro vigário, padre João Dantas Ferreira Lima. Segundo o padre Helênio (2008, pag. 151), a paróquia possuía, na data de sua criação, "as capelas filiais de São Gonçalo da Serra dos Cocos; Várzea Formosa (hoje Poranga); Santa Ana na Macambira; Águas Belas (hoje Ipaporanga)".

Posteriormente, segue o relato do padre Helênio, vieram as capelas da Gázea, Livramento, Pinheiro (Sucesso), Charito (hoje Engenheiro João Tomé), Nova Fátima e América. Em 1931 e 1934, respectivamente, as capelas de Nova Russas e Poranga foram elevadas à categoria de Paróquia. Também, a capela de Pinheiro (Sucesso) passou a pertencer à paróquia de Tamboril e a de Águas Belas (Ipaporanga) à de Nova Russas.

Em 1722, foi dado início à construção da capela de São Gonçalo. Em 1745, foi inaugurada a capela de Nossa Senhora da Conceição, de Ipueiras. A Freguesia de São Gonçalo da Serra dos Cocos foi criada em 30 de agosto de 1757 e compreendia, na época, os atuais municípios de Croatá, Guaraciaba do Norte, Ipu, Tamboril, Nova Russas, Monseñor Tabosa, Poranga, Ipaporanga, Ipueiras.



Igreja Matriz de Ipueiras

Em 1843, por estar ameaçada de desabar, tem início a demolição da matriz de São Gonçalo. Em 27 de outubro de 1883, após ter sido sede paroquial por 126 anos, é extinta a Freguesia de São Gonçalo. São criadas as Freguesias de Ipu e de Ipueiras. São Gonçalo passa, então, a ser capela de Ipueiras.



Comunidade Vocacional João Tomé - Ipueiras

7.3 INDEPENDÊNCIA

O capuchinho Frei Vidal da Penha, italiano, que vivia em Recife, Pernambuco, mas peregrinava na catequese dos habitantes e índios da região, costumava solicitar para se construir igrejas e cruzeiros. Muitos desses monumentos cristãos foram marcos para o começo de formações de povoados e futuras cidades. Hospedado na fazenda do Coronel José Ferreira de Melo, no Vale de Crateús, frei Vidal fez em sua prédica veemente apelo ao rico fazendeiro para que mandasse construir uma capela.

Em 1810, é concluída a construção da capela de Sant'Ana na região. Em 17 de agosto de 1832, Independência é desmembrada do município de Arneiroz. A Freguesia de Pelo Sinal, depois Independência, foi criada em 15 de setembro de 1853. E, tal qual outras Freguesias da região, como Crateús, pertenceu ao bispado do Estado do Maranhão até 10 de março de 1888, quando passa a ser incorporada ao bispado do Ceará.

Padre Helênio (2008) dá conta em seu livro, tendo como fonte o livro de tomo de Independência, fl. 82, que em 6 de setembro de 1901, Independência é anexada a Crateús e que isso ocorre novamente, em 1904, uma vez que Crateús havia sido anexada a Independência, em 24 de fevereiro de 1902. Consta ainda no livro de tomo, fls. 53 e 54, que o Pe. Afonso, ao comunicar ao Bispo a falta de "verba para a compra de vinho" para

as celebrações, recebe seca e "rigorosa" resposta "prevedendo a supressão da freguesia ou sua anexação a outra".

Independência tem a capela de São João, na mesma cidade. Em Vertentes é concluída, em 1894, a construção da capela de São Vicente Ferrer. Em 1898, faz-se a bênção da capela de Cruz. Constatam ainda outras capelas e seus padroeiros: Várzea Grande, Cristo Salvador; Santa Luzia; Iapi, São Vicente Ferrer; Brilhante, São Francisco; Cachoeira do Fogo, São Raimundo Nonato; Ematuba, que pertenceu a Tamboril, São José; Jatobá, Nossa Senhora Aparecida; Jaburu, Nossa Senhora de Fátima; Tranqueiras, Nossa Senhora da Conceição; Monte Sinai, São Sebastião; Desejo, Nossa Senhora de Fátima; Palestina, Nossa Senhora de Fátima; Pintada, Santo Antônio; Alvação, Sagrada Família; Pedra D'Água, São João; Pereiros, São José; Jucá, São João; Riacho do Meio, Santo Antônio.



Igreja Matriz de Independência - Santana

7.4 TAMBORIL

Tamboril recebeu *status* de vila e município, simultaneamente, pela lei provincial nº 664 de 4 de outubro de 1854. Extinto em 1931, o município foi restaurado em 1933. Antigo território da matriz de São Gonçalo, hoje pertencente à Ipueiras, Tamboril torna-se Freguesia, em 17 de abril de 1853. Foi o próprio Pe. José Gomes Ferreira Torres, da matriz de São Gonçalo,

quem escreveu ao Presidente da Província, Joaquim Vilela de Castro, sugerindo a criação da Freguesia de Santo Anastácio. Padre Helênio (2008) ressentiu-se da falta dos livros de tomo do período para melhor contar a história da Paróquia de Tamboril.

Desde 30 de março de 1799, já havia sido feita doação por Dona Ana Feitosa de um terreno para o Patrimônio de Santo Anastácio. O primeiro pároco de Tamboril, padre Raimundo Félix Teixeira, assumiu, em 30 de janeiro de 1862. Em 22 de setembro de 1885, são doadas terras para a construção da Capela de Nossa Senhora da Conceição de Águas Belas (hoje Major Simplício). Em 29 de janeiro de 1895 dá-se a inauguração da Capela de São João Batista de Holanda. Em 7 de agosto de 1923, são doadas terras para a construção da Capela de São Francisco Xavier, em Oliveira. Em 14 de setembro de 1924, é inaugurada a Capela de São João Batista, em Lagoinha (Pajeú, agora Curatis). Em 23 de maio de 1943, é entregue a Capela de Nossa Senhora de Nazaré, em Boa Esperança. Em 24 de fevereiro de 1960, é aberta ao público a Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, de Carvalho. Em fevereiro de 1961, dá-se a bênção das capelas de Major Simplício e Grota Verde, consagradas, respectivamente, a Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora de Fátima. Em 1966, é celebrada a primeira missa na Capela de Santo Antônio, de Cacimbas. Em 1982, acontece a inauguração da Capela de Nossa Senhora de Fátima, em Capivara. Em 13 de junho de 1984, é inaugurada a Capela de Santo Antônio, do Bom Jardim. Em 28 de dezembro de 1984, é inaugurada a Capela de Santo Antônio, de Jericó. Em 3 de janeiro de 1986, é inaugurada a Capela de São José, de Poço da Pedra.



Igreja Matriz de Tamboril

7.5 SUCESSO

Conhecida primeiramente pelo nome de Pinheiro, distrito de Tamboril, Sucesso tem a sua capela inaugurada em 6 de janeiro de 1917. A capela, que recebeu o nome de Nossa Senhora do Bom Parto, teve esse nome trocado para Nossa Senhora do Bom Sucesso, em 1929. Sucesso é até hoje distrito de Tamboril.

Antes da capela, segundo registro no livro de tomo da paróquia de Ipueiras, houve batismos celebrados em Inharé, Canafistula, Cipó e Sacramento, nas proximidades. Possui as seguintes capelas na área rural: São Sebastião de Nova Roma (antiga) e Santuário de Santa Luzia na Fazenda Cipó e São José do Poço da Pedra; Nossa Senhora Aparecida e São José e também Nossa Senhora de Fátima.



Distrito de Sucesso

7.6 MONSENHOR TABOSA

Entre 1936 e 1937, foi criado o distrito de Monsenhor Tabosa (ex-Forquilha e ex-Telha), sendo esse distrito no município de Tamboril. Em 1951 foi elevado à categoria de município, desmembrado de Tamboril, mas só foi instalado, em 1955. Em 1963 são criados dois distritos: Nossa Senhora do Livramento e Barreiros. Até hoje a cidade só tem dois distritos além do distrito-sede.

A construção da primeira capela na região data de 1868 na Fazenda Espírito Santo. A paróquia de Monsenhor Tabosa
92 - Dom Fragoso, o profeta do inobitido

foi criada, em 23 de fevereiro de 1917, desmembrada da Freguesia de Nossa Senhora da Boa Viagem. O primeiro pároco foi o padre João Teixeira de Abreu. Em 30 de junho de 1957 é doado terreno para a construção da capela de Nossa Senhora de Fátima, em Barreiros.

As localidades das capelas e respectivos padroeiros no município de Monsenhor Tabosa são: Barreiros, Nossa Senhora de Fátima; Livramento, Sagrado Coração de Jesus; Santana, Sant'Ana; Piedade, Nossa Senhora de Fátima; Bargado, Nossa Senhora Aparecida; Xique-Xique, São Francisco; Boa Vista, Nossa Senhora de Fátima; Jucá, Nossa Senhora Mãe de Deus; Carrapicho, Nossa Senhora de Fátima; Benjamim Alves, Nossa Senhora de Fátima; Olho d'Água, Santo Antônio; Boa Vista, Santa Teresinha.

7.7 NOVA RUSSAS

Surgiu do desenvolvimento da Fazenda Curtume, situada às margens do riacho Várzea Grande, implantada pelo Capitão-Mor Bernardino Gomes Franco, que se estabeleceu na localidade no segundo quartel do século XVIII. O nome da fazenda provém da pequena atividade rudimentar de curtir couros e peles, praticada por seus proprietários.

A fazenda passou por sucessivos proprietários até chegar ao domínio de Manuel Oliveira Peixoto e sua esposa, que doaram, no ano de 1876, uma parte dessa à paróquia de Santo Anastácio, de Tamboril, para constituir o patrimônio de uma capela devotada a Nossa Senhora das Graças, construída posteriormente pelo vigário de Tamboril, padre Joaquim Ferreira de Castro. Em torno dessa capela, desenvolveu-se o povoado que o padre denominou Nova Russas, ou seja, outra Russas, homenagem à localidade do Baixo Jaguaribe localidade de onde padre Joaquim era natural.

O município, segundo o padre Helênio (2008, pág. 223) foi criado, em 11 de novembro de 1922. A capela consagrada a Nossa Senhora das Graças teve o início da sua construção em 1879. Em 1894, foi demolida uma choupana para a construção de uma capela que deu origem à matriz. A paróquia foi criada,

em 15 de agosto de 1937 e o seu primeiro vigário foi o recém-ordenado padre Francisco Ferreira de Moraes, cuja posse se deu em 9 de janeiro de 1938.

Atualmente, possui cinco distritos, além da sede: Canindezinho, Espacinha, Major Simplício, Nova Betânia, São Pedro.



Igreja Matriz de Nova Russas

7.8 NOVO ORIENTE

Em suas origens, Novo Oriente tinha o nome de Lagoa do Tigre pelo fato de haver uma lagoa, onde pastava o gado e ali apareciam onças. O nome Novo Oriente surgiu do primeiro sacerdote da localidade, padre Afonso de Gouveia, vigário de Independência, que veio celebrar a primeira missa. Na ocasião, o mesmo, achando a situação geográfica com muitos montes, lembrou-se do Oriente e teve a ideia de atribuir a essa região, o poético nome de Novo Oriente.

Em 1899, é dada permissão para a construção de uma capela e de um cemitério no sítio Tigre. A capela foi benta, em 1900. A paróquia de Novo Oriente foi criada em 13 de janeiro de 1954. Na ocasião, foi-lhe anexada a capela de Montenebo, desmembrada de Crateús, porém, em 1966, atendendo ao apelo dos habitantes, Montenebo volta a pertencer a Crateús. Outras capelas anexadas a Novo Oriente, em 1954 são: Palestina, Monte Carmelo (Várzea dos Angicos), Emaús (São Félix), desmembrada de Independência. Posteriormente, foi construída a capela de Belém da Serra. O primeiro vigário de Novo Oriente foi o padre José Prado Ponte.

Em 1957, Novo Oriente emancipa-se de Independência. Atualmente, possui cinco distritos, além da sede: Palestina, São Raimundo, Três Irmãos, Emaús e Santa Maria.



Igreja Matriz de Novo Oriente

7.9 PORANGA

Vocábulo da língua tupi que significa bonito, belo, lindo, formoso. O principal ponto turístico é a cachoeira Pinga e o olho d'água. Chamou-se sucessivamente, Várzea Formosa e Formosa. Sua formação urbana provém de agricultores e pecuaristas e deu-se em terras banhadas pelas nascentes dos rios Inhussu, Acaraú, Jatobá e Macambira.

A elevação do reduto à categoria de Vila deu-se quando da criação do município de Ipueiras (Dec-Lei nº 448, de 20/12/1938). A elevação à categoria de Município decorre da Lei nº 3.665, de 5 Julho de 1957, tendo sido instalado a 22 de setembro do mesmo ano. As primeiras manifestações de apoio eclesial provêm de doações patrimoniais. Os doadores foram Lourenço Alves de Almeida (1897) e Malaquias Alves de Almeida (1898), seguindo-se a edificação da respectiva capela, construída graças ao trabalho realizado pelo padre Francisco Máximo Feitosa de Castro, vigário de Ipueiras, tendo como patronos, Jesus, Maria e José.

A criação da paróquia de Poranga, desmembrada de Ipueiras, data de 2 de fevereiro de 1954. Nomeado dia 18 de maio de 1954, o seu primeiro pároco, padre Luís José de Lima, conhecido pelas alcunhas de Luís Santos ou Luís Amaranite, as-

sumiu em 27 de maio. Consta no livro de tombo de Poranga que o primeiro vigário foi ordenado e celebrou a primeira missa com grandes festividades ao assumir a paróquia.

Na **região da Macambira** existem as seguintes capelas, listadas segundo a localidade e padroeiros: Pitombeira, Santa Luzia; Arraial, São João Batista; Cachoeira Grande, São Raimundo Nonato; Saudoso, São Francisco; Santana, Sant'Ana.

Na **região da Serra** estão: Santa Rita; Vereda, São Francisco; Sítio Onça, São Geraldo; Chapada, Nossa Senhora de Fátima; Buritizal, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro; Buriti dos Carreiros, Nossa Senhora das Dores; Sítio Velho, São Francisco; Bom Princípio, Nossa Senhora Aparecida.

Na **cidade**: Jardim, Santo Antônio; Monte das Oliveiras, São Francisco; Igreja de Pedra, Mãe de Deus; Bairro Jericó, Santa Ana.

7.10 QUITERIANÓPOLIS



Igreja Matriz de Poranga – 1956-1957

O povoado de Santa Quitéria surgiu na fazenda do mesmo nome, de propriedade de Quitéria Gonçalves e seu esposo, o tenente José Nunes Batista. Foi este casal que, em 19 de maio de 1788, doou meia légua de terra e alguns animais para a construção da capela de Nossa Senhora da Conceição. Fazia parte, então, da diocese do Maranhão. Em 19 de novembro de 1939 passou a chamar-se Vila Coutinho.

A primeira emancipação ocorreu em 1968, quando recebe o nome de Quiterianópolis. Essa decisão foi derrubada por políticos, porém, em 6 de outubro foi realizado um plebiscito e, em 15 de maio de 1987, foi assinado o Decreto Lei nº 11.330, publicado no Diário Oficial, de 4 de junho de 1987, oficializando a emancipação do município de Quiterianópolis.

Em 1853, cria-se a paróquia de Independência, à qual pertencem as capelas de Quiterianópolis, de Vertentes, de Novo Oriente e de Tranqueiras. Em 1974, a paróquia de Independência é dividida em duas áreas. Santa Quitéria recebe o nome de área de "Pé de Serra".



Distrito de Cruz – Quiterianópolis



Capela do Distrito de Cruz

Em 1975, é criada uma secretaria para atender o povo da área do Pé de Serra. Em 1980, surge um plano para unir todos os membros da equipe paroquial. Em 1984, o padre Gerardo Faber passa a morar na região, mais precisamente na comunidade de Barra dos

Ricardos. Em 1988, a equipe paroquial passa a ter vigário definido. É o padre Maurício Cremaschi.

A oficialização da paróquia ocorre, em 1993, com a nomeação do primeiro pároco: padre Pedro Del Fabbro, que aí já residia há seis anos. Hoje ela possui 60 comunidades com 25

capelas em atividade. Nova igreja, dedicada à Santíssima Trindade, é construída e inaugurada, em 11 de junho de 2006.

7.11 ARARENDÁ

Originalmente chamada Canabrava, Ararendá passou a ter este nome, a partir de 30 de dezembro de 1943 pelo Decreto Lei nº 1.114. Padre Helênio (2008, pág. 241) lembra que o nome deveria ser Ararena, uma corruptela de Irarana (parecido com mel), mas o frade capuchinho Claude de Abbé Ville, grafou Ararendá e assim ficou. O topônimo lembra antiga aldeia tabajara onde se hospedaram em missão os jesuítas Francisco Pinto e Luís Figueira.

Ararendá esteve vinculado à Vila Nova D'El Rey, Ipu, Ipueiras e Nova Russas até a sua primeira emancipação política, em 5 de setembro 1963, pela Lei nº 6.525. Mas o município foi extinto em 14 de dezembro de 1965, pela Lei nº 8.339. Novamente tornado município em 21 de dezembro de 1990, pela Lei nº 11.771.

A doação do terreno para a igreja foi feita em 1932. A primeira etapa da construção aconteceu em 1937. A bênção da imagem do padroeiro, São Vicente de Paulo, aconteceu em 1938. A paróquia de Ararendá foi criada em 2007 e o primeiro pároco nomeado foi o padre Erisvaldo.

Possui capelas nas seguintes localidades com os respectivos padroeiros: Assentamento Itauru, Santa Luzia; Assentamento Vitória, Menino Jesus de Praga; Cabelo do Negro, São José; Siriema, São João; Ramadinha, São Raimundo Nonato; Veremos, Nossa Senhora de Lourdes; Ribeiro, Nossa Senhora das Graças; Lagoa do Peixe, Jesus, Maria e José; Lagoa Grande, Nossa Senhora Aparecida; Bom Princípio, Nossa Senhora do Bom Parto; Lagoa de Santo Antônio, Nossa Senhora do Bom Parto; Sítio Mel, Nossa Senhora da Conceição; Sant'Ana, Santa Bárbara; Ingá, Nossa Senhora das Graças.



Igreja Matriz de Ararendá

7.12 TAUÁ

Tauá e Parambu são os dois municípios nos sertões dos Inhamuns que passaram à nova Diocese de Crateús, retiradas da diocese de Iguatu.

Na metade do século XVIII, descendo além do Boqueirão dos Inhamuns até os limites da Fazenda Tauá, veio José Alves Feitosa avançando os passos de seu avô materno, Francisco Alves Feitosa. No sítio do Trici aportou José Rodrigues de Matos, sucedendo seu sogro, o sesmeiro Manuel de Couto e Figueiredo. Ambos tiveram a ideia da construção de um templo.

Dia 15 de outubro de 1762 era entregue aos fiéis a igreja de Nossa Senhora do Rosário. Em 17 de agosto de 1832, é criada a Freguesia de Nossa Senhora do Rosário, em Tauá, que se chamava, então, São João dos Príncipes.

Relacionadas à paróquia de Tauá, existe também a Igreja de Marrecas, com escritura datada de 4 de fevereiro de 1850. Marrecas tornou-se Freguesia em 2 de agosto de 1871. A Freguesia de Flores foi criada, em 20 de novembro de 1898. Um pouco antes, dia 10 de novembro de 1898, conforme registrado no livro de tomo de Flores, "é feita a provisão do padre Joaquim de Melo substituindo padre Alexandre nas paróquias de Nossa Senhora do Rosário – Tauá, Nossa Senhora do Carmo – Flores, Nossa Senhora da Conceição – Cococi, e Nossa Senhora da Paz – Arneiroz" (2008, pág. 139).



Igreja Matriz de Tauá - 1762



Casa Paroquial - Tauá

7.13 PARAMBU

Em 28 de setembro de 1863, com sede na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, em Cococi, foi criada a paróquia de Parambu. Em 1917, foi edificada uma pequena capela perto do local onde existe a matriz. A construção da Igreja Matriz foi iniciada em 1940 e a primeira missa aí celebrada foi em 1942. Em 1944, foi realizada a primeira festa de São Pedro na matriz. Em 24 de janeiro de 1950, a sede da paróquia passa a ser na capela de São Pedro.

Parambu conta ainda com as seguintes capelas e padroeiros: Oiticica, Nossa Senhora das Dores; Gato, São Luís Gon-

zaga; Gavião, São José; Tamboril, Nossa Senhora de Fátima; Poço Cercado, Nossa Senhora Aparecida; Campo Grande, Nossa Senhora da Conceição; Novo Assis, São Francisco; Açude, Santa Rita de Cássia; Riachão, Nossa Senhora de Fátima; Olho D'Água, Nossa Senhora de Fátima; Vieira Gomes, Nossa Senhora das Graças; Monte Sion, São Francisco; Serra dos Bastistas, Santo Antônio; São Gonçalo / Serra, não tem padroeiro; Facundo, Jesus, Maria e José; Juazeiro, Nossa Senhora de Fátima; Miranda, São João Bosco; São Vicente, São Raimundo Nonato; Pau Preto, Santo Antônio; João da Costa, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro; Cococi, Nossa Senhora da Conceição; Cachoeira do Calixto, Santo Antônio; Divisa, Nossa Senhora Aparecida; Bairro Beleza, Santa Luzia; Bairro Vila Nova, Sagrado Coração de Jesus.



Igreja Matriz de Parambu



Interior da Capela de Cococi

7.14 Cococi

O distrito de Cococi pertence ao município de Parambu, no sertão dos Inhamuns, Ceará. Sete pessoas de duas famílias vivem na localidade que já abrigou duas mil pessoas. A única igreja do local, iniciada em 1740 e concluída oito anos depois, ainda sedia a festa da Padroeira do antigo município, Nossa Senhora da Conceição, em 8 de dezembro.

Julgada pelo Frei Manuel Jesus de Maria, apta a funcionar como freguesia, desde 1748, em 28 de setembro de 1863 é criada a paróquia com sede em Cococi. Anexada à paróquia de Arneiroz, em 1877, ela permanece nessa condição até 1914. Novamente, em 1923, é anexada, agora à paróquia de Tauá, até 1950.

Designado município em 1954, Cococi passa a ser distrito de Parambu em 1968. Castigada pela estiagem e pela má gestão de prefeitos corruptos, Cococi foi sendo abandonada pelos seus moradores e transformou-se hoje em uma cidade fantasma.

Acima está o cenário geográfico no qual Dom Fragoso exerceu o seu bispado durante mais de três décadas. O período, 1964-1998, como já foi dito, não era dos mais promissores. A opção pelos pobres desagradou os poderosos. O seu estilo itinerante, empreendendo viagens pelo mundo, não foi compreendido pelos que pretendiam vê-lo mais presente na diocese. Interrogado pela Polícia Federal ele declarou, certa vez, que não era "subversivo", mas que "subversiva", sim, era a realidade que ele denunciava.

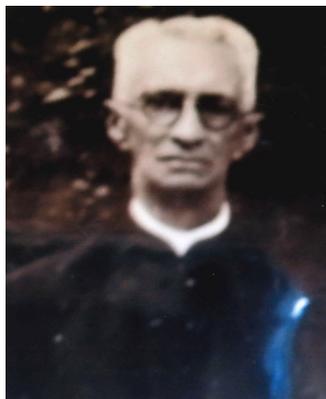
Quatro meses antes de completar 86 anos de idade, Dom Fragoso faleceu, dia 12 de agosto de 2006, em João Pessoa, Paraíba, onde era bispo emérito desde 1998, quando deixou a diocese de Crateús.



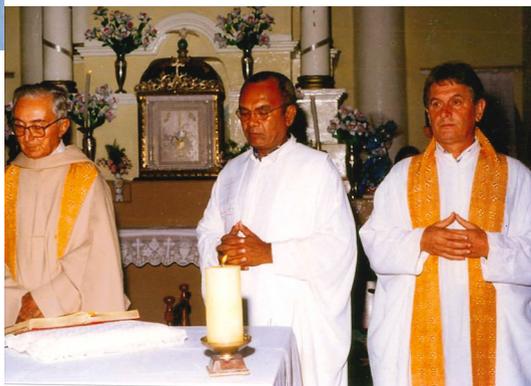
Bispo sagrante de Dom Fragoso



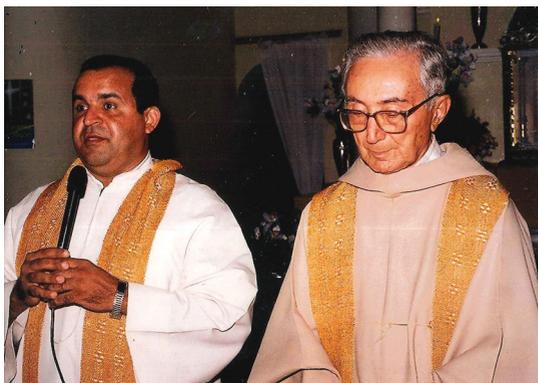
Monsenhor Bonfim – 1911-1994



Padre José Juvêncio de Andrade
– Ex-pároco e prefeito de Crateús



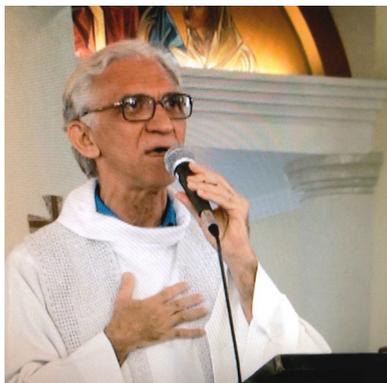
Padre Alcides, Padre Eliésio e Dom Fragoso



Padre Geo e Dom Fragoso



Padre Machado e Padre Maurício



Padre Zacarias – Ordenado por Dom Fragoso



Padre Jacques



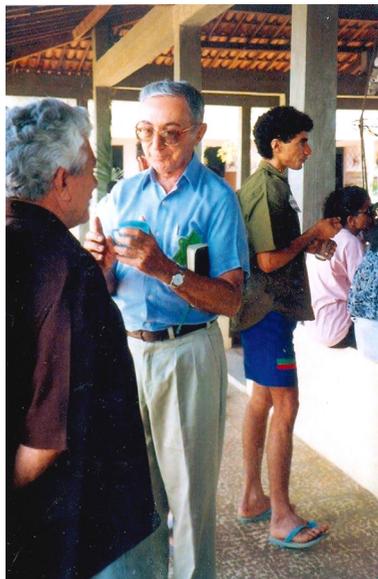
Dom Fragoso e equipe



Dom Fragoso com seus padres



Frei Hermínio Bezerra, Dom Coutinho, Dom Fragoso, Monsenhor Moraes e Padre Vicente



Dom Fragoso e Padre Helênio



Dom Fragoso e Padre Geraldinho em procissão
- Independência



Dom Coutinho, Dom Fragoso, Monsenhor Moraes – 80 anos Alaíde Bonfim



Primeira Concelebração



CRATEÚS EM 1964

Inicia-se janeiro de 1964. O final da festa do Senhor do Bonfim. Com as mesmas feições de tantos anos passados. Novenas. Missas. Procissões. Folguedos e noites iluminadas e alegres. Banda de música. Reza e esperança pelo novo ano que se avizinhava.

Nessa época, o Brasil vivia, como hoje, momentos de muitas dificuldades políticas e econômicas. Uma inflação que não se controlava. Um presidente frouxo sem impor sua autoridade. Ia, pouco a pouco, a nação debatendo-se em desesperada situação extremamente caótica. Um desrespeito à ordem constitucional. A manobra de 1961, quando da renúncia desastrosa do presidente Jânio Quadros, havia assanhado os mais afoitos e mais questionadores. Greves em todos os setores da vida nacional. Muitas delas nitidamente políticas, cujo propósito era desestabilizar a nação. Estudantes secundaristas, universitários, operários de fábrica, os ferroviários, os comerciários e todas as profissões. No campo, as chamadas ligas camponesas jogavam mais lenha na fogueira. Governadores abandonavam o seu posto de mando para lutar pelas chamadas reformas de base. Esse desencontro da sociedade desaguou nas Forças Armadas, com um perigoso comportamento contra a hierarquia militar. E o presidente João Goulart, sem apoio e sem força, entregou-se a um populismo desastrado e descosido da organização social e política da nação. E os mais ajuizados começaram a ver que aquilo não poderia terminar bem. Quando a crise institucional começou a mexer no bolso, a sociedade esclarecida começou a movimentar-se. E esse movimento teve como ápice a Caminhada da Família de Deus pela Pátria e pela Liberdade. Uma parte significativa da nação brasileira apelava para as Forças Armadas darem um jeito nessa anarquia. O famoso comício da Central do Brasil, em pleno centro do Rio de Janeiro, foi o estopim para iniciar o caldeirão que envolveu o Brasil. Os dias finais de Dilma Roussef lembraram muito o verão de 1964.

Antônio Cândido Teixeira, filho de Crateús, primo legítimo do Padre Bonfim, era chefe do tráfico da Rede Viação Cearense (RVC), quando foi de Troller para Sobral para solucionar um movimento paredista dos ferroviários, que haviam parado o trem de passageiros que vinha de Crateús com destino a Fortaleza. Quando o trem de passageiros chegou a Sobral irrompeu uma greve. Sem qualquer atenção aos pobres passageiros que vinham de Crateús, os grevistas decidiram parar o horário, como se chamava. A maioria era de pessoas pobres que já sofriam tanto. Crianças, adultos, doentes que corriam atrás de um auxílio, idosos e pessoas que tinham no trem o seu único meio de transporte. Pois, quando Antônio Cândido estava querendo solucionar a situação, tiraram o seu próprio transporte da linha férrea. Um verdadeiro caos tomou conta da nação. João Goulart começou a mandar para o Congresso Nacional reformas institucionais num clima totalmente desvantajoso para todos. As reformas eram necessárias! Mas sem um planejamento? Sem uma discussão consistente? Fazendo uma reforma agrária no calor do desencontro da população? Seria uma reforma que teria função estrutural, que permitiria à nação crescer de maneira mais consistente? Totalmente atabalhoada? Francisco Julião, com suas famosas ligas camponesas, fazia revolver o sertão nordestino. Em Pernambuco, o cearense Miguel Arraes, era simpático a essas apressadas reformas. Os usineiros viviam numa grande inquietação e insegurança. Lembro-me bem da Usina Petribu, quando seu proprietário era um grande cooperador salesiano, que culpava a inquietação daquele momento, a ação dos comunistas. A cidade do Cabo, em Pernambuco, era outro local de sublevação. Constatou-se depois uma preparação para a guerra de guerrilhas. Nessa época, o Nordeste sediava o Quarto Exército. O IV Exército, que era comandado pelo General Justino Alves Bastos, que ainda não tinha uma decisão firmada sobre a difícil situação. Foram momentos de grande dificuldade para a Nação. Queriam mudar a história, mas a história era irretocável. Nessa época eu era seminarista em Carpina, PE, e estava no centro do foco. Essa situação não haveria de se prolongar por muito tempo. As atitudes irresponsáveis de Goulart iam levando a Nação brasileira a um grande conflito. Para complicar ainda mais, o presidente assina um decreto que controlava todos os recursos das multinacionais, que eram enviados para o exterior. Pelo Brasil afora, Leonel Brizola fazia um movimento junto aos

ferroviários, para assinarem um documento comprometendo-se a fazer parte dos chamados movimentos dos onze. Os ferroviários teriam a função de bloquear as comunicações através do telégrafo, que ainda era um grande meio para se comunicar.

Neste País caótico, ninguém mais se arriscava a prever o seu futuro. Foi quando, quebrando a ordem constitucional, as forças militares apearam João Goulart do poder e iniciaram um governo revolucionário que se esqueceu de entregar o Brasil ao povo civil. E instalaram um governo, inicialmente, suportável, mas que se foi agravando com o passar do tempo, culminando com o famoso Ato Institucional Número 5, culminando com uma situação de dor e de morte. Surgindo os ataques de ambos os lados, e a violência campeando em todo canto.

Esse era o ano de 1964 que trouxe tristes lembranças, mas era nesse ano que se inauguraria a tão sonhada Diocese de Crateús.

Em junho, recebemos a grande notícia, para gáudio nosso, fora nomeado o nosso bispo. Paraibano de Teixeira, seria Dom Antônio Batista Fragoso, ex-bispo auxiliar de São Luiz do Maranhão. Novas esperanças. Receberíamos um bispo nordestino e sofrido como nós. Conhecia a inclemência das secas. E saberia pisar no mesmo entristecido chão. A esperança nunca decepciona, diz São Paulo. Seríamos mais ainda bafejados pela sorte, pois Dom Fragoso era padre conciliar e traria luzes no novo discernimento que a Igreja, pós-concílio Vaticano II, adotaria. Tudo era somente esperança para nós. Novos caminhos. Novas luzes. Novas vidas no itinerário da Igreja de Crateús.



Casa dos Revoltosos - 1926



Heróis crateuenses que se manifestaram contra o Regime Militar



Estação Ferroviária de Crateús



DOM ANTÔNIO BATISTA FRAGOSO

Dom Fragoso, ordenado ou sagrado bispo há sete anos, já não tinha esperança de ficar em São Luiz. Dom Mota, bispo de Sobral, foi nomeado Arcebispo de S. Luiz, enquanto Dom Delgado já estava em Fortaleza. A Nunciatura Apostólica, antes de nomear, consulta e quer saber se de fato o candidato aceita governar aquela diocese. Dom Fragoso, ao ser consultado, disse que nem sabia onde ficava aquela cidade. Não conseguiria localizá-la no mapa. Nunca tinha ouvido falar aquele nome. Uma sinceridade angelical. Pouco política. Mal sabia ele do doentio bairrismo que reinava naquela terra. O pior que ele voltou a repetir a mesma história. Nunca mais falou a mesma linguagem dos mais ligados à história da cidade. Será que ele nunca ouviu falar da Coluna Prestes? Nunca ouviu falar na questão de Nossa Senhora de Fátima? Nunca leu a história do Padre Inácio Melo, trucidado em sua Paraíba? Mais precisamente em Sousa?

Quando morava em João Pessoa, o Pe. Fragoso não tinha uma paróquia. Não voltou para sua Teixeira. Não foi para uma paróquia pobre e isolada no sertão da Paraíba. Não pisou mais o chão seco, castigado pela estiagem e pelo sol inclemente. Foi para a capital. De João Pessoa foi para o Maranhão. Ao entrar na Juventude Operária Católica - JOC, Dom Fragoso fala de sua segunda conversão. Com o ver, julgar e agir, Dom Fragoso planejou e fez toda a sua história na diocese de Crateús, que governou por 34 anos.

Crateús, provavelmente, que seria maior do que Teixeira. Mas era uma cidade pobre. Não tinha ricos e poderosos. Uma cidade de funcionários públicos, de professores, de bancários e de operários de serviços gerais. Não tinha uma chaminé. A possível indústria que Dom Fragoso mencionou nos seus depoimentos era uma cooperativa de preparar algodão e era chamada de Algodoeira. Não era uma cidade do fim do mundo, pois tinha

linhas regulares de ônibus e de trem. Por algum tempo oferecia viagem de avião, por meio da Varig. A cidade ganhou certo impulso com a vinda do IV Batalhão de Engenharia e Construção, que oferecia cerca de 1.500 empregos diretos. De tal maneira que o exército na cidade de Crateús tinha finalidade de progresso e nunca de poder de polícia. Se alguém ofendeu a dignidade do bispo foi iniciativa de alguma pessoa que não tinha o mínimo respeito para com uma pessoa tão decente como era Dom Fragoso. Era necessário que o bispo tomasse consciência de que o povo era bom, manso, fácil de cativar, e simples. No ano de 1962, o orçamento da cidade de Crateús girava em torno de 300 mil reais, em moeda de hoje. Era uma miséria. Daí, que era uma cidade carente de tudo. Enquanto a cidade do Ipu, bem menor, tinha o grandioso Patronato Sousa Carvalho, financiado por ricos e construído pela tenacidade do Monsenhor Moraes. A Igreja, não só poderia ajudar, como também tinha obrigação de amparar. Era esta a situação de Crateús, quando o primeiro bispo iniciou o seu pastoreio. O clero era parte viva daquela cidade. Muito mais do que isso, era a própria vida da comunidade.

Dom Fragoso disse para o padre francês, Xiles, que queria um padre que entendesse de operário e do Maranhão. Ele nem maranhense era. Como poderia entender os problemas do Maranhão. Para entender os problemas de Crateús, o novo bispo teria de se debruçar no longo trajeto de sua história. Com isso erraria menos em interpretação social.

Antes da vinda do bispo, Pe. Bonfim foi por duas vezes a São Luiz para se ater com o novo prelado. Dissecou a situação da cidade e da região, mas Dom Fragoso tinha um plano revolucionário e avançado para a recém-nascida diocese. E pouco ou quase nada faria mudar os seus planos. Trazia um programa visando muito mais ao social. Queria uma Igreja libertadora e pobre para soerguer os pobres. No Concílio Vaticano II, ele não conseguiu colocar esse tema como oficial. Ele achou que foi fraqueza dos pastores que pensavam mais à esquerda. Pe. Bonfim tinha um primo do cabido do Maranhão, Cônego Bonfim, que disse que Dom Fragoso não trabalharia com ele, Bonfim. Eram dois pensamentos opostos. Por questão de gratidão, o bispo aguentaria por alguns anos, mas a cisão viria.

Dom Fragoso veio de trem pela linha sul da Rede Viação Cearense (RVC). Desceu em Senador Pompeu e tomou um carro para Crateús. Muito calorosamente recebido na sede do IV BEC, quando foi recepcionado com um coquetel. Fez questão de cumprimentar a todos, inclusive o pessoal da cozinha. Era um grande cidadão de educação irretocável. No seu livro: "História da Paróquia de Crateús," obra póstuma do Pe. Bonfim, ele mostra com detalhes a grande festa para se introduzir a nova diocese de Crateús. Todas as autoridades civis e eclesiásticas do Ceará estavam presentes, inclusive, o grande governador Cel. Virgílio Távora, muito ligado ao Pe. Bonfim. Os principais discursos, além do padre e do bispo empossado, tivemos o discurso caloroso do Dr. Gonçalo Claudino Sales e do estudante, na época, hoje Desembargador, João Byron Figueiredo Frota. Para mostrar a sua nudez evangélica trouxe um báculo de madeira. Extrema oração da pobreza bíblica. Como se fosse um pastor do Antigo Testamento a tanger e cuidar de suas ovelhas, mas o báculo não deu certo. Foi obrigado a usar o báculo suntuoso de Dom José Tupinambá da Frota. Em Dom José exaltava-se a excelência do cargo, mantinha-se este olhar principesco, estimulava-se o beija-mão reverente, mas, ao mesmo tempo, era de simplicidade franciscana. Era de uma acolhida caridosa, e de um beijo afetuoso de perdão. O seu coração iluminado da partilha com os pobres, mas com o mesmo mando de uma igreja que já tinha virado a esquina dos dias. Dom Fragoso, com a sua humildade, conduziu com a mesma fé um báculo doirado e já frio pelo *munus* de uma Igreja triunfante que dormia à sombra dos tempos.

Na Bula Apostólica que criava a diocese de Crateús, o Pontífice, Paulo VI, mencionava um dos compromissos do novo prelado: a construção de um seminário. Todos os sete filhos do sr. Fragoso, passaram pelo seminário. Três deles foram ordenados padres. Não sei de onde veio essa negação contundente de Dom Fragoso com o seminário. Como ele ganhou estudando no Seminário São Francisco de João Pessoa. Onde depois foi professor. Ao ouvir as palavras de Dr. Salim, Dom Fragoso disse: "não vim para construir civilização. Estou aqui para formar consciências. Conscientização." Como se conscientizar não fosse construir civilizações. Disse com ênfase que não tinha a mínima noção onde ficava Crateús. Nem no mapa saberia identificar, mas disse também que desse dia em diante seria um

crateuense. Melhor assim. Foi assim que o nosso querido bispo iniciou o seu bispado que se estenderia por 34 anos. Chegava numa época de transformação na Igreja. Com padres aturdidos e perdidos. A liturgia, que foi sistematizada no *Sacrossantum Concilium*, desorientou o clero. Paulo VI sentiu o desespero dos padres e foi muito humano para com eles. Foi uma debanda-tão grande que quebraria qualquer empresa. 400 mil padres deixaram a Igreja, ao longo dos anos, com menos disto qualquer instituição quebraria. Qualquer multinacional iria à falência. Paulo VI chegou a exclamar que a Igreja estava sendo incinerada. Um desproporcional incêndio, mas eu interpreto que ele queria dizer o incêndio santificado pelo Espírito de Deus. Era um novo Pentecoste. A Igreja fez uma purgação libertadora. Seus pastores seriam aqueles que se decidissem por ela.

Dom Fragoso rapidamente sentiu como os católicos de Crateús estavam distantes das novas normas do Concílio Vaticano II. Durante dois anos, realizou em todo território da Diocese uma semana catequética, que foi de grande proveito para todos. Viu que ninguém sabia nada sobre o Vaticano II. A primeira reforma grande do concílio foi da liturgia. Quase unanimidade, o *Sacrossantum Concilium* deu uma forma diferente à liturgia. Reforçou a liturgia como ação viva e profunda da Igreja. Abolição do latim. Abolição do *missale romanum*, depois revista. A participação efetiva do leigo nas celebrações trouxe a liturgia para mais próximo da comunidade. Manteve o mesmo rito e a mesma sacramentalidade do proceder ritualístico. Um dos primeiros atos que ele realizou, quando chegou aqui da sessão conciliar de 1964 foi mandar o Monsenhor Bonfim, como vigário geral da diocese, organizar uma missa concelebrada com todo o clero da diocese de Crateús. Essa celebração foi histórica. Depois de tantos anos vamos enxergar o lado luminoso e místico de Dom Fragoso. Sua fé consistente e robusta. Sua piedade sem pieguice. Sua prédica envasada de sentimentos cristãos, mas com um forte brado social. E, num evangelho incansável, denunciava a injustiça e o sofrimento de tantos. Falava da dor do oprimido. Falava da insensibilidade do opressor. De um Brasil que nunca quis dividir. Chegava a Crateús com a família alcançada brutalmente pelo novo regime militar. Estanislau Fragoso, que pertencia às forças da aeronáutica, negou-se a posicionar-se contra o poder constituído do Presidente da República. Devido ao seu ato de insubordinação foi preso

durante 70 dias num navio da marinha e depois foi expulso das forças armadas por sublevação. O outro irmão, João da Cruz, era do Banco do Nordeste do Brasil, e rebelou-se contra os militares. Queria pegar em armas para defender João Goulart, mas esse já havia fugido para o Uruguai. João foi demitido sumariamente do BNB. Se ele ficou preso foi por poucos dias. Mesmo assim, Dom Fragoso não trazia na sua voz ruídos de rancor, ou mesmo de amargor. Caminhava sem se curvar, mas caminhava.

Era início de 1968, primeiro dia de janeiro. Paulo VI havia decretado, em 1967, que o primeiro dia do ano seria o dia consagrado à Paz pela Igreja católica e que outras entidades poderiam adotar o mesmo. E, de fato, ficou sendo o dia de celebração mundial da Paz. Naquele ano fantástico, que nunca terminou, Dom Fragoso fez uma homilia eletrizante sobre a Paz. Assim ele falou:

Hoje, primeiro dia do ano é o dia da Paz. A Igreja católica consagra a celebração da Paz mundial. Mas falta Paz em todo canto. Falta Paz no Oriente Médio. Falta Paz no Afeganistão. Falta Paz na África. Falta Paz na Coreia do Norte e do Sul. Falta Paz no Oriente Médio. Falta Paz na América Latina. Falta Paz no Brasil. Pois onde há injustiça não pode haver Paz. E como há injustiça no nosso País. Falta Paz no coração daqueles que são sufocados. Oprimidos. Pisados. Destruídos por uma política injusta e criminosa. Falta Paz na alma daqueles que tendo tanto, não querem dividir. Precisamos de Paz, mas uma Paz duradoura, onde brilhe o amor e a justiça. Essa é a Paz que Deus quer de nós quando este ano se inicia.

Foi uma das mais belas homilias de Dom Fragoso. No vigor dos seus 47 anos, numa juventude e num destemor evangélico eletrizante, Dom Fragoso pregava com a coragem e o desabrir da mente dos primeiros padres da Igreja. E foi assim ao longo do seu episcopado. Fazia uma denúncia honesta. Apressado em corrigir o mundo, Dom Fragoso teve momentos difíceis na sua vida. Sua fala foi muitas vezes mal entendida. E com essas interpretações duvidosas sofreu muito. Falava muito. Atacava os

privilegiados. Os gananciosos. Os políticos corruptos e demagogos, aliás Dom Fragoso nunca entrou em disputa partidária. Nunca conseguiu eleger nem um vereador que propagasse o seu apoio. Tinha paixão pelos pobres e pelos marginalizados.

Estávamos num encontro na fazenda Açudinho, de propriedade de José Esmeraldo Barreto, morto recentemente, quando chega uma comissão de políticos que desejava falar com o bispo. Dom Fragoso recebeu-os muito bem. O assunto: convidar Pe. Antônio Irismar Frota para candidatar-se a prefeito de Crateús. Dom Fragoso foi incisivo no assunto: a decisão é dele. Irismar já sabe a minha opinião e a opinião da Igreja. Ele já é consciente. Irismar naquele jeito angélico dele de fechar os olhos, silente e com as mãos postas, pensativo, esboça um sorriso e diz não. Dom Fragoso volta a insistir, que deixa os seus clérigos à vontade para decidir. Para mostrar sua atitude de saber separar a pregação universal do evangelho, com o modo particular de fazer política. A Igreja hoje é muito mais exigente e clara, quando se fala de política partidária, mas Dom Fragoso nunca deixou de ser um "ponta profeta." Aquele que está distanciado e na frente de todos, inclusive de sua própria grei. Porém, os profetas vão sempre em frente. Vão abrindo caminhos, aplainando estradas. São sempre os tocheiros que iluminam os becos e os vieses do mundo. Nunca incentivou e nunca pediu voto para ninguém. Quando saiu o Movimento Brasileiro de Alfabetização de Adultos - MOBRAL, eu lhe perguntei o que ele achava: "não acrescenta nada." Era o governo de Emílio Médici. Como foi nessa época o Fundo de Assistência Rural - FUNRURAL. No governo de Ernesto Geisel surgiu a aposentadoria para o idoso. Estávamos no distrito do Poty. Dom Fragoso celebrava a missa no fim da tarde de domingo. Pediu a mim e ao Rosendo para pregar. Eu falei-lhe da aposentadoria do idoso. Ele disse que somente com uma nova estrutura de governo o povo ia melhorar. E ainda falou que eu preguei de uma forma muito mística. Ele queria uma política social madura. Consistente. Duradoura. Chegava de arremedo.

Era cáustico com os militares. Muitos eram. As insígnias episcopais davam-lhe certa imunidade. Uma robusta imunidade. Quando, em 1976, há 40 anos, um delegado de Mato Grosso atira na cabeça de um sacerdote, Padre Burnier, SJ, um jesuíta de Minas Gerais. Foi morto, quando foi à Delegacia de Poli-

cia reclamar dos maus tratos que uma senhora inocente sofria. Caso acontecido em Ribeirão Cascalheira. O sacerdote estava acompanhado de Dom Pedro Casadálga, bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia. A morte do sacerdote da companhia de Jesus causou uma situação muito difícil e conflituosa para os governantes. O povo revoltou-se e destruiu a delegacia. Os militares sentiram o peso da Igreja, não seu poder, mas a sua autoridade. Logo depois, o Presidente Ernesto Geisel foi falar com o bispo de Goiânia e esse o enfrentou com palavras duras e fortes. Dom Fragoso demorou a acreditar que os militares de Crateús eram diferentes. O IV BEC não tinha poder de polícia. Não tinha qualquer missão investigativa. O IV BEC, como comentamos anteriormente, era a seiva que nutria a vida de Crateús. Havia os militares gaiatos que viviam lambendo as botas dos superiores. Veja em São Paulo, apesar de um exército com grande poderio bélico, quem prendia, matava e morria era o Departamento de Ordem de Polícia Social - DOPS. Ou o DOI-CODI. Quando venho pela 23 de maio, em São Paulo e avisto a Rua Tutóia, minha alma dança de temor. Negou a celebrar missa por ocasião do aniversário da Revolução de 31 de março. Fechou a Matriz de Tauá, quando o Pe. Pêndola foi expulso do país. Depois, Dom Fragoso ficou amigo do IV BEC com a permanência do Cel. Ligneul, como comandante do quartel. Inclusive, eu fui com ele celebrar missa. Lembro-me que em uma das missas ele falava que os jovens iam estudar fora e nunca mais voltavam para sua terra natal. O próprio Fragoso nunca mais voltou à cidade de Teixeira. E toda a sua família foi morar em outras cidades. Com o coronel, que era genro do Marechal Lott, dom Fragoso tornou-se grande amigo. E alguns relacionam a transferência do coronel para um setor inexpressivo do Exército, no Rio de Janeiro, a essa amizade com o bispo vermelho.

Nessa época, um grupo de oficiais, irresponsavelmente, rebelou-se contra o Ministro do Exército e todos foram presos em Natal, por trinta dias. Alguns foram excluídos do exército. O Cel. Ligneul foi parar num comando inexpressivo que o dificultaria, ou mesmo, o impediria passar ao generalato. Alguns militares faziam programas de péssima qualidade na Rádio Educadora e injuriavam o bispo. Ninguém era capaz de tomar uma providência. Um acinte sem limite à pessoa que é autoridade da Igreja. A humildade e o próprio afastamento de pessoas mais esclarecidas da cidade fizeram o bispo mergulhar num grande

sofrimento. Acredito que ele tenha sofrido muito. Pessimamente assessorado, com grupos políticos que instigavam somente o ódio e o confronto, acredito que nosso querido pastor viu-se isolado. Quando Dom Fragoso quis retomar o caminho correto já era tarde. Era um pastor pleno. Honesto. Correto. Olhar sincero. Sua luz espaireceu-se pelo mundo, mas foi muito tênue no seu próprio mundo. Ariano Suassuna, seu conterrâneo de Guarabira, dizia que devemos, a partir do regional, tornar nossa ideia universal. Acredito que Dom Fragoso abdicou de conquistar uma faixa de sua grei. Aquela faixa que ele chamava de rica, mas que não era. Aquela faixa que ele chamava de elite, mas que não era. Todos eram pobres. Uma riqueza ilusória, que não passaria do sucesso. Mas era a faixa mais esclarecida. Que lia jornal. Que sabia ler e escrever. Essa foi jogada de lado. Os padres antigos que não morreram abandonaram o sacerdócio. Os estrangeiros ficavam por algum tempo e depois partiam. Os que ficavam eram complicadíssimos. Alguns tinham conflitos com o próprio bispo. São os padres problemas. Como sofre um bispo.

O drama com o Monsenhor Bonfim viria. Mais cedo ou mais tarde. Ambos radicais. Dom Fragoso radicalizou: uma Igreja pobre para os pobres. A terra é propriedade de todos. O patrão é sempre patrão. Não querem as reformas estruturais. Numa dessas reuniões diocesanas, eu estava presente, e um clérigo espanhol falou para mim:

Às vezes me parece, que Dom Fragoso, está querendo uma revolução civil. Esta sua maneira forte. Esta sua maneira dura e radical de levar em frente as suas ideias, junto com este povo pouco esclarecido, me cheira a revolta. Eu que sou espanhol, que vivi as consequências da Revolução Espanhola, não quero aquele cenário para povo algum.

Pe. Comblin, no seu livro: "A VIDA", diz que a primeira coisa para libertar um povo é instruí-lo. Havia um universo imenso de analfabetos. Semianalfabetos. Ilustrados. Desinformados. Era um material difícil de ser levado. Isto é no que diz respeito à informação básica, que todo cidadão deve saber. Se formos mergulhar no evangelho. Se falarmos em Teologia da

Libertação. Da teologia da enxada. Ai é que as coisas se complicam mais ainda.

No Caderno, Fazendo a História, Testemunho de Amigos II/03, Pe. Comblin assim se expressa:

Os camponeses precisam de quadros mais intelectualizados. Por si mesmos os camponeses não têm capacidade para tomar iniciativas, definir metas ou imaginar processos de transformação de sua condição. Abandonados a si mesmos, eles poderão ter o progresso adquirido, mas não irão mais para frente. Nem sequer podemos pensar que, depois de alguns anos de anos de formação, os camponeses poderão adquirir a capacidade de manter as suas associações em estado de movimento contínuo e continuamente acelerado. Isto supõe uma intelectualização bastante desenvolvida. Supõe elementos jovens que se formem durante muitos anos, em contatos com outras pessoas, dentro de horizontes mais amplos. Os camponeses têm capacidade espontânea para liderar o povo que trabalha com eles no mesmo sítio, mas não para colocar a sua ação dentro do conjunto do processo de transformação nacional. A visão mais ampla deve vir dos intelectuais.

De tal maneira que a própria observação do Pe. Comblin mostra a dificuldade de fazer o povo compreender este novo rosto da Igreja. Essa maneira plena da Igreja de Crateús ir ao encontro do seu povo. Sacudir. Soerguer essa multidão de pessoas alheias à caminhada do tempo e da vida.

A política de importar quadros para dar uma nova tintura a essa caminhada era muitas vezes questionada, não por ser de fora, mas porque o povo muitas vezes não os entendia.

Dom Fragoso escolheu um caminho inverso do que prega Ariano Suassuna, começar pelo regional e torná-lo universal. Ao trazer padres, religiosas e leigos estrangeiros, ele caminhou na contramão da história. Talvez ele tenha mudado de planejamento. Pois ele não gostou da vinda do padre francês, Xiles, para o seu trabalho no Maranhão. Ele queria ter perto de si um

padre maranhense, que entendesse dos problemas dos irmãos maranhenses. Que compreendesse seus queixumes.

Dom Fragoso, como matuto encabulado, mas corajoso. Simples, mas rico de projetos. Nordeste, mas com o olhar universal. Piedoso, amável, humano, mas com um grande apego ao social, veio trazer uma mensagem portentosa. Do homem em sua plenitude. Veio para libertar o homem. Não saiu da missa para ir, "*Egedere*" (sair). Foi aos campos, às vilas, às choupanas, aos casebres, aos sertões sofridos do Crateús, para soerguer esse homem pisado, machucado; para conviver e dar dignidade a esse homem. Torná-lo homem na expressão mais completa da dignidade humana. Queria que houvesse em sua vida, não somente uma conversão de fé, queria que ele se transmudasse no cidadão pleno e com tessitura de dignidade. Somente depois ele entraria com esse novo homem na casa do Senhor. Camilo Torres, padre peruano, braço armado da Teologia da Libertação, despiu-se dos paramentos sacros, jogou-os sobre o altar. Pegou uma metralhadora e disse que somente celebraria, quando todos os pobres estivessem libertos do jugo dos opressores. Não libertou ninguém. Não salvou ninguém. E ainda perdeu a vida numa luta insana e desnecessária. Camilo Torres, para os mais radicais da Teologia da Libertação, é tido como um mártir. Isto não tem nada de evangelho. Armar-se com as armas que matam e destroem não é atitude cristã. Dom Fragoso sempre insistia num caminho de paz. Numa filosofia ghandiana.

O bispo de Crateús poderia ter deixado os paramentos sobre o altar. E na sua maneira profética de celebrar o evangelho, diria:

Vamos todos buscar os que não estão presentes nesta *Ecclesia*, nesta Assembleia. Vamos buscar os que sofrem. Os que não encontram mais coragem de lutar. Estão sem casas. Estão sem terra. Estão famintos. Estão excluídos por este sistema injusto e cruel. Vamos todos, neste mutirão de Fé. Vamos aos prostíbulos. Vamos aos presídios, onde somente os pobres e os pretos são presos. Vamos às favelas. Vamos aos moradores de rua, para que eles não morram ao relento de nossa indiferença. Mas vamos todos. Regenerados, eles virão para esta Igreja e juntos celebraremos este encontro amoroso com Jesus, neste altar santo da Misericórdia.

Saindo da igreja, num sentido maior, Dom Fragoso não levou ninguém, pois os místicos não mais estavam. Os bancos estavam vazios. Mas nem ele, nem a igreja foram. Ele nem vestiu os paramentos. Ele partiu sem a cruz e foi só. E, partindo, deu as costas à cidade que era a sua. Não convenceu o crateense de que como é belo ir ter-se com os pobres. Foi quando ele olhou e estava só. E partiu para os lugares mais distantes e mais desprezados. E, como não tinha ninguém, começou a trazer pessoas alienadas. Alienadas, no sentido de alheia ao *modus vivendi* daquele povo. E o povo, sem qualquer saber, sem qualquer entendimento, atrapalhou--se todo. Os franceses, os belgas, os suíços não entendiam os gemidos e o grito da terra. Entendiam o gemido. Mas não aquele gemido. Entendia os gritos, mas não aquele grito.

9.1. O CAMINHO DE DOM FRAGOSO

As ondas passam. O terrorismo passa. Só fica no coração do homem a esperança irreprimível e o serviço desinteressado que tiver feito a libertação de seus irmãos. (Dom Fragoso)

Bispo de Crateús de 1964 a 1985, Dom Antônio Batista Fragoso nasceu na Paraíba em 1920. Estudou nos Seminários menor e maior de João Pessoa. Foi ordenado em 1944. Em 1957 foi sagrado Bispo Auxiliar por Dom José Delgado, Arcebispo de São Luís do Maranhão. Em 1964, assumiu a diocese de Crateús, no Ceará.

Dom Fragoso sempre demonstrou ser uma pessoa preocupada com o homem. Em suas entrevistas, sermões e escritos abordava, com veemência, a questão dos pobres, dos jovens e a situação da América Latina na sua época, sob o jugo, segundo ele constata, do imperialismo econômico, político e cultural estadunidense.

Mais especificamente, em entrevista ao jornalista Francisco de Assis Barbosa, do jornal potiguar, O POTI, publicada dia 17 de setembro de 1967, Dom Fragoso destacou o seguinte:

Penso nos jovens do Brasil. A juventude não morreu dentro deles. Numa nação majoritariamente jovem, eles recusam a marginalização que os adultos, com seu complexo e seu paternalismo moralizante, lhes impusemos.

Muitos de nós não soubemos entender seu idealismo, sua sede de justiça e da humanidade. Nessa oposição, assumindo, por vezes, formas violentas, acentuou a ruptura entre juventude e adultos.

A juventude de hoje nos interpela, nos desinstala, exige a nossa conversão e espera o diálogo das gerações.

Saberemos integrar as energias potenciais da juventude na revolução social, (reforma estrutural, urgente, profundamente inovadora, a serviço do Homem e de todos os homens)?

Há os que não têm voz: coexistindo com essa minoria da juventude consciente, há a massa dos jovens proletários, dos jovens rurais, que não têm voz nem vez. Que faremos para lhes oferecer condições de realizarem seu amadurecimento, de se autoafirmarem? Em vez de julgá-los e condená-los, acreditemos neles, na sua vontade de serem adultos asfixiados pelo abandono e pela dominação em que se encontram.

Eu vejo a América Latina como um grande povo oprimido. Não é preciso analisar todas as formas de opressão. Elas se impõem aos olhos abertos. Sua opção primeira é a libertação. E, obviamente, a conscientização de todo o povo para a ruptura radical com o imperialismo econômico, político e cultural. Os camponeses, os trabalhadores, os estudantes e todos os oprimidos são convidados a assumir sua própria libertação.

Na mesma reportagem, Francisco de Assis Barbosa publicou outras declarações sobre o trabalho de Dom Fragoso quando era Bispo Auxiliar no Maranhão. Dom Fragoso era um viajor.

Em suas excursões pelo Maranhão, quando era Bispo Auxiliar em São Luís, ele se hospedava nas residências que lhes eram oferecidas nas cidades. Geralmente, tocava hospedar o Bispo a melhor casa do lugar. Para descrever o estágio de desenvolvimento em que se encontra a região, Dom Fragoso fez uma classificação dos banheiros que frequentou em cada lar:

Banheiros "cristãos" – têm paredes dos quatro lados, cobertura, uma jarra d'água e cuia;

Banheiros "semicristãos" – têm quatro paredes, mas não têm cobertura e o cara fica tomando banho com a cabeça de fora;

Banheiros "semipagãos" – só têm três paredes e é por esse lado que as pessoas ficam passando;

Banheiros "pagãos" – têm só a jarra d'água e a cuia.

Esse pronunciamento (exclusivo) ao jornal potiguar O POTI, publicado na página cinco sob o título: "Dom Fragoso: Igreja deve assumir alegrias e sofrimentos do povo", com chamada na primeira página foi alvo de muitos protestos.

O texto causou estranheza, por exemplo, ao professor Paulo Viveiros, residente em Natal, que endereçou telegrama a Dom Nivaldo Monte, Arcebispo de Natal, Rio Grande do Norte. O telegrama foi publicado, na íntegra, pelo Diário de Natal, em 19 de setembro de 1967. Segundo o jornal, o texto foi enviado ao periódico potiguar pelo próprio autor:

Dom Fragoso, Bispo de Crateús, concedeu entrevista a um matutino local discorrendo sobre a opção Igreja-libertação, onde (sic) cita a coragem da pequena Cuba como símbolo do apelo da consciência da América Latina. Não compreendi a intenção do Ilustre prelado, cuja palavra me deixou conturbado. Católico militante sob a vigilância de sua conscienciosa autoridade arquiépiscopal, necessito ser esclarecido. Rogo obter do Ilustre Bispo de Crateús esclarecimentos públicos que evitem deixar o rebanho natalense mer-

gulhado em dúvidas profundas quanto à posição da Igreja perante as ideologias por ela condenadas. Respeitosamente.

Dom Fragozo declarou ainda, durante o III Encontro dos Bispos do Nordeste, em Natal, segundo matéria do Estado de São Paulo, de 22 de setembro 1967, intitulada "Bispo vê Cuba como símbolo", que "A coragem da pequena Cuba poderá ser um símbolo para a América Latina". Mas explicou, entretanto, que não colocava em julgamento "o atual regime político cubano, sua orientação marxista-leninista ou algumas atitudes de influência na situação dos países circunvizinhos". Essas declarações foram repercutidas também no Jornal do Commercio, Recife, Pernambuco, em 24 de setembro de 1967.

A propósito dessas declarações, Dom Fragozo recebeu de amigos no Recife a seguinte carta, datada de 25 de setembro de 1967, pedindo esclarecimentos:

D. Fragozo,

Respeitosos cumprimentos,

Não sei se o Sr. ainda se recorda de dois amigos, aqui do Recife: Haélia e Otacílio. Talvez a sua jornada em terras longínquas, o seu fecundo pastoreio, o encontro de outros tantos amigos diocesanos, em tantas paragens, tenham conseguido apagar da memória pessoas que ficaram à distância. O que não aconteceu conosco. De longe, através das notícias dos jornais, vamos acompanhando o seu itinerário em direção aos lugares onde Deus o chama, em busca das ovelhas que o Bom Pastor lhe quer confiar. Ainda está viva na memória a sua figura serena e equilibrada que, algumas vezes em torno da nossa mesa, ouvia os nossos queixumes de pais ciosos de uma salutar orientação para os filhos pequenos, que, naquela época eram 6. Quantas vezes, ouvíamos do Sr. Palavras repassadas de zelo apostólico, onde, à luz do Evangelho, recebíamos as mais belas lições de um cristianismo autêntico que nos encorajava a lutar, a trabalhar para sermos melhores, a fim

de podermos ajudar os nossos irmãos. Essas palestras íntimas, no recesso do nosso lar, nos levavam a pensar e a sentir, tal qual no lar de Betânia, a presença de Jesus. E naqueles raros momentos nos inclinávamos a imitar Maria.

Quantos retiros de Ação Católica ou encontros noutras associações, como na Confraria das Mães Cristãs! A sua palavra sempre dirigida aos corações sedentos de verdade, às almas cansadas e desencorajadas pelas decepções da vida. Lembro-me do Sr. pronto a ouvir, disposto ao diálogo, revestido da maior caridade para as fraquezas humanas.

Pois bem, D. Fragoso, todas essas lembranças vieram à tona após a leitura de uma notícia de jornal que tem causado grande decepção a alguns, dúvida a outros, e, em certas áreas um tanto de satisfação. Não me cabe, nem a Otacília interpretar as supostas declarações que o Sr. fez a um determinado matutino de Natal. Não entendemos a que aspecto se refere o Sr. nas suas apreciações. D. Fragoso, o Sr. é um Ministro de Deus, Prelado da nossa Igreja, pastor de almas, irmão das nossas fraquezas e por isso, eu gostaria de merecer da sua parte uma palavra sobre o que dizem. É um diálogo a distância, uma consulta de um amigo ou de amigos prontos a dar a explicação exata de um pensamento de um Servo de Deus que o pôs a servir os seus filhos. O que desejo é saber apenas se de fato, a notícia é exata e se a interpretação que deram fugiu à verdade (o que pensamos). A forma de apresentar ao público é capciosa e espalha um mal estar aos católicos. De forma que, ficarei aguardando, se for do seu agrado, uma notícia que vinda do Sr. nos trará alegria.

Otacília trabalha atualmente no Geran, como Técnico da Sudene, prestando serviço àquele órgão, ele envia as suas saudações. Nossa família composta de 14 pessoas (8 filhos) pede a sua bênção e as suas orações.

Nosso endereço: Rua Carlos Mavignier, 104,
Casa Amarela – Recife. Fone: 80747.

Atenciosamente, subscrevo-me com elevada
consideração.

Haélia Patrício de Carvalho.

A carta dos amigos de Recife a Dom Fragoso é um reflexo do estopim causado pela entrevista do Bispo ao jornal de Natal, O POTI, complementado com as declarações e reafirmações do prelado em Natal, durante Encontro de Bispos do Nordeste, publicados pela imprensa potiguar e pelo jornal O Estado de São Paulo, enviadas por seu correspondente. Tudo isso ensejou o seguinte Editorial do Jornal do Commercio, de Recife, edição de 26 de setembro de 1967, que noticiara, também, as asseverações dois dias antes:

Estranha atitude

No momento em que a OEA condena mais uma vez a política de Fidel Castro, que tantas ameaças vem trazendo à América Latina, é de estranhar que um bispo cearense tenha apontado Cuba como um exemplo e como um apelo. A respeito, este jornal publicou domingo último uma correspondência vinda de Natal, pois foi a um matutino natalense que o referido prelado fez a aludida declaração, durante a Conferência dos Bispos ali realizadas. A palavra da OEA, refletindo-se no plano continental e internacional, teria de ser, como foi, uma condenação do castro-comunismo, que não se coaduna nem com a nossa tradição nem com a orientação que a América Latina vem assumindo. Mas tal advertência, de resto oportuna, não se esgota, já se vê, no plano da nossa política continental, porque em Cuba, com efeito, há outras implicações que não apenas as de ordem ideológica. Para a Igreja Católica ali está, com a implantação do comunismo, um perigo evidente para a formação espiritual do continente. Não consta – e, certamente, não constará nunca – que a Igreja, renunciando às suas posições, este-

ja a exercer uma política de mão estendida, aceitando soluções inspiradas no marxismo. É verdade que muita confusão se fez a propósito disso; mas quem governa a Igreja é o Papa; e nem o atual nem os seus predecessores, ainda que considerados avançados pelos que pensam estar a Igreja, cedendo um pouco ao seu terreno temporal, fizeram qualquer abertura aos credos contrários ao primado da Fé.

Logo, não é possível conceber que o castrismo seja condenado pela OEA e, do mesmo passo, apontado por um bispo da Igreja Católica como um modelo e um apelo. Porque não se pode separar Cuba de Fidel Castro nem armar distinções sutis num campo em que só se admite as verdades essenciais.

Tudo indica que o certo é procurarmos para nós essas verdades que, por sinal, escapam à contingência da vida política, pois pertencem a um reino espiritual que não depende dos homens, senão na parte em que temos que ser fiéis à crença. E essa crença não é um artifício e nem se chegou à evidência de que esteja morta e enterrada. Temo-la como a nossa própria formação e, historicamente, como o nosso próprio destino. Assim, essa afirmativa do bispo de Crateús não pode representar – e, de fato não representa, o pensamento da Igreja nem, decerto, o da Conferência dos Bispos reunida em Natal – mas nem por isso deixa de ser estranha, mesmo tomada como simples manifestação individual.

Nada pior do que confundir os espíritos, quando a hora atual, exatamente pela força dos antagonismos, exige clareza. A Igreja não tem vacilado na sua posição. E em relação a Cuba ela jamais será complacente.

O Editorial acima fala de "credos contrários" e de termos de ser "fiéis à crença". O comunismo nada tem a ver com a fé religiosa. Essa é uma luta entre Capitalismo X Socialismo e tem a

ver com a distribuição dos bens terrenos. Reflete a preocupação da Igreja católica com os avanços do comunismo e dos ideais marxistas sobre o ocidente. Uma preocupação grande também dos Estados Unidos da América do Norte, defensor do Capitalismo e controlador da Organização dos Estados Americanos (OEA), a mesma que acabara de condenar Cuba e decretar um verdadeiro massacre contra Fidel Castro, após esse ter derrotado e expulsado o ditador Fulgêncio Batista, proibindo, após ter tentado invadir a Ilha sem sucesso, o comércio de todos os países com o Governo de Fidel Castro.

A Rússia, então, aproximou-se; passou a pagar mais pelo açúcar, que antes ia para os Estados Unidos, e depois mandava petróleo e outros produtos para Cuba. Esse boicote terminou no final de 2015.

Talvez, Dom Fragoso referia-se a essa tenacidade com que o povo cubano enfrentou tanta adversidade, sem "julgar o regime", como declarou, mas enaltecendo a "luta" do povo para se libertar do "imperialismo econômico". A preocupação de Dom Fragoso era com a pobreza e a miséria do homem do campo e com o sofrimento da juventude. Com a distribuição equitativa de renda. Com a reforma agrária que não vinha. Nada tinha a ver com a religião. Mas isso não foi entendido e causou um reboliço geral no mundo católico brasileiro.

Não pararam por aí as manifestações. A mesma edição do Jornal do Commercio publicou, em uma coluna intitulada Cartas ao Tio Juca, comentários sobre o tema, que, embora não mencione diretamente Dom Fragoso, são obviamente dirigidos a ele e a outros. Destacamos aqui apenas dois parágrafos do texto:

Voltemos ao assunto dos líderes que, empolgados pelos "problemas da miséria", investem e se perdem na subversão da ordem política e jurídica, perdendo-se completamente e terminando por servir, exclusivamente aos objetivos marxistas ou esquerdistas.

O açodamento de tais líderes – e entre eles há uma grande quantidade de batinas e hábitos – de forma alguma facilita a vida dos pobres que trabalham no campo. Muito ao contrário, sua ação ao subverter a ordem política e jurí-

dica, cria dificuldades cada vez maiores aos rurícolas quanto à solução ideal para as suas dificuldades e os seus problemas.

A imprensa do Ceará não ficou de fora da polêmica. O jornal O POVO, de Fortaleza, edição de 26 de setembro de 1967, publicou o seguinte editorial:

Por que Cuba é Um Símbolo?

Custa crer que um Bispo da Igreja Católica tenha feito declarações como as divulgadas, ontem, pelo vespertino associado e que foram, segundo a Meridional, de autoria de Antônio Fragoso, de Crateús.

“A coragem da pequena Cuba poderá ser um símbolo para a América Latina”.

Por quê?

Por que traiu a revolução democrática, que teve a simpatia irrestrita do Continente, inclusive dos Estados Unidos?

Por que levou ao *paredon* (sic), à prisão ou ao exílio muitos dos que pegaram em armas contra a ditadura Batista?

Por que moveu a mais violenta e tenaz perseguição a sacerdotes da Igreja Católica?

Por que transformou um templo de religião de Cristo em local de reuniões políticas ou em repartições públicas?

Por que prega abertamente o materialismo brutal das concepções anticristãs?

Por que, escapando à tutela norte-americana, colocou-se sob a proteção da Rússia, que a sustenta, economicamente com a inversão maciça de milhões de dólares? Por que se transformou na matriz da subversão na América, exportando homens e armas para o desencadeamento da luta armada?

Por que advoga autodeterminação no domínio interno, mas não respeita tal princípio e da não intervenção nas relações com os demais países?

Não. A quem formulou as declarações atribuídas a dom Fragoso, ou a este, se confirmadas tais declarações, não importa nada disso. A ressalva, feita ao sistema político de Cuba e à sua orientação marxista-leninista, pouco importa no caso. O que importa é vibrar-se de indignação contra o "terrorismo cultural" no Brasil e silenciar diante da brutalidade do regime fidelista.

Por quê?

Porque Cuba enfrenta o "imperialismo das cúpulas políticas e econômicas dos Estados Unidos".

Cuba de Fidel Castro por isso está redimida. E não é só: constituiria um exemplo e um símbolo.

Será uma pena, se for exato, se se confirmar, se constituir lamentável realidade, que um bispo da Igreja Católica, da Igreja da Paz e não do ódio, da liberdade e não do cativo, de Deus e não do ateísmo atroz, – será uma pena, dizíamos, que um bispo católico pense de maneira tão esdrúxula e tão lamentável.

Ao isolar uma frase de seu contexto, o autor do Editorial acima quer impressionar a opinião pública. Estaria, então, proibido falar em Cuba? Uma simples referência a Cuba estaria nos igualando ao que ela seria aos olhos de quem a via? Estaria Jesus pecando ao deixar que Maria Madalena banhasse seus pés com lágrimas e os untasse com bálsamo?

Na entrevista, Dom Fragoso não menciona Fidel Castro, como o faz querer parecer o editorialista. Dom Fragoso não entra no mérito do que ocorreu e dos rumos que tomou aquela Revolução que libertou a ilha do domínio do imperialismo econômico e cultural americano. Cuba era um quintal dos Estados Unidos, que não aceitou a derrota e tentou uma frustrada inva-

são à ilha no famoso episódio da Bahia dos Porcos, comandada pela CIA, em abril de 1961, com o apoio das Forças Armadas estadunidenses, com o objetivo de assassinar Fidel Castro e retomar o controle da ilha.

Esse episódio desastrado e o recurso ao embargo econômico, comercial e financeiro imposto a Cuba pelos Estados Unidos que, entre outras coisas, tinha o objetivo de prejudicar o setor público cubano, especialmente a saúde, fizeram com que Fidel Castro aceitasse a ajuda que a Rússia lhe oferecia. Até porque, sem isso, seria condenar o povo a morrer de inanição e retornar à idade das Cavernas.

O Editorial representa o pensamento do dono do jornal, ou do grupo que o banca. Geralmente, o editorialista é um jornalista sênior, encarregado de escrever exatamente o que pensa o seu patrão. No caso do jornal O POVO, o autor do texto ainda não está nem acreditando que as palavras foram ditas mesmo por Dom Frago, ou pensa haver um mal entendido. O mesmo pensamento expressaram Haélia e Otacílio na carta enviada de Recife, Pernambuco.

Os editoriais citados acima dão a dimensão da grande indignação que tomou conta do mundo católico no Brasil e da inquietação geral nos meios políticos e militares do país, que vivia naquele momento os seus três primeiros anos de regime militar, implantado a partir de 1º de abril de 1964.

Ocorre o seguinte: Dom Frago era um bispo que estava ao lado do povo sofrido e, obviamente, contra a opressão imposta pelo regime vigente no Brasil. Lutar pela juventude e pela reforma agrária, naquele período, pedir melhorias para as pessoas do campo, era, para muitos, ser comunista.

Havia tanta opressão no regime de Fidel, quanto havia no regime militar que governava o Brasil naquele momento. Os pelotões de fuzilamento na Ilha eram substituídos aqui por assassinatos, torturas e desaparecimentos. Está aí O Projeto Brasil Nunca Mais, desenvolvido por Dom Paulo Evaristo Arns, Rábino Henry Sobel, Pastor presbiteriano Jaime Wright e equipe, realizado clandestinamente entre 1979 e 1985, que nos mostra a realidade daquele momento.

O discurso contra o comunismo, sustentado pelas cúpulas da Igreja e dos Governos, servia para manter a riqueza com os

poderosos e massacrar as populações pobres do país. Quando se vislumbrava a possibilidade de melhoria e de melhor divisão da renda entre as pessoas, e de lutar em favor dos pobres, era-se logo taxado de comunista. Foi exatamente o que aconteceu com Dom Fragoso.

O alarde na imprensa do país alvoroçou os católicos e os pedidos de explicação pelos amigos do bispo de Crateús continuaram. Da Paraíba, sua terra natal, ele recebeu a seguinte carta:

João Pessoa, 27 de setembro de 1967

Revmo. Sr. Bispo D. Fragoso

Saudações respeitosas

Através do conceituado órgão da imprensa pernambucana, O Jornal do Commercio, tive a melancólica oportunidade de ler a insólita notícia alusiva a uma não menos infeliz asserção de V. Revma., onde (sic) a Pérola das Antilhas, ora propriedade de Fidel Castro, surge como a "corajosa Cuba", a qual, segundo vossas palavras, deve servir de exemplo para a América Latina.

Nós católicos e brasileiros que tanto amamos esta gloriosa Pátria, admiramos a "corajosa Cuba" quando soube castigar o ditador Fulgêncio Batista e choramos o destino atual dessa Cuba, atualmente esmagada, escravizada, aviltada, amordaçada, e ensanguentada por um dos ditadores mais tiranos que o mundo conhece, o sanguinário Fidel Castro, que mantém nos cárceres, há sete anos, trinta mil presos políticos e efetuou mais de mil fuzilamentos.

Deus nos livre de todos os imperialismos e principalmente do imperialismo do comunismo.

As palavras utilizadas pelo missivista: "esmagada, escravizada, aviltada, amordaçada, e ensanguentada" adequavam-se perfeitamente ao momento vivido no Brasil naquele momento.

O Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, também, publicou matéria em 27 de setembro de 1967, no 1º caderno, página 13, enviada pela sucursal do Recife, dando conta que "Fornecedores de cana não apoiam bispo de Crateús por seus aplausos a Cuba". Abaixo apenas o *lead* da reportagem do JB, na qual Dom Fragoso é defendido por Dom Mesquita, Bispo de Afogados de Ingazeira, Pernambuco, e pelo padre Francisco Pereira. "O Bispo de Crateús, Ceará, não se referiu ao regime cubano, mas ao povo daquele país na sua luta contra a dominação estrangeira", declarou Dom Mesquita. "Ele é um dos poucos homens de coragem deste país", afirmou o padre Francisco.

A Associação dos Fornecedores de Cana telegrafou ontem ao Ministério da Justiça e do Exército para condenar o pronunciamento do Bispo de Crateús, Dom Antônio Fragoso, que sustentou em Natal, Rio Grande do Norte, que Cuba constitui hoje um exemplo de coragem para toda a América Latina.

A medida foi tomada depois que vários fornecedores criticaram "a linguagem puramente subversiva de alguns membros da Igreja" e concordaram que "os latino-americanos não precisam de outras Cubas, mas de democracia e liberdade".

No dia 29 de setembro de 1967, o Correio do Ceará, repercutiu o tema na coluna assinada por Themístocles de Castro e Silva:

Sinal dos Tempos

Dois fatos, desses que podem ser considerados como sinal dos tempos, ocorreram esta semana, o primeiro em Natal e o segundo em Montevidéu, capital do Uruguai.

Segundo telegramas das agências de notícias, d. Antônio Fragoso, Bispo de Crateús, declarou, durante uma das sessões do III En-

contro de Bispos do Nordeste, em Ponta Negra, no Rio Grande do Norte, que "a coragem da pequena Cuba poderá ser um símbolo da América Latina", acrescentando: – "A quase todos os países tem faltado uma atitude destemerosa, aberta, para fazer face ao imperialismo das cúpulas políticas e econômicas dos Estados Unidos".

Que o sr. Luiz Carlos Prestes ou o sr. Brizzola diga (sic) isso compreende-se. O que não é admissível é que tamanha afronta aos sentimentos católicos do povo brasileiro seja praticada por quem não tem o dever de ignorar o que a Cuba de Fidel Castro representa, não como símbolo a ser imitado, mas como um câncer na América Latina.

Além do mais, as declarações do prelado cearense revelam total ignorância diante dos acontecimentos da política continental contemporânea, particularmente com relação à própria Cuba, que é a maior vítima do verdadeiro imperialismo que ameaça dominar o mundo: o imperialismo soviético. S. Exa. Revdma. Parece confundir um povo comunista com um povo subjugado pelos comunistas. Se Cuba fosse símbolo de alguma coisa recomendável, MAIS DE TREZENTAS FAMÍLIAS DELA NÃO TERIAM FUGIDO, a começar pela própria irmã do ditador Fidel Castro. Não se pode ter como símbolo um país cujo regime tem como meta principal não o bem estar do seu povo, mas a luta entre irmãos, o genocídio, a delação e a sabotagem.

É pena que a Igreja Católica, aqui e ali, se veja diante de vexames dessa natureza, pela opinião isolada deste ou daquele seu membro.

O Brasil prefere ser pobre a ser escravo; prefere ser livre, com sua fé em Deus, a ser símbolo de um regime degenerado, que destrói o homem moral e politicamente.

O outro fato – também desolador – é o encontro do sr. Carlos Lacerda como o sr. João Goulart.

Por pior que fosse o quadro da política nacional: qualquer que fosse o perigo que para o País poderia representar o Governo Costa e Silva – nada justificaria que o sr. Carlos Lacerda voasse para o Uruguai a fim de pedir perdão ao sr. Goulart. Se, para o sr. Lacerda, os fatos posteriores à Revolução provaram que o Jango não é nada daquilo que ele disse que era, só um caminho lhe restaria, ditado pela consciência e pelo pudor: renunciar à vida pública.

Mas, se para um Bispo da Igreja Católica Cuba é um símbolo, o sr. Carlos Lacerda tem razões sobradas para considerar João Goulart uma espécie de Deus ou coisa semelhante...

Respondendo ao Editorial de O POVO, Dom Fragoso escreve ao Jornal. Sua missiva é publicada na edição do matutino fortalezense de 30/9 e 1º/10 (Sábado e Domingo) de 1967, sob o título:

Cuba e o Bispo de Crateús

Em Natal, durante o Curso de Atualização Pastoral dos Bispos, fui procurado pela reportagem de "O POTI". A entrevista foi divulgada pelo matutino natalense na edição de 17 de setembro.

À pergunta concernente à América Latina, dei a seguinte resposta: "Eu veja a América Latina como um grande povo oprimido. Não é preciso analisar todas as formas de opressão. Elas se impõem aos olhos abertos".

"Sua primeira opção é a libertação. E, conseqüentemente, a conscientização de todo o povo para a ruptura radical com o imperialismo econômico, político e cultural. Os camponeses, os trabalhadores, os estudantes e todos os oprimidos são convidados a assumir sua própria libertação".

Para onde caminhará a América Latina, depois? Não me cabe prefixar os caminhos do nosso desenvolvimento. O povo, consciente e organizado, assumirá sua opção. Aguçando-lhe a consciência crítica e a capacidade de autodeterminação, a América Latina sacudirá o jugo de todas as opressões e construirá sua fisionomia original.

A coragem da pequena Cuba poderá ser-lhe um símbolo e um apelo.

Na medida em que o povo latino-americano se libertar da injustiça, da dominação, do imperialismo alienante, estará vencendo a ameaça do Comunismo.

O centro da entrevista era a libertação da América Latina e a posição da Igreja. O repórter destacou em grande manchete: "Dom Fragoso: Igreja deve assumir alegrias e sofrimentos do povo"

Procurado uma segunda vez pela reportagem de "O POTI", dei o sentido de minha referência a Cuba. Como a pequena ilha de Cuba, toda a América Latina depende do Mercado Internacional onde suas matérias-primas são objeto de um jogo econômico imperialista. Toda a ajuda dos países ricos ao povo latino-americano não igualou ao montante que nos foi defraudado na depreciação das matérias-primas e na remessa de lucros. Faz-se apenas uma restituição parcial, sob forma de "ajuda".

Em Cuba, a opressão tinha um nome: ditadura de Batista, homologada pelos Estados Unidos. O povo libertou-se desta opressão corajosamente. Os rumos da Revolução depois, é um outro assunto. Não os julguei. Nem os apresentei como símbolo para a América Latina.

Não defendi a revolução armada.

Creio na honestidade, mesmo para com os adversários, que não pensam como nós.

E penso que o bloqueio de Cuba afastará cada vez mais a pequena ilha do bloco continental.

O diálogo entre os países americanos (do Sul, Centro e Norte) e Cuba poderá reintegrá-la na unidade continental.

Eu não aceito o Comunismo como solução para a América Latina. Mas o anticomunismo negativo, a continuidade o imperialismo e do subdesenvolvimento poderão fazer explodir o nosso continente.

Lutar pelo desenvolvimento é lutar pela paz.

Fortaleza, 29/9/1967

† Antônio Batista Fragoso

Bispo de Crateús

NOTA DA REDAÇÃO – Se essa explicação que nos remeteu o eminente prelado, visa aos comentários por nós divulgados, terça-feira última, acerca de sua infelicíssima entrevista, ora confirmada, em parte, a emenda foi pior que o soneto.

O simples fato de o ilustre pastor da Igreja Católica buscar como “símbolo e apelo da América Latina”, em meio a suas irrecusáveis dificuldades, “a coragem da pequena Cuba” de Fidel Castro, é suficiente para positivar as suas lamentáveis inclinações e as suas perigosíssimas tendências esquerdistas. Interferindo em assuntos econômicos internacionais, fê-lo, igualmente, em termos tais que poderão comprometer a sua principal missão na Terra, que é ou deve ser, no momento, a de pregar e propagar os ensinamentos de Cristo na área de sua atuação evangélica. Esta, se tem algo a ver com a opressão, que o Sr. Bispo justamente condena da ditadura Batista – ditadura que já passou com todos os seus males – muito mais terá a ver, para condená-

-la, com a opressão que S. Revdma. propositadamente esquece, da "ditadura de Fidel Castro", pior do que aquela pelo menos para os olhos e a consciência cristã de um príncipe da Igreja, porque vinculada ao mais desenfreado ateísmo.

Não, Dom Antônio Batista Fragoso! Respeitamos...

Essa NOTA DA REDAÇÃO busca desconstruir o discurso do Bispo em sua carta, tentando tranquilamente esclarecer ao jornal o sentido da sua entrevista ao jornal O POTI. Teria sido mais honesto e verdadeiro não publicar a carta do bispo. Essa resposta mostra o preconceito existente contra Cuba naquele momento e desvirtua e ridiculariza o sentido que o bispo está querendo dar às declarações sobre o povo cubano, passando a ideia para a opinião pública de que o Bispo é uma pessoa perigosa.

Isso é muito comum acontecer na imprensa. E já ocorreu mais recentemente com uma pessoa bem próxima a mim em outro veículo de comunicação. O poder de manipulação da mídia, muitas vezes, também é massacrante.

Dom Fragoso recebeu adesão e votos de solidariedade de vários setores da população, de parte de seus diocesanos e do clero. Os habitantes do distrito de Realejo enviaram carta manifestando apoio ao bispo diocesano com diversas assinaturas. Abaixo assinado veio de Teresina, Piauí, firmado por representantes de entidades católicas e rurais. A JAC enviou carta de protesto ao Jornal O POVO, também firmada por representantes de Iguatu, Crateús e outras cidades do Ceará.

A Gazeta de Notícias, de 12 de outubro de 1967 publicou:

DOM JOSÉ DESAGRAVA DOM FRAGOSO CONTRA DISTORÇÕES E INJUSTIÇAS

"Só se escandaliza com as ideias de Dom Fragoso quem não o conhece", disse ontem o Arcebispo de Fortaleza, Dom José Delgado, Acrescentando que "por isso quero desagravá-lo das injustiças que lhe foram cometidas dentro da minha Arquidiocese". Dom Delga-

do acentuou que "Dom Fragoso foi sempre e ainda é um homem e, antes de tudo, um homem que não sabe esconder o que sente e sente com profundidade os problemas humanos e sociais". O Arcebispo de Fortaleza fez a declaração acompanhando o movimento de solidariedade iniciado por padres e leigos da Diocese de Crateús que condenaram interpretações às palavras de Dom Fragoso em Natal e Fortaleza, quando tornou público seu ponto de vista sobre a revolução de Cuba.

Dom José Delgado era Arcebispo de São Luís quando Dom Fragoso exerceu os seus primeiros sete anos de bispado por lá. Aliás, consta que foi Dom José Delgado quem indicou ao Vaticano o nome do padre Antônio Batista Fragoso para ser nomeado Bispo da Igreja. Agora, no mando da Arquidiocese de Fortaleza, à qual está subordinada a diocese de Crateús, Dom Delgado manifesta-se em defesa de seu bispo, tentando esclarecer que sua única preocupação é com os problemas sociais vividos naquele momento pela população pobre e rural de Crateús.

Mas o que chocou muitos e criou tanta celeuma é o fato de que em Cuba a revolução comandada por Fidel Castro tomara rumos, que atentavam contra as liberdades individuais da população, agravada pelo fato de que o regime comunista adotado por Fidel Castro e seus seguidores era fortemente combatido pela Igreja Católica Apostólica Romana, que o bispo de Crateús representava. Nas igrejas de todo o mundo havia correntes de orações pedindo o fim do comunismo, cuja derrota era considerada naquele momento ser um dos segredos de Fátima, guardado pela Igreja a sete chaves. De Salvador, Dom Fragoso recebe carta "confidencial" do Cardeal Eugênio de Araújo Sales:

Prezado Fragoso,

Recebi de Fortaleza recortes de jornais, inclusive a transcrição de uma carta explicativa sobre uma sua entrevista a respeito de Cuba.

Como sei de seu amor à verdade e ter eu há pouco visitado Cuba, quero dizer-lhe que a opressão continua em Cuba. E é terrível com seus milhares de presos em La Habana.

Dou-lhe um depoimento: visitei ultimamente muitos países da América Latina: creio que em nenhum a opressão é tão grande e tão vilipendiada a pessoa humana. Isso que lhe digo é confidencial. Qualquer divulgação poderia ser danosa às pessoas com quem falei em Cuba e a mim mesmo em uma eventual volta àquela ilha.

Um fraterno abraço de,

Dom Eugênio de Araújo Sales

Administrador Apostólico de Salvador

Dom Fragoso, em seu elogio comparativo, exaltava a bravura do povo cubano em se libertar do jugo do "imperialismo econômico, político e cultural estadunidense". Mas o Bispo de Crateús esqueceu, como constata Dom Eugênio em sua carta, que para manter isso, por circunstâncias que não cabem aqui julgar, Fidel Castro implantara um regime de "opressão" e de restrição das liberdades individuais. Porém, ao buscar ouvir oprimidos em Cuba, Dom Eugênio Sales não enxergou a realidade em seu redor, ignorou os premiados dos que eram presos, torturados e mortos naquele mesmo momento pelo regime militar instaurado no Brasil em 1964.

O elogio ao povo cubano, colocando-o como "exemplo" para a América Latina, feito por Dom Fragoso, que se colocava ao lado dos pobres da zona rural de sua diocese, foi logo motivo para o rotularem de ser um "perigoso comunista". Havia, ainda, naquele momento uma afetada crença de que todos aqueles que se colocavam ao lado dos pobres eram uns aloprados comunistas e precisavam ser combatidos pelo regime e "exorcizados" pela Igreja. Sobre isso, um jornal de Sobral, além de uma carta de solidariedade enviada por entidades de Crateús, publicou também o seguinte artigo em defesa do bispo, em 14 de outubro de 1967:

DOM FRAGOSO COMUNISTA?

Uma superstição artificial que vigora largamente em certas áreas, no Brasil de hoje, estabelece que todo aquele que se coloca

ao lado dos operários e dos fracos, a fim de promovê-los, é comunista. Os fatos que comprovam esta afirmativa são abundantes. Nas últimas semanas, houve um acontecimento, nesse sentido, que bem merece a nossa consideração. A imprensa, falada e escrita da Capital, servindo-se de uma entrevista concedida por Dom Fragoso, referente à realidade brasileira, achou conveniente tecer considerações severas e injustas, contra o modo de pensar do modesto bispo de Crateús.

Ora, Dom Fragoso na qualidade de Cristão e de Sacerdote do Povo de Deus, tem uma missão a cumprir, inspirado na Revelação Divina: "O Espírito do Senhor está sobre nós e nos enviou para anunciar aos cativos a redenção, para por em liberdade os cativos", diz a Sagrada Escritura. E, em última análise, é isto o que procura realizar Dom Fragoso, como Apóstolo do Senhor. Esforça-se para que os homens reconheçam como A Disparada, de Geraldo Vandré, – de que gado a gente marca, tange, ferra, engorda e mata, mas com as pessoas, filhas de Deus, a coisa é diferente. Porque a pessoa, o homem, é a imagem do Senhor, a face do Deus, de Jesus Cristo.

A Encíclica "Progresso dos Povos" mostra que a libertação do mundo depende de homens plenamente responsáveis e solidários dos outros; de homens cheios de amor, que se coloquem a serviço da humanidade.

Por isso e por outros motivos é que temos plena convicção de que o Bispo de Crateús – Dom Fragoso – tem como ideologia o Evangelho de Jesus Cristo, e como intenção encaminhar o homem – na sua integridade – para o encontro com o seu Deus – Pai de todas as criaturas.

Durante todo o mês de outubro daquele fatídico ano de 1967, provenientes de diocesanos, de familiares, de diferentes capitais do Nordeste e do Brasil inteiro chegavam moções de

apoio ao bispo de Crateús em forma de cartas, telegramas e abaixo assinados. Muitos foram publicados na imprensa escrita.

Também, na Tribuna da Câmara dos Deputados, foi pronunciado o seguinte discurso:

Senhor Presidente,

Senhores Deputados,

Aqui estou da mais alta tribuna democrática do país para uma função eminentemente democrática. Eminentemente humana e cristã. Aqui estou para associar-me ao movimento de desagravo que o Clero Diocesano de Crateús, no Ceará, dirigentes e líderes católicos de meu Estado, prestaram ao Exmo. Sr. Dom Antônio Batista Fragoso pelo desvirtuamento e malévolas interpretações que certa imprensa do Brasil e mais particularmente do Ceará fez das suas declarações a um jornal de Natal, a respeito de Cuba.

É princípio primário e comezinho de hermenêutica que na análise e interpretação de um pensamento se deve ater o exegeta de preferência às intenções do autor, que constitui sempre para todos os efeitos jurídicos o tribunal de última instância. Mas para o caso em apreço isto não foi concedido ao acusado. Dom Fragoso teve oportunidade de explicitar posteriormente o seu pensamento, dando jurisprudência final aos fatos. Mas ainda aqui a maldade não se calou. E continuou num desrespeito flagrante e sádico aos princípios da lógica e da moral tripudiar sobre a consciência do Bispo.

Acusaram os seus inimigos que ele era comunista como o fizeram anteriormente com Dom Hélder, e como acusaram ao Papa Paulo VI, quando da publicação da Encíclica *Populorum Progressio*.

A linha ideológica do Bispo de Crateús é a mesma de Dom Helder, que é a linha ideológica da *Populorum Progressio*, que é a linha

ideológica do ecumenismo cristão, que é a linha ideológica da caridade evangélica, da unidade em Cristo e no amor, da unidade na solidariedade e compreensão humana, e que não exclui do rebanho do Mestre a ovelha que tresmalhou. Lembro, quando a Santa Sé reatou as relações diplomáticas com a Alemanha, escandalizando o mundo inteiro, que o então Papa, Pio XII afirmara, como justificativa que, para salvar uma alma seria capaz de fazer concordata até com satanás. E não foi outro o procedimento de Cristo quando da cura do possesso de Cafarnaum. Dialogou com o diabo e ainda permitiu que ele entrasse no corpo de alguns porcos, contanto que deixasse livre e liberto o pobre possesso.

No entanto essa gente não transige com a caridade. Não admite que Cuba ou a Rússia tenha alguma virtualidade e possa oferecer uma experiência humana para promoção da coletividade.

O povo cubano realizou, com coragem e bravura, uma revolução para esmagar o poderio explorador de Fulgêncio Batista, que triturava as liberdades humanas e mantinha o país escravizado ao poderio do capital colonizador. Se a revolução cubana foi desvirtuada, se ela realmente fugiu aos seus ideais iniciais, de maneira alguma, pode-se desconhecer a pureza de intenções do movimento e do povo cubano, que, àquele tempo foi admirado e louvado por todos os povos civilizados e democráticos do mundo.

Foi isto o que disse o Bispo de Crateús. E é isto exatamente o que não aceita a mentalidade dos industriais do anticomunismo. É isto que choca a mentalidade dos conservadores da situação da miséria e da fome, em que se encontra o nosso povo, e que ingenuamente desconhecem eles que as omissões de uma vida na ociosidade, no comodismo burguês são mais anticristão, concorrem mais para difusão do comunismo do que a atitude de au-

tenticidade de um Bispo, que se entrega de alma e corpo a um trabalho de promoção da comunidade sertaneja, através de uma onímoda atuação de assistência social e conscientização do povo.

As críticas feitas contra o Bispo apenas flagram os seus acusadores naquela atitude caturra e pequenina de quem não enxerga virtualidade e bondade no inimigo, exatamente porque inimigo. Nos julgamentos que fazemos do nosso próximo muitas vezes o julgado somos nós, porque o que sobressai ao final de tudo é a marca da nossa consciência, do nosso feitio moral, do nosso caráter e da nossa falibilidade, segundo aquilo que diz São Paulo: "para os bons todas as cousas são boas". Deus fez o homem à sua imagem e semelhança divina e nós fazemos o nosso próximo também à nossa imagem e semelhança. O julgado no caso em apreço não foi Dom Fragoso. Foram os seus algozes, que se mostram na nudez da alma bitolada em camisa de força para interpretações dirigidas, para interpretações unívocas, para o exagerado partidarismo da ditadura mental que condicionou durante muito tempo o comportamento dos nossos chefes políticos que não admitiam razões ou virtude nos inimigos políticos.

Aqui, portanto, Senhor Presidente e Senhores Deputados, permito-me terminar com as palavras do memorial de solidariedade do povo de Crateús ao seu Bispo: "ser louvado por gente louvável é belo, mas ser vituperado por gente má, a ninguém é vergonhoso".

Sala de Sessões da Câmara, 19 de outubro de 1967.

Padre Antônio Vieira

Como não poderia deixar de ser, a família também se manifestou ao bispo sobre a vozearia causada pelas declarações de Dom Fragoso. Do Rio de Janeiro, pois as declarações de Dom Fragoso repercutiram também na imprensa carioca, dia 20 de 144 - Dom Fragoso, o profeta do inobitido

outubro de 1967, o advogado Estanislau Fragoso Batista escreve ao seu irmão a seguinte carta:

Caro irmão Tonho,

Saudações,

Venho de receber sua carta do dia 15 do corrente.

Lera, anteriormente, sua entrevista concedida à Última Hora. Lera uma declaração do grande (mais de 1,80m) brasileiro IBRAHIM SUED em O GLOBO, onde o mesmo dava uma BOLA PRETA (?) para você em virtude, segundo ele, de ter você elogiado FIDEL CASTRO.

Respondo sua carta e coloco-me dentro da questão.

Antes de tudo, como irmão e amigo, hipoteco-lhe minha irrestrita solidariedade por todas as declarações que você prestou. Conheço-o desde o tempo em que você era capaz de dar um pontapé (você que jamais foi de briga) em Botão de Cícero para defender-me. Sei que hoje você é o mesmo homem, sentindo profundamente os problemas dos desamparados, dos pequeninos, dos que nada receberam do mundo, dos que só conhecem o desespero da fome e o sombrio dos horizontes, onde não vislumbram um raio de luz. Sei que estes veem no bispo "subversivo", "inocente útil", "agitador" uma esperança gigante, imensa, de que a morte de Cristo não foi em vão.

Por isso estou solidário com você.

Tomo a liberdade, no entanto, de apresentar uma ideia à sua apreciação. Penso que Fidel Castro foi um exemplo de bravura, de coragem, de arrojo, e, sobretudo, teve a coragem de livrar-se dos EE. UU., a "metrópole". Mas penso que ele não pode ser citado como exemplo para a América Latina, porquanto

ele traiu àquele que lhe ajudou a vencer: – O CRISTIANISMO, e, sobretudo, o CATOLICISMO. Ele só conseguiu vencer em CUBA por três razões: 1. A homogeneidade de cultura injusta que assegurava uma homogeneidade (no tempo e no espaço) de revolta... 2. O auxílio dos Estados Unidos e 3. O auxílio da Igreja, que retirava de seus ombros qualquer suspeita de Marxismo. Sem isso, ele não poderia ter vencido e ninguém vencerá dentro da América Latina, nem que a Rússia mande auxílio.

Por isso penso que Fidel não pode ser citado como exemplo, sob e pena de dificultar o diálogo entre o bispo e uma grande massa da classe média.

Fidel traiu uma revolução, muito embora que os Estados Unidos o hajam forçado a isto. Mas Fidel ajudou aos Estados Unidos a ajudarem-no a sair. Ele facilitou o caminho. Ele exigiu demais, querendo livrar de vez. É impossível livrar qualquer nação de vez, hoje, do guante dos EE. UU. ou da URSS sem que ela seja forçada a recorrer à sombra do outro, aceitando sua ideologia.

Fidel, a título de livrar Cuba dos EE. UU. Fuzilou muita gente em Cuba, e os fuzilados não eram americanos e sim cubanos. Fidel não foi desumano apenas com os desumanos do governo de Batista; ele foi desumano com muito cubano bom, generoso, de alma gigante, acreditando nas palavras dos padres, não podiam acreditar "mais" em Fidel.

Logo, Fidel não pode ser citado como exemplo, porque não se pode fragmentar o Fidel vitorioso contra Batista e o Fidel vencedor, pela força da opressão, do povo cubano.

Penso que você está se empolgando um pouco com a miséria, como me empolgo às vezes, e você corre em meu auxílio. Lembra-se de meus artigos mandados de Key West sobre Cuba?!... Lembra-se do que você disse a

respeito, através de carta?!... Lembro-me que você disse que correria (eu) o risco de ser chamado inocente útil... de ser mal interpretado. Você me abriu os olhos. Tomo a liberdade de lhe abrir os olhos agora, também, pois está acontecendo com você o que aconteceu comigo naquele tempo. Você está vendo de perto, bem de perto, a fome dos cearenses, esses gigantes bons, até quando morrem de fome. Você está sentindo de perto toda a injustiça social do Nordeste faminto e sem futuro (?). Você está sentindo sede com os cearenses que sentem sede. Você está sem teto com os cearenses que não têm teto. Você está preso com os brasileiros que estão presos. Você está enfermo com os cearenses doentes. Você é peregrino com os cearenses flagelados. Você, então, que é um cristão autêntico, procurando viver o Evangelho de Pastor bondoso, calmo e ponderado da galileia, perdeu a calma com os hipócritas. Mas o íntimo dos hipócritas nós não vemos. Pode acontecer de, muitas vezes, sermos nós os hipócritas...

Não se deixe empolgar, cegando sua inteligência e sua capacidade de raciocínio por ver as injustiças da Revolução de 1º de abril. Não se deixe cegar pela exploração dos EE. UU. Seu trabalho em Crateús é sobre-humano. Prossiga, que você não está sozinho. Ao seu lado está um homem (HOMEM) pobre, bom, ponderado, amigo... Hoje o ALTER CHRISTUS deve saber que tanto os capitalistas quanto os marxistas devem ser evangelizados. Qualquer declaração que implique, embora por falsa interpretação, numa tomada de posição, poderá implicar numa dificuldade de diálogo. EVANGELHO, hoje, chama-se DIÁLOGO!...

ÚLTIMA HORA é um jornal que pertence a uma facção vencida pela Revolução injusta de abril. Mas ÚLTIMA HORA também não é justa. Sua linha não é uma linha de grandeza, de democracia e nem de renovação de pensamento. Seu interesse é minar a Revolução a

qualquer preço, não no sentido de construir um mundo melhor (como você quer), mas no interesse de voltar seus proprietários e aqueles que seguem sua linha. Os seus jornalistas, como os dos outros jornais, são perigosos. Eles fazem perguntas escorregadias como as perguntas dos fariseus sobre o imposto a César, e se o bispo não for prudente poderá fechar uma facção ao diálogo.

O mundo não está perdido. Devemos fazer por ele tudo o que pudermos fazer. Se fizermos mais do que isso, não poderemos aquilatar as conseqüências.

Essas são as sugestões amigas de um irmão amigo, que foi preso pela Revolução de Abril, injusta e imoral, que alimenta o mesmo ideal que antes, que sente como você as injustiças do mundo, mas que, no momento, não está empolgado. Peço-lhe que, quando me vir empolgado, fale sinceramente como eu estou falando agora, do mesmo modo que você falou quando eu estava nos EE. UU.

Pare e medite nas minhas palavras.

De tudo o que disse, ficou patente uma coisa: – que Fidel não pode ser citado como exemplo para a América Latina. No mais você está certo. Mas... com Fidel ou sem Fidel... aceite minha solidariedade.

Continuo a carta em casa.

Deixei que as palavras brotassem de enxurrada, ao léu dos meus pensamentos. "EMPOLGUEI-ME!...". Acho que o erro que você cometeu, na entrevista, foi tão somente sobre citar Fidel como exemplo. Avançou muito. Não foi prudente. Não é uma solução à altura do seu trabalho sobre-humano em Crateús. Se cada homem fizer muito ou pouco no seu setor o Brasil será mais Brasil. Você está fazendo muito em Crateús.

Não se "empolgue". Não responde logo a minha carta. Se o ferir em algum ponto, despreze tudo o que eu disse e medite calmamente sobre o ponto exato em que o ferir, que talvez ele seja um diapasão, e pode responder com toda a franqueza, dizendo de todo o coração, como eu disse,.. com as palavras que queira usar... que aquilo que busco é a VERDADE, pela qual você se mata.

O advogado Estanislau Fragoso Batista chegou a ser preso durante o regime militar. Ele estava preocupado com a repercussão das declarações de seu irmão. No jornal O Globo, o colunista social Ibrahim Sued comentara: "Custa-nos acreditar que o bispo católico Dom Antônio Batista Fragoso, de Crateús, lá no Ceará, esteja fazendo elogios a Cuba comunista. É incrível. Bola Preta". Começada a ser datilografada no escritório a carta é terminada manuscrita em casa. Ao final, Estanislau enfatiza "sobre o mérito da carta" os seguintes pontos:

1. Independência econômica aliada à cultural.
2. Ruptura com os EE. UU. para poder dialogar.
3. Conscientização e política não acelerada.
4. Atualização: o Pai manda o Libertador, atendendo o clamor do povo oprimido.

MEU PENSAMENTO:

1. A independência econômica sem a cultural levando o homem a uma escravidão maior – a do dinheiro. O patrão do homem desvia o dinheiro, como os EE. UU. (Falo em dinheiro como tal e não como sistema ou organização). Acho essa ideia excelente. É necessário, no entanto, que se defina a palavra: "CULTURA"? Seria a cultura ocidental enraizada um não até o âmago, entranhada na mente sanguínea? Seria a cultura ocidental que nós não conhecemos? – Penso que seria a cultura cristã, moldada no Evangelho de Cristo.

Evangelho atualizado, pendentemente. Não esqueça que é difícil atualizar essa ideia. Mas ela deve ser atualizada, ouvindo-se muitos pensamentos:

O DA IGREJA

O DO CONCÍLIO

O DO PAPA

O DOS BISPOS

O DOS PADRES

O DOS LEIGOS

Se se ouvir apenas o pensamento de Dom Fragoso será meio delicado o problema, para você a Igreja.

SUGESTÃO: Você faria uma carta-circular para os bispos do Brasil consultando-os sobre sua entrevista. Pode ser mimeografada. A UNIDADE DA IGREJA é o grande sonho de Cristo. Ele o assistirá até a consumação dos séculos. Não se isole dos outros. Já não se trata de PROVAR que você está certo, mas de SABER se está certo.

2. Ruptura com a metrópole. Qual é a nossa escravidão? – A econômica. Nossas indústrias são americanas. Nosso dinheiro é fabricado nos EE. UU. Somos colônia, mesmo. Mas o americano ingressa no Brasil através dos governos, oficialmente, amparados por lei. Não são intrusos. São admitidos, depois que entram.

O governo é LEGALIZADO pelo Congresso. O Congresso foi eleito por nós. Como romper, pois? Sugere você: – “continuação e politização ACELERADA, dos camponeses, dos operários e dos marginalizados”. E quem vai politizar os militares, de modo especial os oficiais, formados pelo método americano, com um curso na ESCOLA orientada pelos americanos? Quem são os mentores da Escola de

Estado Maior? – Os militares ainda passarão, pelo menos, 10 anos no poder. LEGALIZADOS pela Câmara. RESPALDADOS nas armas, com o AVAL dos EE. UU.

(INTERROMPO um pouco para continuar DEPOIS).

Acabo de receber duas circulares que me comoveram, remetidas pelo Departamento Diocesano de Catequese de Crateús, com um DESAGRAVO de Dom Delgado e um MANIFESTO de padres, freiras e leigos. Talvez se eu os houvesse recebido antes não haveria escrito o preâmbulo desta carta. Mantenha-se, no entanto, para que você medite.

Matéria publicada no Diário de Pernambuco, em 30 de novembro de 1967, enviada pelo correspondente em Fortaleza, jornalista Egídio Serpa, Dom Fragoso denuncia a existência de uma "pressão militar" para abafar a voz da Igreja no país: "Se alguns militares, eu não digo as Forças Armadas, objetivam abafar a voz da Igreja, que luta pela Justiça do Evangelho, saibam que encontraram o melhor caminho para colaborar com o Comunismo internacional e abrir-lhe as portas largas de entrada".

Em 1968, houve uma verdadeira caça ao "perigoso" comunista Antônio Fragoso Batista. Acusado de manter "ligações" com Marighela, foi pedida a sua prisão preventiva pelo DOPS carioca no momento em que ele participava de Encontro Nacional com outros bispos em Recife, Pernambuco, em novembro de 1968. Em sua defesa, declarou Dom Helder Câmara, na ocasião: "se Dom Fragoso for preso no Recife os 40 bispos que participam do curso de atualização irão para o cárcere com ele".

Suas secretárias Paulette Ripert e Maria Teresa Nodari foram interrogadas na Polícia Federal em novembro 1968. Seu irmão, o advogado Estanislau Batista Fragoso entrou naquele mesmo mês com pedido de *habeas corpus* preventivo no STM contra a prisão solicitada pelo General Luiz de França Oliveira, Secretário de Segurança da Guanabara. Esse *habeas corpus* foi retirado do STM e passou para a Justiça Comum. Havia, desde

1967, uma pressão militar e novamente o bispo de Crateús ocupou as páginas dos noticiários de jornais brasileiros e europeus.

Em Fortaleza, Ceará, o Jornal O Povo publicou a seguinte matéria em 26 de novembro de 1968:

Nada na Polícia Federal contra Bispo de Crateús

O Subdelegado de Polícia Federal no Ceará, bacharel Laudelino Coelho, deu conta a O POVO de não existir "absolutamente nada", em sua repartição policial, contra o Bispo de Crateús, dom Antônio Batista Fragoso, admitindo, porém, reservadamente, que o chamado "trabalho de conscientização do povo daquela Diocese tende a se revestir de manto político".

Os depoimentos domados pela Polícia Federal das duas estrangeiras que integram a equipe do Bispo de Crateús (uma francesa e uma italiana) decorreram, segundo o subdelegado Laudelino Coelho, da situação irregular em que qualquer estrangeiro poderia se encontrar no País. Uma delas não estava regularizada, mas já legalizou seus documentos.

Tudo em torno de Dom Fragoso passou a ser investigado. Sem qualquer acusação formal contra elas, as funcionárias que trabalhavam para o bispo de Crateús foram chamadas para averiguação. Um constrangimento. A forma de fazer pressão contra o trabalho de esclarecimento prestado à população da Diocese de Crateús.

Em carta aberta do dia 25 de novembro de 1968, ele se defende e declara: DOM FRAGOSO NÃO RECUARÁ:

Meu nome foi manchete, nestes dias. Isto não tem importância. Que significa essa onda de boato? Por que ela surgiu? O que há de verdade no que foi dito? A quem interessa?

Aos bons amigos que querem ver claro, minha palavra de agradecimento.

Nenhuma autoridade policial me procurou, direta ou indiretamente.

Não conheço o ex-deputado Carlos Marighe-la. Nunca o vi. Nunca ele se encontrou comigo. Nunca tivemos a mínima correspondência. Ele responde, como adulto, pelas opções ideológicas que assumir. A ninguém cabe interferir no domínio das opções pessoais.

Escrevi ao casal Raimundo Gonçalves e Regina Lobo, várias cartas. Ela trabalhou com Dom Delgado e comigo na Arquidiocese de São Luís. Admiro sua capacidade desinteressada de serviço aos agricultores, porque ela crê na dignidade deles.

Continuarei a escrever a todas as pessoas que encontrar no meu caminho, seja qual for sua opção. Creio que os homens são meus irmãos, mesmo se pensam diferentemente de mim.

Vou continuar, em Crateús, o trabalho de esclarecimento e organização dos camponeses para que eles participem, com todos os homens que creem na justiça, na construção de um Brasil justo e fraterno.

Nesse trabalho, não recuarei. Ninguém que respeite as exigências mais elementares de uma Democracia verdadeira terá o direito de opor-se.

As ondas desse tipo, na opinião pública, podem ser balões de ensaio que não ajudam as oligarquias.

O terrorismo dos boatos impressiona, num primeiro tempo, o povo, mas, a longo prazo, se desmoraliza por si mesmo.

As ondas passam. O terrorismo passa. Só fica no coração do homem a Esperança irreprimível e o serviço desinteressado que tiver feito à libertação de seus irmãos.

Fortaleza, 25/11/1968

Dom Antônio Fragoso

Bispo de Crateús

O jornal carioca, Última Hora, de 26 de novembro de 1968, publicou o seguinte artigo assinado por Moacir Werneck:

O BISPO E O TERROR

De que é acusado, afinal, o Bispo de Crateús? A Secretaria de Segurança do Estado da Guanabara distribuiu à imprensa cópias fotostáticas de cartas dirigidas por Dom Fragoso ao casal Raimundo Gonçalves Figueiredo. Raimundo fora preso no Rio, em fins de outubro, quando, segundo a polícia, transportava explosivos num carro. A Secretaria de Segurança, ao divulgar as cartas, disse que o Bispo de Crateús e "outros membros destacados da Igreja" participavam "nas lutas mantidas pelos comunistas, notadamente os da linha chinesa". E estabeleceu-se uma ligação entre as cartas apreendidas e o famoso "caso Marighela".

Eis alguns trechos assinalados na correspondência. "A tônica do meu trabalho – diz o Bispo – está, na luta para colocar em condições de participar ativa e conscientemente, na mudança social, nossos homens sem voz nem vez". E mais: "Estou tentando todas as chances de motivar os cristãos para se integrarem na mudança social como adultos".

Dom Fragoso dirige-se aos "caros amigos Regina e Raimundo" com a saudação "paz e alegria no Senhor". Narra as atividades desenvolvidas em Crateús pelos "animadores do MEB" (Movimento de Educação de Base), entre os quais, segundo explicou ontem o Bispo, se incluiria Regina, mulher de Raimundo.

"É uma grande amiga e pessoa por quem tenho respeito e admiração – disse Dom Frago-

so aos jornalistas. Continuarei a escrever-lhe tantas vezes quantas sejam necessárias”.

A Secretaria de Segurança da GB procurou apresentar como delito o fato de alguém corresponder-se com comunistas ou supostos comunistas. E levou a sua audácia a ponto de generalizar a acusação, tentando envolver a Igreja na até aqui muito mal contada novela dos atentados terroristas.

Para começo da conversa, em vez de acusar bispos que levam a sério sua missão pastoral, caberia à polícia provar as acusações feitas aos cidadãos presos como participantes de uma rede terrorista. E nisto a polícia falhou. As diversas “revelações” não conduziram a nenhuma pista concreta e muito menos à prova de que o ex-Deputado Marighela, a quem se pretende associar o Bispo de Crateús, fosse efetivamente o “cérebro” dos assaltos e atentados ultimamente cometidos no Rio e em São Paulo.

Esta falha básica, aliás, é que explica possivelmente o açodamento em envolver na acusação “membros importantes” da Igreja. Não descobrindo nada, a polícia precisa de lançar suspeitas sobre meio mundo. E nesse clima turvo se desdobra o plano de desmoralização do clero integrado no espírito ecumênico. Dom Hélder Câmara e Dom Valdir Calheiros, entre outros, já foram vítimas da mesma manobra.

O movimento de solidariedade a Dom Frago, entretanto, vem provar que a nova tentativa malogrou. As insinuações da polícia revelaram-se aos olhos de todos como insensatas e ridículas, além de provocadoras. Arranje-se outra história, que esta não pega.

Era assim que se dava a perseguição e a caça aos que eram considerados “comunistas” pelo regime. Era um regime de exceção e qualquer pessoa considerada “suspeita” poderia ser presa sem mandado ou ser “convocada” para prestar de-

poimento. Dom Fragoso escreveu carta ao Delegado da Polícia Federal em Fortaleza, esclarecendo qual era o trabalho de suas funcionárias Paulette Ripert e Maria Teresa Nodari. Escreveu cartas ao Presidente da República. Explica-se e faz de tudo para esclarecer todo mal entendido. Escreveu carta à Presidência da CNBB. Aos bispos do Nordeste.

Ficou provado finalmente que Dom Fragoso não conhecia Carlos Marighela, do Partido Comunista. O próprio Secretário de Segurança Pública da Guanabara, General Luiz de França Oliveira, divulgou nota, dia 27 de novembro de 1968, dando por encerrado o caso, reiterando que tudo "não passou de intencional a informação publicada na imprensa de que haveria interesse na prisão do prelado".

D OS PRIMEIROS DIAS DE EPISCOPADO

Divíamos os melhores momentos do pastoreio de Dom Fragoso. Uma terna brisa de esperança. A sua sinceridade de ditar um caminho que era diferente do que o povo pensava; a sua sinceridade em declarar que não conhecia Crateús, nem no mapa; a sua determinação em não levantar nem um tijolo naquela diocese; tudo foi esquecido, com a simplicidade bendita do novo pastor. Viviam-se os novos albores do Vaticano II. Uma Igreja mais leve. Mais próxima ao povo. Mais transparente. Menos cristandade fez o povo pensar em novos tempos e novas esperanças. Pe. Bonfim entregara a nova casa ao novo habitante da cidade. Como um filho prepara uma casa para o pai que chega. Até chinelos no quarto de dormir, estavam à beira do novo leito. Os seus pais e a sua irmã, Madalena, passaram alguns dias na cidade. Havia um bafejo de fé. Uma brisa de maior procura por Deus. Logo se iniciaram as famosas semanas catequéticas. Participei de uma dramatização do Evangelho, juntamente com Luzia Neide e a Leinard Camurça. Eu era Jesus. Luzineide era a Madalena que viera pegar água no poço. A passagem do Evangelho, quando Jesus pede água à mulher samaritana. Fala de uma água viva, que tira a sede para sempre de quem dela sorve. A água viva que jamais se acaba. Foram aprendidas novas musicas. Mais alegres e menos solenes.

Mas Dom Fragoso teve de deixar a diocese por quase quatro meses. Além das reuniões conciliares, ele tinha compromissos em muitas cidades do mundo. Essa situação começou a complicar a relação do bispo com os seus diocesanos. Era muita ausência. A Igreja católica recomenda a permanência do bispo, sempre que puder, na sede diocesana. Há festas, como a de *Corpus Christi*, que exigem a presença do prelado. Quem celebrará a missa do Crisma na Quinta-Feira Santa, se não for o bispo? Dom Fragoso ia a Roma para o Concílio. Ia à França para discu-

tir sindicalismo e de lá trouxe Paulette, que, segundo as notícias em Crateús, era secretária do Partido Comunista Francês. Ia à Bélgica se ater com Monsieur Cardjin. Ia à Suíça falar contra o capitalismo selvagem. Ia à reunião do Ninho, uma instituição que humanizava a vida das prostitutas. Ia a Itaiçi, SP, onde participava da assembleia anual da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB. Muitas vezes, dos doze meses do ano, seis, a metade, ele ficava fora dos domínios da diocese.

O Concílio Vaticano II fez ressurgir os valores da Igreja Paroquial. Da pequena comunidade. Comunidade de comunidades. Retorno às fontes do cristianismo, quando as casas transformavam--se em pequenos e calorosos templos. São João Crisóstomo, o boca de ouro, pregava: "as casas dos primeiros cristãos eram templos santificados. Hoje os templos estão distantes de ser as casas dos primeiros séculos."

O Vaticano II foi um retorno as suas próprias fontes. O concílio não foi dogmático. Não havia nenhum dogma a se proclamar e nenhuma heresia a se condenar. O Concílio veio para revolver. Voltar às fontes. Beber nas próprias fontes. Era essa também a visão do Papa João XXIII, quando convocou o concílio.

Dom Fragoso constatou que havia uma preciosa riqueza de fé neste bom povo de sua grei. Mas, por outro lado, o povo não tinha nenhuma noção mais consciente dos frutos preciosos do Vaticano II. As semanas catequéticas foram realizadas em todas as paróquias e capelas da diocese. Uma delas aconteceu em Parambu. Dom Fragoso, dono de grande sensibilidade, convidou Alaíde Bomfim para fazer parte de sua comitiva. Alaíde ficou extremamente feliz e disse que iria saber se poderia; foi sondar o seu esposo. Felipe aceitou as assertivas de Alaíde. Foi uma semana de muita festa e de muita alegria. Ela reviveu os momentos felizes que passou naquela querida cidade. Dom Fragoso ficou impressionado pela acolhida que Alaíde teve naquela comunidade. De sua forte liderança. De seu prestígio. Lá relembrou as novenas do padroeiro. As aulas de catecismo. As missas dominicais. Os terços e os benditos que se entoavam naquelas noites tão distantes. Dom Fragoso sempre nutriu por Alaíde uma bela amizade. Com todos os momentos de desencontros, durante o seu governo em Crateús, Dom Fragoso procurou preservar com muito carinho esta amizade que nunca se esgarçou. Uma amizade de respeito e de admiração recíproca. A família de Dom Fragoso também tinha muita afinidade com a família de Alaíde.

11

OS PRIMEIROS CONFLITOS

Dartiu de fora a iniciante inquietação dos caminhos escolhidos por Dom Fragoso. O seu andar apressado para fazer a hora e não esperar acontecer, num período de medo e de incertezas. Na turbulência imprevisível da história, somente o destemor venceria o medo. E o valente profeta ia à frente sem temer a nada. Foi encontrando cada vez mais aliados. Foi somando cada vez mais opositores. Sob o seu manto escondiam-se crentes e não crentes. Democratas e comunistas. Católicos e ateus. O número era cada vez maior de pessoas que não olhavam o seu lado de pastor, de crente e de místico. E o bispo promulgava uma paz, meio a sua maneira, que ele corajosamente a batizou de Ghandiana.

A sua atitude profética encantava a todos. Era luminosa. Era cativante. Conquistava. Inquietava. Mas ela era muito mais além do que um simples sorriso e abraço de enternecimento. O seu cerne era o que incomodaria no futuro. São Paulo também viveu esse drama com os fiéis de Corinto. Achavam bonita a pregação do apóstolo, mas não queriam praticar as práticas por ele pregadas. Não queriam se comprometer com a pregação.

Vivia-se um momento único na história da Igreja católica. O *Sacrossantum Concilium* queria uma igreja mais próxima do povo. A incompreensível língua latina era substituída por um falar entendido pelo povo. A missa e os atos litúrgicos poderiam ter maior participação de todos. Monsenhor Sabino Loyola, autor do excelente livro: "Dicionário de Liturgia", dizia que muitos entendiam errada a reforma litúrgica conciliar. Até mesmo clérigos entenderam que houve um encolhimento da liturgia. Mesmo uma simplificação. Nada disso. A liturgia mais explicativa tornava-se mais extensa e podia ser mais demorada. O Vaticano II nunca podou ou cortou atos importantes da liturgia.

Com a mudança proposta pelo concílio, muitos saudosistas começaram a resmungar. Pessoas que nunca foram fiéis aos ditames da instituição eclesial. Pessoas que não aprovaram o

padre despir-se da batina e ficam ruminando saudades e ilusões. E encontram um bispo novo, simpático, amável e simples, e logo começam a remoer o passado. Tanger moedas de ventos esquecidos. Recordar águas passadas. Eram os saudosistas que mostravam má vontade com as mudanças. De jurar que não pisavam mais na igreja. Foram esses seus inimigos iniciais e gratuitos, já que quem determinou as mudanças foram os bispos e não Dom Fragoso. Mas mesmo assim o Profeta que prometeu evangelizar a todos continuou, com audácia e coragem, o seu caminho.

O antístite vendo a miséria. Sentindo de perto o analfabetismo, concluiu rapidamente e declarou que a educação era um total fracasso. Que o analfabetismo era fruto dessa escola que fazia de conta que ensinava e de professores que pensavam que estavam fazendo algo em prol do outro, mas totalmente esgarçados da realidade. Se todos os níveis de ensino haviam chegado ao fracasso, a universidade era um desalento. E aí propunha uma reforma radical. Vamos fechar as escolas, e começar desde o início, a ensinar com métodos mais modernos e mais formadores de consciências. De métodos educacionais que constroem consciências. E o método ideal não é Piaget, o melhor método para a libertação do povo brasileiro era o método de Paulo Freire. O Método Paulo Freire nada tinha de subversão. E menos ainda de comunista. A estupidez dos militares fez-nos privar de uma das maiores mentes que o país gerou. Fragoso tinha uma solução radical: fechar as universidades e começar tudo de novo. Fazia esse pronunciamento inúmeras vezes. Citava exaustivamente o exemplo de Cuba, que fechou todas as escolas e recomeçou tudo. Com absolutismo, sem voz de oposição, que prendia, matava no "paredón", ou exportava para outras paragens. Uma ilha minúscula jamais poderia se comparar com a imensidão do Brasil. A ignorância e o analfabetismo geravam o ostracismo político. Ficavam todos à margem da vida. Sem forças para mudar as estruturas injustas e opressoras sob as quais viviam. Paulo Regulus Freire era um cientista talentoso. O nome maior do mundo da educação. Exilado, foi fazer um método de alfabetização para os montanhesees da Suíça. Um verdadeiro absurdo da vilania militar, descartar um homem da envergadura de um Paulo Freire. Somente cabeça de ignorante e deslido. Somente no país das bananas, como dizia Rumboldt.

O interessante é que Paulo Freire foi fazer um fantástico trabalho de educação nos Estados Unidos da América do Norte. Um país exageradamente capitalista.

O analfabetismo político é fruto de educação precária e miúda. Dom Fragoço, que era frontalmente contra o comunismo, dizia que se entende a religião como ópio do povo, quando ninguém quer mudar o que deve mudar. Que ninguém quer mudar essa estrutura que escraviza o povo. Quando alguém continua a cantar: deixa a vida me levar. Ou deixa que o rio corra sozinho, sem querer que as margens sejam angustiadas, para que sobre água de esperança para este povo sofredor e cansado sem saber aonde ir. Sem ver o rio ter o seu curso mudado. Aí é onde está a religião, como anestesiadora do povo. Quando foi pela primeira vez visitar uma comunidade e viu que aquela gente era acomodada, quis sacudir aquele povo. Foi quando eles disseram que precisavam de um poço. E achavam que Deus resolveria. Essa ideia radical de fechar as universidades e começar tudo de novo não foi bem recebida no meio universitário. Mundo complexo de ideias díspares, desencontradas. Nem mesmo naquela fatia grande da universidade, que era contrária frontalmente ao governo militar. Havia necessidade de uma reforma universitária, mas não dessa maneira.

A Teologia da Libertação (TDL), que merecerá um capítulo especial, não foi fruto do Vaticano, mas sofreu grande influência dele.

Com o recrudescimento da perseguição política, muitos estudantes foram para Crateús. Alguns se empenharam nas propostas sociais da diocese, mas muitos foram fazer tão somente política. Aninhavam-se sob as sombras das asas de Dom Fragoço. Lembro-me bem de uma reunião da diocese de Crateús, no Centro de Treinamento, que hoje leva o nome de Dom Antônio Batista Fragoço, havia muita gente e muitos padres. Era o lançamento da música de Geraldo Vandré, "Pra não dizer que não falei das flores", que rezava: "Vem, vamos embora, que esperar não é saber. Quem sabe faz a hora não espera acontecer." A música foi logo proibida. E quando sabíamos que alguém tinha esta música, escondida, logo queríamos gravar. Levei o meu gravador para gravar a música famosa. Não apareceu a música. Quando estava para sair, meu gravador foi aprisionado pela direção do evento para saber, se havia gravado a música proibida.

Aliás, nesse evento, presenciei Monsenhor Leitão, querendo que Dom Fragoso transferisse um encontro da CEBS para outro dia, pois cairia na primeira sexta-feira do mês. Monsenhor Leitão lembrou ao episcopos do significado que essa data tinha para a população. A missa do Sagrado Coração de Jesus era uma data tradicional para muita gente. Não seria melhor transferir para o dia seguinte. Dom Fragoso foi irredutível. De outra feita, foi um dia de Domingo. Com isso, os padres mais idosos iam sentindo que sua maneira de ver e conduzir a Igreja estava superada. E foram se desanimando. Sempre estava presente um teólogo, ou algum professor que tornava o debate mais científico e mais interessante. Poucos alcançavam aqueles debates. Havia uma multidão de desentendidos. Lembro-me que, certa vez, numa reunião, quando se quis definir infraestrutura, um padre tido como inteligente disse: "infraestrutura é um sapato velho, que não presta e se joga fora."

Como o bispo não exaltava exageradamente a missa no dia de Domingo, os fiéis foram ficando dispersos. E as festas do padroeiro foram sendo esvaziadas. E as missas aos domingos foram ficando sem fiéis. As igrejas estavam cada vez mais vazias. E os crentes têm sede de Deus, vendo as portas fechadas, foram ser acolhidos nos templos evangélicos. E os nossos irmãos proliferaram. E como Dom Jacinto, muitos anos depois, admirou-se de que Crateús não se enchesse de templos evangélicos. Quando foi inaugurada a igreja de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, no Bairro da Ilha, muitas igrejas evangélicas fecharam.

Numa noite de primeiro de maio, a sede do Restaurante do Estudante Universitário (REU) estava apinhada de gente. Todos ansiosos pela palestra de Dom Fragoso, bispo de Crateús. Uma conferência muito esperada. Numa data emblemática, primeiro de maio de 1968. A política econômica do governo militar trouxe um arrocho salarial desumano. E o pior, ninguém poderia reclamar. Alguém que gritasse porque estava ganhando pouco era logo tachado de subversivo. Com os meios de comunicação censurados, ninguém poderia proclamar sua insatisfação. As associações convidaram Dom Fragoso para pronunciar uma palestra sobre a real situação econômica. Todos os espaços possíveis para a reunião foram bloqueados. Foi quando o Diretório Central dos Estudantes (DCE) ofereceu a sede do Clube

do Estudante Universitário - CEU. A universidade foi, durante muito tempo, um campo que estava sob a tutela do reitor, ou da reitoria. A presença de um bispo da Igreja naquela noite de fim de feriado era motivo para uma grande movimentação estudantil. Aflorou muita gente naquela ocasião. Uma multidão, não somente de estudantes, mas de trabalhadores e profissionais liberais. Era muita gente, alguns achavam que a reunião não se realizaria. Muitos boatos e fofocas. Foi quando começaram a circular notícias que a Delegacia de Ordem Política e Social - DOPS abortaria a reunião e prenderia o maior número de estudantes e pessoas. A Universidade de Brasília UNB seria mais tarde invadida, num total desrespeito à independência do Campus Universitário.

A reunião cursava com muita ordem e num ambiente de muita tranquilidade. Logo, Dom Fragoso começou a tecer algumas considerações sob a data do primeiro de maio. Lembro-me bem que, quando se iniciava a conferência, o Reitor Fernando Leite, ansioso, suando aos cântaros, fumando seu inseparável charuto, tentava chegar-se à mesa principal, no pavimento térreo. O REU era um território soberano. Ninguém tinha a ousadia de invadi-lo sem a permissão do presidente que era um estudante universitário. Ninguém queria permitir a entrada do reitor. Acabrunhado, empurrado de um lado e de outro, o reitor veio até Dom Fragoso. E eu estava presente. Dr. Fernando Leite, quase chorando, suplicava para o bispo não proferir a conferência. O bispo não fazia parte da UFC. Não era professor. Não era convidado da entidade universitária. Aquele chão era um território federal que estava sob sua responsabilidade. Como a conferência era uma promoção não oficial, Leite pedia ao querido bispo para não o colocar em situação vexatória, diante da X Região Militar. Dom Fragoso pensou um pouco e disse que não iria proferir a conferência diante da situação melindrosa que ficaria o Dr. Fernando Leite. Pedia desculpas, naquele momento, e iria retirar-se. O reitor foi exasperadamente vaiado e desmoralizado. O próprio reitor admirou-se quando presenciou a saída pacífica e ordeira do prelado. Dom Fragoso tomou uma atitude das mais corajosas, pois havia o risco da polícia invadir aquele local e acontecer uma tragédia. Aí é onde se vê a coragem de um homem. Corajoso, segundo Aristóteles, não é tomar atitudes impensadas e inconsequentes, corajoso é agir sem medo, mas com temperança. Uma coragem medida. O reitor amedronta-

do, trêmulo e pusilânime, não iria bancar um herói. Preferiu capitular. A Universidade é território independente sob todos os aspectos. Dr. Fernando Leite tomou a decisão mais cômoda: capitulou.

Dom Fragoso foi muito criticado pelos fiéis e pelos mais radicais. Aqueles que adoram ver um circo em chamas. Eu, como jovem universitário, achei a sua atitude a melhor, diante de um reitor medroso e avacalhado. O reitor, com a mão trêmula, com um charuto entre os dedos, passou terríveis momentos. Mesmo não havendo a conferência, a reunião gerou em torno do acontecimento uma grande celeuma. O reitor Leite, que era já fragilizado e medroso, foi atacado em todos os flancos. Dom Fragoso escreveu uma carta aberta, em que criticava veementemente a atitude dúbia e morna do Magnífico. Essa carta foi lida na Assembleia Legislativa pelo deputado Luciano Magalhães, pertencente às hostes mais autênticas do Movimento Democrático Brasileiro - MDB.

Essa impaciência de construir um mundo novo fez Dom Fragoso sofrer muito. Logo ele que se encontrava numa cidade das mais conservadoras e governistas do Ceará. De udenistas conservadores até o talo e de pessedistas chefes de oligarquias e fortunas.

Vindo com os lemas vivos da Juventude Operária Católica: Ver, Julgar e Agir, o nosso querido bispo tinha uma pressa missionária. Ver rápido. E vendo rápido, não viu tudo. Julgar rápido. Julgamento rápido envereda facilmente pela injustiça. E agir rápido. Pode até acertar, mas corre o risco de ser incompreendido. As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) foram-se multiplicando rapidamente no chão de um povo que não poderia acertar os ponteiros da inteligência com o relógio precioso do Profeta. E parecia que o relógio deixava os ponteiros numa velocidade fora da hora. Os ponteiros, em muitos momentos, correram mais rápidos do que a própria hora. Certa feita, os sertanejos precisavam de um poço e não sabiam como fazer. Foram ao bispo. E ele disse que eles teriam de resolver seus problemas.

Foi quando o Profeta disse:

Vocês pensam que Deus vem cavar o poço para vocês? Que Ele vai descer dos céus, cavar o poço, enquanto vocês ficam olhando?

Se vocês não se unirem no trabalho e não cavarem a terra, o poço não sairá. Quando o poço saiu, ele disse: quem foi que fez o poço? Vocês que fizeram e construíram o poço. Deus não apareceu e o poço saiu.

A missão de Deus, em Fragoso, é correta. Da mesma forma que Deus não traz a seca e a morte, Ele não deixa ninguém dormindo e vai fazer algo por alguém.

Dom Fragoso via em Cuba um exemplo, mas não expressava inteiramente a verdade. Fidel Castro (1926-2016) teve um papel importante na consolidação da Revolução Russa. A pequena ilha vivia sob uma ditadura radical e desumana. O General Fulgêncio Batista era um ditador corrupto e que somente visava a seus interesses. Durante trinta anos, Cuba viveu sob o seu tacão. Ao proclamar a revolução, Fidel Castro inaugurou uma nova e independente nação, mas Cuba era sempre uma grande ilusão. Alçava pórtico de falácias. Quando quis realizar a reforma agrária, o governo americano não aceitava que se fizesse a reforma em todas as terras. Como Fidel não aceitasse a imposição americana, os Estados Unidos viraram-lhe as costas. Decidiram deixar a pequena ilha à deriva.

Pouco território. Cercada de mar, Cuba jamais poderia viver sem apoio. Quem lhe compraria o açúcar? Quem a levaria para o chão do continente?

Dom Fragoso dizia que Fidel Castro caiu nos braços soviéticos, depois de os Estados Unidos da América do Norte negarem o seu apoio à pequena ilha. Thomas Merton afirmava que homem algum é uma ilha. Como poderia uma ilha, como Cuba, sobreviver tão somente da monocultura da cana-de-açúcar. De repente, os Estados Unidos da América do Norte, seu principal comprador, deixaram de comprar o açúcar. Vendo que o vizinho dava-lhe as costas correu para o regaço dos comunistas. A União Soviética experimentava uma época de fausto. O comunismo voltava à época faustiana que Marx condenava. E as ideias de Marx foram cair no chão mais fofo para o surgimento do comunismo. A Rússia é um país imenso. Um país continental e com uma desigualdade desalentadora. Um desnível social criminoso. Uma política cruel dos czares. E uma multidão de maltrapilhos abeirando-se nos palácios luxuosos e frios, à espera de

pão e de vodka. A Revolução Comunista de 1917 surpreendeu o mundo. Lenin estava exilado em Zurich, de onde saiu para iniciar uma luta sangrenta e fratricida. Uma carnificina sem igual. Destruindo todo o resquício de burguesa que ainda existisse. Lenin, Stalin, o maior criminoso de todos os tempos, que o mundo conheceu e os bolchevistas sufocaram e fizeram correr rios de lágrimas e de sangue na terra sagrada da música e da poesia, do canto e do romance. De repente, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas tornou-se uma grande potência bélica, comercial e territorial. O vazio deixado pelos americanos, que sempre praticaram uma política externa das mais bizarras, fez com que a Cuba vizinha se bandeasse para a República Socialista. Mas Dom Fragoso, quando diz que a culpa de Cuba cair no colo dos comunistas foi dos Estados Unidos da América do Norte, ele acerta em parte. Fidel Castro, inicialmente, não era comunista. Ele tinha estudado com os jesuítas e era de formação cristã, mas já tinha ideais socialistas. Queria um governo totalitário e de atitudes extremistas. A democracia passaria longe da pequena Cuba. Ao se alinhar aos países comunistas, Cuba ganhara um *status* valioso, além de se localizar próximo ao inimigo capitalista, tinha como recompensa polpudas somas em gêneros alimentícios, em combustível e em arsenal bélico. Com essa situação privilegiada, Cuba manteve-se contra os americanos e, recebendo tudo do império soviético, tinha condições de gritar. Os mísseis soviéticos de 1962 mostram bem onde se situava a pequena Ilha.

Dom Batista Fragoso gritou: "nós devemos nos mirar no exemplo da pequena ilha. Devemos nos espelhar no exemplo da pequenina Cuba, que enfrentou o colonialismo e a dependência dos Estados Unidos." Esta declaração foi um grande terremoto. Repercutiu de maneira cálida em todo o território nacional. Sacudiu as estruturas da sociedade civil. Sacudiu as estruturas da Igreja católica. O Governo Militar virou e revirou a cara. Os das esquerdas não entenderam. Os da direita revoltaram-se. E os mais cautelosos ficaram estarecidos. A declaração do bispo de Crateús não deixou ninguém quieto. Mexeu com toda a comunidade. Seu pai fez cartas para os militares. Uma delas ele fez para o General Reinaldo de Almeida, filho de José Américo de Almeida. O grande escritor paraibano, autor do romance, "A Bagaceira." A carta era dramática e cheia de revolta. Lembrava o pai do general, que era um grande paraibano. Escreveu tam-

bém para o General Jarbas Passarinho. Eram missivas eivadas de indignação e de revolta contra a perseguição que seu filho sofria. Dom Fragoso sofreu imensamente. Viu suas declarações distorcidas e manipuladas. A imprensa nunca mudou a sua maneira de comportamento. Muitas vezes, desleal, para não dizer desonesto.

O próprio bispo conta a sua versão:

Em Natal há um jornal que está muito ligado a nós, que se chama "POTY". Um repórter desse jornal veio pedir-me uma entrevista sobre a Igreja e os problemas de hoje. Sobre a juventude. Sobre a América Latina. Sobre o perigo de cubanização da América Latina. Sobre o Sacerdócio e o Celibato. Sobre os métodos anticoncepcionais. E sobre a Igreja. No meio de duzentas linhas, eu disse uma linha sobre Cuba: "A coragem da pequena Cuba para libertação da América Latina, poderia ser um símbolo e um apelo."

A declaração causou um verdadeiro terremoto. Uns a favor. Outros radicalmente contra. E como uma bola de neve, houve um desencontro de opiniões e de atitudes. Além do mais, o bispo não teve direito de resposta. Não teve oportunidade de um correto esclarecimento. E nessas situações quanto mais se explica, mais se complica.

Dom Fragoso ficou extremamente desgostoso quando soube que alguém foi denunciar ao Arcebispo e ele mesmo recorda:

Na mesma noite um professor da Faculdade de Direito de Natal, Paulo Bezerra, que também é do DOPS, mandou um telegrama para os jornais e para o Arcebispo, dizendo que a consciência católica do Estado fora ameaçada pela declaração do bispo de Crateús.

Desgraça logo se espalha, ainda na mesma noite, os correspondentes dos jornais transmitiram para o Rio de Janeiro, não a entrevista, nem o seu pensamento, mas a frase isolada. Além do mais, a imagem que se tinha de Cuba era a pior possível. Onde muitos opositores ao regime castrista eram fuzilados.

Onde se pregava ostensivamente o comunismo ateu. Onde a Igreja católica era severamente algemada. O próprio Ibrahim Sued, o famoso colunista social conhecido no Brasil inteiro, deixou o mundanismo e foi-se imiscuir na seara sagrada, afirmando que o bispo de Crateús estava com a Bola Preta, pois defendeu Cuba. Desde esse lamentável episódio o nosso querido Dom Fragoso não foi compreendido. Um padre, que não é da diocese de Crateús, afirmava que ele só pensava em Cuba. Era o seu único pensamento. Uma visão caolha sobre um mar tão imenso que era Dom Fragoso. Ninguém chegava com ele. E como ele chegava na frente ele sempre estava sozinho. Sem alguém que falasse por ele. Esses desconcertantes acontecimentos foram isolando o nosso querido prelado.

E para complicar ainda mais essa situação, o Secretário de Segurança do Rio de Janeiro, General França, possivelmente louco, decretou, de maneira completamente maluca, a prisão de Dom Fragoso. Foi outra grande celeuma em torno do bispo. O caso foi outra maneira equivocada de interpretação. A polícia prendeu um casal do Maranhão que era ligado ao terrorista Carlos Marighela. Esse casal trabalhava com Dom Fragoso no tempo que ele era bispo auxiliar no Maranhão. Carlos Marighela era um ex-oficial, terrorista, implacavelmente caçado pela polícia do exército. Como o casal havia escrito para Dom Fragoso, sabendo se ele poderia conversar com o terrorista, ligou-se irresponsavelmente o prelado ao guerrilheiro. O bispado elevou a voz. Dom Helder Câmara ameaçou o governo, dizendo que se Dom Fragoso fosse preso, todos iriam presos com ele. Mas esse episódio perdeu de longe para o acontecimento da declaração sobre o exemplo da Pequena Cuba. Temeroso do desenrolar do caso da prisão, o seu irmão, advogado Estanislau Fragoso, impetrou *habeas corpus*. Uma forma de garantir a liberdade do bispo. Somente diria que o governo militar era corajoso, se se atrevesse a mandar Dom Fragoso para a cadeia. Parecia que Dom Fragoso chamava para si essas questões. Ele parecia adorar o perigo. A juventude aflorando. Afoiteza na pele. A coragem na mão. Além de pegar corda dos mui amigos que adoram uma celeuma.

Tio Otacílio Bezerra do alto dos seus 95 anos, lúcido e incisivo, lamenta ter sido alijado da Igreja católica de Crateús, de uma forma muito sutil e ardilosa. Conheci Otacílio Bezerra, ain-

da criança. Primo legítimo do Pe. Bonfim, um cristão ardoroso e generoso. Dava-se em plenitude à causa da Igreja. Fazia parte do antigo coro. Era funcionário do IV BEC e estava presente em todas as festividades e em todos os atos da comunidade católica de Crateús. Inteligente. Agudo nas suas considerações, Otacílio era homem de voo próprio. Nunca seria boi de presépio. Viu a Diocese de Crateús. Viveu seu advento com alegria e esperança, mas não foi convidado para seguir na sua caminhada. Lamenta que outros tenham tido a acolhida que ele nunca teve. Otacílio é o exemplo da pobreza evangélica. Um cristão despojado. Sem adorno e sem pompa. A riqueza de Otacílio é ele mesmo. A sua essência é sua riqueza preciosa. E assim foram tantos que a diocese não acolheu. E ao redor do bispo, acastelavam-se pessoas completamente díspares e vesgas na seara da religião. Queriam apenas a sombra das asas, para não serem amordaçados pelos membros da ditadura militar. Muitas pessoas se faziam de religiosas para acobertar sua ideologia política, numa atitude desonesta para com o líder religioso. Dom Fragoso acolhia a todos. Fossem crentes ou não.

O desconforto do pastor para com seu rebanho surgiu num crescendo, quando ele decidiu modificar a realização das celebrações na diocese. Não havia mais casamento individual. Ou casa assim ou vai casar em outra diocese. E muitos casais foram realizar o seu matrimônio em Sobral, Ipu ou Fortaleza. Foi a maneira de acabar com os privilégios. Depois de mais de 50 anos, essa mesma prática acontece, da mesma maneira, em muitos estados e cidades do Brasil e do mundo. O próprio Papa João Paulo II fez casamento para amigos especiais. Batizou filhos de amigos. O nosso querido bispo estava correto, mas poderia fazer tudo isso de maneira gradativa. Já no episcopado de Dom Jacinto, o Padre Geo (Jeferson Carneiro, S.D.B.) não queria permitir uma missa de 4 anos da morte de Pe. Bonfim. Do ponto de vista teórico é correto, mas a história é diferente. As exceções sempre acontecerão. Um grande empresário de Crateús morre. Muito religioso. Muito amigo da Igreja. Muito caridoso. Seu primo padre veio de outra cidade para celebrar a missa de corpo presente, porém a ordem do bispo é que somente a equipe pastoral poderia celebrar naquela paróquia. Uma total falta de sensibilidade, e até de caridade, para com uma família que já ganhara a dor da perda, agora acrescentava a dor da decepção. Não se constrói civilização dessa maneira. Uma atitude

descosida de educar. O tempo da delicadeza é tempo de ternura e de partilha. Maria José Bonfim de Moraes, filha de Felipe Moraes e de Alaíde Bomfim, iria se casar com o militar Jorge Gonçalves. Ambos filhos de Crateús. Natural que desejassem que o oficiante do casamento fosse seu tio, Padre Bonfim. Dom Fragoso deixou Crateús inúmeras vezes para fazer e celebrar as festas de sua família. Isto é quase bíblico. Pois o próprio Dom Fragoso não permitiu que Monsenhor Bonfim fizesse o casamento. Pessoalmente, fomos até o bispo, que foi insensível. Foi frio. Foi rancoroso. Nesse dia, a misericórdia passou muito longe do Palácio do bispo, onde ele despachava. Um acontecimento inédito no mundo da boa convivência. De um mundo sem fronteiras. De um mundo que se abraça e se encontra. Sem burocracia. No mundo médico, no mundo do direito, no mundo das letras todos aceitam alguém nos visitar. Dom Fragoso, numa atitude desconhecida, ergue muros e cercas e ninguém pode entrar no seu coração e nem na sua alma. A sua mãe ainda era viva. Morreria, em 1983, e o próprio filho celebraria missa nas dependências de uma casa particular. Mas ele era bispo. O bispo pode ser apóstolo. Mas o bispo pode ser o dono imperial de sua igreja.

Como um verdadeiro profeta, Dom Fragoso prosseguiu nas suas peregrinações. Não voltaria atrás. Seguiria em frente. Pregava o que o evangelho mostrava, não declinaria de sua vocação profética. Dentro de Crateús, sua pregação aguda e nua, ia de encontro aos interesses dos mais abastados. Dos mais favorecidos. Bradava com vigor contra a injustiça social. Chamava aos péssimos patrões de ladrões. Pregava que a terra era de todos. Todos os homens são filhos de Deus. Todos têm direito às riquezas do universo. Por que privilegiar alguns? Evangelho vivo, escorrendo na mão.

O Brasil é um país que nunca dividiu, como canta Padre José Fernandes, C.S.C.J., o nosso talentoso Pe. Zezinho. Apesar de sua exuberante catolicidade, o Brasil não nutriu a generosidade dos americanos. Hoje já se nota a força do voluntariado. A Teologia da Partilha. Da Fração do Pão. Dom Fragoso não inventava nada. Pregava com ardor missionário o legado evangélico de Cristo. Seu ardor. Sua juventude o faria radicalizar.

Numa histórica reunião, com as lideranças da cidade, o bispo disse que quem ganhasse mais de cem mil cruzeiros, por ano, era ladrão. Um senhor se levantou e proclamou: "eu ganho

muito mais do que isto e não sou ladrão. E quando a seca bate e meu gado é dizimado. Minha roça não germina. E o meu legume morre. Aí eu sou bom." Revoltado, abandonou a reunião.

Tinha um zelo e um carinho pelo homem do campo. O agricultor sofrido. Mastigado pela pobreza e injustiça. Lembra-se de seu pai. Via em cada camponês um Zé Fragoso e não queria que nenhum passasse as agruras que ele passou. Achou que era hora de se organizar em associações de classe. Foi quando veio à mente a criação dos sindicatos. E parecia que Dom Fragoso procurava polêmica. Trouxe para Crateús a francesa Paulette Rippart, uma leiga que foi secretária do partido comunista francês, segundo informações não checadas. Foi indicada por um bispo francês, amigo de Dom Fragoso. Paulette era alta, desengonçada e chamava sempre a atenção pelos seus gestos e sua maneira de ser. Morava numa casa próxima ao antigo Instituto Santa Inês. Era uma missionária católica. Trabalhadora e com uma doação total à organização dos sindicatos rurais. Mas causava sempre polêmica. Uma de suas cartas foi interceptada pelo Serviço Nacional de Informação - SNI. Com a dificuldade de comunicação, e mais ainda de escrita, mencionava que os "checos" estavam chegando. A loucura militar via logo que os comunistas estavam vindo. Ela referia-se apenas que os cheques estavam chegando. Era ridículo, mas era um motivo para acender ainda mais a fogueira da inquisição anticomunista que ardia no nosso chão. Segundo o Pe. Antônio Vieira, o Jumento Nosso Irmão, deputado cassado, que defendeu ardorosamente Dom Fragoso, dizia que o Governo Militar não quis ir trucidar os comunistas em terra vietnamita e começou a ver comuna em todo canto.

O lema episcopal de Dom Fragoso parecia não se harmonizar com os seus resultados, e com o seu viver. As suas armas de buscar a última ovelha estava difícil de ser serrilhada.

A Sra. Margarida Gomes (nome fictício), após uma longa e dolorosa enfermidade veio a falecer. Mulher boa. Caridosa. Temente a Deus. Era de família de recursos, mas ajudava a todos. Mãe de muitos filhos, amados e queridos. E, sobretudo, bons. Na missa de sétimo dia, quando a família se derrama em copiosa saudade, o padre celebrante, inventa um "Parabéns Pra Você" destoado de nota e de som. O aniversariante nem na igreja estava. Jesus também chorou ante a sepultura de Lázaro. E

o padre ia mais em frente, que a missa comunitária era para todas as intenções. Está errado? Correto. A missa é feita para Deus, não é outra a intenção do sacrifício pascal revivido no santo sacrifício do altar. As intenções podem se aproximar de Deus, de qualquer maneira. Mas acima da teologia sistemática havia a teologia da dor dos que padecem e sofrem pela perda de alguém que se ama. Hoje, tantos anos passados, todos acham natural, mas há 50 anos era uma forma pouco politicamente correta de conquistar.

Numa das cartilhas que conta toda a história da Diocese de Crateús, uma animadora de Nova Russas lamentava-se da pastoral diocesana não deitar olhos também para os céus e permanecer tão somente olhando e tocando o incruento chão.

12

O PONTO PROFETA



L KARIN, na Terra Santa, lembra o encontro de Maria com sua prima Santa Isabel. O mistério solene da Encarnação com rosto feminino. Zacharias, mudo, José, ausente. Somente as duas mulheres a portar dentro dos seus ventres o destino da humanidade. Isabel ardia de contentamento ao carregar João Batista no seu seio. Maria, com cerimônia de humildade e recolhimento, portava o Salvador no seu ventre. No alto daquela montanha sagrada a humanidade se encontrava. Ali repousava o precursor. Ali se mexia o Redentor. No meio desse solene e santo encontro surgia o canto profético do *Magnificat*. Magnificar a salvação do homem. Magnificar a graça a se derramar montanha abaixo, inundando a humanidade de esperança. Criava-se um novo Adão.

O Precursor e o Salvador encontram-se ainda na vida intrauterina. *Magnificat, magnificat, anima mea Dominum*. A alegria que transborda em cascata e desce como enxurrada de graças pelas ladeiras do tempo. O Precursor, aquele que anuncia a esperança. E o Salvador, aquele que traz a salvação. Aquele que é a própria salvação.

Dom Frágoso foi o Profeta que se lança. Que se antecipa. Que vai em frente. Confia no seu Jesus libertador. E acredita nEle. E vai mais em frente. Anda rápido. Tem pressa. Sabe das agruras e sofrimentos de tantos. De muitos.

Essa sua atitude profética, audaciosa e corajosa causou estrago na vida da Igreja. Como todo profeta. Acentuou ainda mais este cânion que dividia as duas visões da Igreja Pós-Conciliar. Frágoso apressado a aplainar os caminhos, a rebaixar montanhas e abrir veredas. Caminhava como quem leva o arado bíblico: não olhava para trás. E a multidão ainda olhava saudosa o passado engolido pelo tempo. E quem vai à frente sofre mais; os espinhos ainda vivos, e as pedras ainda toscas. E os caminhos ainda por se arrumarem.

O confronto tinha uma lágrima maior. Quem se sublevava era o próprio clero. O Profeta ia em frente, sacudindo as poeiras das sandálias do tempo, para semear uma Igreja viva e com o frescor do evangelho messiânico. Dom Fragoso veio se conflitar com seus padres. A tristeza em sua própria casa. Como João, sua voz ressoava no deserto da descrença. Suas palavras hoje são tão atuais que parece até que o Papa Francisco as pronuncia.

Pergunte a ele se de fato ele é o Profeta. Ou se ele anuncia alguém que há de vir? Dom Fragoso foi ficando sozinho nessa sua missão profética. Das dez paróquias somente oito padres. E nem todos tinham o fôlego missionário do profeta. E ele foi lutando só, sozinho. E o fardo era cada vez mais pesado.

Como toda instituição humana, o colegiado episcopal via-o de maneira esgueira. Inteligente, mas nordestino, polêmico, crítico. Audácia na pele. E alguns nomes do Episcopado foram sendo conciliadores. Alguns se chegaram aos militares.

O caso do Pe. José Pendondola, missionário italiano, que falava das injustiças que caíam sobre os agricultores do molido da Várzea do Boi, o fez tomar uma decisão radical. Dom Fragoso achou que a Igreja foi profanada. Foi desrespeitada. Deveria ser resgatada dessa situação ignóbil e humilhante. Deveria ser reparada. A igreja matriz (1762) secular foi fechada. Suas portas cerradas. Seu sino silenciado. Suas alfaias retiradas. Seus altares nus. Foi uma noite de agonia e de desespero. A lâmpada do Santíssimo apagada, anunciando que Jesus não poderia presenciar tamanha ignomínia.

Dom Fragoso ficou indignado com essa estupidez. O Padre José, que voltava de férias de sua terra, foi inesperadamente mandado de volta. Expulso da terra onde decidiu ser missionário. A ordem canônica de fechar a Matriz desagradou a muitos e principalmente os militares. E o pior é que capelães militares foram celebrar na cidade contra as decisões do bispo. Isto entristeceu muito a Fragoso, bispo da Igreja. Se tinham fiéis aprovando, muitos reprovavam a atitude do prelado. Enquanto isso, os grandes pastores em diálogo nas sombras com esse poder que desmoralizava a Igreja. General Antônio Muricy, católico praticante e fervoroso, era um dos canais de ligação com os religiosos e leigos que sonhavam com uma pacificação entre a Igreja católica e o Estado Militar de exceção. E vivíamos no

período mais tenso e mais cruel da Revolução de 31 de Março. O Professor e ex-seminarista, Cândido Mendes, tio de Dom Luciano Mendes, também era acreditado junto ao governo militar. Dom Eugênio de Araújo Sales, Dom Helder Câmara faziam parte deste "Diálogo nas Sombras." Dom Fragoso, por sua vez, não contemplava os militares de uma maneira geral. Teve um relacionamento muito próximo com o Cel. Hugo Ligneul, comandante do IV BEC. Mas essa aproximação gerou uma grande polêmica que determinou a transferência do querido e amado coronel para um posto obscuro de recrutamento no Rio de Janeiro. Essa sua transferência extemporânea suscitou a revolta dos oficiais que culminou com prisões, expulsões e transferências. Por negar-se a celebrar as efemérides ditas patrióticas, o exército lançou mão dos capelães militares, que estavam provisionados num diretório religioso militar, cujo comando é do bispo Capelão sediado em Brasília. Com motu próprio.

Dom Fragoso, como profeta, caminhou sob a *umbrella* do sofrimento. Algemado. Piado. Cerceado. Encarcerado. Quase crucificado.

Dom Fragoso, talvez pela sua maneira humilde de ser, nunca foi censurado, pelo menos oficialmente. O livro de Matthew Fox, "The Pope's War", fala da cruzada secreta de Joseph, cardeal Ratzinger, contra os bispos e teólogos que seguiam teologias díspares do pensamento oficial da Igreja. Como guardador da fé puniu muitos presbíteros da Teologia da Libertação. Fox, que era presbítero católico e foi ser padre anglicano, menciona 92 clérigos, que ele refere como vítimas da perseguição da Sagrada Congregação para a Fé. Do Brasil ele cita: Leonardo Boff, Clodovis Boff, Dom Helder Câmara; Dom Paulo Evaristo Arns; Dom Pedro Casaldáliga e Ivone Gebara SND. Mas o de Dom Fragoso não é mencionado. Numa clareza de que Dom Fragoso era visto como um bispo que caminhava com as linhas e os caminhos da Santa Sé. Dom Helder foi repreendido até pelas suas ausências constante da Arquidiocese de Olinda e Recife. Sofreu muito com o seu sucessor, pela maneira de trabalhar totalmente oposta ao carismático bispo cearense. Na última vez que esteve no Brasil, o Papa João Paulo II beijou-o com muita ternura e muito amor apostólico. Pelo Código Canônico, o bispo não pode ficar ausente de sua diocese por mais de um mês. Sua presença é obrigatória em determinadas festas religiosas

como a Páscoa, Pentecostes, *Corpus Christi* e outras. Por certo, também, o bispo de Crateús, vivia numa cidade escondida e distante do mundo.

Mas era um pastor extremamente zeloso. Lembro-me muito de um tempo que estávamos em Crateús. Era o mês de julho. Fomos à missa na igreja de S. Vicente, celebrada por Dom Fragoso. E após a encarregada responsável falar sobre o movimento financeiro da festa do padroeiro da capela, o bispo fez as devidas observações. Corrigindo-a e orientando-a, numa maneira inequívoca de seu zelo pela vida da comunidade. Nesse mesmo dia, ele pedia-nos para fazer uma visita ao Padre casado José Jacques Moura, que se encontrava gravemente enfermo, após uma cirurgia cardíaca, para revascularização miocárdica por ponte de safena. Foi operado na Casa de Saúde São Raimundo pelo saudoso Régis Jucá. Pessoalmente pedi-me para ir vê-lo. Logo que cheguei a Fortaleza, fui conversar com o cirurgião, que me comunicou da gravidade do caso. O paciente, após a cirurgia cardíaca, apresentou uma úlcera gástrica, hemorrágica, provavelmente por *stress*. Depois de muitos dias de hospitalização, o paciente teve alta, recuperado. Depois conversei com Dom Fragoso sobre o nosso querido Pe. Jacques que por muitos anos foi pároco da vizinha cidade de Independência. Veio falecer mais tarde de outras causas. Vi o carinho que o bispo deitava sobre aquele senhor que no passado era seu colega.

Teve problemas com outros clérigos. Deve ter sofrido muito. No livro do Padre Geraldinho de Oliveira há um relato dramático da situação do Padre José Inácio Américo, que enveredara pela política partidária e ficara sem qualquer provisão pastoral. Morava na fazenda e, segundo o próprio bispo, tinha problemas de cumprimento celibatário. Pode-se ler no livro "Gênese da Paróquia de Monsenhor Tabosa." Quando Dom Fragoso havia decidido pedir ao Vaticano, ordem para o reduzir ao estado leigo, ele começou a chorar e a suplicar que o bispo não fizesse isso. Ele amava a sua batina. Foi quando Pe. Inácio perdeu a eleição para deputado estadual e veio morar em Fortaleza. Já doente, veio a falecer na capital, sendo sepultado no Parque da Paz, quando o bispo celebrou missa e lhe prestou as últimas homenagens.

13.

PADRE BONFIM

P

ela importância que exerceu na vida eclesiástica e civil da cidade de Crateús, José Maria Moreira do Bonfim merece um destaque à parte. Pela sua vida de conduta irretocável, como padre esmerado no amor a Deus e à Igreja. Como exemplo de cidadão honrado e irremovível, o nosso querido Tio Zézé não pode ser sacado do caminho da história, por isso esta página.

O nosso saudoso clérigo nasceu no dia 16 de novembro de 1911. Um dia após Crateús ter sido elevada à condição de cidade. Portanto, pode ter sido o primeiro cidadão dessa terra do Senhor do Bonfim. Filho de Manoel Bonfim e de Maria Teodora Moreira do Bonfim, padre Zezé, como era popularmente conhecido, oriundo de uma família numerosa e que ainda exerce uma apreciável influência na região desses sertões benditos. Família simples. Sem levar a alcunha de elite e muito menos poderosa. De origem essencialmente rural, mais precisamente do Curral Velho, onde se dedicava à pecuária e à manufatura do couro. Mas as seguidas secas na região fizeram com que a família fosse lentamente tangida para a cidade. E o caminho que ela tomou foi o da escola e do pequeno comércio. Manoel Bonfim, filho de Alexandre Bonfim, era um pai de família exemplar. Como era praxe, naquela época, tinha uma família numerosa. Vivia de seu pequeno comércio, uma mercearia localizada bem ao lado da estação do trem. A mesma vivenda onde tombaria sem vida. Onde morreria sozinho, como se fosse uma ave abatida em pleno voo. Tinha pouco mais de cinquenta anos. Morte súbita. Vigiado solitariamente por uma bruxuleante chama de um candeeiro. Era abril de 1928. Com sua morte prematura, os filhos mais novos puseram-se a trabalhar. Alaíde, a última filha viva, começou a ensinar com apenas dez anos. E todos encontraram nas letras e no ensino a única vereda possível de caminhar na vida. José Maria dedicou-se inicialmente ao ofício de ourives com o seu cunhado Francisco Martins Araújo. Com o seu pri-

mo, Francisco Ferreira de Moraes, juntos, foram ser acólitos. Piedosos. Podados para o exercício religioso, com o carisma do Pe. José Juvêncio de Andrade e de Dom José Tupinambá da Frota, a chegada ao pátio do seminário de Betânia não foi muito difícil. Moraes, com melhores condições econômicas, foi mais cedo para o seminário. A ida de Zé Maria foi mais dificultosa. A insistência de Dom José para fazê-lo sacerdote esbarrava sempre na sua condição financeira. Foi quando ele partiu para Sobral, através das Obras das Vocações Sacerdotais. Antes de partir para o seminário foi sacristão por imposição do vigário. O antigo sacristão, José Augusto Moraes, de uma letra com pontuações artísticas, havia-se deixado cair no vício sedoso do álcool.

Em 1928, já era sacristão da Paróquia do Senhor do Bonfim. Zezé aproximou-se ainda mais do velho cura, Padre Juvêncio. Um passo decisivo para aproximar-se do Seminário. Quando morreu seu pai, enquanto ele, os sinos dobrava em canção funérea, as lágrimas derramavam-se na sua face. Zé Maria tinha a alma massacrada pela perda tão cedo do seu querido pai. Quem o pôs no caminho do altar foi sua irmã mais velha Maroquinha, que com sua sofrida costura deu suporte financeiro para que ele chegasse decentemente a Sobral.

Não foi difícil a sua chegada ao altar. Foi ordenado por Dom José Tupinambá da Frota, na igreja do Rosário, em Sobral. Sua ordenação foi realizada, no dia 26 de novembro de 1939. Conquistara rapidamente a simpatia de Dom José, que o colocou como pároco da Catedral de Sobral. Foi o organizador litúrgico do Congresso Eucarístico Episcopal de 1940. Naquele ano celebravam-se os 25 anos de vida episcopal de Dom José Tupinambá da Frota. Bonfim foi merecedor de jubilosos mimos de Dom José, que lhe entregou a Paróquia de Massapê.

De Massapê foi para a sua terra, Crateús, lugar desejado por outros. Com a saída do Padre João Batista, o bispo diocesano, entusiasmado com o seu trabalho paroquial, enviou-o para Crateús. Iniciou seu paroquiado, em janeiro de 1943. Enfrentou lutas e sofrimentos. Sofreu e foi humilhado. Têmpera forte, não se arqueava facilmente às adversidades da vida, teve inúmeras decepções. Chorou e verteu lágrimas cálidas de sofrimento. Muitas vezes foi severamente injustiçado. No seu leito de morte, Pe. José Palhano de Sabóia confessava-me "fiz muito mal ao Pe. Bonfim, seu tio." Cresceu tão somente o lado sagrado da

misericórdia e do perdão. Padre Bonfim sofreu o episódio da Nossa Senhora de Fátima, quando ele, em nenhum momento, atravessou-se no caminho da Santa de Portugal. Sofreu com a violação do Sacrário da igreja Matriz de Crateús. Sofreu quando foi transferido para Licânia, a atual cidade de Santana do Acaraú. Sofreu quando era incompreendido por muitos, inclusive seus amigos e parentes. Sofreu por sua saúde frágil que o acompanhou a vida inteira. Era portador de asma brônquica de natureza alérgica. Arfava facilmente. Piava com facilidade quando atravessava esses rincões em lombo de cavalo ou em motos.

Mas foi feliz com a diocese. Seu filho mais querido. Sua parte mais doce. E seu quinhão que o encheu de felicidade. Tinha um sentido de responsabilidade *in extremis*. Seguia os votos de obediência como ninguém. A chegada do bispo foi uma das suas maiores alegrias sacerdotais. E foi fiel ao seu bispo até o fim.

Filho de uma Igreja Triunfante. Nascido na cristandade. Era ortodoxo, em não retocar os mandatos da Cúria. No livro "Uma Igreja Popular Libertadora", de Dom Fragoso, Adler, Eliésio e João Fragoso, Pe. Bonfim, seguindo normas eclesiológicas até hoje adotadas, é ridicularizado por questionar as vestimentas das mulheres, mas ele seguia códigos que são atuais. Até hoje, a orientação que se tem é dar ao momento litúrgico o respeito que ele merece, inclusive, adota-se até vestimentas para leitores na missa. Duvido alguém entrar sem mangas na Basílica de São Pedro nos dias atuais. É uma falta de educação que muitos padres condenam, mas não têm coragem de educar. Uma vestimenta para ir à praia não pode ser a mesma para receber Nosso Senhor Jesus Cristo. Acho até pueril estacionar-se numa questão mais cosmética do que teológica. Esse é um aspecto menor.

Um coração farto de bondade conduzia em si um gênio de grande instabilidade emocional. Mas logo passava este seu espírito colérico. Não se uniria com Fragoso. Até hoje a Igreja combate o comunismo. E foi um Papa Europeu que jogou as cinzas do muro no sepulcro do comunismo. A Teologia da Libertação tem um pé no marxismo; é questionada e revisada até por um dos seus autores. O caso de Frei Clodovis Boff, irmão de

Leonardo e Lina, todos grandes teólogos, fala de uma ambiguidade do local teológico da Teologia da Libertação.

Num dos cadernos de Dom Fragoso, fala-se que o Padre Bonfim propagava que era anticomunista. Não precisava propagar. Todos já sabiam de suas ideias, que jamais se uniriam com Dom Fragoso. Embora que o Espírito Santo tremula sobre os diferentes. Ideias diferentes e finalidades evangélicas semelhantes.

Ao chegar a Crateús, o bispo deu-lhe o honroso Título de Monsenhor. Deu-lhe a chefia da diocese. Ficou como vigário geral. E, para complicar, o bispo era simplesmente ausente. Passava meses longe de suas ovelhas. Com o mando do padre Bonfim, parecia que ele continuava como vigário de Crateús. E isto lhe dava cada vez mais força. E o bispo parecia distante. Com facilidade e com frequência saía da Europa para a América Latina. Saía de uma reunião em Lima para um encontro da JOC na Argentina. E o velho vigário não teve que diminuir o seu território. E muitos pensavam em ver um padre limitado ao território de suas práticas litúrgicas. E o Monsenhor Bonfim empolgou-se e circulava em todos os lugares da diocese. Parecia que nada mudara com a vinda do bispado. Foi fatal para o Tio Zezé. Suscitou animosidades gratuitas. Faz parte da Igreja Santa e pecadora. Isso tocou na vaidade dos opositores do vigário, que ficaram apostando no boato. No disse me disse. No enredo curto e frouxo. Não poderia ir longe neste seu desiderato. Enquanto isto, o governo militar incendiava ilusões e projetos. Sonhos e devaneios.

O cemitério alargado era um projeto antigo. Do tempo do padre Juvêncio que foi prefeito e pároco. Era uma questão de saúde pública. Era uma questão sanitária e política. Quem opinaria era a Prefeitura de Crateús, por meio da Secretaria de saúde, que nesta época não existia. A intolerância do vigário e a pouca inteligência dos líderes "anti-cemitério" fizeram germinar uma polêmica desnecessária e totalmente absurda. O vigário pisado de um lado, os movimentos sociais que nem sabiam onde ficava o campo santo ficaram brigando por nada. Por trás de tudo isto estava o interesse escuso de tirar o Padre Bonfim do meio do caminho. Ele era uma pedra de tropeço. Tinha que ser alijado. O trabalho está feito, após quase cinquenta anos. Não houve nenhuma epidemia. A mortalidade infantil diminui. E as

pessoas alcançam, cada vez mais, uma longevidade saudável. E, seguidamente, vamos ao Cemitério São Miguel em Crateus cultuar os nossos mortos. Construções novas foram erguidas bem próximas, além do que, se fez uma quase sangrenta guerra. No tempo de Dom Fragoso, o campo santo viveu momentos de grande desprezo e esquecimento. Uma dolorosa degradação. Os movimentos pelo *impeachment* do Padre nada tinham de zelo nem pelos vivos e muito menos pelos falecidos. Os mortos foram usados pelos vivíssimos para derrubar os vivos.

Após Dom Jacinto, o cemitério ganhou uma grande transformação e os mortos hoje repousam num território sagrado e mais digno. Lamentável é a situação do cemitério de Parambu, que, a bem da saúde pública e da prática cristã, deveria ser interditado. Nunca vi tanto desprezo pelos que mereciam repousar em paz.

Toda sociedade apoiou o padre. Os movimentos foram derrotados. O bispo queria sacrificar alguém. Mas não podia declinar do padre. O padre tinha provisão dada pelo próprio prelado. A provisão estava em pleno vigor. O bispo não poderia cassá-lo. O padre não cometeu crime algum. Não proferiu qualquer heresia. Não desobedeceu ao bispo. Não aviltou os seus votos sagrados. E que pecado cometeu? Provisão viva, o vigário vivo e lúcido, o Direito Canônico o resguarda.

Foi quando surgiu um ardid para alijar o sacerdote. Fez-se uma comunidade paroquial, juntando duas grandes paróquias, Crateús e Novo Oriente. Com essas duas paróquias ajuntavam-se as tantas capelas e comunidades. Era uma medida totalmente contra o Concílio Vaticano II. Não sei da onde saiu essa ideia tão sem pé ou cabeça. O Vaticano II, com menos de cinco anos, assistiu uma medida que remetia à diocese no tempo da Diocese de Olinda e Recife. Dom Fragoso deveria estar muito desorientado, ou então não assistiu à sessão conciliar que tratou do tema: Comunidade de Comunidades. A Igreja pobre para os pobres. Faltou um pouco de ponderação. De moderação. E o pior é que o bispo ainda ameaçou o padre de suspensão de ordem, como ele conta no seu livro: "História da Paróquia de Crateús." Essa condenação eclesiástica, suspensão de ordem *ad divinis* não se consumou por intervenção de um colega padre, que não era seu irmão, Padre Leitão.

A saída do Padre Bonfim gerou um mundo de desencontro e de desavisos, com a caminhada da Igreja particular de Cra-teús. Muitos bispos ficaram do lado de Dom Fragoso. A CNBB tinha que apoiar o seu bispo. Outro tanto ficou ao lado do padre. Uma Igreja dividida. De novo o "*Opportunet illeo aducet*". Perdia-se mais uma ovelha. O padre ficou seis anos como um marginal. Aquele que não pode entrar no templo. Aquele que não pode caminhar junto com os outros caminheiros. Aquele que não pode mirar o altar do Senhor.

Alguns dos partidários da grande paróquia deixaram a própria igreja. Em 1975, Padre Bonfim retornou a seu estado leigo. Foi uma volta desastrosa. O próprio bispo voltou-se para o drama da vocação que perdia. Mesmo com a autorização do Vaticano, Dom Fragoso pediu ao Monsenhor Moraes para rogar ao seu primo para não voltar ao estado leigo. Pediu e disse que o lugar do Padre Bonfim era na igreja. Teimoso igual uma pedra, ele não ouviu ninguém e fez um caminho tormentoso que nunca sonhou fazer.

Esses acontecimentos fazem parte da caminhada da Igreja santa e pecadora. Quando da queda do nosso querido tio, escrevi uma carta a Dom Fragoso. Não havia revolta ou rancor. Havia lamento. Padre Bonfim fora esmerado para ser padre. Fora formatado para servir à Igreja. Poucos tinham essa sua embocadura. Fora da Igreja, sem um compromisso formal, fatalmente ele iria para o estado laico. A atitude do bispo foi uma maneira de tirar Padre Bonfim da seara divina. Continuou celebrando na Igreja de São Vicente. Mas não podia celebrar uma cerimônia na Catedral. Uma humilhante situação que ele se submetia, por amor ao seu sacerdócio. Ainda permaneceu no sacerdócio durante seis anos. Dom Fragoso não previu as consequências de sua atitude. *Opportunet aducet Illia*. Não foi buscar outra ovelha perdida. Faltou beijar as sandálias dos que já estão descalços. Criticado e emérito, mas Dom Aldo Cilio Pagotto, ajoelhou-se aos pés do Monsenhor Francisco Ferreira de Moraes e lhe pediu perdão. Não deveria chegar a tanto. Bastava um aceno. Não precisaria nem um abraço, bastava erguer os braços em acolhimento. Ele viria. Ele seria o servo bom e fiel.

Na sua última entrevista, transcrita na Adital, Dom Fragoso diz que fez muita besteira. Que não faria muita coisa da maneira como fez. Não sei se foi uma besteira esse drama com

o velho cura. Despojado do altar. Com os castiçais da vida apagados. Com as portas da misericórdia fechadas. Onde estaria Jesus? Se ele é a própria porta? Se é preciso abrir a porta para chegarmos ao templo sagrado da caridade? Juntamente com Monsenhor Francisco Soares Leitão, José Maria Bonfim eram os dois clérigos mais cultos e preparados da Diocese de Crateús. Com uma acumulada experiência de caminhada apostólica, ambos foram sendo espremidos pela força de novas ideias e de novas estratégias pastorais. A Diocese, Criança Nascente, jamais poderia prescindir do concurso de pessoas de tanta riqueza intelectual e espiritual. O Padre Benes de Alencar Sales, formado, em parte, com Dom José e em parte com Dom Helder Pessoa Câmara, no famoso Seminário Regional de Olinda e Recife, foi ordenado por Dom Fragoso, em 1966, já em pleno tempo conciliar, mas não permaneceu padre por mais de quatro anos. Em 1970, deixava o seu estado clerical para tornar-se leigo. E assim foram tantos. E o Pastor em nenhum momento perdeu seu entusiasmo pela evangelização madura e forte. Mas sofria. Não conseguia ir a tantos lugares, como queria.

O clero foi minguando, minguando, minguando... chegou um momento que eram oito padres para dez paróquias. Mesmo os padres europeus começaram a deixar o estado eclesiástico.

Monsenhor José Maria Moreira do Bonfim faleceu subitamente na madrugada do dia do seu próprio aniversário: 16 de novembro de 1994, aos 83 anos de idade. Deixava-nos um rio de saudade. Um mar de tristeza. Uma montanha de uma dor que ainda nos perturba sempre.

Na sua morte, Dom Fragoso não estava presente, mas foi de uma gentileza sem igual. Abriu as portas da Igreja para acolher aquele que ele nunca deveria ter deixado sair do seio da Igreja católica, que amamos tanto. Ao sentir a morte próxima, o velho cura começou a despojar-se de suas vestes de rancor e de ressentimento. Foi retirando toda a tessitura de melindres e desdouro para com a figura do bispo. Para com o mundo foi dilapidando as pedras de engasgo e de atrito para com qualquer um. Ao fenecer, morreu em paz consigo mesmo. Deixou-nos como herança a sua tenacidade. A sua perseverança. Deixou-nos como herança o seu incalculável amor à verdade. O seu desdouro pela pequenez e pela prática falaciosa das ideias e dos discursos. Deixou-nos como herança o seu caráter irretocável. A

sua fé inquebrantável na Igreja católica. E no Deus da vida e da esperança. Por certo, o nosso querido Fragoso sofreu, quando teve de destituí-lo. A maneira de pô-lo fora da diocese não foi a mais ética. Foi uma artimanha que não se enquadra na retidão do grande bispo. Se ele foi padre conciliar, estava indo contra o Vaticano II. Pois se quer comunidade de comunidades. A Arquidiocese de São Paulo foi dividida em quatro dioceses. Se era por algum delito, não havia. Ele era o governador da diocese. Ele era o pároco da cidade. Houve um lamentável atropelamento do Direito Canônico. O rompimento haveria mais cedo ou mais tarde. Devido tão somente pela formação hermeticamente fechada do Bonfim. Ambos radicais nos seus princípios. Dom Aloísio conviveu com padres tradicionalistas e conservadores durante todo o seu episcopado. Foi terminar sua missão em Aparecida, onde pontua a caudalosa e forte prática devocional. Dom Fragoso provavelmente não teve bons e honestos conselheiros. Pessoas isentas. Um paróquiato de 25 anos deixa marcas de todas as cores. De todos os matizes. Dom Fragoso, no livro do Tombo, define-o desta maneira:

Sou grato ao Monsenhor Bonfim por tudo que ele fez pela Diocese. A maneira amiga e fraterna que me recebeu. Foi a Fortaleza se encontrar comigo e se dispôs a me ajudar na caminhada da nova Diocese. Com alegria lhe dei o título de Monsenhor. É um padre comprometido com a Igreja. Administra decentemente os sacramentos. Extremamente organizado. Mas ao mesmo tempo é arraigado ao tradicionalismo. Autoritário. E sua palavra é sempre a única. Não admite ser contrariado na sua autoridade.

Dom Fragoso descreveu-o com extrema fidelidade a seu perfil de homem e cidadão. Como também de clérigo. O perfil construído por Dom Fragoso é corretíssimo. Mas ele esqueceu que Pe. Bonfim era cumpridor de seus votos de obediência. E de extremo respeito para com seu bispo, mas o conflito era inevitável. Pe. Bonfim era admirador do teólogo Pio XII, tanto que pôs o seu nome no ginásio que ele fundou. O chamado "*Pastor Angelicus*" era o papa da chamada Igreja Triunfante, que tinha em Dom José Tupinambá da Frota o seu mais talentoso

discípulo. Dele levou ao pé da letra a frase de Eugenio Pacelli: "o comunismo é intrinsecamente mau". No livro: "Pio XII e os judeus", o autor relata o belo papel do Papa na proteção aos judeus. Houve holocausto, mas Pio XII foi protetor do povo hebreu. Seu silêncio valeu-lhe o estigma de omissor. Ninguém fez tanto pelos judeus como Pio XII. Abriu as portas do Vaticano, dos seminários, dos templos, dos mosteiros para acolher os judeus perseguidos pelo fascismo.

13.1 FLÁVIO MACHADO: PADRE BONFIM

Flávio Machado talentoso escritor e historiador que anota com proficiência e é bem fundamentado. Ex-seminarista da famosa Betânia, bebeu, nas fontes de Dom José Tupinambá da Frota, águas preciosas, que o banharam com os melhores atributos que um cristão pode ter: seriedade e honradez. Traz aqui, de forma isenta e segura, o seu depoimento sobre o Padre Bonfim:

14

AS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE



e os ricos não o escutaram. Se os poderosos viraram as costas para a sua pregação, o bispo foi-se nidar nos braços dos pobres. E pelos pobres foi acolhido; e amado; e muito amado. Dom Fragoso não foi um seguidor ferrenho da Teologia da Libertação. Pragmático, desde a primeira homilia, Dom Fragoso, jovem aguerrido e sem querer esperar, não se detinha muito em discussão teológica. Quando a discussão surgia, ele preferia mais a teologia dogmática que a teologia questionadora. Amava os pobres, porque amava os pobres. Era pobre como eles eram. Teve algum atrito com a nunciatura apostólica, como o problema do seminário. Havia um compromisso para que se incentivassem as vocações sacerdotais. Mais do que nunca, a Igreja estava precisando de pastores. Sem dar prioridade à formação presbiteral, Dom Fragoso foi-se valer do laicato. Dos leigos que tiveram lugar na vida da Igreja. O Concílio Vaticano II trouxe o leigo para os patamares mais elevados da vida da Igreja. O leigo ficou ciente de sua importância na comunidade eclesial. Inseriu-se no magistério da Igreja. Ressuscitou o Diácono Permanente. O diaconato é o patamar primeiro do sacerdócio. Os seminaristas, após concluírem o seu estudo de Teologia, fazem um estágio em alguma comunidade. Vive um período de estágio. É o antigo tirocínio dos salesianos. E de algumas ordens religiosas. Recebem ordens como o acolitato, o leitorato e, finalmente, o diaconato e o presbiterato. O Vaticano II foi beber nas primitivas fontes e criou a figura do Diácono Permanente, casado e com compromisso provisional com sua comunidade. Santo Estêvão, o primeiro mártir, era diácono permanente. Dom Fragoso não ordenou sequer um Diácono Permanente, mas deu aos leigos e os seus ministérios a força do Espírito Santo. A escassez de sacerdotes deu aos leigos um mando que eles nunca tiveram. De um lado, foi a maneira de preencher um vazio por falta de vocações, mas propiciou um

clima de clericalismo que o próprio bispo condenava no tempo da cristandade. Era uma nova cristandade, com sua vida itinerante. Dom Fragoso dava poderes demais a alguns dos seus auxiliares, mas mesmo assim suscitou a colheita de líderes comprometidos com o reino. No seu livro: "A Gênese da Paróquia de Monsenhor Tabosa", Pe. Geraldinho afirma que houve, em certa época, uma equipe de leigos, como se tratasse de uma incardinção clerical. Em tempo, Dom Fragoso deu-se conta do erro.

Atravessou a margem do rio do seu ministério e foi-se ater com os pobres. Os que estão à margem da vida. Que olham para o rio e não se entusiasmam em atravessá-lo. Acomodam-se. Dom Fragoso foi a eles e começou a criar as CEBS. Comunidades onde o Espírito Santo repousa. Onde a ação do Espírito de Deus faz-se fogo. Faz-se vento. Faz-se água e faz-se vida. Pequenas comunidades que lembram os primeiros cristãos. Onde o amor é fecundo. Onde se sente o calor da partilha. A sinceridade da acolhida. Onde a dignidade faz-se presente. E essas comunidades multiplicaram-se, e foram sementes preciosas que deram muitos frutos. Não havia capelas. Se havia, era no terreno do patrão. E o patrão não via com bons olhos aquela ruma de gente cantando, dançando e rezando por conta própria. E, como os primeiros cristãos, as casas eram as próprias igrejas.

Escolhiam uma casa onde se rezava. Onde se celebrava a Liturgia da Palavra. Onde se discutiam os problemas de cada um e da comunidade. E essas comunidades hoje são mais de mil em toda a diocese. A palavra bíblica foi muito esquecida na Igreja católica. Com uma multidão de analfabetos e iletrados a Igreja temia interpretação espúria e esdrúxula da palavra de Deus. Enquanto os nossos irmãos evangélicos fazem de sua bíblia uma companheira inseparável, os católicos conformavam-se em ter uma Bíblia Sagrada fechada, como adorno precioso na sala de visita de muitos lares. O Vaticano II redescobriu a palavra, mas Santo Agostinho dizia fortemente: "creio que Jesus Cristo está na Sagrada Eucaristia, mas eu creio que Jesus está também na Sagrada Escritura".

Os ditos mais entendidos achavam que somente a missa tradicional tinha valor. E somente aceitavam o ministro das celebrações ser um sacerdote.

Mas aos poucos, Dom Fragoso foi convencendo ao povo de que a carência de vocações sacerdotais fazia com que os pró-

prios leigos caminhassem com a Igreja. Era enfático em dizer: "nada substitui a Sagrada Eucaristia." E seguia o que Jesus tanto falava: "onde estiverem dois ou mais reunidos em meu nome, aí eu estarei" (Mt. 19,20). Mas até hoje é difícil convencer os fiéis da beleza e da riqueza da celebração da Palavra Sagrada. Muitos, após a celebração da palavra, ainda dizem: "a missa foi muito bonita".

Mas as CEBS eram locais em que a comunidade se reunia para falar de sua vida; de seus problemas; de sua alegria; de sua dor. Era um ambiente de partilha. Quando partilhamos, nós crescemos. Nós multiplicamos. Era ali o local onde se diluía a própria dor por alguém da família que faleceu. E ali se faziam orações e novenas pelo ente querido que se fora. Era o confessorário da comunidade. Uma espécie de catarse, mas também era uma fonte de ajuda ao outro nas suas necessidades e nas suas carências.

Dom Eugênio de Araújo Sales, morto recentemente, foi o iniciador das CEBS, no seu estado, Rio Grande do Norte. Tido como prelado conservador, Dom Eugênio foi muito injustiçado por parte do clero e dos fiéis católicos brasileiros. Fiel a sua Igreja e aos seus ditames, foi um batalhador pelos direitos humanos, em pleno governo militar. Foi interlocutor importante e respeitado, lutando pelos direitos humanos dos presos políticos. Castelo Branco dizia temer mais Dom Eugênio do que Dom Helder Câmara, de quem era amigo e conterrâneo. Pois Dom Eugênio vivia mais junto à dor dos pobres. As CEBS surgiram nas bases das pequenas comunidades que se reuniam para rezar diante da escassez do clero. São João Crisóstomo, o famoso boca de ouro, dizia que as casas foram os primeiros templos sagrados dos primeiros cristãos, mas hoje nem todos os templos lembram a santidade das primeiras casas.

As CEBS rapidamente se multiplicaram e encheram de esperança muitos daqueles que viviam numa vida de total marasmo. Num lugar de total desesperança. Surgiram os famosos mutirões, onde todos se irmanam e todos se erguem juntos. Leonardo Boff, no seu livro sobre o Espírito Santo, diz que Ele está nas Comunidades Eclesiais de Base como está nos grupos carismáticos.

Mesmo com a saída de Dom Fragoso, as CEBS continuaram. Nunca foram usadas como sede de partido político ou de objetivos que não fossem a promoção humana da comunidade.

Victor Codina S.J. fala no seu livro: "*El Espíritu del Señor actúa desde abajo,*" sobre a importância das CEBS:

As Comunidades Eclesiais de Base (CEBS) não nasceram como fruto de uma planificação pastoral elaborada desde um escritório da instituição Igreja, mas da base da Igreja, como consequência da mesma pobreza social e eclesial do Povo de Deus. A falta de ministros da eucaristia fez que o Povo se organizasse para escutar a Palavra e celebrar sua fé em comunidade. Às vezes nasceram do Povo que havia celebrado um novenário de defuntos e queria manter-se em comunidade e em oração. Ou de celebrações festivas de um santo padroeiro.

Uma nova face da Igreja. As CEBS são comunidades, um grupo pequeno de pessoas, que se unem na fraternidade e na solidariedade. Não é partido político e nem uma ONG. São parte da Igreja, pessoas reunidas pela fé na palavra de Cristo e no seu ensinamento. É uma célula eclesial, como vemos no Documento de Medellín.

As CEBS mostram a imagem de uma Igreja profética. Missionária. Evangelizadora. Uma Igreja Templo do Espírito Santo pela santificação dos sacramentos.

Carlos Mesters, frade carmelita holandês, missionário no Brasil desde 1949, doutor em Teologia Bíblica e um dos principais exegetas bíblicos do método histórico-crítico no Brasil, esteve presente na caminhada da Igreja de Crateús e nos famosos cadernos "Fazendo a nossa história", caderno de número 2, pág. 44, ele diz:

A igreja aqui está se encarnando. Ela deixou de ser simples palavra. A palavra está se fazendo carne na realidade concreta de Crateús. Faz um novo ecumenismo, em nível diocesano: congrega homens de boa vontade, e congrega-os todos em vista da libertação do

povo. Ela mesma procura dar uma orientação a este movimento de "livre para".

O religioso achava que aquelas CEBS eram ainda promessas. Ainda tinham muito que realizar. Tinham que caminhar abundantemente. E era necessário que o aprofundamento bíblico, que a catequese dos primeiros momentos dessa caminhada fossem presentes e mais atuantes.

E o próprio Mesters conclui:

São como Abraão: têm como promessa uma terra e um povo, mas na realidade não têm nada, nem sequer um lote. Isaac ainda não nasceu. Abraão caminhou, apesar de tudo. Eles também caminham: vão ter o lote, o início da promessa, antes de morrer. Vai nascer Isaac, o filho da promessa, antes de morrer. Vai nascer Isaac, o filho da promessa, antes de eles morrerem. Vão ver o começo, do qual só eles sabem que é o começo de um grande futuro, daquela fonte na serra que refaz a vida daquele Povo Livre, Terra Livre, Sociedade Nova, que ajudam a construir.

As CEBS eram a menina dos olhos da Diocese de Crateús. As CEBS eram uma experiência renovadora dentro da Igreja. Traziam consigo uma nova projeção de fé no espaço social e político. Não tomavam o lugar da paróquia e também não configuravam uma seita. Eram lugares onde se "luta pela terra e pelo chão do evangelho que ilumina, reforça e celebra lutas de cada dia" (Cartilha 07, pág. 18). As CEBS não são capelas. Elas não substituem a paróquia. Como as comunidades tendem a migrar para a cidade, fazendo encolher a população rural e aumentar a população urbana, o número de CEBS ainda é muito pequeno. As CEBS tornaram-se uma forma popular de Catolicismo, mas não representam nem de longe a maioria da população católica do Brasil. Elas estão incluídas nos 20% da população considerada organizada. O resto é o que chamamos massa. Nas pesquisas realizadas pelo próprio instituto que a diocese contratou, a população das CEBS são apenas 10% do catolicismo praticado no Brasil. Em 1989, nos 25 anos da Diocese de Crateús, havia 593 CEBS, assim distribuídas: Tauá 101; Crateús 75;

Nova Russas 75; Ipueiras 70; Independência 58; Tamboril 50; Quiterianópolis 57; Parambu 70; Monsenhor Tabosa 23; Novo Oriente 20; Poranga 16 unidades. As CEBS estavam localizadas 80% no interior, 13% nas cidades e 7% nas Vilas. Tinham um total de 3.329 animadores, sendo 2.459 mulheres e 870 homens. Numa proporção de 2 mulheres para 1 homem. Numa diocese de 360 mil habitantes, apenas 40 mil pertenciam às CEBS. Numa percentagem de 12%. Em 458 dessas comunidades a atividade principal era a celebração, enquanto a luta pela terra era importante em 82 comunidades. Naquele tempo distante, 48% das comunidades cresceram; 36% estacionaram, e 16% foram minguando. Além disso, de cada três comunidades uma não tinha costume de se reunir.

Mas como evangelizar é semear e, como na parábola do semeador, nem sempre a semente cai no terreno fértil.

Era esse o rosto de uma Igreja chamada de Popular e Libertadora.

15. O PACTO DAS CATACUMBAS

Em pleno Concílio Vaticano II, um grupo de padres conciliares conscientizou-se da importância e da necessidade de caminhar com uma Igreja pobre para os pobres. Um voto de pobreza radical e espontâneo. Um compromisso diante da memória dos primeiros mártires e santos do cristianismo. Naquele solo sagrado, umedecido pelo sangue quente de fervor apostólico da aurora do cristianismo, esses padres renunciaram as suas condições de realezas e com a alma nua consagraram-se a Deus. Sem insígnias, sem vestes principescas, sem anel, sem báculo e sem mitra. Nem mais o solidéu escarlate. Como um Francisco, totalmente despido dos adornos que os distinguiu. Vinha de dentro do coração. Era voluntário. Não poderia ter chão mais sagrado do que aquele das catacumbas. Símbolo de uma Igreja perseguida, injuriada, açoitada e maltratada pelos desmandos e descabros do mundo. Não era um gesto escondido. Era um gesto no seio da terra, para que fosse fecundada uma Igreja pobre e santa. Servidora e nua de poderes temporais. Uma Igreja sem lugar de morada. Sem um travesseiro, onde pudesse repousar sua cabeça, embora o movimento das catacumbas não tenha conquistado o coração dos padres conciliares, o Pacto das Catacumbas teve grande influência na II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Medellín, na Colômbia, em 1968. Em Medellín, o episcopado cita o exemplo do próprio Jesus:

Cristo, Nosso Salvador, não apenas amou os pobres, mas sendo rico, se fez pobre, viveu na pobreza, concentrou sua missão no anúncio da libertação dos pobres e fundou sua Igreja, como sinal dessa pobreza entre os homens (DM 14,7).

Em 1979, onze anos depois, em Puebla, no México, realizou-se a III Conferência Geral do Episcopado Latino-Am-

ricano, com o mesmo vigor evangélico da conferência de Medellín. Nessa reunião episcopal, chegou-se à conclusão de que os rostos dos que sofrem miséria e fome é o próprio rosto de Cristo.

As conferências de Santo Domingo e de Aparecida foram envoltas nesta túnica aquecida de preferência por uma Igreja pobre e para os pobres.

O grupo da Igreja dos Pobres foi impactante no campo espiritual, mas não logrou êxito no Vaticano II, como fulcro importante de discussão oficial. Mas a Constituição dogmática sobre a Igreja, a *Lumen Gentium*, em algumas passagens menciona a pobreza, que não teve destaque oficial no Vaticano II.

Estivemos pela primeira vez em Roma, em 1980, com o sonho de conhecer uma das catacumbas famosas. Fomos à Catacumba de Domitília, o local sagrado onde se realizou o famoso Pacto das Catacumbas. É um local que lembra os primeiros momentos do cristianismo ainda nascente. Com suas intermináveis galerias, com seus mais de cem mil túmulos é um lugar sagrado que respira espiritualidade. Tem origem no século IV e abriga uma basílica subterrânea, construída durante o Pontificado do Papa Damásio. É uma das mais extensas galerias subterrâneas de Roma. São 17 quilômetros de galerias. Essa área sagrada foi uma doação feita por Flávia Domitília, que era neta do imperador romano Vespasiano, quando por volta do segundo ao terceiro século foram escavadas as primeiras galerias. Quando entramos naqueles corredores intermináveis, um lugar frio e silencioso, o que nos vem à mente são a oração e o recolhimento. A beleza e o significado dos inúmeros afrescos levam-nos àquele cristianismo ainda com as marcas do Senhor Jesus. Em 12 de setembro de 1965, o Papa Paulo VI esteve nesse mesmo local onde os padres conciliares, comprometidos com os pobres, diante da Eucaristia, fariam o seu famoso Pacto.

O Pacto das Catacumbas é um voto de pobreza extremado. Os padres conciliares saíram das Catacumbas mais santificados, mais despídos e mais cheios de Deus; mais nus de riqueza material, mas mais vestidos com a misericórdia de Deus. Mais pobres, mas mais ricos da misericórdia divina. Saíram como os apóstolos saíram do cenáculo. Já tinham condições de partir para outras terras para anunciar o reino de Deus. Saíram mais pobres. Saíram mais ricos. Saíram despídos das riquezas

do mundo, mas saíram mais ricos de Deus. E foram fiéis a esses votos de fidelidade a uma Igreja pobre para os pobres. Partiram para serem serviço e partilha. Partiram para serem servos a serviços de uma Igreja pobre. Saiu dali uma Igreja renovada. Não com as tinturas do martírio, mas com a nudez do desprendimento e da entrega total. Pobres para os pobres. Nos seus alforjes levavam apenas o amor e a fidelidade a um Deus manso e humilde de coração.

O Pacto das Catacumbas foi um dos momentos mais belos da história da Igreja católica. Foi um verdadeiro regresso às fontes de uma Igreja servidora. Pobre para os pobres. Para desespero de Dom Fragoso não foi uma centelha que pudesse incendiar a todos. Não foi um Pentecostes que fizesse do próprio Vaticano II um novo Cenáculo, mas deixou marcas que não se foram com o tempo. E, lamentavelmente, foi uma dura descoberta para Dom Fragoso:

O Concílio permitiu-me descobrir, que os pobres não estavam no coração e no horizonte dos bispos. Por isso o Vaticano II não relevou o tema. O Concílio permitiu-me sair daquele pessimismo sobre a natureza e dar-me alegria, mas não o vi reconciliando-se com os pobres.

O grupo da Igreja dos pobres não conseguiu tocar no coração dos seus colegas. Mesmo que o tema dos pobres fosse mencionado em alguns textos da *Lumen Gentium* (LG).

Os votos de pobreza dos bispos da Igreja dos pobres:

Viveremos de acordo com a maneira comum como vive a nossa população. Habitação simples, nada de palácios, meios comuns de locomoção e viver o mais simples possível.

Renunciaremos às insígnias pomposas e luxuosas. Nem prata e muito menos ouro. Que nossas insígnias tenham sentido evangélico.

Não teremos conta bancária, a não ser a estritamente administrativa. Não possuiremos imóveis ou móveis. Todos serão colocados em nome da diocese e de obras de caridade.

Entregaremos o manuseio econômico a um grupo de leigos responsáveis e competentes, que saibam gerir os destinos da nossa diocese.

Renunciaremos aos nossos títulos, recusando-nos a sermos chamados de Eminência, Excelência, Monsenhor, preferimos o nome evangélico de Padre.

Nas nossas relações sociais evitaremos privilégios, prioridades ou tratamentos dados de preferência aos ricos e poderosos.

Não acalentaremos o lisonjeio ou a vaidade de nossos fiéis, considerando que suas dádivas são uma participação normal no culto, no apostolado e na ação social.

Estaremos sempre ao lado dos mais fracos e dos mais pobres. Daremos todo apoio aos leigos, religiosos, diáconos e sacerdotes que o Senhor chama a evangelizar os pobres e os operários, compartilhando uma vida de pobreza e de simplicidade.

Procuraremos transformar as obras de "beneficência" em obras sociais com base na justiça e na caridade, para que seja um humilde serviço dos organismos públicos competentes.

Os responsáveis pelo nosso governo e pelos serviços públicos sejam veículos necessários para que as obras sociais sejam instituições que contemplem a justiça e a igualdade.

A colegialidade dos bispos, a mais elevada forma de ser evangelho, deve estar à disposição das nações pobres e despossuídas.

Poremos as nossas vidas a serviço de nossos irmãos no sacerdócio, na partilha e na caridade.

Retornando às nossas dioceses, levaremos todo esse pacto ao conhecimento dos nossos diocesanos e rogaremos que eles, com suas orações e estímulos, ajudem-nos a observá-lo.

Nominação dos bispos que assinaram o Pacto das Catacumbas:

Argentina: Alberto Devoto (1918-1984), bispo de Goya; Enrico A. Angelleli Carletti (1923-1976), bispo de La Rioja.

Brasil: João Batista Mota e Albuquerque (1909-1984), bispo do Espírito Santo; Francisco Austregésilo de Mesquita Filho (1924-2006), bispo de Afogados de Ingazeiras; Pe. José Alber-

to Lopes de Castro Pinto (1914-1997), bispo de Guaxupé, MG; Henrique Hector Golland Trindade, OFM, (1897-1984), Arcebispo de Botucatu, SP; Antônio Batista Fragoso (1920-2006), bispo de Crateús, CE.

Cuba: Eduardo Boza Masvidal (1915-2003), bispo auxiliar de San Cristobal de la Habana, Cuba.

Dominica: Antoon Demets, CSSR, (Congregação do Santíssimo Redentor) (1905-2000), bispo coadjutor de Roseau, Dominica-Antilhas.

Os benefícios desse Pacto das Catacumbas são inegáveis. E como uma onda, esses predicados foram contagiantes, em fazer um episcopado mais próximo a sua própria humanidade. E com o Papa Francisco o vigor da Igreja está nesse caminhar sempre com uma Igreja pobre para os pobres. Muitos bispos foram adeptos dessa consagração evangélica da Igreja. Mesmo que assumissem um compromisso formal.

Podemos garantir que Dom Fragoso foi até o fim fiel a esse seu compromisso extremado de viver pobremente. Desnudo e despido de qualquer enfeite, que não fosse a casula da partilha e do amor aos pobres, os eleitos de Deus. Foi fiel e fiel até o fim. Trouxe naquela tarde distante, de agosto de 1964, Jesus Cristo dos pobres. Ao ir-se voltou mais pobre do que chegou, mas voltou mais rico, pois deu demais. O que fica não é o que recebemos, mas o que damos e o que deixamos com generosidade.

16. TERREMOTO NO MUNDO CATÓLICO: TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

T Teologia da Libertação (TDL) merece um estudo mais vagaroso e mais profundo. Dom Fragoso, lúcido, inteligente e prático. Não tinha perfil de teólogo. Clodovis Boff diz que não é somente na escola que se faz Teologia, mas principalmente na vida pastoral. Dom Fragoso tinha perfil de amar aquilo em que acreditava. De fazer o que a alma suscitava. Rápido, como se não desse tempo terminar sua grande e preciosa missão. Quando afirmou que o seu seminário se iniciou em sua própria casa, partia de lá com um olhar piedoso para com os mais pobres. Havia sofrido com eles. E com eles havia sentido a mesma dor. O mesmo desconforto. O mesmo desespero, quando via o pai pobre e trabalhador ter de arar a terra, que não era sua; quando a fome se hospedava costumeiramente no seu lar; quando via a mãe derramar lágrimas de sofrimentos por não ter como se alimentar; quando a seca batia com toda a sua maldade, e os sonhos murchavam com as plantações a fenecerem; quando olhava a seu derredor e somente via pobre; quando olhava para os campos e somente via pedras e o chão seco e estorricado; quando olhava para os céus e nenhuma nuvem; nenhum sinal de chuva, somente o sol ardente e inclemente. A solenidade dessas tristezas acontecia com sua costumeira frequência, naquele templo de amar e de Deus. Nunca vi Dom Fragoso colocar o pobre no lugar de Cristo. A ambiguidade teológica de que fala Frei Clodovis Boff é que a TDL parte de um lugar teológico desconhecido pelos teólogos tradicionais. É uma teologia nova. Foge dos padrões tradicionais. Além disso, é a primeira teologia que foi formatada fora do pesado âmbito europeu.

16.1. O LUGAR TEOLÓGICO (TL)

Toda teologia parte de um chamado TL. Um dos pontos mais polêmicos na TDL é precisamente a compreensão e a denominação do TL. Segundo o teólogo, Pe. Francisco Aquino Júnior, tanto os críticos da teologia, como a Congregação para a Doutrina da Fé sobre os livros do teólogo Jon Sobrino, como para os próprios teólogos da TDL, que vieram à tona com as críticas desencadeadas pelo teólogo Clodovis Boff. Aquino mostra dois caminhos para o debate acerca do TL. Um seria através do dominicano espanhol Melchor Cano (1509-1560), que mostra dez locais teológicos, enquanto os jesuítas espanhóis/salvadorenhos Jon Sobrino (1938-) e Ignacio Ellacuria (1930-1989) mostram lugares diferentes. Segundo o próprio Cano, os TL levam muito em conta o que Cícero, como anteriormente Platão e Aristóteles, afirmava que para discutir qualquer matéria ou assunto, deve-se iniciar por uma definição. Um ponto de partida para o nosso discurso. Destes TL, poderemos colher toda a nossa argumentação.

Os TL de Cano são estes:

Autoridade da Sagrada Escritura, consistindo nos livros canônicos.

Autoridade das tradições de Cristo e dos Apóstolos.

Autoridade da Igreja católica.

Autoridade dos concílios, principalmente nos gerais e ecumênicos nos quais existe a autoridade da Igreja católica.

Autoridade da Igreja romana, que por honra divina se chama Apostólica.

Autoridade dos santos padres.

Autoridade dos teólogos escolásticos, podendo se acrescentar os canonistas, que guardam o Direito Romano, já que parte desse Direito é considerada como outra parte da Teologia Escolástica.

A razão natural, que se estuda à luz do senso natural.

Autoridade dos filósofos que se guiam pela natureza.

A História Humana, tanto a escrita como aquela que é transmitida de geração em geração (pág. 10).

Quando vamos atrás de um TL, estamos à procura de um chão para edificarmos a nossa teologia. O TL parte da revelação. Um Deus que se revela. Jon Sobrino fala que no Evangelho de Mateus Jesus diz que está no pobre, no oprimido. Partindo da revelação nós chegamos ao *intellectus fidei*. Um Deus que nos revela, isto é, o que chamamos de *auditus fidei*. Com o amor do pobre, que na TDL torna-se TL, nós chegamos ao *intellectus amoris*. Clodovis Boff faz uma revisão sobre estes conceitos e diz que o amor de Cristo ao pobre é um amor humano. Diferente de um amor que se doa por todos. O amor teológico é o amor da cruz. Do Crucificado. "A Teologia como intelecção do Reinado de Deus", tese de doutorado do teólogo Francisco de Aquino Junior é um rico manancial de ensinamentos teológicos que mostra as muitas faces da TDL. Fala que o aspecto prático antecipou-se ao aspecto teórico. Fala de um aspecto polissêmico da expressão práxis e a incomum imprecisão do seu uso. (pág. 31). Mas, a meu ver, o quanto é difícil de entender a TDL. Muito complexo. Pois é quando se traz à discussão o termo libertação. Libertação é um termo que passeia pelas páginas sagradas e está inserido na vida peregrina do povo escolhido. Citando o próprio Aquino: "Sem práxis libertadora não existe teoria libertadora" (pág. 39).

Provavelmente, esses aspectos distantes do entendimento de nós comuns fez gerar essa celeuma em torno de uma TDL, que o próprio Santo João Paulo II afirma muitas vezes ser necessária quando se instala este quadro de miséria, desigualdade e opressão. Dom Romero e Ellacuria foram teólogos que sofreram o martírio por se porem ao lado dos pobres e dos oprimidos. Pelo que sabemos da história de Dom Romero, falava mais alto sua práxis, enquanto Ellacuria era mais teologia. O que mais a diante Aquino chama de "theologizandum" ou aquilo que se theologiza. Segundo Aquino, Ellacuria respeita e reconhece que Clodovis Boff foi quem mais estudou a TDL, nos seus mais diferentes aspectos. No início deste capítulo já tecemos considerações sobre o "*intellectus fidei*" e "*intellectus amoris*." Padre Caetano, grande biblista, insiste que a libertação é "*animae libertation plena*." Não é uma libertação política. Caetano tem como lugar teológico o terreno dos evangelhos e da SAGRADA ESCRITURA. No seu livro: "Nova Jerusalém", prefaciado por Dom Aloísio Lorscheider, ele diz que CRISTO nunca pensou

em mudar as estruturas de então. A libertação do grande Padre Caetano é a salvação do homem como filho de Deus.

Joseph Ratzinger não tem contemplação com TDL, pelo seu lado marxista. É implacável. Basta ver a lista de condenações de quando era o guarda da Doutrina para a Fé da Igreja católica no longo papado de João Paulo II.

Ao discursar para os bispos brasileiros no Vaticano, em 05.12.2009, vejam as palavras do Papa Bento XVI:

Neste sentido, amados irmãos, vale a pena lembrar que em agosto passado, completou 25 anos a Instrução *Libertatis munitus* da Congregação da Doutrina da Fé, sobre alguns aspectos da TDL, nela sublinhando o perigo que comportava a assunção acrítica, feita por alguns teólogos de teses e metodologias provenientes do marxismo. As suas sequelas mais ao menos visíveis feitas de rebelião, divisão, dissenso, ofensa, anarquia fazem-se sentir ainda, criando nas vossas comunidades diocesanas grande sofrimento e grande perda de forças vivas. Suplico a quantos de algum modo se sentiram atraídos, envolvidos e atingidos no seu íntimo por certos princípios enganadores da TDL, que se confrontem novamente com a referida Instrução, acolhendo a luz benigna que a mesma oferece de mão estendida; a todos recorro que “a regra suprema da Fé (da Igreja) provém efetivamente da unidade que o Espírito estabeleceu entre a Sagrada Tradição, a Sagrada Escritura e o Magistério da Igreja, numa reciprocidade tal que os três não podem subsistir de maneira independente. (João Paulo II. Enc. Fides et Ratio 55).

O Cardeal Joseph Ratzinger, Prefeito da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, do Vaticano, em 1984, fez uma exposição didática sobre a TDL. O atual Papa Emérito, Bento XVI, vê nesta nova teologia, uma libertação extremada, que foge dos limites do desenvolvimento humano. Leva conotação marxista, explicando que revolve todas as concepções do cristianismo. Mexe na doutrina perene da fé, na liturgia, na ca-

tequese, na constituição da Igreja católica. É uma subversão total ao cristianismo, mas não entra em qualquer esquema de heresia. Segundo Felipe Aquino, a TDL é uma "nova versão do racionalismo de Rudolf Bultman e do marxismo, que utiliza a linguagem dogmática da fé católica e se reveste de aspectos da mística cristã" (pág. 12).

O extremado amor à causa do pobre. A suprema dedicação à libertação plena do homem como filho de Deus fez Jon Sobrino, SJ, lançar o seu livro: "Fora dos Pobres não há salvação." Um trabalho compartilhado com muitos teólogos e pastores simpáticos à TDL. A força piramidal do poder da Igreja Católica fez com que muitos membros do clero se posicionassem indiferentes e, às vezes, opositores ferrenhos dessa teologia que tinha espaço para existir, mas, ao mesmo tempo, vinha como fenômeno teológico raro e extremamente novo. A Igreja católica foi sempre pobre. Sempre fez algo pelo povo pobre, mas antes da TDL havia uma ação paternalista e pouco eficaz de olhar a pobreza. Não era somente dar comida ao pobre, era libertá-lo do jugo da opressão de que ele é um eterno réu. Sobrino diz que nada se faz para o pobre se não nos pusermos ao lado dele e lutarmos contra as forças que o oprimem. Segundo o jesuíta:

O dinamismo teológico do "a partir dos pobres" se pensou também o lugar de onde provém a salvação. E assim se chegou a fórmula "extra pauperes nulla salus (fora dos pobres não há salvação).

Somos brasileiros, mas poucos conhecem este país continental. Sua diversidade. E, lamentavelmente, o descabro social em que ele se afoga. Quando o economista e hoje imortal da Academia Brasileira de Letras cunhou o termo "Belíndia" para definir a situação social e política brasileira ele estava sendo generoso para conosco. O termo traduz Brasil rico e uma Índia pobre. Mas a grande dor sob a qual geme a sociedade brasileira é a da injustiça social. Está no canto do Pe. Zezinho: "o rico cada vez mais rico e o pobre cada vez mais pobre. Num país que nunca soube dividir". Se no Nordeste e no Norte vemos essa diferença injusta entre ricos e pobres, no centro do Brasil a dor é muito maior. E como somos desconhecedores da América Latina aí é onde a ferida é muito mais doída.

16.2 A CONVERSÃO PROGRESSIVA

Em novembro de 2013, estive no Mato Grosso, quando fui visitar e pedir as bênçãos ao querido amigo Dom Pedro Casaldáliga, mais precisamente, na paradisíaca cidade de São Félix do Araguaia. Dom Pedro (1928-) já era bispo emérito da Prelazia. Ia eu em peregrinação. Ia ao encontro de um grande santo. Era sal vivo para o meu trabalho. Era luz acesa na minha caminhada.

Fui para Brasília e depois fui para Goiânia, onde peguei um ônibus que depois de 25 (vinte e cinco) horas de viagem chegava à cidade de São Félix do Araguaia. Como chegava cedo a Goiânia, fui visitar Dom Thomaz Balduino (1924-2014). Uma criatura admirável. Um santo missionário. Tinha tudo a ver com essa caminhada de Dom Fragoso. Assemelhava nesta luta pelos oprimidos e pelos pobres. Já bastante doente, havia saído no dia anterior do hospital. Tive a alegria de vê-lo, apesar da maneira deselegante e grosseira como fui tratado por um padre mais novo, que cuidava de alguns padres doentes! Foi extremamente indelicado, com um seu colega já idoso, que estava conversando comigo numa cadeira de rodas. Fiquei entristecido com a atitude desse jovem sacerdote. Talvez por estar muito cansado em tratar de tantos colegas idosos e doentes. O seu colega, também dominicano, havia sido operado de um tumor cerebral. Estava na única cadeira de roda que a comunidade possuía. Estava decidido a comprar uma cadeira de rodas para aquela comunidade, mas não houve clima. Pouco ou nada falei com Dom Balduino. Deitou-me um largo e bendito sorriso. Morreria em maio de 2014. Como Dom Fragoso, um grande defensor dos pobres e, principalmente, dos índios. Se de Deus, como diz São Paulo, basta a tua graça, do querido Dom Balduino bastava o seu olhar, que trazia o brilho de sua mensagem de esperança. Bastava o seu sorriso bendito diante de um fim que se aproximava. Juntamente com Dom Pedro Casaldáliga fundou a pastoral indígena. Naquela oportunidade era bispo emérito da cidade de Goiás. Morreria em maio de 2014, após uma longa vida dedicada à causa dos pobres, dos oprimidos, dos índios e dos sem-terras. Viu a dor surgir a sua volta. Colonos e padres assassinados. A bênção silenciosa de Dom Balduino vivificou a minha alma peregrina. E encontraria em Dom Pedro o abraço e

a afetuosa acolhida que o jovem padre me negou. Rezei e pedi a Deus por ele.

Dom Casaldáliga recebeu-me com um sorriso de ternura e de grande amizade. Abraçou-me. E indicou-me a pequena capelinha de taipa, onde Jesus se hospedava. Foi o início de minha sincera conversão. E senti-me tão pequeno diante da simplicidade desses filhos humildes do Senhor. Jesus, o hospedeiro que está em todo lugar. Que está nos pobres e nos cansados. Estava ali esperando a minha oração e a minha humilde prece.

16.3 A AMÉRICA DE "LÁZAROS"

A América Latina, segundo Jon Sobrino, S.J., é uma multidão de "lázaros". Uma terra semeada de miséria e de opressão. Com empobrecimento que clama aos céus e pede a Deus clemência. A injustiça social é tão aguda que, segundo Sobrino, há um bilhão e 300 milhões de pessoas que vivem com apenas um dólar por dia. Casaldáliga chama a isso "as macroblasfêmias do nosso tempo". É o pecado social de que falava Dom Aloísio Lorscheider. Mas o que é mais dolorido na espécie humana é que, além da criminosa pobreza, existe um vácuo entre os mais pobres e os cada vez mais ricos. Segundo os relatórios do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD, esse desnível social aprofunda-se ao longo do tempo: em 1960 havia um rico para trinta pobres; em 1990 havia um rico para sessenta pobres; em 1997 um rico para 74 pobres. Sobrino é contundente: "é o agravo comparativo, insultante, impudico aos pobres; o fracasso da família humana. Em linguagem teológica, é o fracasso de Deus em sua criação". Para Sobrino o pobre é aquele que não existe. É oculto. Esquecido. Escondido. E que ninguém vê. E o mais grave, esse quadro não provoca indignação e nem mesmo provoca um olhar de misericórdia. Os pobres são seres que se alimentam de Luz. São seres que silenciam o mundo. São seres que estão à margem do caminhar da vida. Ao longo da história, a Igreja não foi ausente ao chamado e à mensagem do evangelho de priorizar a pobreza. As santas casas de misericórdia são o testamento desse desvelo para com os pobres e os empobrecidos. Na paróquia do Senhor do Bonfim, o Pe. Bonfim mantinha o dispensário dos pobres, o círculo ope-

rário e escolas para as moças pobres. Para os intelectuais da pobreza da libertação isso não adianta. Como se o trabalho de Madre Teresa de Calcutá fosse inútil. O próprio Papa Francisco aconselha que as paróquias mantenham entidades de caridade. Como diz Fernando Pessoa: "tudo vale a pena, só não vale ter a alma pequena". E a alma apequena-se quando não olhamos de maneira alguma para o pobre. Pobreza é um termo difícil de definir-se. O que seria pobreza evangélica? Vem o termo pobreza cheio de ambiguidades. Pobreza, segundo Gutierrez, só pode ser pobreza. A carência de bens econômicos necessários para uma vida humana digna. Muitas interpretações em ambientes católicos forçam a dizer que a pobreza tem um sentido positivo, pois ela é vista como um ideal de austeridade de vida.

Dom Fragozo afirmava que quando insistimos que o pobre se conforme com sua miséria, dizendo que é a vontade de Deus, estamos legitimando as palavras de Marx de que a religião é o ópio do povo. Eu acho que o profeta está correto, mas o nosso povo, por si só, é acomodado. Da sua própria natureza. De uma visão imediatista e não libertadora. Muitos carregam consigo a filosofia do Zeca Tatu. Precisam de um tônico para acordar desta sua longa letargia.

16.4 BARTOLOMEU DE LAS CASAS E GUTIERREZ

Em 2014, fomos ao Peru. O nosso destino final era Machu Pichu. Visitar uma das maiores belezas do mundo. A cidade construída pelo império Inca. Uma viagem imperdível. Vale a pena. Mesmo com os desafios da altitude e as inclemências geográficas. É um cenário maravilhoso. Passamos alguns dias em Lima. Com sua arquitetura clássica, igrejas grandiosas e decoradas com ouro. Mas o objetivo maior era visitar o pai da TDL, o Frei Gustavo Gutierrez (1928-). Fomos ao Instituto Bartolomeu de las Casas, uma memória de sua obra para com os pobres. O Instituto situa-se um pouco distante do centro de Lima. Gutierrez, hoje, mora nos Estados Unidos da América do Norte. Devido a sua idade, a sua presença em Lima não é frequente, mas mantém-se muito ligado à instituição. Fomos muito bem recebidos no Bartolomeu de las Casas, onde adquirimos alguns livros do grande teólogo. Bartolomeu inicialmente era explora-

dor do povo indígena e depois tornou-se um grande missionário, defensor desse povo que não tem ninguém por eles. A pobreza peruana salta a nossos olhos. Explorado cruelmente pelos espanhóis, foram perdendo os seus reais valores de dignidade e decência. Os espanhóis foram muito mais cruéis do que os portugueses. Deixaram um legado de pobreza e de cansaço nesse povo bom e guerreiro. Aqui, sim, havia muito espaço para a TDL. Aqui é um laboratório vivo da injustiça e da indiferença social.

16.5 VISÃO CRÍTICA SOBRE A TDL

Ao concluir este tema tão intrigante e tão importante, entendemos a inquietação de Dom Fragoso de mudar a feição de miséria e injustiça a que o pobre é relegado. Mas, nos sertões de Crateús é difícil encontrar um estancieiro rico como o fazendeiro gaúcho. Difícil encontrar um proprietário de plantações de soja como no Brasil Central. Um pecuarista que mate 40 mil cabeças de gado por dia. Crateús era um lugar onde só encontrava pobres. Os fazendeiros de Crateús, com o tempo, mudavam-se para o Maranhão para salvar seu gado. As homilias duras que o Profeta proferiu na terra do Senhor do Bonfim estavam descosidas da realidade, pois ali não havia ricos no verdadeiro sentido das palavras. Somente mais tarde fui constatar isso. Eu era humilhado como filho de um ferroviário, por pseudo-ricos. Esbanjavam riquezas e eram tão pobres quanto nós. Vi no caminhar da vida pessoas que tinham tanto, que se exibiam com automóveis caros e luxuosos, não ter no fim da vida um plano decente de saúde. Esses eram os ricos de Crateús. Riqueza que o saudoso Dr. Pontes Neto dizia que não conseguia custear uma semana de Unidade de Tratamento Intensivo - UTI. Talvez o maior equívoco no longo pastoreio de Fragoso. Muitos dos latifundiários, hoje, se apressam em vender suas terras para o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA. E as terras são distribuídas, mas poucos são aqueles que se fixam no chão. Fernando Henrique Cardoso fez mais assentamento do que o Lula. Segundo Adam Smith, a terra é a fonte de toda a riqueza. E a partir de suas pesquisas com a agricultura ele tornou-se o primeiro economista do mundo.

Não havia ricos, como em Fortaleza, em Crateús, quando Dom Fragoso chegou. Havia, sim, muitos pobres. Alguns, ou mesmo muitos, viviam da chamada agricultura familiar. Plantavam o seu feijão, o seu milho, a chamada agricultura de subsistência. Ao deitar o olhar para esse povo cândido, Fragoso queria vê-los caminhar com dignidade e ter uma casa mais decente e usufruir com justiça das riquezas que Deus doou a todos. E não apenas alguns. Dom Fragoso não usou as mãos para escrever teoria e depois iniciar sua evangelização. Ele foi usar suas mãos sagradas para se juntarem às mãos dos que estavam cansados de trabalhar e nada gerar. O bispo foi ao pobre para vê-lo sorguer do chão raso do sofrido empobrecimento. Mas, mesmo assim, encontrou um povo santo de boa vontade, mas, muitas vezes, sem capacidades para entender a teologia do pastor. E muitos tiveram as mais esdrúxulas das interpretações. Quando da chegada dos restos mortais de Dom Fragoso a Crateús, houve uma concentração à beira do rio para aguardar o féretro que chegava de João Pessoa, PB. O microfone foi aberto para que muitos se pronunciassem. Um desses agricultores começou a falar e dizer o que Dom Fragoso nunca pensou.

Antes de Dom Fragoso chegar aqui, eu vivia longe da religião e da igreja. O vigário era muito longe do povo. Celebrava de costas para o povo. Celebrava em latim. Ninguém entendia nada. A igreja gostava de rezar o terço, estas coisas que o nosso bispo não aceitava. Agora me tornei mais próximo a Igreja.

Logo em seguida, foi posta uma gravação com a voz de Dom Fragoso, nas comemorações dos 25 anos da Diocese de Crateús, ou seja, vinte cinco anos antes. E Dom Fragoso falou o contrário do que o senhor desinformado reportou. Após 25 anos o pobre fiel não tinha entendido nada. Como disse o bispo, ao chegar, que todos desconheciam a catequese pós-conciliar. Dom Fragoso, em gravação disse bem forte:

Neste jubileu da nossa diocese não podemos esquecer aqueles que tornaram realidade a nossa ansiada celebração. O trabalho incansável do Monsenhor Bonfim, as orações das associações religiosas. E queremos aqui

agradecer as orações silenciosas de tantas mães. Principalmente a reza do Terço. Como foi importante as orações de todos na sedimentação de nossa diocese.

Com esse episódio muitos estavam longe de entender a inteireza do evangelho do nosso querido profeta. O Profeta tinha pressa, muita pressa, de levar a palavra de Deus a tantos e, como no caminhar bíblico: caminhava, mas não se fatigava.

17

A PROSTITUIÇÃO E O NINHO

Drama da prostituição hoje é um desafio muito mais complexo. As casas de prostituição não existem mais em um lugar determinado. A prostituição hoje não mais afeta à pobreza. Ela frequenta todas as classes sociais. O famoso "Chateau" não existe mais. É proibido por lei. Mas a lei, de uma forma ou de outra, é burlada. Hoje, há um número de mulheres prostituídas, que pertencem à classe média. São as prostitutas de luxo. São as mulheres que usam o sexo para viver uma vida de luxo e de riqueza. Usam a prostituição para pagar sua faculdade, para sustentar suas famílias, para engordar a sua conta bancária. E, quando envelhecem, tornam-se cafetinas que arranjam mulheres para empresários, políticos e viajantes. Combate-se ferozmente o turismo sexual, mas ele existe nas entrelinhas. Muitas pretendem deixar essa vida. Muitas se casam com homens milionários e com isso deixam a prostituição para se apresentarem à sociedade como mulheres famosas e madames cheias de joias, de vestidos caros e de mimos. Mesmo assim, não deixam de ser prostitutas. Usaram o corpo como trampolim para ascender a um patamar social normal. O afrouxamento da ética, a visão capitalista da vida de que o mais importante é ter dinheiro para pertencer ao mundo do consumismo foi sedimentando na sociedade o relativismo. Não é errado usar o seu corpo para ter um carro de luxo? Para ter dinheiro para comprar comida para os seus filhos famintos. Para frequentar uma faculdade particular. Para ter um apartamento numa área nobre. A escravidão é a mesma.

Dom Fragoso, ao chegar em Crateús, tinha já pronto o seu programa de governo. Já sabia o que iria fazer. Tomou como fulcro da sua tarefa missionária a pobreza. Iria mudar a tristeza de ver tantos pobres, mas via ricos onde não os tinha. Via chaminés, mas todas eram silenciosas. Crateús era apenas uma cidade remediada. Trouxe o sindicato rural, que não havia. Trazia na sua alma as dores do seu pai José Fragoso, que amava tanto o

trabalho da terra e não tinha onde trabalhar. Era um desempregado rural. Trabalhador infatigável, José Fragoso, como já mencionamos ao longo desse trabalho, era um homem fantástico.

No tocante à prostituição, o bispo trouxe o programa do NINHO. O NINHO teve origem na França e tinha a finalidade de dar à prostituta a sua dignidade aviltada plenamente. NINHO vem de NID.

Em 1950, Pe. Fragoso foi a Bruxelas participar de um encontro da Juventude Operária Católica (JOC). Em sua passagem por Paris conheceu o, ainda, jovem padre André-Marie Talvas, que, com o beneplácito do Cardeal Arcebispo Emmanuel Suhard, fundara um movimento que ele chamara de Nid. Durante a sua juventude Talvas trabalhara junto à mulher marginalizada. A mulher que tinha como vitrine de seu corpo as calçadas (*trottoir*). A mulher explorada e comercializada no cruel tráfico humano de mulheres que ia de Londres a DAKAR. Pe. Talvas fundou uma ordem com moças consagradas para darem assistência a essas vítimas da prostituição. Dom Fragoso entusiasmou-se com esse projeto e o implantou em São Luiz do Maranhão, quando era bispo auxiliar de Dom José de Medeiros Delgado. Como todos são convidados a participar do Reino de Deus, as mulheres da vida não poderiam ficar de fora. Mesmo a prostituta que infligia o mandamento da castidade. Mesmo a que, não tendo nada, negocia o próprio corpo, vende o seu corpo. Doa o seu corpo, mas continua filha de Deus. Ela continua sendo pessoa humana. Não importa que esteja na prostituição, ela continua sendo filha do reino. Deus condena o pecado, mas não condena o pecador. Como se ao entrar na prostituição a mulher perdesse sua dignidade de ser humano. Ainda, hoje, tem-se o pecado da carne, o maior pecado da humanidade, pois fez que Deus quebrassem a sua aliança para com o homem que ele criou a sua imagem e semelhança. Então a história de que Eva comeu e induziu Adão a comer a maçã foi a materialização de um ato de desobediência a Deus. E ao longo dos séculos, o ato sexual tornou-se o vilão da humanidade. O corpo, que, segundo São Paulo é o Templo do Espírito Santo, tornou-se um ente maldito. Tudo que o corpo produzia era pecado ou abjurado. O sangue era impuro, o menstruo era maldito, as secreções eram abomináveis, somente a lágrima era acolhida. Mesmo assim, se o homem chorasse era porque não era homem. Poderia derra-

mar lágrimas, mas escondido. Nos dias de hoje, nunca houve tanta hipocrisia. Chegam a mudar o sentido de palavras para esconder o ato sexual. Hoje, namorar é sinal de transar. Foi então que para piorar inventaram um namoro casto. Namoro é se conhecer, mas não precisa se despir para saber se a pessoa é a pessoa do seu sonho.

Para o próprio Dom Fragoso, a educação sexual foi totalmente desvirtuada. No seminário, as coisas pioraram ainda mais quando toda mulher é fonte de tentação e pecado. O próprio bispo teve de vencer essas muralhas espirituais e morais. A acolhida à prostituta de uma cidade extremamente conservadora era muito mais intransponível que o sindicato rural, de um vigário formado na escola clerical do radicalismo conservador. O grande Cardeal Martini, S.J., morto como Arcebispo de Milão, dizia que a Igreja tinha de se modernizar. Tirar essas cinzas de tantos séculos. Que a Igreja deixasse de ser tão masculina. Essa raiz masculina vem de longe. Dom Antônio de Almeida Lustosa, SDB, pedia que as secretárias das casas paroquiais tivessem pelo menos 50 anos. Foi quando um gaiato perguntou-o se poderia ter duas de 25 anos.

O trabalho do NINHO foi um dos mais avançados que Dom Fragoso empreendeu no seu longo pastoreio em Crateús. Não era finalidade tirar a mulher da prostituição. Era para lembrar-lhe que ela não era mercadoria. Que seu corpo merecia respeito e veneração. Que um dia aquele corpo tão desejado seria rejeitado. Envelhecida e escaveirada, como diz o Padre Antônio Thomaz, seria abandonada e desprezada. Não tinha a finalidade imediata de condená-la ao inferno por sua vida de pecado. O projeto objetivava ser fonte de paz, de esperança e ser fonte de misericórdia. Que ela tinha um corpo que era templo do Espírito Santo. Que ela não estava nos quintos dos infernos. Ela era vítima de uma sociedade injusta e desigual. Machista e hipócrita. A prostituição surgiu com o monoteísmo. Surgiu na Idade Média, junto com as religiões, principalmente, quando a Igreja católica clamava à pureza, à castidade feminina. Que a mulher se guardasse ou para a clausura ou para o casamento. Que o ato sexual, fora do casamento, era um acinte à pureza da alma. Mas o sexo masculino correu solto. Foi quando os homens começaram a prostituir as mulheres e aí a prostituição foi-se oficializando lentamente. Era necessária até para a iniciação

sexual masculina. Antes de se chegar a esses dias de total liberalidade sexual, as mulheres faziam de tudo, em termos de sexo, menos perder a virgindade. Quem leu o romance de Gabriel Garcia Marques, "Um Conto de uma morte anunciada", um libelo à virgindade. A mulher, após o casamento, trazia um lençol ensanguentado para dizer que ela casou virgem. Se ela não fosse virgem, o casamento seria nulo. Espero que seja somente em romance atualmente.

Ao trazer o NINHO para Crateús, o bispo iria encontrar dificuldade. Iria ser criticado. Iria escandalizar uma sociedade muito conservadora. Uma sociedade machista, onde o macho domina. Iria com sua hipocrisia censurar, tomar-se partido de uma prostituta.

Em 26/08/1970, Monsenhor José Maria Moreira do Bonfim, já excluído da diocese, fez uma carta a Dom Fragoso sobre o trabalho do NINHO.

O senhor já deu fé da onda de imoralidade que se levanta nesta cidade? O meretrício cresce assustadoramente e os clubes de elite fazem restrições nos seus quadros. Não seria isso responsável o NINHO, por ser mal colocado? Não causará escândalo um padre morar no meio do meretrício, sem apresentar um trabalho que justifique tal atitude? Não serão responsáveis pelo relaxamento da moralidade na cidade as lições das freiras? Não trará menoscabo à moral, o comportamento nos encontros zonais e diocesanos? Se o senhor não sabe, saiba que tem havido escândalo, que as paredes não puderam abafar sua divulgação. Não ponho em dúvida a virtude de ninguém, mas não entendo que isso não escandalize.

Quando Mons. Bonfim fez essa carta não tinha qualquer função eclesiástica na diocese. Ainda magoado por ter sido aliado do seio da Igreja particular de Crateús, de maneira inesperada. Não esperaria opinião diferente. Mas o Mons. fundou o Dispensário dos Pobres, que atendia todos, inclusive as prostitutas idosas e doentes. Muito tempo antes, Bonfim, contra tudo e contra todos, casou um senhor muito rico com uma jovem re-

tirada do prostíbulo. Ganhou alguns inimigos por esse seu ato. Quando a presença do Pe. Alfredinho no prostíbulo foi uma atitude muito questionada. Pe. Alfredinho, que nós analisaremos no próximo capítulo, não tinha uma missão política. Queria ser apenas um servo sofredor. Um santo. Não era experiência inédita. A Igreja católica não viu com bons olhos os padres operários na França e nem a experiência dos seminários no meio da favela. A experiência dos seminaristas com formação tão somente em comunidades foi condenada por Roma. Inclusive o Seminário Regional de Olinda e Recife foi aconselhado a fechar. Como a Teologia da Enxada do Pe. Comblin não teve muito tempo de vida. Pe. Alfredinho era um santuário de bondade e de amorosos gestos.

O trabalho do NINHO foi de grande valia na história da caminhada da Igreja de Crateús. Dr. José Fernandes Silva, de saudosa memória, foi um médico que se dedicou com afinco e com zelo, cuidando da vida das nossas irmãs marginalizadas pela prostituição. Mas o Dr. Fernandes era um homem essencialmente bom. Era um médico generoso, que veio ao mundo para ser serviço. Tive a grande sorte de tê-lo como amigo, como médico e, finalmente, como paciente. Filho da terra dos mareschais, Alagoas, Zé Fernandes tornou-se um crateuense exemplar. Amante da terra. Amante do seu povo, com suas dores e seus sofrimentos. O caderno de número 15, na sua última página, fecha este belíssimo trabalho do NINHO, com um desânimo total:

Quanto ao futuro do NINHO na Diocese, não se tem perspectiva nenhuma. Tem-se a impressão de que não está sendo prioridade, nem preocupação por parte dos Agentes Pastorais. Quem sabe "algo novo" poderá emergir do "velho NINHO"! Fiquemos atentos aos apelos destas mulheres sofridas, pobres, discriminadas e excluídas. Sabemos que estas mulheres são filhas amadas e queridas de Deus. ... Atualmente como NINHO, o trabalho só vem sendo desenvolvido na paróquia de Tauá. Em Crateús, nos últimos anos, continua existindo e inclusive crescendo, o problema da Prostituição (jovens e adolescentes), mas não temos feito praticamente nada, como Movimento do NINHO.

Na visão atual, o NINHO não tem mais espaço. Hoje, quem sofre é a mulher como ser humano. Não basta ser mulher prostituta, basta ser mulher para, em potencial, tornar-se a mais escrava de todas as criaturas. Temos de acolher a mulher como filha de Deus, seja ela santa ou prostituta, pobre ou não pobre, doente ou sã, liberta ou escravizada. Na ética pós-moderna de Bauman, fica difícil vislumbrar luz no emaranhado de um céu tão cinzento. A chamada Lei Maria da Penha, que surgiu para proteger a mulher da violência doméstica, corteja qualquer mulher. Com dez anos de vida, a lei não barrou a violência sistemática que se institucionalizou contra a mulher. As leis são necessárias e são eficazes, desde que sejam justas. Mas as leis isoladamente não mudam o comportamento humano se não forem acompanhadas de educação e, sobretudo, de conscientização. No início da década de 80 o Centro Médico foi fazer uma jornada na cidade de Crateús. Estávamos presentes quando fomos falar sobre cardiologia. Após o encontro científico, fomos para uma recepção no restaurante "A Cabana do Mendes". Estávamos em plena festa quando o Dr. João de Paula Monteiro Ferreira convidou-nos para irmos até a zona de prostituição. Disse que na sua eleição, não bem sucedida para deputado estadual, foram as prostitutas as suas mais fiéis eleitoras. E que o meretrício era um lugar sagrado. Achamos que ele tinha razão. Quando estudante, fizemos um trabalho junto aos pobres do Pirambu. A prostituição era forte naquela área de Fortaleza. A presença do Pe. Gaetano Tillesse foi uma luz no escurecido horizonte de trevas, naquele povo destituído de esperança. Padre Gaetano comprometeu-se a criar todos aqueles nascidos que as mães rejeitavam. Daí surgiu a comunidade religiosa de Nova Jerusalém.

18.

O PADRE ALFREDINHO

Mesmo que Dom Fragoso não tivesse construído nada nos seus 34 anos de pastoreio, e fez muito, muito mesmo, bastava ter acolhido o Pe. Alfredinho nesse pedaço distante do mundo para iluminar e tornar sagrado essa bendita terra de Senhor do Bonfim. Kunz foi a expressão evangélica mais viva que transitou junto de todos nós. Foi uma graça. Foi um testemunho vivo do amor de que Jesus tanto dedicou. Amou como Jesus amou. Viveu como Jesus viveu. Sofreu como Jesus sofreu. Lembrando a canção do Pe. Zezinho. Pe. Fredy Kunz era o evangelho vivo partilhado. Não foi para o deserto. Não foi para as cavernas. Não foi para o convento. Foi sorver com os empobrecidos o licor amargo do sofrimento. Foi sentir com os pobres o peso da cruz, que eles carregam. Foi Cirineu e foi Cristo. Foi Verônica e foi Maria da Cruz, ou Maria das Dores. No seu livro “Espada de Gedeão” Fredy diz que é hora de devolver hoje aos humildes, aos indígenas e a todos excluídos da sociedade a mística da luta não-violenta, suas raízes evangélicas, sua estratégia por eles vivida e praticada por séculos.

Fredy (Alfredo) Joseph Kunz nasceu em Berna, na Suíça, no dia 09 de fevereiro de 1920. Seu pai, Frédéric Kunz, trabalhava numa pedreira e sua mãe, Anna Kunz, era cozinheira e trabalhava em casas particulares e em restaurantes. Fredy teve ainda um irmão chamado André. A mãe era de origem protestante e o pai desestimulava, ainda mais, sua vocação religiosa. Eles moravam no Cantão do Jura, Suíça, e com esperança de melhorar a vida mudaram-se para outra localidade mais próxima à fronteira. Foram para Arbois, onde um parente era dono de uma malharia. Precisavam melhorar de vida.

Fredy, ainda criança, aos 11 anos, começou a trabalhar como cozinheiro. No hotel era explorado pelo dono, que, com a justificativa de ensiná-lo a profissão de cozinheiro, somente fazia usar o seu trabalho, numa consumação escravizante. Fredy

nunca fez opção pelos pobres, ele já nasceu pobre. Ingressou na Juventude Operária Católica (JOC), onde sentiu como o operário era escravizado. Pisado. Maltratado. Sentiu uma profunda atração pela leitura dos evangelhos. Entusiasmou-se. Encantou-se por Jesus. Ficou mais deslumbrado, quando, de um fôlego só, leu a "Quadragesimo Annum", do Papa Pio XI, que trata da condição social do operário. Foi uma encíclica lançada para comemorar os 40 anos da *Rerum Novarum*, de Leão XIII.

Em 1939, Fredy tinha 19 anos, trabalhava na estação de ferro do Fayet, nas cercanias de Chamonix, deitada ao sopé do famoso Mont-Blanc, como cozinheiro. Uma noite calma, já alta, caminhava pelas ruas solitárias e silenciosas de Chamonix, foi fermentando dentro de si a ideia de ser padre. Parecia que Jesus tinha-o escolhido e jamais iria desistir dele. Ele era indispensável na evangelização, mesmo com oposição ferrenha do pai e o desestímulo da mãe protestante. Ele se inscreve para fazer um retiro num seminário. Ao terminar o retiro, a guerra já se pronunciava. Com as linhas de ferro bloqueadas, ele ia de Chamonix até Arbois, 250 Km, de bicicleta. Como o pai não o apoiava na sua vocação consistente e amadurecida, ele inscreve-se no exército francês para lutar contra o nazismo. Logo é feito prisioneiro pelo exército alemão e começa, de imediato, a fazer seu apostolado, fazendo celebração dominical, dando assistência aos doentes, organizando círculos bíblicos e organizando uma biblioteca. Alfredinho tornou-se um incansável missionário. No campo de concentração em Mauthausen, na Áustria, ajudava a todos. Aprendeu russo para continuar evangelizando.

Conta-se que um dia ele saiu andando em pleno campo de concentração. Sem guardas. Portões abertos. Celas vazias. Foi quando Fredy achou que tudo estava muito fácil. E perguntou o porquê daquela facilidade de sair sem ser importunado. Foi quando alguém lhe disse que a guerra era finda. Que ele acordasse. Forjado no sofrimento, caminhava em qualquer hora e em qualquer chão.

Terminada a guerra, Alfredinho entrou num seminário de vocação tardia. Com a orientação do antigo capelão, entra para a congregação dos filhos de caridade. No seminário tomou como guia Maximiliano Kolbe, um dos mártires dos tempos modernos, que morreu para salvar a vida de alguém que nem conhecia. Símbolo do amor maior. Kolbe morreu em Auschwitz, na

cercania de Cracóvia, no dia 14 de agosto de 1941. Foi levado às honras dos altares pelo Papa João Paulo II, em 1982. Alfredinho era venerado por todos os seguidores de Cristo.

Fredy ordenou-se em Paris, França, em 1954, onde permaneceu por um ano. Foi mandado para Montreal, Canadá, onde conheceu o futuro e famoso cardeal Marc Ouellet, ainda seminarista, que ficou encantado com a sua maneira alegre de ser serviço. Seu sonho era ir para a Índia, ou algum país da América Latina. Terminou vindo para Salvador, Bahia, onde ficou sabendo do trabalho de Dom Frágoso e fez opção por Crateús.

Chega manso a Crateús, mas Dom Frágoso não se encontrava. Quem respondia pela Diocese era o Monsenhor Bonfim, que o acolheu com imensa caridade. Em 19.09.1968 o padre comunica ao Bispo:

Logo após a saída de V. Excia., chegou aqui um padre suíço, de quem já deve ter-lhe falado a Irmã Mercês. Como ela terá dito, sua situação ficou dependendo do beneplácito de V. Excia. É bonzinho e vai, quando pode, ajudando-me nas minhas ausências e de Mons. Odorico, que já voltou de Bogotá e vem chegando hoje de Tauá para onde viajara há uma semana (Caderno 15).

A chegada de Fredy a Crateús não foi motivo de apelo. E nem de assombro. E ninguém o enxergava como um precioso presente para aquela comunidade. Andava com roupas surradas e simples. Vivia para testemunhar o evangelho. Pequenininho, marcha miúda, mas firme. Cabelos grisalhos, e com o seu matulão de tecido grosso, falava com todos. Não tinha carro e se ia de um extremo a outro da cidade. Muitas vezes com os mesmos andrajos, sem nenhum sinal clerical. Era um verdadeiro mendigo. E sempre era confundido como tal. Suas vestes, muitas vezes, tinham o mesmo número de Maximiliano Kolbe. Admirado por todos aqueles que apreciam e seguem os postulados do amor maior. Ele andava nas ruas silenciosas de Crateús com a roupa de pijama listrada e com o número de prisioneiro do campo de concentração de Auschwitz, 16670. Solenizava com simplicidade as celebrações e em todo canto da cidade poderia ser encontrado o seu testemunho evangélico, na sua expressão

mais extremada. Criou-se em torno dele uma áurea de santidade. E essa santidade espalhou-se por outros lugares.

Meu querido e saudoso Dr. Paulo Marcelo Martins Rodrigues chegou-se a mim. Queria ir a Crateús para confessar-se com Pe. Alfredinho. O grande Paulo era portador de cardiopatia isquêmica grave. Tinha insuficiência cardíaca em estágio terminal. Era um forte candidato a transplante cardíaco. Tratamento que ele não assimilava facilmente. Educado com os jesuítas, Marcelo era um católico fervoroso. Decidiu ir pedir a ajuda dos céus. Ajudei-o e o recomendei ao Dr. Francisco Sales de Macedo, que o recebeu, e o hospedou com imensa alegria. Interessante que quanto mais seu estado clínico entrava em falência mais seu espírito levitava. Sua alegria de acreditar e de ter fé dava-lhe mais coragem de enfrentar esse doloroso dilema. Freddy foi miraculoso para fazer Marcelo entregar-se com amorosidade nas mãos das graças de Deus.

Alguns crateuenses chamavam-no de o "Velho do Saco". Tinha a forte aparência de um pedinte. Mas a força do seu exemplo fez com que muitos se aproximassem dele. Ou olhassem-no com admiração, mas a nossa terra estava longe de alcançar o sentido maior do evangelho.

Mas ele não tinha vindo para chamar a atenção de alguém, veio como peregrino. Como pobre alegre de servir Jesus em sua maneira mais despojada e mais nua. Na sua forma mais radical. Certa feita, ele foi chamado para dar a unção dos enfermos a uma prostituta. Antonieta era o seu nome. Destroçada pela vida sem rumo. Maltratada pelo mundo que a escravizara, Antonieta adquiriu tuberculose pulmonar que a consumira. Era vítima da indiferença da sociedade. Era um osso só. Era a mulher da face escaveirada, como na poesia de Padre Antônio Thomaz, o príncipe dos poetas cearenses. O filho das praias brancas do Acaraú. E Alfredinho, ali ficou, qual uma Madre de Calcutá, cuidando de um ser que o mundo classificava de imprestável. E o doce apóstolo foi o pai que Antonieta não teve. Foi o amor que nunca recebeu. Foi o filho que ela jamais gerou. Foi o abraço que ela jamais respondeu. Cada dia que passava, era um naco de vida que partia. De gemido em gemido a infeliz mulher repousou nos braços de misericórdia do Pai. Antonieta, sem rosto e sem perfil, tinha o mesmo destino do bom ladrão. Foi morrer

nos braços de outro Cristo, o Pe. Fredy. Estava nos braços de Deus. Estava na Jerusalém celeste.

Antonietta nasceu santa, viveu o sofrimento da prostituição e morreu como mártir, sob a unção de um pequenino santo cheio de amor e de misericórdia. Se Freddy converteu Antonietta, Deus seduziu Fredy. Ele era um santo em perene conversão. A pecadora faz o santo mais santo ainda. Pois, como diz S. Paulo, onde existe o pecado, aí jorra a graça. E ao ver a pobre jovem sucumbir, Fredy resolveu morar no mesmo casebre que morava Antonietta. Não era um trabalho, ou mesmo uma pesquisa. Não era uma experiência inusitada. Era uma entrega plena de um sacerdote comprometido em caminhar ao lado dos mais empobrecidos. Alfredinho falava pouco, mas o seu silêncio era fecundo. Pediu a Dom Fragoso para ir para a paróquia mais pobre da diocese. E o bispo enviou-o para Tauá.

Certo dia, eu recebo um telefonema de Dom Fragoso. O bispo pedia que eu atendesse Padre Alfredinho, com suspeita de doença cardiovascular. Apesar de levar uma vida espartana, Fredy tinha uma história familiar de cardiopatia isquêmica. O seu irmão André Kunz havia sido operado na Suíça. Fora submetido a uma cirurgia de revascularização miocárdica por ponte de safena. Depois de examiná-lo, nós comunicamos ao bispo sua grave situação clínica. Fredy era portador de doença coronariana grave, com risco de ser acometido de infarto do miocárdio ou mesmo ter morte súbita. A doença isquêmica é uma patologia grave, que pode começar com a morte súbita. A humanidade não poderia perder um santo precioso como Padre Alfredinho. Ele era essencial para a salvação do mundo. Quando disse a Dom Fragoso que o nosso Alfredinho deveria ser operado do coração, o bispo tomou um susto. E de imediato dizia que ele não aceitaria um tratamento que somente era para os ricos, um conceito equivocado de que doença do coração era doença de rico. Quem mais sofre e mais morre do coração é o pobre. O pobre não tem condições de fazer uma prevenção primária. O pobre não tem acesso fácil para avaliar seus níveis glicêmicos, lipídicos e tensionais. O pobre não consegue, sequer, uma consulta com o cardiologista, pois o seu vizinho também é pobre. Por essa razão a doença é mais frequente e mais grave na pessoa pobre. Depois o nosso Alfredinho operou-se. Como o próprio Dom Fragoso foi também operado. Hoje, fico feliz por

ter colaborado para que esse santo vivesse mais um pouco entre nós.

Na grande seca dos anos 80, Alfredinho fez-se um sofrido da longa estiagem. E lá estava no meio de homens e mulheres carregando carro de mão, ou levando material de construção para realizar alguma obra, como erguer uma barragem. Poderia ter conquistado mais adeptos. Poderia ter tocado muito mais corações com essa sua vocação para se fazer pobre e humilde. Ser um servidor incansável da caridade. O mais humilde dos humildes. O mais pobre dos mais pobres. E tudo fazia com extrema simplicidade, e santificado silêncio. Mais do que isto fazia com alegria, alegria de ser pobre. Não por fazer um apanágio do empobrecimento, mas para poder estar junto a outros mais pobres e mais sofridos do que ele.

A pobreza é triste. A carência é desconfortável. Fere a dignidade do ser humano. E no livro "Se você soubesse a alegria dos pobres", Fredy Kunz (Pe. Alfredinho), Dom Pedro Casaldáliga fala:

É mais normal falar da tristeza dos pobres. A verdadeira alegria é o tesouro escondido de que fala Jesus. É uma experiência profunda, alternativa, revolucionária, profética. É a mística do seguimento do Servo Sofredor. É a vida de Alfredinho.

Em 1987, Monsenhor Francisco Ferreira de Moraes, filho de Crateús e vigário de Ipu, celebrava seu cinquentenário de ordenação sacerdotal. A data tinha um significado especial para a história da Igreja católica particular da terra do Senhor do Bonfim, após a trágica morte do Padre Inácio Ribeiro Melo, trucidado nos sertões da Paraíba, Crateús parecia nunca mais ordenar um padre filho da terra. Passados quase cem anos, Francisco Ferreira de Moraes foi ordenado na própria matriz de Crateús. Dom José Tupinambá da Frota veio com todo o seu séquito e realizou uma das mais belas cerimônias que já aconteceram na terra do Senhor do Bonfim. Comemorar essa efeméride seria reviver emoções que lembrariam que Deus voltava a visitar o seu povo. A festa maior foi na cidade do Ipu, foi uma festa inesquecível. Em Crateús, Dom Fragozo não quis participar da missa, apesar de eu ter insistido tanto. Mas o seu respi-

rar jamais alcançaria a importância daquela inesquecível data. Perdeu uma grande oportunidade de se conciliar com muitos que não o compreendiam. Padre Alfredinho, porém, de rincões distantes, habitante de outros mares, estava lá juntamente com o Padre Eliésio. Ele não sabe como sua presença foi tão meritória, e que sua oração eucarística foi uma prece bendita até Deus. Fredy não precisava falar. Se estava parado era uma fonte inesgotável de caridade. Se andava era um semeador de amor para com o outro.

Em 1993, Alfredinho foi continuar sua missão peregrina em Santo André, SP. Vivia entre os mais pobres dos pobres. Dividia sua vida diária, passando três semanas como morador de rua e uma semana passava na favela. Vindo de Crateús deixou um legado de amor e de desprendimento radical à luz do cristianismo. Poucos, ou quase ninguém o acompanharam. No ano seguinte, voltou ao Nordeste diante de nova seca que fazia novas vítimas. E era chamado sistematicamente a pregar retiros aos padres e aos leigos. Muitas vezes, nem era reconhecido, pois parecia um mendigo.

A última vez que o vi foi na morte do Monsenhor José Maria Moreira do Bonfim, 16 de novembro de 1994. Celebrou missa de corpo presente com Padre Helênio Pereira, que fez o sermão, quando lembrou que havia sido acólito do Bonfim, quando esse celebrava em Cariré. Monsenhor Moraes não estava presente. Foi a última vez que vi o querido Padre Alfredo Kunz.

Em 1996, voltou a Arbois para visitar suas origens. A sua mãe, Anna, havia falecido. Foi percorrer cada canto por onde passou. E alegrou-se com aquele retorno, pois foi aquela fonte que alimentou sua vocação sacerdotal. O precioso néctar. A santificada seiva que fez nele crescer essa árvore frondosa de esperança e que frutificava em galhos e sementes de amor e paz.

Na Igreja de São Francisco, de Crateús, há um pequeno memorial lembrando a passagem de Alfredinho na nossa diocese. É alguma coisa, mas poderia ser mais forte. O templo encontra-se bem próximo ao mercado público. Na mesma área em que Kunz militou. Na antiga área do meretrício, onde ele se doou para a libertação daquelas mulheres, esmagadas por um sistema cruel e escravocrata. Padre Alfredo (Fredy) Kunz, suíço,

filho da irmandade do Servo Sofredor, faleceu em Santo André, SP, no dia 12 de agosto de 2000. Foi acometido de infarto do miocárdio e morreu aos 80 anos. Deixa um legado primoroso para essa Igreja santa e pecadora. Deixa uma lição de vida dedicada ao pobre e ao empobrecido. Motivo de pena e comiseração, ele encheu-se de dignidade e de força interior. O desnudar junta-se a uma espiritualidade de alma estarrecedora. Um exemplo para todos nós, filhos de uma sociedade que Borman chama de solúvel e descartável. Onde impera o consumismo e o materialismo que não leva a nada. O mundo só pode envergonhar-se de uma pessoa como Alfredo Kunz. Fredy teve coragem de, com sua nudez material e a sua riqueza espiritual e convincente, enfrentar o mundo. A Diocese de Crateús começou iluminada pelas luzes revitalizantes do Vaticano II, teve como seu primeiro pastor um Ponta Profeta e teve um santo desarmado. Descalço. Pés cheirando um chão, às vezes, ressecado pela inclemência do tempo, às vezes, encharcado de lágrimas e de sangue de tantos sofridos. Conheci, de perto, o nosso querido Fredy e senti, de perto, sua vocação madura e benfazeja para doar-se ao outro. Essa vocação foi gerada no sofrer que ele experimentou ao longo de sua vida e, mais precisamente, durante o tempo em que foi prisioneiro de guerra no campo de concentração na Áustria. Vejamos o relato do próprio Fredy:

Em 1944 fui levado como prisioneiro de guerra, para um desses campos de disciplina, na rua Pragerstrasse número 84, em Viena, bairro de Florisdorf. Pouco depois chegaram ao mesmo lugar mais ou menos mil (1000) presos políticos do campo de concentração de Mauthausen. Nunca vi homens tão sofridos, acabados, magros, aterrorizados. Só de olhar para eles os olhos ficavam cheios de lágrimas. Eram duas turmas alternando-se, cada uma trabalhando 12 horas de dia e 12 horas de noite, para fazer os foguetes V-1 e V-2 que os alemães jogavam contra a Inglaterra. Combinamos com os 45 prisioneiros, meus companheiros, levar para os presos políticos, toda a comida, roupa, remédios, que, ao custo de sacrifícios, a gente conseguisse mandar. Confiando na Providência Divina, consegui entrar e sair deste inferno duran-

te mais de três meses. Garanto que não era mole não. Eram as tropas mais fanáticas e feroces de Hitler, os S.S (guarda de proteção), que montavam guarda aos presos. Além disso, a Gestapo, a polícia secreta, que o ditador utilizava para fazer as coisas mais criminosas, fiscalizava todo o movimento da usina de guerra. E eu só fazia entrar e sair, trazendo as coisas, sem chamar a atenção de ninguém. Mas, um dia um agente da polícia secreta pegou-me conversando com Roger Hugues, um preso político que tinha sido condenado por ser membro do partido comunista. Este policial mandou me prender pelos S.S. que me levaram, junto com meu amigo Roger, à residência deles para sermos interrogados. Aí percebi logo que nossa situação não era boa. Acusaram-me das piores coisas: sabotagem, espionagem... Só porque trazia comida, remédios, roupas, para os famintos. No fim, o comandante comunicou-me que eu ia ser enforcado e pronto. Revistaram-me da cabeça aos pés. Encontraram no meu bolso, além do lenço, uma cruz com a imagem do Senhor, que foi colocada em cima da mesa. Ao redor desta mesa havia três homens e, no meio, a cruz. Ali estava o S.S. que era capaz de morrer e matar para que Hitler pudesse dominar o mundo; ali estava Roger Hugues, comunista, capaz de morrer para construir uma sociedade livre de exploradores e ali estava eu, naquele tempo militante da JOC (Juventude Operária Católica), que gostava de cantar animado: "Unidos ao Salvador / vamos nos converter/ e construir um mundo novo," e naquela hora era condenado a morrer enforcado, só porque, como cristão, tinha o dever de dar de comer a quem tem fome. Éramos três homens separados por um abismo, mas os três capazes de morrer na hora, coerentes com as nossas opções. E no meio da mesa Jesus na cruz. Ele que não teve medo de morrer, não só por um partido, ou um clã, mas por todos os homens de todos os tempos. (A Ovelha de Urias, 15/16).

Fredy, hoje, junto a Deus, teve as graças dos céus, pois como dizia Padre Léo: " O céu é para quem sonha grande, pensa grande, ama grande e tem coragem de viver como pequeno". Foi assim que viveu Pe. Frédy Kunz (1920-2000).

Dom Fragoso tinha veneração pela vida piedosa de Frédy. Tinha um litúrgico respeito por ele. Mas o bispo via, no padre peregrino, tão somente a sua força mística. Não tinha sentido de protesto. Tinha sentido de partilha e comunhão. Já como bispo emérito Dom Fragoso falou sobre o Frédy:

Seguidor de Jesus na vivência de pobre, apaixonado pelos mais excluídos, contemplativo do Rosto de Deus no Rosto dos mais "lascados", acolhedor e aberto, ele plantou a semente da Irmandade do Servo Sofredor em milhares de pessoas da Igreja de Cra-teús. Inspirou-se na mística do Servo de Javé (Isaias Junior) e acendeu a chama da Igreja Popular e Libertadora. Esse Rosto de uma Igreja Servidora e Pobre, que estávamos buscando gestar na incerteza e na Esperança, ficou marcado pela Presença-Testemunho de Alfredinho, que viveu a Não Violência Evangélica, a gratuidade, a pobreza como um pobre, a Utopia de uma comunidade

onde os pequenos são amados e os Opressores são explícita e amorosamente interpelados. Quando Deus o levou, aos 80 anos, dentre os mais pobres de Santo André, a Igreja Popular e Libertadora, que vive entre espinhos e flores, ficou convencida de que tem um intercessor na Casa do Pai.



Padre Alfredinho – Frédy Kuntz

19

OS ÚLTIMOS DIAS DE DOM FRAGOSO

Dom Fragoso já sentia o peso da idade. Já se sentia cansado. Tantos anos de trabalho e de lutas. Sentia, cada vez mais, que o báculo lhe pesava. Foi ao Núncio Apostólico, mas esse não relevou a sua petição. Talvez com a dificuldade de ter um sucessor à altura. É muito árduo o trabalho episcopal. A dificuldade de padres. A dificuldade com padres. O desafio de conduzir uma diocese de razoáveis dimensões geográficas. A dificuldade de gerenciar uma igreja com poucos recursos. Os desafios das mudanças rápidas e, muitas vezes, atropeladoras enchem a vida já ocupada do bispo com muitos encargos. Tinha consciência de que sua missão estava cumprida. Deixava aos mais novos o compromisso de levar em frente esta mensagem sublime que Jesus lhe entregara. Era hora de descansar. De partir para um repouso merecido e revigorador. Como S. Paulo, combatera o bom combate e, o que é mais importante, guardara a fé. Merecia a coroa de louros que a justiça preparara. Não há trabalho mais desgastante do que trabalhar com gente. E o desafio do bispo para conduzir seu clero é muito grande.

Dom Fragoso tinha um problema gástrico que o incomodava bastante. Esteve como humilde paciente no médico cirurgião, que lhe deu o diagnóstico de "Divertículo de Meckel", uma situação desagradável, devido a uma dilatação pontual do esôfago. Embora o maltratasse, o cirurgião falou-me que, devido a sua idade, era melhor fazer um tratamento clínico. Mesmo hoje a cirurgia é complicada. O médico, meu amigo, cujo nome eu não tenho ordens de citar, ficou extasiado diante da humildade e da simplicidade do grande bispo.

Pe. Geraldinho, que foi um excelente presbítero, ao longo de muitos anos, tornou-se problema para o bispo, pelos mais diversos motivos. O sofrimento que teve como prisioneiro inocente. A prisão e as torturas que ele teve de enfrentar. As sequelas

que carregava decorrentes de tanto sofrimento. Era olhado com muita ternura. Fora ordenado por Dom Fragoso. Que se sentia responsável por ele. Como não foi ao psicólogo, como devia, ficou estigmatizado e o traumatismo carregou consigo. Mais ligado à linha intelectual da Igreja, ele tinha poucos atributos para a pastoral libertadora e popular que o bispo tanto insistia, mas Dom Fragoso esperava mais dele. Com pouco ou nenhum auxiliar, o bispo tinha que resolver problemas que exigiam decisões dolorosas.

Numa manhã, Dom Fragoso sai sozinho de Crateús e vai resolver um problema sério com o Pe. Geraldinho, que era pároco da Paróquia de Monsenhor Tabosa. Resolve o doloroso problema. Retorna à sede da diocese, quando chega em a Tamboril é acometido de infarto do miocárdio. Não tinha condições de ser atendido na pequena cidade com quase nenhum recurso. Mesmo doente, com dor, suando a cântaros, faz um gesto de um estoico, consegue chegar a Crateús. Ele mesmo dirigindo o seu carro. Percorreu o limiar entre a vida e a morte. O médico enrubesceu-se quando viu o grave quadro clínico. Optou por transferi-lo. De Crateús foi levado imediatamente para Fortaleza. Fez eletrocardiograma que mostrou infarto do miocárdio em fase aguda. Avisado pelo meu primo, Dr. Joaquim Boaventura Bonfim, fui vê-lo no Hospital Cura D'Ars. O hospital não tinha serviço de cardiologia. Ele poderia ir para a Casa de Saúde São Raimundo, ou para o Hospital de Messejana. Depois o Dr. João Martins chegou e o levou para o Hospital Antônio Prudente, onde foi operado, com uma boa evolução clínica. Teve problemas menores do que o esperado. Recuperou-se na casa do Antônio Irismar Frota, padre casado. Não tive mais notícias de alguma complicação decorrente da doença cardiovascular.

Nas minhas constantes viagens ao Ipu, onde ia visitar o nosso saudoso tio Monsenhor Moraes, encontrava-me com o Pe. Geraldinho. O mesmo jeitinho. Tímido. Recolhido. Falando pouco. Monsenhor Moraes, falou-me que ele estava sem diocese e logicamente sem paróquia. Tinha vindo pedir-lhe para ajudar na paróquia do Ipu, mas o tio já contava com o Pe. Maurício. Com a sua amizade com os colegas da diocese de Tianguá conseguiu que Pe. Geraldinho comesse a auxiliar os párocos daquela região. Não entendia, porém como Dom Fragoso, com a grave carência de padres, dava-se ao luxo de dispensar o Pa-

dre Geraldinho. E questionei a ele. Foi então que ele me contou o que sucedeu. Dom Fragoso queria que o padre, no seu ano sabático fosse para a África. Ele não aceitou. Não era o seu plano. Foi para a Europa. Ao retornar, o bispo simplesmente ignorou-o. Não vou fazer julgamento sobre o caso. Nunca entendi esse episódio.

Em 1996, Maria Alaíde Bomfim chegaria à marca dos oitenta anos. E ela queria comemorar. E queria festejar da mesma forma que o seu marido Felipe comemorou. O ponto alto da festa seria uma missa com o Monsenhor Moraes, seu cunhado e seus padres amigos. Sem que Alaíde soubesse, um dia liguei para Dom Fragoso, e ele ficou extremamente feliz. Disse que cancelaria qualquer compromisso, mas aquela missa para ele era sagrada. Era como eu fosse celebrar a missa da minha mãe. Nunca o senti tão feliz e tão amado. Viria com certeza.

Naquela tarde de maio de 1996, quase a luz do dia se consumindo, Dom Fragoso chega. Vem com o Pe. Irismar e a Profa. Miriam. Fiquei muito feliz com sua presença. Mas quem ficou mais feliz foi a aniversariante. E, ao longo da bela e emocionante cerimônia, Dom Fragoso parecia um enviado de Deus. Foi presidente da celebração, ao lado do Monsenhor Moraes, Dom José Bezerra Coutinho, Frei Hermínio Bezerra de Oliveira e o Pe. Pedro Vicente, S.J. Entregou ao Mons. Moraes a responsabilidade da homilia. E pediu que os dois sacerdotes mais novos distribuíssem a comunhão, para poupar os sacerdotes mais velhos. Após a missa, participamos de uma recepção, onde tive a oportunidade de conversar longamente com Dom Fragoso sobre toda a sua vida em Crateús. Falamos sobre fatos agradáveis e alguns momentos de intranquilidade, mas estávamos abraçados e vimos um pastor leve como o sopro de uma brisa. Na sua simplicidade e humildade, achava que algumas coisas poderiam ter sido evitadas. Fiz ver a ele que sua missão era desafiadora. Exigente e profética. Teria que mudar. Teria que trazer uma Igreja de rosto novo. De face diferente. Imposição do tempo. Legado da era conciliar. Antes de plantar, porém, poderia ter beijado mais aquele chão antigo e pouco sedento de coisas novas. Uma terra maltratada e desprezada. Precisava mais do seu abraço amoroso. E, na sua sinceridade habitual, perguntado quando retornaria a Crateús, de pronto respondeu que "nunca mais". Jamais voltaria a pisar a terra que o acolheu por mais de

três décadas. O chão que ele pisou nunca mais acolheria a sua sombra profética e o seu caminhar para salvar a muitos.

Era o ano de 2001, quando fomos assistir a colação de grau de meu irmão, em Ciências Jurídicas. Havíamos perdido uma tia, Suzana. Célio Bonfim de Moraes, engenheiro concursado da Petrobras, que há muito tempo mora em Natal, RN, eu e Alaíde, fomos para a sua grande festa. Era a segunda formatura de um engenheiro que sempre primou pela decência e pelo inegável talento. Foi um dos mais jovens diretores de carreira da famosa empresa. Lá em Natal, resolvemos ir até João Pessoa. Fomos à casa de nossa prima, Profa. Luzia Neide, que acompanhava sua filha, Aline, que estava se formando em Medicina. Tentamos visitar Dom Fragoso, em João Pessoa, mas foi difícil localizar sua residência. Era uma tarde de sábado e ele iria celebrar na Igreja de São Francisco, na mesma rua de sua casa. Conseguimos conversar com ele pelo telefone. Alaíde pediu que ele rezasse pela sua irmã, Suzana, que havia falecido. Ele de novo nos encheu de esperança. Foi a última vez que o vimos. Mas nos levou para o altar do sacrifício um nosso rogo humilde a Deus.

Antes de partir, em agosto de 2006, publicou um interessante livro. Uma espécie de documento testamentário, em que mostrava que construiu uma igreja popular, pobre e libertadora. Pouco, muito pouco antes de partir fez uma entrevista com Adler, que falava de toda a sua vida. Uma entrevista longa e detalhada. Diz que muitas coisas que fez não faria mais. Inclusive, diz que fez muita besteira. Mas estava de consciência tranquila, pois fez o que podia fazer. E o que se comprometeu a realizar, sem se afastar dos caminhos da Igreja.



A DESPEDIDA E A POSSE DE DOM JACINTO

Na Diocese de Crateús tornara-se Sede Vacante, sem bispo diocesano. Dom Fragoso, pela segunda vez, torna-se administrador apostólico, guardando a sede, até que o novo bispo fosse indicado. Sem autoridade para modificar qualquer coisa.

E o novo bispo, Pe. Jacinto de Brito Furtado Sobrinho, não só vinha do Maranhão, como nascera em Bacabal, no estado do Maranhão. Seria ordenado ou sagrado bispo em Crateús e teria como bispo sagrante principal Dom Antônio de Batista Fragoso. Foi a única ordenação episcopal em que Dom Fragoso foi o sagrante principal, em 49 anos de episcopado. Não é um demérito, mas isto traduz o distanciamento para o meio eclesial.

Jacinto, com 54 anos, teria dez anos a mais do que o primeiro bispo de Crateús, quando aqui chegou. Vinha de uma experiência das mais fecundas, em Pedreiras, onde fora padre amado por vinte anos. Depois teve experiência como Vice e Reitor do Seminário da Arquidiocese de São Luiz. Se Dom Fragoso era o profeta, Jacinto apresentava-se como pastor. Eis-me aqui, assim Jacinto inaugurava o seu pastoreio. Eis-me aqui, Jacinto dava-se ao novo rebanho. Eis--me aqui, doava-se sem nada exigir e nada rejeitar. Era tão somente o agente do serviço. Viera para servir. Pela primeira vez na história da igreja particular de Crateús os fiéis viam a sagração de um bispo, ou uma ordenação episcopal. Foi uma festa belíssima. Uma multidão de bispos e de padres na posse do segundo bispo da Diocese de Crateús. A primeira ordenação sacerdotal na cidade fora em 1937, com Dom José Tupinambá da Frota. A primeira ordenação ou sagração episcopal aconteceu com Dom Jacinto.

Monsenhor Moraes veio pedir-me para falar durante a cerimônia. Lá fui eu falar com Dom Fragoso. O bispo disse que eu falasse com o Padre Maurício. Quando liguei para o nosso pa-

dre italiano fui pessimamente recebido. Ele foi taxativo e, sem qualquer doçura, disse-me que nem tinha espaço e nem sentido para isso. Foi quando o falei da importância do Monsenhor Moraes na história emocionante da terra do Senhor do Bonfim. Mesmo com meus argumentos históricos ele reagiu com um sonoro não. Tudo bem, hoje você é quem manda. Tá falado, não tem discussão. Como o Moraes insistisse, liguei de novo agradecendo. Ele, mais domesticado, atendeu-me melhor. E disse que me avisaria se tivesse possibilidade. Já quase no final da missa, Maurício chama-me. Foi quando o velho cura de novo soltou o verbo e de novo saudou o novo bispo vindo das terras timbiras.

O segundo bispo chegaria num ambiente mais calmo. Sem o torvelinho dos anos de chumbo. Chegaria em estado pleno democrático de direito.

No dia anterior à cerimônia, fomos nos despedir pessoalmente do nosso querido Dom Fragoso. Sempre risonho e simpático, tinha uma ponta de tristeza no seu olhar. Falamos que os episódios tristes do passado com o Pe. Bonfim tinham se escorrido no tempo. Foi quando o bispo respondeu com um generoso elogio ao velho Monsenhor Bonfim, de saudosa memória. Ele foi, disse Fragoso, muito competente e zeloso pelas coisas da Igreja. Veja que beleza as suas crônicas no livro de tombo. Na mesma pegada, perguntei- -lhe se ele houvera celebrado outra missa tão bela, como ele celebrou para minha mãe, Alaíde, nos seus oitenta anos. Eu só celebrei outra igual, disse o antiste partindo, quando celebrei para minha mãe. Foram palavras brotadas da alma e grifadas com o risco vermelho do amor materno. Emoção maior não poderia haver.

Foi uma festa muito bonita e muito participativa. Toda a cidade estava presente. Todo mundo se uniu para agradecer a Dom Fragoso, que se despedia, e acolher o novo bispo que tomava posse. Dom Jacinto vestiu a indumentária episcopal, mas sem mostrar ar de príncipe e nem de autoridade. Era o pastor.

Na mesma noite, Dom Fragoso foi para Fortaleza e de lá iria para João Pessoa, onde residiria definitivamente, como bispo emérito de Crateús. Fechava-se um ciclo. Abria-se um novo e promissor horizonte.

Na semana seguinte, houve um encontro marcado com os crateuenses residentes em Fortaleza. Era domingo de Pentecostes. Fez uma celebração longa e disse que não haveria maneira melhor de comemorar aquele encontro do que a celebração da Santa Missa. Agradecia todas aquelas manifestações de carinho e apreço, mas muitas coisas foram ditas com a voz do coração e o coração mente muito. A festa maior do Espírito Santo. Final do Ciclo Pascal. E Dom Fragoso findava a sua Páscoa com este povo querido e com quem conviveu durante tantos anos. Clamava a todos um abraço de Paz. E uma partilha de amor. Dom Fragoso quis mostrar, ao longo do seu esticado pastoreio, que ser cristão é seguir a Jesus. É procurar o seu mesmo caminho de humildade, de partilha e de perdão. A Bíblia mostra Jesus como Salvador, que nos liberta e nos redime. Ele liberta do pecado social, que é a causa de toda injustiça e opressão. Ele nos liberta do nosso pecado. Pecado do egoísmo. Pecado da acomodação. Precisamos dar mais do que recebemos. Dom Fragoso deu muito, a sua maneira, ao seu modo, e levou tão pouco. Cumpriu, com rigor, o Pacto das Catacumbas. Poucos tinham conhecimento disto. E despojado, despido de bens materiais deixou muitas mensagens, mas deixou muitas dúvidas e desafios.



Dom Fragoso e Dom Jacinto

21

DOM AILTON E A VOLTA DE DOM FRAGOSO

Quando assumiu a Diocese de Crateús, Dom Jacinto tinha um grande desafio a realizar. Disse logo que não era substituto de Dom Fragoso. Era seu sucessor. Tinha uma missão a cumprir que o Vaticano lhe confiara. O próprio Fragoso pediu a Jacinto que conquistasse parte do rebanho que ele não conseguiu. Trouxesse esse segmento para a Igreja. Os moradores da cidade começaram a se esquecer que sua diocese era em Crateús. Muitos iam para Ipu, Sobral ou mesmo Fortaleza, para realizar casamentos, batizados e até missas ou celebrações comemorativas. Fazia pena o número de fiéis que frequentavam os ofícios religiosos. Dom Jacinto tinha um desafio a sua frente, porém, o desafio maior era o número ínfimo de sacerdotes. E os que existiam, tinham uma maneira diferente de conduzir a Igreja. Precisava convencer a população católica a frequentar os templos. Precisava a Igreja abrir suas portas. Mas em nenhum momento Dom Jacinto traçou alguma crítica a Dom Fragoso. Tratou-o como irmão mais velho. Convidado para ir à Terra Santa, foi a João Pessoa levar o convite e as passagens para que o bispo emérito pudesse conhecer a Jerusalém terrena. E Dom Fragoso foi. Na sua cruzada silenciosa, Dom Jacinto voltou a inundar os templos nas missas dominicais. Fugindo à regra de Dom Fragoso, construiu templos e igrejas que motivaram ainda mais os fiéis afastados. Mas, para não faltarmos com a verdade, o número de fiéis não diminuiu com o longo pastoreio de Dom Fragoso. Ninguém migrou para outros credos devido ao bispo ter insistido com a preferência radical pelos pobres. As estatísticas não mentem.

Em janeiro de 2014, Crateús recebe o seu terceiro bispo, Dom Ailton Menegussi. Vinha de longe. Da terra missionária de Anchieta. Nesse ano, Dom Ailton comandaria as festividades que celebrariam o cinquentenário da diocese de Crateús. Meio século de existência. O novo bispo iria colher o que jamais plan-

tou nos dizeres bíblicos. Dom Jacinto já tinha sugerido à família que desse a autorização para a transladação dos restos mortais do nosso primeiro pastor. Os mais novos eram contrários. Guardavam ainda os sofrimentos que o tio importante experimentou. Mas os mais velhos, principalmente, Frei Domingos, conseguiram dobrar toda a família e os restos mortais do nosso profeta dormiriam eternamente nos braços do Senhor do Bonfim. Os restos mortais viriam de João Pessoa e aqui chegariam no mesmo dia que Dom Fragoso aqui chegou pela primeira vez.

Era agosto do ano de 2014. 09 de agosto, 50 anos da criação da Diocese de Crateús. Ao longo desse meio século de vida, como o mundo mudou. Como a vida mudou. Muitos já se foram ao encontro celeste na Casa do Pai. A Diocese de Crateús vai fazendo sua caminhada peregrina. A mesma Igreja de Cristo, com os mesmos postulados sagrados. Os mesmos paradigmas, mas com o rosto diferente, burilado pelo tempo. Insisto que não existe Igreja nova e nem muito menos Igreja velha. A Igreja é única e intangível.

Dom Fragoso, o primeiro pastor, é morto. Ao deixar Crateús, foi morar na cidade de João Pessoa, PB. Não foi para Teixeira, a cidade onde nasceu. Foi viver numa casa, localizada na rua que leva o nome do seu pai, José Fragoso, situada no Bairro José Américo.

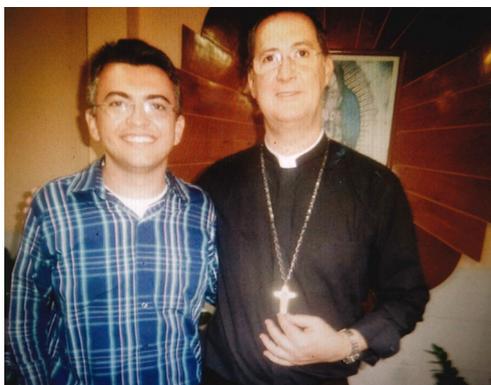
O seu sucessor, Dom Jacinto de Brito Sobrinho, tornou-se Arcebispo de Teresina Piauí. Em 2012, no mês de maio, Dom Jacinto, afogado em lágrimas, nos deixava. E nos deixava justamente no Domingo do Bom Pastor. Após 14 anos de uma evangelização fecunda e consistente, Dom Jacinto deixava muita saudade. Alçaria voos mais elevados. Iria para Teresina, PI, e assumiria a Arquidiocese daquele estado. Em 2013, Dom Jacinto, na celebração centenária de Rosa Ferreira de Moraes, afirmaria que o novo bispo já estava próximo.

Em 2014, seriam os cinquenta anos da Diocese de Crateús. Em dezembro de 2013 era nomeado para a diocese vacante de Crateús, Dom Ailton Menegussi, vindo de Nova Venécia, Espírito Santo. Das terras de Anchieta. Dom Ailton vive ainda o alvorecer do seu apostolado. O dia nem se deixou acontecer quando ele deixa sua terra e os seus para vir ser apóstolo em terras tão distantes. O bispo primeiro de Crateús voltava para a terra onde ele fora pastor.

Dom Frágoso retornava à terra que adotou como sua. Cinquenta anos depois, não tinha mais pés para caminhar. Não tinha mais voz para falar. Chegava nos braços dos outros, como numa apoteose silenciosa. Chegava numa tarde branda de amargor. O homem forte, jovial e gráulio daquele agosto distante era agora somente cinza. Dava para ainda ouvir sua voz metálica e decidida. Mas estava nas nossas mentes. Estava guardado nos nossos corações. Era somente pó. De novo voltava a velha quarta-feira antiga: "*memento homo qui pulvis est et in pulveris reverterem.*" (lembra-te homem que és pó e em pó hás de te tornar.) De novo foi enterrado e ficou ao lado do túmulo do Monsenhor Bonfim. Ficou próximo ao Senhor Morto, lembrando as lágrimas doloridas da semana santa. Lembrando as lágrimas dos que sofrem injustiças e desprezo. Ficaria no átrio da velha catedral para abençoar a todos que adentram ao Templo sagrado. Faria companhia a Jesus Eucarístico, tantas vezes solitário e esquecido. Dormiria nos braços do Senhor do Bonfim. Ele que lutou tanto pelos sofridos, pelos oprimidos, pelos desalentados, pelos descamisados e pelos que perderam a esperança. Ele que tantos ajudou a descer da cruz da opressão e do descaso do mundo. Ali com o Jesus Eucarístico partilha o alimento para tantos. Ali estava junto a Jesus Crucificado, que abraçava a dor do mundo. E mais próximo à mesa do sacrifício, o Jesus Ressuscitado, que, de novo, ressurgiria no dia final para todos nós. O sol posto, o sino ao longe em dobres de tristeza e saudade. Hora solene quando as andorinhas vão-se indo balançar as cortinas dos céus. Uma lágrima parte-se do céu azul de agosto. E a lua é pastor bendito nesse céu que se acende de estrelas ditosas. E o brilho das estrelas iluminam as cinzas daquele que um dia só foi luz. Só foi vida. Só foi aurora e sol esperançoso de primavera. Hoje dorme. Como tantos dormem. Como depois nós um dia dormiremos. Na lágrima metafísica da partida a dor de ver o mundo mais mudo e mais pobre com o profeta que se dobra ao destino e aos desígnios divinos. Ao Profeta gigante que somente a morte apequena. Ninguém dobra um profeta, e jamais um profeta se dobra. E os amarelos jardins que riem amarguras podem rir do seu profeta que se vai no recôndito da dor e na aspereza das negras trevas. Um profeta nunca morre. Deus ressuscita os profetas. *Requiescat in Pacem.*



Dom Ailton no Vaticano – Terceiro Bispo de Crateús



Diácono Aurenilson e Dom Ailton



Retiro do clero da cidade de Crateús com Dom Ailton



ITE MISSA EST!

Segundo o Padre Osvaldo Carneiro Chaves, os grandes homens são como as montanhas. Quanto mais distantes, mais se alargam, mais se azulam e mais se engrandecem. Após cinco anos estamos terminando este trabalho. Muito difícil. Muito pesado. Um grande desafio para nós. Aceitamos como uma grande missão. Foi um novo batismo na vida da Igreja e de seus pastores. Como o fenômeno da Piracema, lembrando o grande poeta Juarez Leitão, tivemos que retroceder. Remar contra a corrente. Ir beber lá na fonte. Foi gratificante. E neste caminhar de conversão, Deus, através destas páginas, veio ensinar-nos como viver melhor. Caminhar mais próximo de Deus. Procuramos entender um profeta, mas profeta ninguém entende. O profeta é verdade, mas um profeta é, sobretudo, justiça. O livro "Ao lado dos pobres", de autoria de dois grandes nomes da Igreja: Gerhard Ludwig Muller, cardeal Prefeito para a Doutrina da Fé, e Gustavo Gutiérrez, iniciador da Teologia da Libertação, fala do anúncio do Reino. Da proclamação do evangelho:

Anunciar o Evangelho é encetar um diálogo salvífico. Supõe o respeito pelo outro e por suas particularidades. Não procura impor-se, mas servir e persuadir. A isso deve apontar o que chamamos hoje de enculturação da fé e que, sem dúvida, corresponde a uma antiga experiência da Igreja. Trata-se de um nobre movimento: a fé cristã deve encarnar-se constantemente em novos valores culturais e em pé de igualdade, pode-se dizer que as culturas devem assumir a mensagem evangélica (pág.150).

Ao longo de seu extenso trabalho junto à comunidade de Crateús, Dom Fragofo foi ardoroso defensor dos postulados evangélicos. Compenetrou-se de sua missão de tarefeiro, de ir a cada

casa anunciar o Reino de Deus. Sua vida toca-nos e convoca-nos à conversão. Momentos edificantes neste longo relato. Um José Fragoso pobre, quase analfabeto, mas de uma inteligência emocional invejável. Homem de uma fé gigante, capaz de andar a pé mais de mil quilômetros, para sarar o puxado do filho. Enfrenta o Reitor do Seminário, quando quer mandar o seu filho de volta. E quase um profeta indignado, joga sobre os ombros do padre o futuro do seu filho. Como profeta, ele sabia que a Igreja estava necessitando daqueles braços para a lavoura do Senhor. Um jovem com a valentia evangélica. Toca-nos a celebração eucarística, quando todos se fartam, mas a mãe Maria José fica sem nada. Mas era assim que ela fazia. Passava fome, mas os filhos não passavam. A mãe sagrada de três sacerdotes. Três homens oferecidos em oblação. Um pai indignado quando filho é ameaçado de prisão injustamente. E o mesmo pai indignado, quando dizem que o seu filhinho querido, como bispo, é chamado de comunista. E é o próprio José Fragoso que diz que comunismo e o cristianismo não podem estar na mesma sala de jantar.

Acredito que se todas as famílias tivessem esse perfil de pureza e decência, não precisaria de seminários. Aceitamos quando Dom Fragoso diz que a sua casa foi um santuário de fé. Foi o seu primeiro seminário. Dele poderia ter saído diretamente para o altar.

Pessoas como Antônio Batista Fragoso não podem ser esquecidas. Vieram, com sua coerência e sua certeza nos seus postulados, mudar o mundo. Com as suas falhas, as suas interpretações equivocadas. E muitas vezes com fontes não seguras da verdade. Quis fazer uma Igreja comunhão. Quis fazer uma Igreja popular. Quis fazer uma Igreja libertadora. Mas toda Igreja é popular. Pois toda Igreja é povo de Deus. Clodovis Boff, que se negou agora a dar qualquer depoimento sobre o trabalho de Dom Fragoso, falou num dos famosos cadernos:

A ideia da Igreja Popular é uma ideia que diz respeito a toda a Igreja latino-americana, para não dizer mundial, católica. Mas ela se afirma aqui e ali. É de maior importância que a gente se dê bem conta de que tal Igreja local- no caso de Crateús – está inserida organicamente na Igreja Universal. A sorte da caminhada da Diocese de Crateús na direção de uma Igreja Popular, está ligada também a Grande Igreja.

Assim ela não poderá tomar uma forma e um ritmo tais que venham a provocar seu isolamento no corpo global das Igrejas. Aliás, em termos disciplinares isso nem parece possível devido as instancias do controle e coesão institucional. Por enquanto, o modelo de Crateús não se mostra ainda disfuncional ao sistema eclesiástico (Cad. 03. Pág. 22).

José Comblin, no seu livro Povo de Deus, diz que um dos maiores tesouros do Vaticano II foi a definição e a importância do Povo de Deus. E a Igreja é libertadora. Se a Igreja não é fim. Se a Igreja não é começo. Ela só pode ser meio. E é isso que ela é: meio. E para ser caminho para o Reino de Deus, ela só serve se nos libertar. E somente nós nos libertaremos sendo todos Igreja. Sendo comunhão. Como expressa Paulo Regus Freire: "Ninguém se liberta sozinho, ninguém liberta ninguém, todos se libertam em comunhão".

Terminamos este trabalho com o coração transbordando de alegria, de ensinamentos. Com o coração inquieto de fazer chegar a tantos esta mensagem tão maravilhosa de um grande santo. Ao mesmo tempo, lamento o povo de Crateús não ter entendido esta missão tão profética e tão cristã. Não ter entendido a riqueza desta mensagem. Provavelmente que a juventude do bispo, ajudou na agudez da missão, tirou-lhe a paciência de esperar mais um pouco. Talvez tenha chegado antes do tempo, ou, como os grandes açudes, ter sido cheios de uma enxurrada só, e não de gota a gota. Talvez, tanto líquido santificado não tivesse se escorrido nos sangradouros da incompreensão e da ignorância. Deus é bom. E essa semente profícua não terá sido feita em vão.

A vida de Dom Fragoso é uma verdadeira missa e foi como tal que ele desenvolveu sua missão terrena, breve e passageira, mas plena de ensinamentos passados à luz do evangelho e nem sempre compreendidos. *Ite Missa Est!*

Fortaleza, fevereiro de 2017, festa de Nossa Senhora de Lourdes, patrona dos enfermos.



A Igreja Triunfante



A fração do pão



A Romaria da Terra



O Amigo que acolhe



No ministério eclesial



A voz que brilha



A palavra fecunda



O Profeta Agudo



A verdade cativante



O Profeta da Justiça



Dom Fragoso no Templo



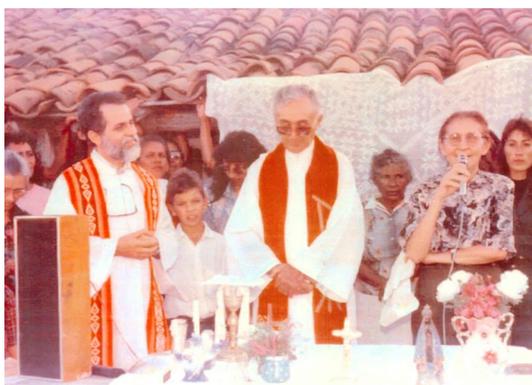
Jesus é Luz



Jesus é Alimento



Celebração dos 80 anos



No meio dos pobres



Dom Fragoso e Dona Alaíde



Evangeliz Gaudium



Nos sertões áridos



Procissão-Concelebração

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fragoso, José da Costa; Meu Riacho Verde Abençoado; Edições Vozes; Petrópolis, RJ, 1986.

Cesarea, Basilio de; El Espíritu Santo; Biblioteca de Patrística; Ciudad Nueva; Madrid; 2 edición, Madrid, 2012.

Catecismo da Igreja Católica; Ano da Fé; 2012/ 2013, edições Loyola, S. Paulo, SP

Daniel-Rops; A Igreja dos Tempos Clássicos(II); Quadrante, São Paulo, 2001.

Kasper, Walter; A Igreja Católica; Essência, Realidade, Missão; Editora Unisinos; São Leopoldo, RS, 2012.

Comblin, José; A Vida; Paulus; São Paulo, São Paulo; 2007.

Mons. José Maria Moreira do Bonfim; História da Paróquia de Crateús. Uma visão de longa caminhada; Organizadores: Alaí-de Bomfim; Célio Moraes; José Maria Bomfim; Qualygraf Editora e Gráfica; Fortaleza, Ce; 2003.

Thomé, Yolanda B; Crateús, um povo, uma Igreja; Edições Loyola; São Paulo, SP; 1994.

Mons. Francisco Ferreira de Moraes; A Poesia que Canta; edições Ceia Literária; Ipu; 2002.

Ferreira, Norberto Filho; Crateús, Nova Russas e Tamboril; Fatos e Causas do Passado; Edigrafra Editora; Fortaleza, 1993.

Victor, Codina; Não Extingais o Espírito, (1Ts 5,19); edições Paulinas; São Paulo, 2010.

Francisco de Aquino Júnior; A Teologia como Intelecção do Reinado de Deus; Edições Loyola; São Paulo, SP, Brasil. 2010.

José Oscar Beozzo; Pacto das Catacumbas; Por uma Igreja servidora e pobre; Paulinas; São Paulo, 2015.

Pablo Richard; Força Ética e Espiritual da Teologia da Libertação; Paulinas; São Paulo, 2006.

Prof. Felipe Aquino (org.); Teologia da Libertação; Editora Cléofas; 4 Edição; Lorena SP. 2011.

Melchor Cano; De locis theologicis; Bibliotecas de Autores Cristianos (B.A.C.) Madrid, 2006.

Gustavo Gutierrez; Teologia da Libertação; Editora Loyola; São Paulo, Brasil, 2000.

Clodovis Boff, OSM; Teoria do Método Teológico; editora Vozes, 4 Edição; Petrópolis, RJ, 1998.

Pe. Alfredo Bour et alli; A Espada de Gedeão, a força dos fracos; Edições Loyola, Petrópolis, RJ. 1983.

Frei Carlos Josaphat; Bartolomeu de las Casas, espiritualidade contemplativa e militante; Paulinas; S. Paulo; 2008.

Gustavo Gutiérrez; A Força histórica dos Pobres; editora Vozes; Petrópolis RJ; 1979.

Fredy Kunz; A Ovelha de Urias; O grito do justo oprimido; Edições Loyola; São Paulo, 1979.

HINO NACIONAL BRASILEIRO

Música de Francisco Manoel da Silva
Letra de Joaquim Osório Duque Estrada

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante,
E o sol da Liberdade, em raios fúlgidos,
Brilhou no céu da Pátria nesse instante.

Se o penhor dessa igualdade
Conseguimos conquistar com braço forte,
Em teu seio, ó Liberdade,
Desafia o nosso peito a própria morte!

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido
De amor e de esperança à terra desce,
Se em teu formoso céu, risonho e límpido,
A imagem do Cruzeiro resplandece.

Gigante pela própria natureza,
És belo, és forte, impávido colosso,
E o teu futuro espelha essa grandeza

Terra adorada,
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

Deitado eternamente em berço esplêndido,
Ao som do mar e à luz do céu profundo,
Fulguras, ó Brasil, florão da América,
Iluminado ao sol do Novo Mundo!

Do que a terra mais garrida
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores;
“Nossos bosques têm mais vida”,
“Nossa vida” no teu seio “mais amores”.

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja símbolo
O lábaro que ostentas estrelado,
E diga o verde-louro desta flâmula
– Paz no futuro e glória no passado.

Mas, se ergues da justiça a clava forte,
Verás que um filho teu não foge à luta,
Nem teme, quem te adora, a própria morte.

Terra adorada
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

HINO DO ESTADO DO CEARÁ

Música de Alberto Nepomuceno

Letra de Tomás Lopes

Terra do sol, do amor, terra da luz!
Soa o clarim que tua glória conta!
Terra, o teu nome e a fama aos céus remonta
Em clarão que seduz!
Nome que brilha – esplêndido luzeiro
Nos fulvos braços de ouro do cruzeiro!

Mudem-se em flor as pedras dos caminhos!
Chuvas de prata rolem das estrelas...
E despertando, deslumbrada, ao vê-.las
Ressoa a voz dos ninhos...
Há de florar nas rosas e nos cravos
Rubros o sangue ardente dos escravos.

Seja teu verbo a voz do coração,
verbo de paz e amor do Sul ao Norte!
Ruja teu peito em luta contra a morte,
Acordando a amplidão.
Peito que deu alívio a quem sofria
e foi o sol iluminando o dia!

Tua jangada afoita enfune o pano!
Vento feliz conduza a vela ousada!
Que importa que no seu barco seja um nada
Na vastidão do oceano,
Se à proa vão heróis e marinheiros
E vão no peito corações guerreiros!

Sim, nós te amamos, em aventuras e mágoas!
Porque esse chão que embebe a água dos rios
Há de florar em meses, nos estios
E bosques, pelas águas!
selvas e rios, serras e florestas
Brotem no solo em rumorosas festas!

Abra-se ao vento o teu pendão natal
sobre as revoltas águas dos teus mares!
E desfraldado diga aos céus e aos mares
A vitória imortal!
Que foi de sangue, em guerras leais e francas,
E foi na paz da cor das hóstias brancas!

Mesa Diretora 2017-2018

Deputado José Albuquerque
Presidente

Deputado Tin Gomes
1º Vice-Presidente

Deputado Manoel Duca
2º Vice-Presidente

Deputado Audic Mota
1º Secretário

Deputado João Jaime
2º Secretário

Deputado Júlio César Filho
3º Secretário

Deputada Augusta Brito
4ª Secretária



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**

**INSTITUTO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE O
DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DO CEARÁ**

Inesp

Thiago Campêlo Nogueira

Presidente

Gráfica do Inesp

Ernandes do Carmo

Coordenador

Cleomarcio Alves (Marcio), Francisco de Moura,

Hadson França e João Alfredo

Equipe Gráfica

Aurenir Lopes e Tiago Casal

Equipe de Produção Braille

Carol Molfese e Mário Giffoni

Equipe de Diagramação

José Gotardo Filho e Valdemice Costa (Valdo)

Equipe de Design Gráfico

Lúcia Maria Jacó Rocha e Vânia Monteiro Soares Rios

Equipe de Revisão

Site: www.al.ce.gov.br/inesp

E-mail: inesp@al.ce.gov.br

Fone: (85) 3277-3701

Fax: (85) 3277-3707



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**

Assembleia Legislativa do Estado do Ceará

Av. Desembargador Moreira 2807,

Dionísio Torres, CEP 60170-900, Fortaleza, Ceará,

Site: www.al.ce.gov.br

Fone: (85) 3277-2500